

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAMELA BELTRAMIN FABRIS

**“NÓS, OS SELVAGENS, NÃO REVERENCIAMOS OS SYMBOLOS  
KAISERIANOS”: CONFLITOS EM TORNO DE UMA  
IDENTIDADE GERMÂNICA EM CURITIBA (1890-1918)**

CURITIBA  
2014

PAMELA BELTRAMIN FABRIS

**“NÓS, OS SELVAGENS, NÃO REVERENCIAMOS OS SYMBOLOS  
KAISERIANOS”: CONFLITOS EM TORNO DE UMA  
IDENTIDADE GERMÂNICA EM CURITIBA (1890-1918)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin

CURITIBA  
2014

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Fabris, Pamela Beltramin

“Nós, os selvagens, não reverenciamos os símbolos kaiserianos” :  
conflitos em torno de uma identidade germânica em Curitiba (1890-1918) /  
Pamela Beltramin Fabris – Curitiba, 2014.  
251f.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin  
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Imigrantes alemães – Curitiba (PR). 2. Identidade. 3. Alemães –  
História – Paraná. 4. Guerra mundial, 1914-1918. I. Título.

CDD 981.62



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA


Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br


### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **PAMELA BELTRAMIN FABRIS**, intitulada: “Nós, os Selvagens, não reverenciamos os Symbolos Kaiserianos”: conflitos em Torno de uma identidade Germânica (Curitiba 1890-1918), após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.


Curitiba, trinta de julho de dois mil e quatorze.



Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin (Orientador)  
Presidente da Banca Examinadora



Profa Dra Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)  
1º Examinador



Profa Dra Roseli Boschilia (UTFPR)  
2º Examinador

Aos meus pais, pelo apoio de sempre.  
Ao Everton, meu companheiro.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho veio acompanhada do intenso desejo de reconhecer e agradecer às pessoas que, de formas distintas, foram essenciais para a elaboração do mesmo.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por conceder uma bolsa de estudos cujo auxílio financeiro foi imprescindível para as atividades acadêmicas. Aos membros da AMIG (Associação Pró-Memória da Imigração Germânica) agradeço por me disponibilizarem uma cópia digitalizada da coleção completa do jornal *Der Kompass*. E em especial ao amigo Rainer Fabry pelo auxílio na tradução de documentos em alemão e pelas boas conversas. Também agradeço a toda a equipe que compõe a Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, bem como aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, do Arquivo Público do Paraná e Ernani Costa Straub, responsável pelo acervo histórico do Colégio Bom Jesus.

Meus agradecimentos a todo o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, em especial ao meu orientador, Sergio Odilon Nadalin, que acreditou, acompanhou, participou e incentivou este trabalho. Devo ainda agradecer ao Professor Sergio por me apontar outros caminhos no meio acadêmico. Aos professores da Linha Espaço e Sociabilidades, Antonio Cesar Almeida Santos, Carlos Alberto Medeiros Lima, Joseli Maria Nunes Mendonça e Luiz Geraldo Silva por todas as produtivas trocas de ideias. Também agradeço às professoras, Roseli Terezinha Boschilia, Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos e Marion Brephol Magalhães, cujas participações na banca examinadora e de qualificação contribuíram para o trabalho. E, ainda, à Maria Cristina Parzowski, secretária do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela atenção e disponibilidade concedidas.

Pelos encontros, conversas e trocas de informações na atmosfera peculiar da Universidade, agradeço aos amigos e colegas de pós-graduação, Helder Silva Lima, Matheus Machado Vieira, Petra Henning, Rachel dos Santos Marques, Janaína Helfenstein, e, em especial, à Elke (Rose Elke Debiase) não apenas pelos ótimos conselhos e críticas acadêmicas, mas também pelas inúmeras vezes em que compartilhamos de instantes de alegrias, ansiedades e angústias.

Esse trabalho tomou outros rumos a partir do momento em que encontrei um grupo de amigos dispostos a trocar outras “experiências”: ao querido amigo, Thiago de Paula, pelas longas e divertidas conversas, às vezes com a Dani, além do passeio de bicicleta na

madrugada; ao Thiago Possiede, sapateiro, pelas trocas de informações, empolgações e aflições; Jonathan Souza (Cidão), companheiro de pesquisa nas idas e vindas pelos arquivos da cidade, obrigada por discutir sobre Primeira República, pelo compartilhamento de fontes e conselhos sugeridos entre um café, uma cerveja e um almoço no RU. À amiga Noemi Santos, agradeço pelos incontáveis importantes momentos de trocas de experiências entre passeios por aí, viagens e noites mal-dormidas. E, finalmente, à Vanessa Nicoceli Bull, a quem sou muito agradecida pelo companheirismo e confiança. O 91 continuará sempre aberto a você.

Este trabalho também deve demasiadamente ao meu companheiro Everton de Oliveira Moraes. Obrigada pelas leituras em dupla, pelas discussões decorrentes de divergências e incertezas, pelas correções e, principalmente, pelas inúmeras formas de apoio. Suas observações e apontamentos certos me deram fôlego para continuar, principalmente, nos momentos de maior aflição. Obrigada por conter (e por vezes estimular) meus devaneios e por compartilhar do amor.

Por fim, sou muito grata à família Beltramin Fabris. Em especial à Nicoli, Jeniffer e Amanda, que há anos tornam a vida mais significativa. Finalmente, aos meus pais, Gelsi Beltramin Fabris e Silmar Fabris, sou eternamente grata pelo apoio em todos os momentos, em todos os sentidos.

“É preciso deixar que a História chegue em  
você. De choque em você. Te chame, te eleja  
te corteje. Te envolva e te engaje.”

Paulo Leminski



## RESUMO

Esta pesquisa investiga conflitos provocados por diferenças e divergências étnicas, de classe, política e de modo geral, de visões do mundo, envolvendo sujeitos e instituições pertencentes à chamada “colônia alemã” de Curitiba, no período que se estende ao início da República, 1890, até o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Parte-se aqui da hipótese de que o clima de desconfiança e hostilidade com pessoas de origem germânica, sentido durante o tempo de guerra, foi gerado não somente porque do outro lado do oceano ocorria tal conflito; mas, também, por motivos inerentes às próprias relações de sociabilidade construídas ao longo dos anos e experimentadas pela sociedade curitibana. Nos dois capítulos iniciais foram analisados as condições de possibilidade da emergência de uma atmosfera hostil aos “alemães” na cidade. Ao explorar aspectos concernentes à própria “colônia” local, chegou-se a constatação de que a mesma também era composta por uma série de contradições e conflitos internos, que foram abordados a fim de problematizar visões que, mormente, tendem a engendrar a ideia de um grupo homogêneo e monolítico. Neste sentido, também foram problematizadas questões de identidade étnica. Parte-se aqui da premissa de que a identidade étnica não pode ser considerada como uma categoria analítica, mas sim como um fenômeno histórico, e como tal, a etnicidade de um grupo está diretamente relacionada com as experiências inerentes de seu processo de sociabilidade e de vivência; ou seja, ela é diretamente intrínseca às relações humanas estabelecidas em um determinado contexto. Também procurei tratar de temas como o “perigo alemão” e germanismo/pangermanismo, no entanto, em grande medida, tais assuntos foram abordados a partir da perspectiva da imprensa local, ou seja, pensar como estes temas apareceram e repercutiram na sociedade curitibana. Embora elementos conflituosos estejam presentes ao longo dos três capítulos desta dissertação, é no último, cujo recorte cronológico compreende os anos referentes à Grande Guerra, que os mesmos aparecem com mais intensidade. Os dois anos finais do conflito mundial apresentaram uma atmosfera conflituosa e de contestação a práticas e costumes ligados a pessoas e instituições da “colônia alemã” da cidade. No entanto, mesmo em tempos de guerra, destaco que não se tratava de uma simples questão de oposição: sociedade curitibana *versus* “colônia alemã”; como se houvesse uma identidade nacional ou identidade germânica e/ou teuto-brasileira plenas. Fatores outros como, diferenças e divergências de classe, religiosas e políticas também compunham e tornavam o cenário ainda mais complexo.

Palavras-chave: Identidade; Imigrantes alemães e seus descendentes; Cotidiano; Primeira Guerra Mundial; Curitiba.

## ABSTRACT

This research investigates conflicts caused by differences and disagreements ethnic class, politics and general worldviews, involving individuals and institutions belonging to the so called "colônia alemã" (German colony) of Curitiba, State of Paraná, Brazil, in the period that extends to the beginning of the Republic, 1890, until the end of World War I in 1918. Here, I start with the hypothesis that the climate of mistrust and hostility to people of Germanic origin, meaning during wartime, was generated not only because the other side of the ocean occurred such conflict; but also for reasons inherent in the relations of sociability built over the years and experimented by Curitiba society. In the first two chapters the conditions of possibility of the emergence of a hostile atmosphere for "Germans" in the city were analyzed. Exploring pertaining to own local "colônia" aspects, came to the same conclusion that was also composed of a series of contradictions and internal conflicts, which have been addressed in order to discuss visions, especially, tend to engender the idea a homogeneous, monolithic group. In this sense, also issues of ethnic identity were problematized. Here, I start with the premise that ethnic identity can not be considered as an analytical category, but rather as a historical phenomenon, and as such, the ethnicity of a group is directly related to the inherent experiences of the process of sociability and being; in other words, it is directly intrinsic human relationships established in a given context. Also to broach subjects such as "German danger" and Germanness/ Pan-Germanism, however, in large measure, such matters were dealt with from the perspective of local press, in other words, think about how these themes emerged and affected the Curitiba society. Although conflicting elements are present throughout the three chapters of this dissertation, is the last, whose theme comprises the years relating to the Great War, that they appear with more intensity. The final two years of the World War presented a conflicted and contestation environment the practices and customs connected to people and institutions of the "alemã colônia" city. However, even in wartime, I emphasize that it was not a simple matter of opposition: Curitiba's society versus "alemã colônia", as if there were a national identity or Germanic identity and/or German-Brazilian full. Other factors as differences and divergence of class, religious and political composing and also made the scenario even more complex.

Keywords: Identity; German immigrants and their descendants; Everyday; World War I; Curitiba.

## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 - CHARGE REVISTA <i>OLHO DA RUA</i> .....	68
FIGURA 2 - CARTÃO POSTAL.....	70
FIGURA 3- CHARGE JORNAL <i>DIÁRIO DA TARDE</i> .....	91
FIGURA 4- CHARGE “A RETRATAÇÃO DO ‘DER KOMPASS’”.....	97
FIGURA 5- CHARGE “UM BOATO”.....	109
FIGURA 6- “MAPPA DA AMERICA DO SUL EM 1950”.....	151
FIGURA 7- MANIFESTAÇÃO POPULAR.....	191

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ENTRE DESORDEIROS E EMPREENDEDORES: FACETAS DA PRESENÇA “ALLEMÃ” EM CURITIBA.....	25
1.1 A Curitiba que o inglês não viu.....	26
1.2 O cotidiano do “alemão” na cidade: percepções culturais, políticas, sociais e econômicas.....	35
1.3 A etnia integra? A “colônia allemã” de Curitiba sob outros ângulos.....	53
1.4 A “colônia allemã” a partir das páginas dos jornais.....	62
2 EXPERIÊNCIAS DE MODERNIZAÇÃO E NACIONALISMO.....	80
2.1 Imigrantes de origem germânica <i>versus</i> “desordeiros”, anticlericais, operários, entre outros: fragmentos de discórdias e desencontros.....	80
2.2 “Diz o boato, que o <i>Kaiser</i> de um vasto império europeu, quer juntar as nossas terras ao que é seu”: a difusão do perigo alemão na imprensa local.....	102
2.3 Nacionalismos extremos: discursos acerca do pangermanismo em Curitiba e no Império Alemão.....	119
3 “OU BRASILEIRO OU ALLEMÃO”: .....	133
3.1 “bárbaros”, “boches”, “atrevidos” .....	134
3.2 “Quem não é por nós, é nosso inimigo” .....	150
3.3 “Queimando a effigie do Demonio allemão” .....	180
Considerações finais.....	218
Referências.....	224
ANEXOS.....	234
Anexo I Imagem “Comissão de melhoramentos de Curityba” .....	234
Anexo II <i>Der Kompass</i> “Zeitvertreib” .....	235
Anexo III Sala de aula do colégio Bom Jesus após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917.....	237
Anexo IV Exterior do prédio da redação do <i>Der Kompass</i> após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917.....	238
Anexo V Interior do prédio da redação do <i>Der Kompass</i> após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917.....	239
Anexo VI Interior do prédio da redação do <i>Der Kompass</i> após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917.....	240
Anexo VII Documento “ALLDEUTSCHER VERBAND, HAUPTLEITUNG BETREFFE SCHLUSS DER REICHSGRENZEN GEGEN UNERWÜNSCHTE EINWANDERUNG” .....	241
Anexo VIII Registro Criminal n.410 de Anselmo Anacleto de Souza.....	249

## INTRODUÇÃO

Em abril de 1917 submarinos alemães torpedearam o navio brasileiro “Paraná”. Estava decretado o fim do período de neutralidade do Brasil perante a Primeira Guerra Mundial, conflito este que já alcançava seu terceiro ano. Em algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre e Curitiba, ocorreram manifestações populares que promoviam protestos contra os atos da Alemanha na guerra. Em Curitiba, os jornais da cidade narravam os acontecimentos: “Às horas 16 a multidão que se acotovelava á Praça Tiradentes se elevava, já, a perto de 10 mil pessoas.”<sup>1</sup>

Seis meses depois, outro navio perdido: o “Macau”, que navegava próximo a costa da Espanha, também foi atingido pela frota alemã. Sob grande pressão, no dia 26 de outubro, o presidente Venceslau Brás declarou guerra à Alemanha. Em Curitiba, os protestos populares e a atmosfera conflituosa iniciados em abril, se fortaleceram ocasionando em verdadeiros momentos de crise e tensão. Nos jornais, anúncios convocavam a população para participarem dos *meetings*<sup>2</sup> que ocorreriam nas praças e nas ruas da cidade. Alguns dos organizadores pediam aos manifestantes que levassem bandeiras do Brasil ou de algum dos países Aliados.

As multidões ocuparam o espaço público: invadiram as ruas e as praças, carregando bandeiras, cantando hinos, sobretudo do Brasil e da França, e ouviam os discursos inflamados dos oradores. Entre uma fala e outra, gritos de ordem como, “Morra a Allemanha!” e “Morraram os Allemães” eram entoados pela multidão. Naquela mesma praça, ou próximo dali, pessoas de origem germânica, habitantes de Curitiba, certamente, acompanhavam as manifestações, já que nesses locais estavam situadas dezenas de suas casas comerciais e residenciais, pequenas e médias fábricas, escolas, sedes dos jornais e associações.

Boatos a respeito da presença na cidade de supostos espões e agentes do Império Alemão eram disseminados pela imprensa e fomentavam o clima de desconfiança, que pairava no ar. Algumas das manifestações acabaram em atos mais violentos: insultos, brigas, saques de objetos, como retratos do *Kaiser* e bandeiras da Alemanha, além de depredações, invasões e incêndios. Entre os alvos dos manifestantes estavam casas comerciais e residenciais, escolas, o Theatro Hauer e, principalmente, as associações germânicas e o jornal

---

<sup>1</sup> *Diário da Tarde*, 16 de abril de 1917. p.1.

<sup>2</sup> Termo utilizado pela imprensa da época; seu significado aproxima-se de “manifestação”.

católico alemão, *Der Kompass*.<sup>3</sup> A título de exemplo, manifestava-se o jornal curitibano *A República*:

Mais tarde, perto da hora 24, um grupo enorme, maior ainda que o precedente tomou a direcção do edificio do *famigerado* organ allemão que é o '*Der Kompass*', cujas installações atacaram e deixaram em condições de não poderem servir tão cedo á propaganda allemã em nosso meio, pois empastellaram completamente a officina typographica, a qual atearam fogo em seguida.<sup>4</sup>

Tratava-se de um período em que emergiram, com muita intensidade, questionamentos acerca da presença e das próprias condutas, práticas e costumes dos indivíduos de origem germânica no Brasil. Em um dos *meetings*, de acordo com o jornal *Diário da Tarde*, aproximadamente 2 mil pessoas assistiram quando o advogado Luiz Napoleão Lopes,<sup>5</sup> ao subir no coreto, proferiu duras palavras sobre as sociedades alemãs de Curitiba, afirmando que estas, “quando por uma condescendencia, admitem em seu seio um socio brasileiro, suprimem-lhe todos os direitos, humilhando-nos dentro de nossa própria terra.”<sup>6</sup>

Em um relatório elaborado no final do ano de 1917, o chefe de polícia, Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, fez a seguinte análise da conjuntura:

“Infelizmente me não é dado registrar este anno, como o fiz o anno passado, a inalterabilidade da ordem publica. Acontecimentos diversos, alguns de caracter grave, subverteram-na por varias vezes. A greve, a agitação do contestado, o torpedeamento do vapor Paraná e a declaração do Estado de Guerra entre Brazil

---

<sup>3</sup> Em português “*Der Kompass*”, pode ser traduzido como “A Bússola” ou “O Compasso”.

<sup>4</sup> *A República*, 29 de outubro de 1917. p.1. A sede da redação do jornal *Der Kompass* localizava-se na Praça da República, atual Praça Rui Barbosa.

<sup>5</sup> De acordo com Ana Paula Urllass, Luiz Napoleão Lopes nasceu em Curitiba em 1885, formou-se em Direito, mas, também dedicava-se ao jornalismo e, era neto de Cândido Martins Lopes (proprietário da tipografia Paranaense, a primeira deste ramo no Paraná). URLASS, Ana Paula. *A Repercussão do Pensamento Político no Paraná, Entre os Anos 1930-1945*. Monografia. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2007. Segundo Luiz Carlos Ribeiro, em 1915, Napoleão Lopes foi o escolhido pelo partido operário para concorrer às eleições para deputado. RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) - (USP), 1985. p.235. No entanto, por meio da pesquisa aqui realizada, foi possível constatar que o advogado tinha um certo envolvimento com a classe operária de Curitiba desde, pelo menos, 1911. Em um anúncio no jornal *A República*, a Sociedade Protetora dos Operários informava que em um dos seus eventos, “o Sr. Napoleão Lopes fará uma conferencia...” *A República*, 21 de outubro de 1911. p.1. Já durante o ano de 1915, em meio as disputas de terra envolvendo o estado de Santa Catarina, o mesmo jornal noticiou que durante um *meeting*, realizado na Praça Tiradentes para protestar contra o estado vizinho, Napoleão Lopes também estava presente e chegou a discursar para a multidão. *A República*, 22 de março de 1915. p.1; por fim, também constatei que Napoleão Lopes saiu em defesa de Octavio Prado, Thomaz Camillie, Adolpho Silveira, Bortolo Scarmagnan, anarquistas e alguns dos líderes da Greve de 1917 ocorrida em Curitiba. Processo-Crime nº 1581; Processo-Crime nº 1477. Tais documentos encontram-se no Museu da Justiça do Estado do Paraná.

<sup>6</sup> *Diário da Tarde*, 19 de abril de 1917. p.2

e a Allemanha, eis os motivos determinantes de successivas perturbações da ordem, occorridas neste Estado, durante o anno que hoje finda.”<sup>7</sup>

Comentando a respeito dos primeiros atos de violência, parte da imprensa condenou as ações de alguns manifestantes:

Certos estamos que não partem essas desordens de gente de senso. E por isso, para que a todos não caiba a responsabilidade de taes factos, é que é mister a acção da policia, prendendo os cabecilhas de motins.<sup>8</sup>

A princípio, cabe aqui as seguintes perguntas: afinal, porque a redação de um jornal alemão católico e as associações sofreram, com maior intensidade, a ira dos manifestantes? O que tais locais representavam para a multidão?

Encontrar algumas possíveis respostas para estas questões fazem parte do objetivo deste trabalho, o qual pretende investigar e problematizar os conflitos e o clima de hostilidade que permearam Curitiba durante a Primeira Guerra Mundial. Mas, para isso, a pesquisa tem como mote principal pensar os múltiplos conflitos do cotidiano em que, ao longo do processo histórico, pessoas de origem germânica se envolveram em Curitiba, assim como apontar elementos que, possivelmente, fomentaram a eclosão dos mesmos. Parte-se do princípio que a sociedade curitibana, que contava com a presença de pessoas de origens, concepções políticas e classes diversas, foi palco de inúmeros conflitos e divergências que, de certa forma, marcaram o processo de sociabilidade local.

O interesse sobre este objeto de pesquisa surgiu ainda nos últimos anos da minha graduação, em função da leitura de um dos trabalhos de Maria Ignês de Boni.<sup>9</sup> Em tal trabalho, a autora refere-se ao ano de 1917 como um período de intensas agitações populares provocadas pelas diversas manifestações contra os imigrantes alemães e seus descendentes em Curitiba, em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Ao constatar este fato, o interesse e a curiosidade sobre o que aconteceu e como isto ocorreu na cidade, tornaram-se algumas das questões que procurei responder no trabalho de conclusão do curso de graduação. O presente trabalho dá sequência e aprofunda algumas questões anteriormente contempladas.

---

<sup>7</sup> RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Eneas Marques dos Santos, secretario do interior, justiça e instrucção publica, pelo Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, chefe de policia do estado. Em 31 de Dezembro de 1917. p.3

<sup>8</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.1 (sem grifo no original)

<sup>9</sup> BONI, Maria Ignês Mancini de. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

Entre as motivações para as pesquisas acerca da presença de imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, alguns autores apontaram que seus interesses derivaram, entre outras coisas, do sucesso e da prosperidade alcançada por sujeitos dessa origem, os quais teriam contribuído para o progresso de certas cidades brasileiras. Para Jorge Luiz da Cunha, por exemplo, embora as levas de imigrantes alemães que adentraram o país sejam, relativamente, baixas, estudam-se os mesmos, “(...) dada a importância de sua participação no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira.”<sup>10</sup> No que se refere a ideia do “desenvolvimento”, a mesma já foi bastante questionada e até contestada; afinal, a quem este beneficia ou ainda quais as implicações desse “desenvolvimento” na sociedade? Neste sentido, também há de se considerar que a própria noção de “desenvolvimento” segue a lógica de uma história linear e homogênea. Ainda sim, estes trabalhos foram relevantes para explorarem o tema da presença dos imigrantes alemães na sociedade. Contudo, aqui o interesse é outro: a partir da descoberta de acontecimentos conflituosos durante a guerra, tentou-se compreender quais os sentidos desses conflitos dentro de um processo social amplo.

Maria Ignês de Boni<sup>11</sup> e Etelvina Trindade,<sup>12</sup> ao mencionarem a respeito da Primeira Guerra Mundial em Curitiba, afirmaram que os fatos de hostilidade ocorridos na cidade, durante este período foram, em linhas gerais, implicações do emergir de um patriotismo desencadeado pelas consequências da guerra que se passava na Europa. Já Ruy Wachowicz e Marion Brepohl, ao tratarem a conjuntura da Primeira Guerra em Curitiba, aludem ao caráter social das manifestações e acontecimentos; no entanto, não aprofundaram a problemática.<sup>13</sup>

Não há dúvidas que o sentimento nacionalista estava presente naquele contexto; no entanto, o que estou aqui sugerindo é que os quebra-quebras, as perseguições e saques talvez componham apenas elementos mais evidentes de um contexto muito mais complexo. Trata-se, portanto, de problematizar não apenas os “motins” e as multidões nas ruas, mas o emergir de boatos, as inúmeras discussões acerca do comportamento, da prática e dos costumes dos imigrantes de origem germânica e seus descendentes, e as hostilidades ocorridas.

Ao tratar de temas como multidões e motins Edward Palmer Thompson sugere que:

---

<sup>10</sup> CUNHA, Jorge Luiz da. Historiografia recente sobre a emigração alemã para o Brasil. In: *Fronteiras*: revista de história. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História UFSC e Associação Nacional de História (ANPUH-SC) – nº 6. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. pp.7-17. p.8

<sup>11</sup> BONI, Maria Ignês Mancini de. op.cit;

<sup>12</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de. *Clotildes ou Marias*: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

<sup>13</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. Ponta Grossa, PR: Ed. UEPG, 2010. 10.ed; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *Paraná*: política e governo. Curitiba: SEED, 2001.



Geralmente, um modo de descobrir normas surdas é examinar um episódio ou uma situação atípicos. Um motim ilumina as normas dos anos de tranquilidade, e uma repentina quebra de deferência nos permite entender melhor os hábitos de consideração que foram quebrados.<sup>14</sup>

As análises do autor proporcionam suportes na investigação desses acontecimentos. Suzanne Desan, ao discorrer acerca das importantes contribuições teóricas no campo da historiografia dos trabalhos de Thompson e Natalie Davis, sintetizou algo que este trabalho também pretende levar em conta:

A maior parte das pessoas que nos últimos anos desenvolveram um trabalho sobre as ações coletivas procuraram não apenas investigar os antecedentes sócio-econômicos da massa, quando possível, mas também decodificar os padrões ou rituais do próprio tumulto, com a finalidade de descobrir a percepção que seus participantes têm de seu significado e de sua validade.<sup>15</sup>

As interpretações de Thompson, bem como de Suzanne Desan, serviram de inspiração para a suposição aqui defendida. Neste trabalho, parte-se da hipótese de que o clima de desconfiança e hostilidade com pessoas de origem germânica em Curitiba, sentido durante a Primeira Guerra Mundial, foi gerado não somente porque do outro lado do oceano ocorria tal conflito; mas, também, por motivos inerentes às próprias relações de sociabilidade construídas ao longo dos anos e experimentadas pela sociedade curitibana.<sup>16</sup> Ainda nas palavras de Suzan Desan, “a análise de um período de conflitos lança luz sobre a textura dos valores e das relações comunitárias em períodos mais pacíficos.”<sup>17</sup> Logo, parte-se aqui da hipótese de que o tortuoso tempo de guerra (sobretudo nos anos de 1917 e 1918), foi um momento propício para que viessem à tona conflitos ligados a pessoas e instituições de origem germânica que, no entanto, foram sendo formados ao longo dos anos anteriores a eclosão da guerra.

A frase que compõe a primeira parte do título desta dissertação, “Nós, os selvagens, não reverenciamos os symbolos kaiserianos”<sup>18</sup>, faz parte de um texto que foi publicado no jornal *A República*, em outubro de 1917, no dia seguinte aos *meetings* mais violentos,

---

<sup>14</sup> THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, Antropologia e História Social. In: *A Peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio. (orgs). Campinas: Editora da Unicamp, 2012. pp.227-267. p.235

<sup>15</sup> DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P.Thompson e Natalie Davis. In. *A nova história cultural*. Lynn Hunt. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 64

<sup>16</sup> Sidnei José Munhoz também discorreu acerca da perspectiva de uma abordagem “thompsoniana” sobre os estudos de protestos populares. MUNHOZ, Sidnei José. O legado de E. P. Thompson ao estudo das multidões e dos protestos populares. In: *E. P. Thompson: política e paixão*. MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUARTE, Adriano Luiz. (orgs.). Chapecó: Argos, 2012. p. 215-249.

<sup>17</sup> DESAN, *id.ibid.* p. 74

<sup>18</sup> *A República*, 29 de outubro de 1917. p.1 Na página 210 o mesmo encontra-se na íntegra.

(resultaram em dezenas de depredações e incêndios), como uma tentativa de entender e dar sentido a estes atos provocados por manifestantes exaltados. O autor do texto (anônimo) se preocupa em afirmar que não se tratavam de atos de “vandalismo”, mas que esses eram produtos de uma certa percepção e racionalidade. Interessa aqui mostrar como essa forma de pensar se tornou possível, como se criaram as condições para que se passasse de uma noção idealizada da “germanidade”, onde esta era identificada como “superior” ou ainda “civilizada” até a sua desqualificação.

Ainda no que se refere ao título, o termo “selvagens” era, segundo o autor do texto, a classificação que os próprios “alemães” faziam dos “brasileiros”. Quando recorre ao adjetivo, “selvagens”, o autor usa da ironia, subvertendo a hierarquia que atribuíra superioridade aos “alemães” e a selvageria aos “brasileiros”. A classificação “selvagem” perde seu valor quando proferida por aqueles que o mesmo considerava como “malvados”, “monstruosos” e “trahidores”.

No que diz respeito à segunda parte do título, trata-se aqui, de olhar os conflitos em Curitiba desencadeados nos anos de guerra, não apenas como atos de ação e reação que emergiram devido ao calor do momento, mas também como resultados de experiências conflituosas vivenciadas no decorrer das relações de sociabilidade do cotidiano. Trata-se, portanto, de pensar no cotidiano como objeto e como veículo para a compreensão das sociabilidades curitibanas.<sup>19</sup> Sendo assim, pensando a história enquanto processo ao invés de concentrar a análise do contexto apenas nos quatro anos concernentes a Primeira Guerra Mundial, retorna-se a 1890, período inicial do regime republicano no Brasil, na tentativa de encontrar indícios no cotidiano que sugerissem uma compreensão mais apurada dos conflitos ocorridos durante aqueles anos de guerra. Considerando que o jornal alemão católico *Der Kompass* e as associações dos imigrantes alemães e seus descendentes foram os locais mais afetados pela ação daqueles que se opuseram aos “alemães” no momento da guerra, procurei, nos dois capítulos iniciais, dar uma ênfase maior nos ocorridos envolvendo estes locais e as pessoas ligadas aos mesmos.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> A afirmação de Maria Odila a respeito das pesquisas no campo do cotidiano mostra-se aqui bastante pertinente: “(...) o cotidiano tem se revelado na história social como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, (...). Trata-se de reavaliar o político no campo da história social do dia-dia.” DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 14-15

<sup>20</sup> As expressões “alemães” e “colônia alemã” eram termos generalizante que foram constatados no discurso da imprensa local. Eram utilizados para referir-se a certas práticas e pessoas de ascendência germânica. Fiz a escolha de utilizar os mesmos, porém, com aspas, compreendendo as limitações destes termos.

Retomando e sintetizando a problemática, se é verdade que havia, de fato, uma série de elementos que contribuía para um clima eufórico de patriotismo, talvez também seja considerável que, naquele mesmo contexto, outros fatores relacionados a certas normas, práticas e costumes estivessem em questão. Em outras palavras, constatado os momentos de eclosão de violência e hostilidade promovidos por parte da imprensa e de populares, haveria outras razões para esse desfecho que vão além dos sentimentos patrióticos daquele momento? Ou seja, tratava-se de um momento marcado por ações movidas apenas pelo sentimento de ódio à Alemanha decorrentes da guerra, ou havia outros elementos conflituosos imbricados ao próprio processo de sociabilidade experimentado ao longo dos anos por estes agentes sociais? E, ainda, sabendo que nem todas as pessoas e instituições de origem alemã na cidade sofreram represálias e perseguições por parte daqueles manifestantes, porque o jornal alemão *Der Kompass* e as associações? Evocando Thompson, “A palavra ‘motim’ é demasiado pequena para abarcar tudo isso.”<sup>21</sup>

No que tange à historiografia sobre os imigrantes e seus descendentes no Brasil, Martin Dreher afirmou, entre outras coisas, que alguns estudiosos do tema acabaram se apropriando dos discursos hegemônicos de época, os quais tinham como um dos seus objetivos priorizar supostos valores dos imigrantes, sobretudo, os de origem alemã e italiana. Para este autor, “Em uma historiografia que privilegia vencedores, (...), não há espaço para os que foram vencidos, nem sua pobreza, nem a história que os excluiu.”<sup>22</sup>

Indo ao encontro da afirmação de Dreher, parte da historiografia paranaense (entre outros campos do saber) auxiliou e deu respaldo, por muito tempo, para a formação e sustentação de uma memória imigrante de Curitiba que atendia a anseios políticos, sociais e culturais de uma determinada época. Entende-se que essa memória era marcada, principalmente, pela história de imigrantes europeus vencedores, laboriosos e integrados, sem maiores conturbações, à sociedade como um todo. Logo, muito se escreveu a respeito das contribuições desses imigrantes para o desenvolvimento da capital paranaense, ao passo que aspectos conflituosos deste mesmo contato foram menos explorados. Assim, por exemplo, o conturbado momento histórico da formação de uma sociedade nos moldes burgueses, no final do século XIX e início do XX, bem como os conflitos envolvendo sujeitos de variados estratos sociais, ficam eclipsados por outros elementos que, embora sejam essenciais para a compreensão do período, não são os únicos. A busca por conflitos onde, aparentemente, eles

---

<sup>21</sup> THOMPSON, Edward P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.153

<sup>22</sup> DREHER, Martin N. Identidade e relações interétnicas: pobres, mendigos e vagabundos. In: *História e Imigração*. HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RADÜNZ, Roberto. (orgs). Caxias do Sul, RG: Educ, 2011. pp. 71-98. p.72

parecem insistir em não aparecer pode revelar problemáticas e questionamentos novos contribuindo para o afastamento de uma história estacionária, ou seja, uma história imóvel, que desconsidera a dialética inerente ao seu próprio campo.

Muito embora este trabalho trate de diversos sujeitos e suas práticas, na Curitiba da virada e início do século, o foco principal são os imigrantes alemães e seus descendentes. Dito isto, alguns apontamentos acerca deste campo do saber são necessários. Entre os estudos acerca da presença de imigrantes alemã no Brasil há um dissenso no que tange à concepção do papel da etnia enquanto elemento propulsor das práticas e hábitos envolvendo pessoas que partilhavam de uma origem germânica. Para alguns autores, divergências regionais, culturais, sociais e econômicas entre imigrantes de origem germânica no Brasil foram, diversas vezes, suprimidas em torno de um sentimento maior de pertença a uma identidade étnica que por sua essência abarcaria todo o conjunto de pessoas que partilhavam do “sangue” germânico; tal identidade foi denominada como teuto-brasileira (*deutschbrasilianertum*).<sup>23</sup> Para Giralda Seyferth, que estudou os alemães no Vale do Itajaí e umas das precursoras do uso de categorias antropológicas para análise deste grupo, a identidade teuto-brasileira, “(...) surgiu no decorrer de um processo histórico de ocupação territorial, para construir uma individualidade étnica diante dos outros, especialmente os brasileiros classificados como ‘lusos’”.<sup>24</sup> Em outro momento, a autora afirmou que “os imigrantes desta origem, por diversas razões decorrentes do processo de colonização, estabeleceram-se como colonos em áreas pioneiras, criando uma sociedade étnica e culturalmente diversa da brasileira.”<sup>25</sup> Com outras palavras, os imigrantes de origem germânica, ao vivenciarem experiências de sociabilidade entre si e com pessoas de origens diversas, desenvolveram e constituíram um sentimento de grupo que os unia sob um “nós”, equalizado em torno de um pertencimento à nação alemã que, ao mesmo tempo, os diferenciava do restante da sociedade. Juliana Reinhardt utilizou dessa concepção teórico-metodológica ao tratar da etnicidade do grupo teuto-brasileiro em Curitiba, e afirmou que “(...) mesmo as diferenças regionais, de classe social e econômica

---

<sup>23</sup> No campo da historiografia o termo “teuto-brasileiro”, enquanto categoria analítica, abarca, sem grandes distinções, o conjunto de imigrantes alemães e seus descendentes que chegaram e habitaram o Brasil entre os séculos XIX e XX.

<sup>24</sup> SEYFERTH, Giralda. Os teuto-brasileiros e a integração cívica: observações sobre a problemática convivência do *deutschtum* com o nacionalismo brasileiro. In: TIEMANN, Joachim et alii. *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Martius-Staden, 2006. p. 117-155. p.152

<sup>25</sup> SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: *Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Neide Almeida Fiori... [et...al.] Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003. pp.21-61. p.26

teriam sido suplantadas em detrimento a uma identidade: a de ser *alemão*.<sup>26</sup> Nas palavras de Seyferth, “O indivíduo é suplantado pela comunidade; e cada indivíduo de origem alemã cujo comportamento se coaduna com os princípios do grupo é identificado como membro pertencente à comunidade.”<sup>27</sup>

Ainda segundo Giralda Seyferth, o que facilitou essa percepção de um amplo “nós”, e que compõe uma das peculiaridades do grupo germânico no Brasil, advém de fatores inerentes ao próprio nacionalismo alemão. Entre eles está a condição do *jus sanguinis*, que garantiria aos filhos de alemães imigrantes o direito a nacionalidade alemã. Ou seja, excluía-se os critérios geográficos, pois a nacionalidade era transmitida por meio da herança do sangue.<sup>28</sup> Neste sentido, para os alemães residentes no Brasil era bastante viável o fato de preservarem suas raízes germânicas e, concomitantemente, assumirem uma cidadania brasileira. Para a autora, essa noção de separação entre nação alemã e cidadania brasileira estava expressa na identidade étnica teuto-brasileira, reivindicada e sustentada pelos próprios imigrantes alemães. Sucintamente, na base desta identidade estava a separação da noção de cidadania e nacionalidade. Os teuto-brasileiros compreendiam que deveriam exercer todos os direitos e deveres de cidadãos no Brasil, mas não deixavam de ser um povo pertencente à nação alemã.<sup>29</sup> Em suma, isto significava então, que o sangue estava acima da cidadania, o que permitia, por exemplo, a própria ideia de ser teuto-brasileiro, ou seja, eram teutos por carregarem o sangue alemão, mas também eram brasileiros por terem adquirido a cidadania por decreto, ou por terem nascido no país.

Ao desenvolver sua análise, Giralda Seyferth argumentou ter utilizado, sobretudo, conceitos e categorias oriundos do campo antropológico – aliás, sua formação é nesta área. A autora se inspirou, por exemplo, nos estudos do antropólogo alemão Fredrik Barth. Para este, a formação de grupos étnicos parte da percepção de seus próprios atores sociais, os quais são responsáveis pela organização e interação das pessoas no grupo. Outro ponto chave na abordagem deste autor advém de seu entendimento em torno da criação e sustentação do conceito de “fronteiras étnicas”; estas emergem das relações de sociabilidade estabelecidas entre pessoas de origens diversas. Em suas palavras: “(...) grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é,

---

<sup>26</sup> REINHARDT, Juliana; *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade*. 204 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. p. 87

<sup>27</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 126

<sup>28</sup> *id. ibid.*

<sup>29</sup> SEYFERTH, Giralda. 2006. Op.cit.

diferenças culturais persistentes.”<sup>30</sup> Trocando em miúdos, a partir da percepção de características similares, como origem, língua, entre outros fatores culturais em comum, um grupo se estabelece enquanto grupo étnico entretanto sua coesão depende, sobretudo, de fatores externos ao próprio grupo, ou seja, é na percepção da diferença do outro que um determinado grupo cria dispositivos conexos capazes de identificar quem pertence a ele e quem o é estranho. Embora os grupos étnicos, para Barth, sejam resultados de atribuições e identificações decorrentes dos próprios atores que o compõem, o mesmo deixou claro que, como qualquer outra identidade, essa não é estática podendo sofrer diversas alterações e rearranjos de acordo com o contexto em que estiver inserida; logo, os grupos étnicos não são imutáveis.<sup>31</sup>

No âmbito nacional, Roberto Cardoso de Oliveira é outro antropólogo recorrentemente citado por autores cujo campo de estudo abrange as imbricações entre imigração e identidade. Entre as categorias desenvolvidas por este, está a chamada “identidade contrastiva”, a qual, reafirmando e reelaborando as ideias de Barth, compreende que uma identidade emerge sempre em oposição a outra; sendo assim, para surgir é necessário que, a partir de um exercício de alteridade, se desenvolva a percepção da diferença do outro; logo, ao mesmo tempo em que se afirma um “nós” se estabelece um “eles” que, substancialmente, é compreendido como distinto, quando não, como antagônico.

Embora, de certa forma, relativamente aceita no meio historiográfico, a identidade étnica teuto-brasileira vem sendo problematizada. Vale citar brevemente, por exemplo, a posição de René Gertz, autor e pesquisador de estudos no campo da imigração, principalmente sob o viés da história política. Este autor, ao discorrer sobre as abordagens referentes aos imigrantes alemães no Brasil, afirmou:

Outro problema dos estudos sobre o tema é o destaque dado aos elementos ‘antropológicos’, ao privilegiamento dos aspectos de transplantação cultural, e como corolário, aos problemas daí decorrentes em função das diferenças com a suposta tradição brasileira.<sup>32</sup>

Com outras palavras, para o autor, as abordagens que priorizam o fator da etnicidade, colocando em segundo plano outros aspectos, como sociais e econômicos, acabam por minimizar o próprio processo histórico vivenciado pelo grupo. Como consequência, a

---

<sup>30</sup> BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. p.169

<sup>31</sup> BARTH, Fredrik. op.cit.

<sup>32</sup> GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1991. p.9

elevação da etnicidade como fator essencial em determinadas ocasiões, acarretaria conflitos com o “outro”, pertencente à chamada “tradição brasileira”.

Já, André Voigt, cuja abordagem priorizou a história do conceito “teuto brasileiro”, criticou a chamada identidade étnica teuto-brasileira, por compreender que a mesma se sustenta a partir de uma generalização em torno do “ser” teuto-brasileiro. Além disso, o autor acrescenta que um dos problemas da identidade teuto-brasileira advém de seu uso, ou seja, a mesma é utilizada *a priori* como uma categoria analítica, sem que problematizações mais aprofundadas sejam elaboradas. Por outro lado, Voigt chegou a questionar a própria validade de tal identidade enquanto categoria, na medida em que compreende que,

(...) a operacionalização deste conceito e os enunciados que lhe são atribuídos em pesquisas acadêmicas, projetos culturais e ações políticas, todos direcionados à preservação e à memória da identidade teuto-brasileira, apenas confirmam que há, ainda nos dias atuais, uma grande preocupação política em manter o Brasil como um Estado democrático consensual, no qual é reconhecida a identidade de cada grupo, mas não sua capacidade política.<sup>33</sup>

Concordando em parte com estes últimos autores supracitados, René Gertz e André Voigt, entende-se aqui que um dos fatores que, de fato, pode gerar consequências problemáticas, decorre do uso indiscriminado da identidade étnica teuto-brasileira, – como categoria de análise – sem considerar as especificidades do contexto no qual se pretende inseri-la. Neste sentido, é igualmente complexa a tentativa de incutir a identidade teuto-brasileira como fator de unanimidade irrestrita e atemporal entre pessoas que, muitas vezes, tinham em comum apenas uma ancestralidade germânica.<sup>34</sup> Neste sentido, pode-se relembrar uma passagem de E. P. Thompson, no qual o historiador inglês chamou a atenção para a necessidade de se testar e refinar e, se preciso, redefinir conceitos e categorias outrora elaborados em contextos distintos.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> VOIGT, André. *A invenção do teuto-brasileiro*. 204f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 191

<sup>34</sup> Para esclarecer ainda mais esse ponto de vista, utilizo um trecho da obra de Norbert Elias: “Torna-se tão logo evidente que o habitus nacional de um povo não é biologicamente fixado de uma vez por todas; está intimamente vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido. A semelhança das tribos e dos Estados, um habitus nacional muda ao longo do tempo. Também existem, sem dúvida, diferenças biológicas, herdadas, entre povos da Terra. Mas até mesmo povos de composição racial ou idêntica podem ser muito diferentes em seus respectivos habitus nacionais ou mentalidades – ou seja, no modo como se relacionam mutuamente.” ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder na evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.16

<sup>35</sup> THOMPSON, Edward P. 2012, Op.cit, p. 229

Contudo, quanto às categorias antropológicas desenvolvidas por Fredrik Barth e Roberto Cardoso de Oliveira, é possível que o conceito de “fronteiras étnicas” elucide uma série de fatores concernentes à problemática da conjuntura. No entanto, também faço aqui certas ressalvas quanto ao aparato metodológico proposto por Seyferth. Para a autora, como já constatado, a gênese de tal identidade emergiu em oposição ao que era “lusu-brasileiro” ou, (outro termo utilizado pela autora) ao que era tido como pertencente à “cultura brasileira”. Ora, aqui, as palavras de Alfredo Bosi parecem apropriadas:

Estamos acostumados em falar em *cultura brasileira*, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais de povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes.<sup>36</sup>

Tal colocação de Bosi foi aqui utilizada justamente para pensar na complexidade do debate em questão. Neste sentido, é possível que, embora os imigrantes de origem germânica de fato possuísem uma série de componentes análogos, entre eles havia diferenças e divergências gritantes em relação, por exemplo, a sua condição financeira, religiosa e social, as quais, a meu ver, não podem ser ignoradas, a não ser que se queira perpetuar um discurso hegemônico elaborado no início do século XX.<sup>37</sup>

Concluindo, a respeito do papel da identidade teuto-brasileira entendida como uma identidade étnica, estou de acordo e reitero, essencialmente, com o viés sugerido por Michael Hall, decorrente da sua análise da obra de Edward P. Thompson:

Talvez seja mais útil encarar a etnicidade no espírito em que E.P. Thompson tratou o conceito de consciência de classe: em vez de considerá-la como sempre igual e como uma entidade reificada que determina certas práticas, poderíamos tentar ver, no decorrer das lutas, como identificação étnica pode emergir (ou não), se desenvolver e esvaecer em circunstâncias históricas específicas.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308

<sup>37</sup> No tópico 1.1 serão apontadas certas implicações dos discursos hegemônicos.

<sup>38</sup> HALL, Michael M. Entre Etnicidade e a Classe em São Paulo. In: *História do Trabalho e Histórias da Imigração: Trabalhadores Italianos e Sindicatos no Brasil (Séculos XIX e XX)*. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio. (orgs.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2010. pp.49-63. p. 63



É possível ainda pensar a etnicidade, – assim como é a noção de classe<sup>39</sup> para Thompson, – não como categoria, mas, sim como um fenômeno histórico, e como tal, a etnicidade de um grupo está diretamente relacionada com as experiências inerentes de seu processo de sociabilidade e de vivência; ou seja, ela é diretamente intrínseca as relações humanas estabelecidas em um determinado contexto. É importante, também, destacar que, neste viés, a identidade étnica teuto-brasileira não é entendida como algo presente e recorrente na vida de todo alemão radicado em Curitiba ou no Brasil, muito menos que ela perpassou por todo o processo histórico dos mesmos. Em outras palavras, a identidade étnica teuto-brasileira se fez presente em determinados momentos como instrumento de coerção de um grupo, mas ela não foi determinante de todas as ações, práticas e hábitos dos imigrantes alemães na cidade; ela emergiu ou não de acordo com o contexto. Logo ela não é dada, mas sim uma construção de sujeitos com ideias e objetivos concretos e mais ou menos claros. Em suma, no decorrer do processo histórico, existiram alguns momentos em que fatores diversos contribuíram para que os interesses de alguns alemães e seus descendentes estivessem mais próximos; nestes momentos talvez seja possível constatar a força de tal identidade, inclusive, como fator definitivo para decisões do grupo.

A meu ver, a concepção sugerida por Hall, e aqui um pouco mais aprofundada, afasta o perigo das generalizações e leva em conta a dialética presente nos conflitos dos mais variados matizes. Procurei, portanto, durante todo o trabalho considerar esta concepção.

\*\*\*

O trabalho foi dividido cronologicamente em duas partes: nos dois primeiros capítulos foi abordado o contexto de 1890 a 1913, enquanto que o desenrolar dos fatos durante a Primeira Guerra Mundial em Curitiba ficaram concentrados no terceiro capítulo. Entre o *corpus* documental para a pesquisa empírica, destaco o uso da imprensa periódica. Foram utilizados três jornais em língua portuguesa que circulavam diariamente em Curitiba, o *Diário da Tarde*, *A República* e o *Commercio do Paraná*, além do jornal católico em língua alemã *Der Kompass*. No que se refere aos jornais em língua portuguesa, o *Diário da Tarde*, que passou a circular em 1899, aparentemente não tinha vínculos com partidos ou associações, e

---

<sup>39</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*, 1 : a árvore da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2011; THOMPSON, Edward P. *Miséria da Teoria ou um planetário de erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

entre os três jornais era o que mais abria espaço para discussões dos mais variados matizes. A título de exemplo, diversos autores anticlericais, populares ou não, encontraram no *Diário da Tarde* a oportunidade de divulgar suas ideias. Segundo Luiz Carlos Ribeiro, tal jornal, “De composição liberal, apresentou-se durante quase todo o período pesquisado [1890-1920], como um jornal de oposição.”<sup>40</sup> Por estas peculiaridades privilegiei o *Diário da Tarde* nesta pesquisas com fontes periódicas. Já *A República*, o mais antigo entre os quatro apontados, foi fundado em 1886, como órgão do Club Republicano; da mesma forma, era também o jornal do Partido Republicano. E o *Commercio do Paraná* surgiu em Curitiba em 1912, com caráter informativo e ligado, de forma geral, aos interesses comerciais regionais.<sup>41</sup> Finalmente o *Der Kompass*, surgiu em 1902 e estava atrelado ao grupo alemão católico de Curitiba. Por meio, sobretudo, da análise da imprensa, foi possível constatar múltiplas facetas das relações de sociabilidade na sociedade curitibana, durante os primeiros anos da Primeira República.

A bibliografia da época, cuja abordagem discutia temas como “raça”, “civilização” e “assimilação”, além de promoverem acirrados debates acerca da “imigração alemã” no Brasil, também deram suporte para a contextualização desta pesquisa.

Se, como já apontado, o objetivo do trabalho consiste em tentar compreender os conflituosos tempos da Primeira Guerra Mundial em Curitiba, levando em conta as relações estabelecidas num período que precedeu o conflito, foi, sobretudo, por meio da imprensa que optou-se por buscar os indícios que sugeriam ligações entre os acontecimentos durante o tempo de guerra (tema do terceiro capítulo) e o período anterior ao mesmo (tratado nos dois capítulos iniciais da dissertação). Observando as diversas seções nas páginas dos jornais, procurei reunir e analisar as notícias, matérias e notas referentes aos imigrantes alemães e seus descendentes, bem como suas instituições e estabelecimentos, no intuito de compreender melhor seu funcionamento, seus conflitos e as relações em que estavam imbricados.

Tania Regina de Luca,<sup>42</sup> ao discorrer acerca do uso da imprensa como fonte histórica, atenta para as chamadas funções sociais dos impressos. Neste sentido, mais do que veículo de comunicação, compreende-se aqui a imprensa como um espaço de debates e disputas acerca de diversas concepções políticas, assim como de conflitos, de ideias múltiplas e, por vezes, antagônicas. Ou seja, a imprensa também é um meio para perceber as contradições e lutas do período.

---

<sup>40</sup> RIBEIRO, op.cit. p.23

<sup>41</sup> PILOTTO, Osvaldo. *Cem Anos de Imprensa no Paraná* (1854-1954). Curitiba: Edição do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

<sup>42</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) São Paulo: Editora Contexto, 2011. pp.111-153.

Ainda no que se refere ao papel da imprensa, corroboro com a afirmativa de Clóvis Gruner:

(...) ela [a imprensa] serviu, no entanto, como uma brecha por onde vazavam queixas e críticas de indivíduos e grupos que, desprovidos de autoridade, sem outro canal de manifestação, muitas vezes só podiam contar com as vozes autorizadas de repórteres, cronistas e editorialistas para legitimarem suas falas.<sup>43</sup>

No entanto, embora reconhecendo as “funções sociais” da imprensa, é necessário considerar que a mesma tem um papel significante para criação e/ou divulgação de discursos hegemônicos. Entre 1890 a 1913 foi constatado, por exemplo, a hegemonia de um discurso da imprensa referente à “colônia alemã” de Curitiba que, como veremos, privilegiava certas características, instituições e indivíduos.

No primeiro capítulo, além de serem abordados aspectos gerais da cidade de Curitiba no contexto da virada do século XIX e XX, destacou-se múltiplas facetas da presença da população de origem germânica na cidade. Assim, foram contemplados tanto os sujeitos de prestígio, aqueles denominados pela imprensa como “laboriosos”, quanto aqueles que eram enquadrados como pertencentes as “classes perigosas” da sociedade. Também busquei atentar para os espaços de sociabilidade onde tais sujeitos se encontravam no cotidiano, ou seja, locais de circulação e de trocas de ideias em que a experiência de cada um se constituía. Além disso, foram abordados conflitos e divergências internas da própria “colônia alemã” da cidade. A documentação arrolada concentra-se, sobretudo, em jornais, tanto em língua portuguesa quanto em alemã, e da mesma forma, revistas e literatura de época.

Já o segundo capítulo trata de conflitos ocorridos na cidade de Curitiba entre pessoas de origem germânica e certos setores e atores da sociedade. Atenta-se, aqui, para a complexidade, e a recorrência de alguns desses acontecimentos, e de que forma os mesmos marcaram o cenário da capital. Também foram abordados outros elementos concernentes à conjuntura da época, como o “perigo alemão” e o movimento pangermânico, assim como suas possíveis implicações. Além dos jornais, este capítulo também fez uso de um documento de autoria da Liga Pangermânica encontrado durante uma pesquisa no Arquivo de Bremen na Alemanha. Em anexo encontra-se este documento, na íntegra, em língua alemã.

A experiência da Primeira Guerra Mundial será tema do último capítulo. Aqui, interessa mostrar que os conflitos não são apenas resultados da tensa atmosfera daquele

---

<sup>43</sup> GRUNER, Clóvis. *Paixões Torpes, Ambições Sórdidas*: Transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. p.137

momento, mas que também foram sendo constituídos num período anterior à eclosão do conflito. Neste sentido, veremos como os principais temas dos dois primeiros capítulos serão retomados no último para que se faça luz ao contexto deste tempo de guerra. Num primeiro momento serão tratadas as peculiaridades dos discursos da imprensa em relação aos “alemães” e também aos “nacionais” durante os anos de 1917 e 1918. Também serão abordados a emergência de boatos e discussões acerca da postura de certos “alemães” da cidade. Por fim, serão tratados os conflitos e adversidades dos anos finais da guerra. Para isso, os documentos arrolados são procedentes, sobretudo, da imprensa periódica, de revistas, da bibliografia da época além dos documentos oficiais do Estado.

## **1 ENTRE DESORDEIROS E EMPREENDEDORES: FACETAS DA PRESENÇA “ALLEMÃ” EM CURITIBA**

Indo ao encontro das ideias e discursos dos que ansiavam por receber cada vez mais os “imigrantes ideais”, os quais, por suas características ditas “civilizadas”, poderiam contribuir para o desenvolvimento do Paraná, a “grande imprensa”, em diversos momentos, enaltecia a presença dos imigrantes de ascendência germânica que habitavam a cidade de Curitiba. Embora os discursos de exaltação destes indivíduos fossem demasiadamente recorrentes, um outro olhar para a mesma imprensa pode indicar facetas e indícios menos harmoniosos das relações do cotidiano entre esses imigrantes e a sociedade como um todo. É por meio desse olhar, cujo fio condutor se dá a partir da busca por conflitos, que procurei esboçar neste primeiro capítulo alguns momentos de tensões e hostilidades decorrentes dos confrontos diários oriundos de questões étnicas, de classe, de ideais, de princípios antagônicos, entre outros.

Ao priorizar aspectos e casos conflituosos das relações de sociabilidades nota-se que nem todos assumiram grandes repercussões e alcances no momento em que ocorreram; ao contrário, alguns desses casos se deram, inclusive, de forma quase que velada. Tal constatação pode sugerir que, de maneira isolada, tais conflitos pouco influenciavam nas relações cotidianas; neste sentido, ao fim e ao cabo, se analisados isoladamente tais eventos podem ser interpretados e caracterizados como efêmeros e/ou esporádicos. Entretanto, se considerarmos esses conflitos relativos a uma cadeia de eventos pertencentes a um processo histórico em construção, os inserimos como elementos igualmente constituintes das relações sociais

históricas. Busca-se, dessa forma, o afastamento das análises que interpretaram de maneira singela o processo de contato entre pessoas de origens e classes diversas, basicamente como harmoniosos, sem contradições e contrastes.

Um olhar a partir da imprensa também revela, por exemplo, indícios de como a chamada “colônia alemã” estava sendo percebida na cidade. Neste sentido, abordei desde “pequenas” situações decorrentes dos meandros do cotidiano até questões que, na época, alcançaram níveis de repercussão nacional e internacional. Quem eram esses “alemães” pertencentes a uma “colônia” e que habitaram Curitiba durante os primeiros anos do período republicano? De que forma estas pessoas estavam espalhadas e organizadas no espaço urbano? Os membros dessa “colônia” percebiam-se como pertencentes de um grupo harmônico e homogêneo? E, ainda, quais ações desse grupo desencadearam mal-entendidos e desentendimento com setores da sociedade curitibana? Finalmente, e igualmente importante, quais princípios e ideologias norteavam parte desta sociedade? Foi a partir de reflexões como essas que procurei embasar o primeiro capítulo dessa dissertação.

### 1.1 A Curitiba que o inglês não viu

Para alguns setores da sociedade brasileira ficou evidente, sobretudo no período pós-abolicionista, a necessidade de repensar os rumos que o país deveria seguir para se inserir em um processo econômico, político e social dinâmico internacional. Tal processo previa a modernização do Brasil de acordo com os preceitos da transição para a ordem burguesa sustentada pela égide do liberalismo. A modernização do país não pressupunha apenas transformações econômicas e políticas; projetos de alterações sociais também faziam parte do horizonte dos que ansiavam em incluir o país no rol dos estados “civilizados”.

Curitiba, seguindo caminhos análogos a de outras capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, experimentava na virada do século um crescimento urbano e populacional decorrente, em grande parte, das medidas que visavam o desenvolvimento da cidade. A chegada da luz elétrica, a instalação de redes de água e esgoto, a pavimentações e o alargamento de ruas, o embelezamento das praças, o serviço de telégrafos, os bondes elétricos e o surgimento de construções com feições ecléticas eram vistos como signos de uma cidade

que se modernizava.<sup>44</sup> Nas palavras de um viajante, não identificado, e registradas pela imprensa,

no curto espaço de 20 annos, Curityba tornou-se uma bellissima cidade, de feição moderna, com as suas ruas fartamente largas, planas e rectas e adornada de praças ajardinadas umas e arborisadas outras. (...) Em um dos mezes ultimos foram dirigidos á municipalidade 119 pedidos para novas edificações, o que demonstra o extraordinário desenvolvimento.<sup>45</sup>

O processo de modernização da cidade esteve presente, de maneiras distintas, ao longo dos projetos almejados pela classe política; contudo, foram nos mandatos do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916) e do presidente do estado Carlos Cavalcanti (1912-1916), que profundas reformas estruturais urbanas ocorreram.<sup>46</sup> Neste período estabeleceu-se, por exemplo, a “Comissão de Melhoramentos da Capital”, cujo conjunto de ações se pautava no embelezamento do centro urbano, assim como desenvolvia práticas que visavam um maior controle e normalização do espaço público na cidade.<sup>47</sup>

Uma crescente industrialização também acompanhou o processo de modernização na capital, mas era na exportação do mate, da madeira e do café que a economia predominantemente se amparava.<sup>48</sup> E o crescimento também foi demográfico e pode ser evidenciado por meio dos números. De 24.553 habitantes no ano de 1890 a cidade passou a contar com cerca de 80 mil pessoas em 1920.<sup>49</sup> Uma significativa parcela deste aumento populacional foi proporcionada tanto pela chegada de imigrantes vindos do exterior como de migrações oriundas dos deslocamentos internos.

Entre os mais numerosos grupos imigrantes em Curitiba encontravam-se italianos, poloneses, russos, alemães, ucranianos, portugueses, sírios, mas a cidade também era composta por brasileiros (brancos, mulatos, negros e índios), proporcionando a capital um certo ar pluriétnico. Grande parte dos imigrantes que chegaram já durante o século XIX,

---

<sup>44</sup> No que se refere a tal contexto ver: BONI, Maria Ignês Mancini de. Op.cit; RIBEIRO, Luiz Carlos. Op.cit.; SUTIL, Marcelo. *O Espelho e a Miragem: Ecletismo, Moradia e Modernidade em Curitiba do Início do Século*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2012.

<sup>45</sup> *Diário da Tarde*, 3 de outubro 1907. p.1.

<sup>46</sup> Sobre este período, ver: BENVENUTTI, A. F. *As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)*. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

<sup>47</sup> Encontra-se na página 232, Anexo 1, uma imagem de um grupo de trabalhadores exercendo atividades para a “Comissão de Melhoramentos da Capital”.

<sup>48</sup> Segundo Octavio Ianni, em 1893, existia 233 estabelecimentos comerciais e industriais em Curitiba. IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravidão no Brasil meridional*. 2.ed. Ver. e aum. São Paulo: Hucitec, Curitiba: Scientia ET Labour, 1998.

<sup>49</sup> MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

instalavam-se nas colônias situadas nos arrabaldes da cidade e, embora a maioria se constituísse como uma população camponesa, sua presença era constantemente sentida no centro da cidade, local de circulação, onde frequentavam em busca de serviços diversos, do lazer oferecido pelos teatros, cinemas, cafés, parques de diversão,<sup>50</sup> festas nas praças e ruas, saraus; sobretudo, vinham à cidade para comercializar suas mercadorias. O mesmo viajante anteriormente citado, ao falar da movimentação das vendas em Curitiba, comentou que,

é interessante o espectáculo que pela manhã se presencia pois os gêneros são transportados em carros dirigidos exclusivamente por mulheres de todas as idades, ficando os homens na labuta da vida agrícola. É bello de ver-se, repito, aquellas raparigas fortes, bem coradas, ágeis e sentadas na boléa de seus carrinhos, apregoando os gêneros que conduzem.<sup>51</sup>

E o comércio foi, de fato, um dos meios da inserção da mulher, não apenas a mulher imigrante, na sociedade curitibana.<sup>52</sup>

Já outra significativa parte desses imigrantes se estabeleceu nas localidades mais urbanizadas da cidade, onde uma parcela destes exercia atividades ligadas à indústria, ao comércio, mas também faziam parte do excedente de trabalhadores empregados nos serviços e obras públicas, implantados pelos governantes. Outrossim, haviam ainda outros que não se encaixavam no estereótipo do “bom imigrantes”; estes eram, frequentemente, denominados pela imprensa como indivíduos “desajustados”.

No desenrolar da virada do século as preocupações com a instrução, atrelada aos valores ligados à cidadania e ao desenvolvimento da nação, ganharam notoriedade. Segundo Etelvina Trindade, em 1916, Curitiba contava com dez grupos escolares e, cerca de 25 escolas isoladas; entre elas encontravam-se públicas e particulares, nacionais e pertencentes a imigrantes.<sup>53</sup> Além das escolas, também marcou expressivamente o ensino na capital paranaense a fundação da Universidade Federal do Paraná em 1912.

Da mesma forma foi, principalmente, no ambiente urbano que uma série de grupos, movimentos e ideologias, organizados por sujeitos com aspirações distintas (muitas vezes antagônicas) ganharam força e visibilidade durante as décadas de 1890, 1900 e 1910. Anarquistas, nacionalistas, simbolistas, maçons, anticlericais, o operariado, bem como, representantes da igreja católica, republicanos positivistas e liberais, espíritas, e livre pensadores, contribuíam para a multiplicidade dos debates protagonizados, diversas vezes,

---

<sup>50</sup> BRANDÃO, Angela. *A Fábrica de Ilusão*. O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913). Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

<sup>51</sup> *Diário da Tarde*, 3 de outubro de 1907. p.1

<sup>52</sup> Sobre mulheres na cidade ver: TRINDADE, Etelvina Maria de. Op.cit.

<sup>53</sup> *id.ibid.* p. 25

pelas páginas das dezenas de periódicos, revistas e almanaques que circulavam pela cidade; da mesma forma, essas pessoas também se organizavam por meio de sindicatos, associações, partidos, entre outros. E, frequentemente, esses grupos se encontravam nos cafés, nas padarias e nos botequins da rua XV, um dos principais locais de sociabilidade para os habitantes da cidade.

Os bailes organizados pelo Club Coritibano e pelas associações de imigrantes eram ostentados pela imprensa como os grandes eventos nos quais a “boa sociedade” se reunia. E, finalmente, os teatros, parque de diversões e cinemas despertavam no público paixões e agitavam a vida social em Curitiba. Mas a adesão a essas práticas, ditas modernas, antes pouco comuns aos habitantes da cidade, não foi efetuada de uma hora para outra. É possível encontrar na imprensa, na virada do século XIX e XX, um crescente incentivo a esses programas sociais; mesmo assim, um cronista da época, se mostrava preocupado com a imagem da cidade, e discorria a respeito de certos hábitos que, para ele, não correspondiam com o *status* “civilizado” da população:

De ha muito deixou a capital paranaense as suas modestas vestes de aldeia (...), para envergar a *toilette* elegante de ultimo figurino d’uma cidade moderna, illuminada a electricidade, (...) e á noite, ao flamejar das lâmpadas Osram, uma população *chic* sahe a flunar atravez das nossas praças e ao longo das ruas inundadas de luz. Um costume, porem, que não condiz em absoluto com as regras em vigor em toda a sociedade *chic*, é a da pequena concurrencia ás segundas secções, que começam ás 9.15. [secções de cinema]. Esse habito é muito aldeão e não mais serve para Curityba, onde um visitante chegado do Rio ou S.Paulo (...) se surprehende quando ao abordar o cinema, á hora da 2ª secção, o encontra quase vasio. Qual o juízo delle sobre a capital paranaense? O de tratar-se d’uma grande aldeia, cujos habitantes, de arraigados habitos camponios, se deitam com as gallinhas, desertando as ruas á hora, precisamente em que o transito devia ser maior.<sup>54</sup>

Para este escritor anônimo a população curitibana ainda vacilava em suas práticas de **urbanidade** – termo bastante usual na época. Ser “*chic*”, e se portar com urbanidade implicava, então, deixar velhos hábitos caracterizados como ultrapassados e antiquados – “camponios” – que não condiziam com posturas de quem almejava alcançar a “civilidade”. Eram os ares da *Belle Époque* que se manifestavam de diferentes formas pelos espaços da cidade, nas ruas “inundadas de luz”. É o que notamos nas palavras daquele mesmo viajante, outrora citado,

---

<sup>54</sup> *Revista do Povo*. Curitiba, Fevereiro de 1921. nº40. Ano 5. “Curityba Nocturna.”



Em summa, quem visita Curityba fica agradavelmente impressionado com a vida operosa da bella capital, cujo progresso manifesta-se em todos os ramos da actividade humana. Não se assiste ali ao triste espectáculo dos pequenos vagabundos nas ruas e estradas, perdendo o tempo e acostumando-se ao vício, nem tão pouco a exhibição de indivíduos desclassificados e maltrapilhos. Ali *ama-se o trabalho* e, com a nítida compreensão do progresso, tem-se verdadeira confiança na prosperidade do Estado, razão pela qual por toda parte rasga-se estradas carroçaveis e corta-se as florestas com estradas de ferro. Em summa, Curityba é um paraíso onde as crianças são lindas e as mulheres bellissimas.<sup>55</sup>

Esse aparente “paraíso” idílico chamado Curitiba não estava apenas no olhar de um viajante anônimo de passagem pela capital durante o ano de 1907. Contemporâneos a época como Romário Martins e Rocha Pombo, também sugeriam uma imagem de Curitiba como, “uma cidade pacata, habitada por homens ordeiros, que progredia sem contradições.”<sup>56</sup>

Entre os ideais que marcavam o período destacava-se o do trabalho livre, como mote de uma sociedade que se desejava moderna e civilizada. Esta valorização em torno do trabalho livre se dava, sobretudo, em contraposição ao que havia sido o trabalho escravo no Brasil. Já nos primeiros anos do período republicano, tanto o antigo regime monárquico quanto a escravidão passaram a ser caracterizados como símbolos do atraso para a civilização. Em Curitiba, cuja sociedade também foi escravocrata, por meio dos jornais locais foi possível encontrar vestígios de expressões que caracterizavam a vergonha e o repúdio que o passado, ancorado no trabalho compulsório despertava: “existiu um tempo aqui, em nosso caro Brasil, que se comprava gente, assim como quem compra um cavallo, um galo, um sacco de feijão, uma lata de manteiga, etc. Que tristes recordações desse commercio vergonhoso!”<sup>57</sup>

Diferente do que os discursos anteriormente mencionados apontaram, Curitiba, como todas as outras capitais brasileiras, era composta igualmente por pessoas que não se enquadravam no estereótipo do “bom cidadão”: mendigos, vadios e desordeiros transitavam pelas ruas e praças formando o grupo dos “desajustados” ou das “classes perigosas” dessa sociedade a qual atribuía ao trabalho um valor supremo.<sup>58</sup>

Se o trabalho escravo era representado como um dos símbolos do atraso para o desenvolvimento brasileiro, o trabalho livre era considerado a sua antítese e, para uma parcela

---

<sup>55</sup> *Diário da Tarde*, 3 de outubro de 1907. p.1 (sem grifo no original)

<sup>56</sup> BONI, Maria Ignês Mancini de. Op. cit, p.11.

<sup>57</sup> *Diário da Tarde*, 18 de março de 1906. p.1.

<sup>58</sup> Sobre os chamados “desajustados” de Curitiba, ver: KARVAT, Erivan Cassiano. *A sociedade do trabalho: discursos e prática de controle sobre a mendicância e a vadiagem em Curitiba (1890-1933)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. Sidney Chalhoub também discorreu a respeito de tal abordagem sobre o Rio de Janeiro em: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

da sociedade, aos imigrantes advindos da Europa cabia, entre outras coisas, a tarefa de auxiliar o progresso nacional, por meio do emprego de sua força de trabalho. Neste sentido, a política migratória do Brasil durante o século XIX e XX valorizou a entrada de imigrantes europeus desestimulando, num primeiro momento, a vinda de pessoas oriundas da Ásia e África.<sup>59</sup> Tal incentivo se deu, em grande parte, pela forte interferência dos debates de cunho científico-raciais, desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos, e disseminados no pensamento social brasileiro.<sup>60</sup> Em uma das publicações na seção “Echos...” do jornal vespertino, *Diário da Tarde*, nota-se o ideário que se construía em relação a esses imigrantes oriundos do “velho continente”: “necessitamos d’um povo inteligente como o europeu, que venha conosco mourejar nas cidades, em todos os ramos da actividade humana, concorrendo dess’arte para o nosso florescimento.”<sup>61</sup>

Sobre as teorias raciais científicas, Lilia Schwarcz afirmou que a conjuntura da Primeira República no Brasil sofreu a “entrada dos racismos e das teorias raciais de toda ordem, que impuseram novas divisões entre os grupos humanos, agora justificadas por argumentos e teorias biológicas.”<sup>62</sup> Com outras palavras, era a ciência afirmando critérios de desigualdade – muito embora a igualdade jurídica já estivesse sido alcançada no período pós-abolição, – hierarquizando a sociedade por meio de classificações que tomavam como ponto de referência traços fenóticos como a cor de pele, tamanho de órgãos faciais, entre outros quesitos relacionados à composição física humana.

Para alguns ideólogos preocupados com os “problemas” raciais do Brasil, como o sergipano Sílvio Romero, entre as benesses advindas com a imigração européia estava embutida a que se referenciava ao ideal do branqueamento da nação, por meio da miscigenação.<sup>63</sup> Decorre daí que, neste contexto, “quanto mais branco melhor, quanto mais claro mais superior, eis aí uma máxima difundida, que vê no branqueamento não só uma cor mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada.”<sup>64</sup> Certos de que a miscigenação das raças seria favorável ao país – já que eliminaria as raças entendidas como inferiores e tornaria o Brasil mais “claro” –

---

<sup>59</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>60</sup> Vale destacar que a emigração em massa desses territórios foi, primeiramente, resultado de questões como, a péssima condição de vida, perseguições políticas e religiosas decorrentes dos próprios países dos quais eram oriundos.

<sup>61</sup> *Diário da Tarde*, 3 de junho de 1904. p.1.

<sup>62</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org). *História do Brasil Nação*. Editora Objetiva, 2012. V.3 p. 20.

<sup>63</sup> Sobre a questão, ver ainda: SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>64</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz, 2012, Op. cit, p. 44.

imigrantes brancos de origem européia gozavam de uma certa superioridade legitimada por discursos científicos. No entanto, como de praxe, aqui também foi constatada a presença de dissidentes dessas ideias hegemônicas. Nadando contra aquela maré, em um contexto inundado por discursos ditos “científicos”, Alberto Torres e Manoel Bonfim atacavam as teorias racialistas: “tal teoria não passa de um sofisma abjeto do egoísmo humano, aplicado à exploração dos fracos pelos fortes.”<sup>65</sup> Não por acaso, segundo o autor Thomas Skidmore, Sílvio Romero, contemporâneo de Manoel Bonfim, foi um dos seus críticos mais ferrenhos.<sup>66</sup>

Indo ao encontro das ideias e discursos dos que ansiavam por receber cada vez mais “imigrantes ideais”, os quais, por suas características ditas “civilizadas”, poderiam contribuir para o desenvolvimento do Paraná, a “grande imprensa” e autores da época, em diversos momentos enalteciam a presença dos imigrantes na cidade de Curitiba. Nas páginas do *Diário da Tarde* foi possível identificar o entusiasmo causado pela chegada desses que eram “bem-vindos”: “a ultima hora soubemos terem chegado a Paranaguá no Vapor Frier 500 immigrants austriacos expontaneos, para nosso Estado. Amigos da immigration não podemos occultar a satisfação com que damos esta importante noticia.”<sup>67</sup>

Concebidas nos moldes científicos, as teorias raciais reelaboradas pelo pensamento social brasileiro influenciaram o “(...) uso cotidiano da linguagem racial como forma de hierarquizar e definir lugares sociais.”<sup>68</sup> Neste sentido, para alguns era motivo de orgulho para Curitiba os lucros que, teoricamente, os imigrantes de origem européia poderiam lhe oferecer. Ideologicamente, no contraponto deste imigrante “ideal” estavam as pessoas de origem afro-brasileiras, cuja presença em Curitiba foi negada e/ou minimizada tanto por uma extensa bibliografia posterior, quanto por autores contemporâneos à época.<sup>69</sup> Exemplificando, foi publicado, no *Diário da Tarde*, em 1908, um texto sobre os aspectos físico da população de Curitiba, do famoso advogado paranaense Pamphilo de Assumpção, no qual certas assertivas destes ideais de racialização estavam em evidência:

O que mais impressiona é a apparencia physica da população, em que se vão esfumando, apagando quase, os traços typicos do brasileiro primitivo ou do luzo-brazileiro, para accentuar-se o cunho de uma nova raça, oriunda de povos que contribuem com qualidades preciosas para o aperfeiçoamento physico, moral e intellectual da nova população (...), vae crescendo essa população

---

<sup>65</sup> BONFIM, Manoel, Apud SKIDMORE, Thomas E. Op.cit, p.174.

<sup>66</sup> SKIDMORE, Thomas E. Op. cit, p. 333.

<sup>67</sup> *Diário da Tarde*, 15 de abril de 1899. p.2.

<sup>68</sup> MATTOS, Hebe. A vida política. In. SCHWARCZ, Lilia (Org.) *História do Brasil Nação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p.108.

<sup>69</sup> Em destaque, intelectuais como Romário Martins, Nestor Victor e a geração de paranistas.

invejável de Curitiba, physicamente bella e forte, intellectualmente adiantada e superior (...). E isso se dá, sem duvida, porque os factores que concorreram para um tal estado de cousas, foram introduzidos por grupos, que mantendo puros os elementos primordiales de sua origem, foram proporcionalmente contribuindo para a formação (...), mantendo-se puro, fornecia-lhe exemplares typicos da raça de que provinha, modificados somente pela acção favoravel do nosso meio. E pensando-se que esses elementos ethnicos tiveram por campo de acção um meio onde *minima era a porcentagem de individuos de raça preta*, temos explicado porque em menos de 30 annos os efeitos do cruzamento já se tornaram tão notaveis. Dos elementos que têm concorrido para a formação da nova população curitibana devemos contar em primeiro lugar, na ordem chronologica, os allemães (...), profundo são os traços que no moral e no physico do povo curitibano vae deixando essa raça forte moral e physicamente (...). Parece-nos que este ensaio de sociologia que vimos de fazer, explica essa feição original da população curitibana, d’essa população bella, sadia, activa, moralisada, intelligente.” Pamphilo do Instituto Historico e da Sociedade Scientifica de S. Paulo.<sup>70</sup>

Na visão de autores como Assumpção, parecia que Curitiba estava trilhando o caminho certo rumo ao progresso, visto que a crença na superioridade de um “gene” civilizante já havia sido implantado por imigrantes que, como muitos acreditavam, pertenciam a uma “raça forte moral e physicamente”. Ainda, parece bastante evidente que o autor se encaixava no grupo dos que idealizavam a cidade por meio de um discurso hegemônico e generalizante e, como tal, corroborava com as teorias científicas da época que, entre outros fatores, compreendia europeus brancos como pessoas biologicamente portadoras de qualidades físicas e morais superiores. Da mesma forma, era importante para Pamphilo frisar que, quanto ao quesito étnico, Curitiba estava praticamente livre do “mal” da presença “preta” em sua população.

Quanto à presença negra na cidade, segundo dados apontados por Cecília Westphalen, em 1854, do total de 20.629 pessoas que habitavam o planalto curitibano (incluindo São José dos Pinhais e adjacências), 12.461 eram brancos e 8.168 eram pardos ou pretos.<sup>71</sup> Já Octavio Ianni mencionou alguns dados que indicam que, em 1890, 79% da população da cidade era formada por brancos; entretanto, o próprio Ianni adverte que as concepções em torno do ideal do branqueamento poderiam interferir e escamotear avaliações para critérios de cor e raça neste primeiro censo pós-abolição.<sup>72</sup> Se tais dados (considerando sua possível imperfectibilidade) apontam que, comparado a outras cidades Curitiba, de fato, apresentava um número menor de pessoas de cor negra, a afirmativa de Pamphilo de Assumpção (entre

---

<sup>70</sup> *Diário da Tarde*, 6 de agosto de 1908. p.1. (sem grifo no original)

<sup>71</sup> WESTPHALEN, Cecília Maria. *Afinal, existiu ou não, regime escravo no Paraná?* Revista da SBPH, Curitiba, n.13, p.25-63, 1997.

<sup>72</sup> IANNI, Octávio. Op. cit, p.100, 101.

outros) de que ínfima ou inexistente era a presença dos mesmos na cidade, acarreta interpretações no mínimo controversas e polêmicas, as quais não estão/são alheias de implicações políticas e sociais. Embora tratando de um período anterior, a historiadora Cecília Westphalen discordou com veemência dos autores que sugeriram a ausência de escravos não somente em Curitiba, mas, como em todo Paraná. Para concluir essa questão, destaco que, se a ênfase em tal tema ainda se faz necessária é porque, no presente, ainda se encontram resquícios de pensamentos como o de Pamphilo na atual sociedade curitibana. Não é muito difícil encontrar discursos que ainda exploram o mito de Curitiba como uma cidade europeia, uma cidade branca e “civilizada”; logo, como qualquer discurso, este também não é neutro e, principalmente, não é alheio a implicações sociais e políticas que possam daí decorrer, como, por exemplo, a sustentação do preconceito racial brasileiro.

Para autores como Luiz Carlos Ribeiro e Maria Ignês de Boni, cujos trabalhos abordaram questões referentes a Curitiba da virada do século, os discursos de cunho hegemônicos (como o de Pamphilo de Assumpção) que, perpassavam tanto pelos órgãos da imprensa quanto pelos relatórios oficiais do aparelho do estado, minimizavam e/ou omitiam aspectos de uma sociedade pautada por questões muito mais complexas, contraditórias e desiguais daquela que, frequentemente, procuravam apresentar. Mas, apesar de se constituir como um dos principais meios de propagação dos discursos hegemônicos, a “grande imprensa” pode, quando vista a partir de outros ângulos, ser também fornecedora de indícios que permitem sugerir outras perspectivas a respeito das condições da cidade de Curitiba, em vias de seu processo de modernização. Embora, no decorrer do desenrolar modernizante, a cidade tenha, de fato, crescido e prosperado, tal processo não ocorreu sem que contradições e conflitos se disseminassem e, em ambientes como os espaços públicos, tais contradições e conflitos se tornavam ainda mais evidentes.

Assim como ocorreu em outros lugares, a cidade de Curitiba, na virada do século XIX para o XX, também experimentou o esforço, a partir de políticas públicas, em reestruturar espaços como ruas e praças. Pensando num contexto mais amplo, para alguns autores contemporâneos, as intervenções diretas de políticas de transformações do espaço público, que visavam adequá-los aos projetos de modernização, acabaram promovendo o esvaziamento desses locais antes compreendidos como ambientes de sociabilidades.<sup>73</sup> Entretanto, para outros autores, como Sidney Chalhoub e Lilia Moritz Schwarcz,<sup>74</sup> estes espaços, mesmo

---

<sup>73</sup> Por exemplo, para Marcelo Saldanha Sutil, “O urbano instaurou-se onde antes era a cidade, o espaço público se transformou em puro espaço de circulação.” SULTIL, Marcelo. Op. cit, p. 6.

<sup>74</sup> SCHWARZ, Lilia. M., 2012. Op.cit; CHALHOUB, Sidney. Op. cit.

sofrendo com ações de intervenções públicas, foram palco de manifestações e reivindicações populares, assim como testemunharam a eclosão de centenas de conflitos gerados, com frequência, pelas próprias experiências de sociabilidades inerentes às relações cotidianas e imbricadas no processo de transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas no início do século XX. Nesta dissertação o espaço público foi compreendido a partir do viés proposto por Chalhoub e Schwarcz, ou seja, mais do que um espaço reservado apenas para a “circulação”, entendo tais locais como focos de sociabilidade, conflituosos ou não, locais do fazer-se da política, entendida aqui num significado bastante amplo.<sup>75</sup>

Pensando a história como um processo permeado por rupturas e continuidades, enfatizo que os momentos conflituosos e de hostilidades, ao serem retomados, talvez auxiliem para o entendimento em torno dos processos de sociabilidades vivenciados por pessoas que diferiam em suas origens étnicas, em sua condição de classe e em suas ideias e concepções de vida. Assim, atenta-se para que uma série de elementos e sujeitos que compõe **igualmente** a formação do processo histórico da sociedade não permaneçam escamoteados.

A partir dos próximos subitens deste trabalho, buscarei percorrer um pouco dos caminhos sinuosos de parte do processo social vivenciado por pessoas e/ou instituições de origem germânica com outros segmentos da sociedade curitibana, pois acredito que esse viés da história, o qual prioriza aspectos conflituosos, carece de visibilidade, embora seja parte essencial dos imbricamentos desse processo. Entretanto, primeiramente será necessário apontar e identificar de que forma parte desses imigrantes de ascendência germânica estavam organizados na cidade, por meio de suas instituições como igrejas, jornais, associações e escolas, por meio de suas atividades no comércio e na indústria e, finalmente, como suas práticas repercutiam na “grande imprensa”.

## 1.2 O cotidiano do “alemão” na cidade: percepções culturais, políticas, sociais e econômicas

Como já brevemente exposto no tópico anterior, em diversos momentos, nos discursos aventados pela imprensa, a “colônia alemã” de Curitiba fazia parte do grupo dos “civilizados” propulsores do progresso no estado. Exemplificando novamente, foi possível perceber na matéria “Dois Aspectos”, publicada em 1899 no *Diário da Tarde*, o entusiasmo com a referida “colônia”:

---

<sup>75</sup> Vale ainda acrescentar que ao atentar para as dimensões políticas do cotidiano, esta dissertação também foi inspirada pela obra de Edward P. Thompson que busca no cotidiano dos trabalhadores múltiplas experiências que agiram na formação da classe trabalhadora inglesa. THOMPSON, Op.cit., 2011.

Se é exacto, como diz um escriptor allemão, que dentre os povos do globo, o allemão é aquelle no qual mais se revela a fiel dedicação a seus monarchas, a poderosa nação devia se ter hontem enchido de entusiasmo para presenciar assim a realização de mais um anniversario do grande Imperador Guilherme I. A distincta colonia allemã, desta capital, não deixou passar desapercibida essa data memoravel para sua patria e condignamente a solemnisou. Muitos deles hastearam bandeiras nas fachadas de suas casas que apresentavam aspectos de grande regojizo e festa, o que foi feito também por diversos clubs, como o Puritanos e o Girondinos. O Club dos Atiradores, tendo a frente uma banda de música foi encorporada ao bosque que existe ao lado da estação da estrada de ferro e aí passou o dia nas intimas diversões que costumam fazer; a noite houve baile na Sociedade Sangerbund. *A operosa colonia allemã do Paraná, colonia que a este Estado tantos e valiosos serviços tem prestado com o concurso de seu trabalho inteligente*, saudamos afetosamente pela memorável data.<sup>76</sup>

Este discurso, como tantos outros, predominantemente se sustenta a partir de um tom generalizante, e como tal, privilegia e seleciona alguns aspectos e sujeitos enquanto exclui e/ou minimiza a presença de outros. Neste sentido é possível questionarmos acerca da própria composição desta “colônia” a qual o jornal se refere: quem eram essas pessoas e instituições que formavam a “colônia allemã” da cidade sob a ótica da imprensa? Antes de se ater a essa questão, que será abordada no tópico 1.4, é necessário, primeiramente, um apontamento geral a respeito dos imigrantes alemães e seus descendentes na cidade.

Os imigrantes de origem germânica de Curitiba formaram aproximadamente o contingente de 13,3% do total dos estrangeiros que vieram para a cidade entre os anos 1886 e 1939.<sup>77</sup> Como já apontado anteriormente, uma grande parcela desses imigrantes fixaram-se no centro e nos arredores de Curitiba. Nesses locais, encontravam-se as diversas escolas, associações, igrejas, fábricas e casas comerciais de membros da “colônia”. Tais ambientes eram espaços privilegiados para sua sociabilidade; eram nesses locais que, possivelmente, davam-se discussões acirradas a respeito das publicações dos dois maiores jornais alemães da época, o *Der Kompass* e o *Der Beobachter*,<sup>78</sup> assim como é possível que diversas das decisões envolvendo os membros da “colônia” fossem lá discutidas. Faz-se necessário adentrar nesses espaços de sociabilidade da “colônia allemã” para compreender melhor seu funcionamento e sua importância para o grupo.

De imediato, discorrer sobre a “colônia allemã” de Curitiba é atentar para um determinado número de pessoas que, a partir de suas práticas e organizações agiam, por vezes,

---

<sup>76</sup> *Diário da Tarde*, 8 de abril de 1899. p.2 (sem grifo no original)

<sup>77</sup> NADALIN, Sergio Odilon. *Imigrantes de origem germânica no Brasil*. Ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Quatro Ventos, 2001.

<sup>78</sup> Em português “*Der Beobachter*” significa “O Observador”.

em grupo e em nome do mesmo. No entanto, desde já (voltarei a este ponto mais adiante) é importante destacar que tais membros da “colônia” não eram um coletivo homogêneo e nem representavam todo o grupo de pessoas da cidade que tinham alguma ascendência germânica.

No dia 25 de abril de 1897, o jornal *A República* publicou o pronunciamento de Bertholdo Adam, que assinou como presidente da “colônia”, na ocasião em que a mesma relembra o centenário do nascimento de Guilherme I, um dos “heróis” da unificação do país:

Festejando esta grande data da história allemã, não quer dizer que somos cidadãos brasileiros menos bons; não, senhores, ao contrario. Desde que um pouco separado da sua terra natal pelo oceano, desde que um povo, ausente da terra do seu berço, por muitos e muitos annos e não se esqueceu da sua terra natal, que não se esqueceu das grandes datas da historia daquela sua patria natal - é um signal irrefutavel de bons cidadãos; bons cidadãos jamais se podem esquecer da bella terra brasileira, onde temos achado uma segunda patria, a nossa patria adoptiva. Não fallo somente em meu nome, fallo aqui em nome da humilde colonia allemã, e declaro em voz alta que nós allemães, residentes aqui, temos abraçado essa bella terra brasileira, amamos a nossa patria adoptiva e consideramo-nos cidadãos brasileiros e queremos trabalhar para o progresso desta nossa patria adoptiva...<sup>79</sup>

Parece bastante nítido o desejo de demarcar fronteiras ou limites na fala do representante da “colônia”: o autor deixa claro que o Brasil, para esses imigrantes, era o seu país adotivo enquanto sua pátria principal era a Alemanha. No entanto, o mesmo discurso também parece indicar que, embora “allemães”, tais pessoas tinham interesses em comum com a sociedade brasileira: ambos almejavam, por meio do trabalho, o engrandecimento e o progresso do Brasil. Em que pese um certo distanciamento (“nós allemães”) a fala de Bertholdo Adam também destaca que tais pessoas se consideravam cidadãos brasileiros.

Não cabe aqui um debate mais amplo no que tange o exercício da cidadania na época; no entanto, vale apontar que, a meu ver, cidadania assim como o “fazer” política em geral, estava muito além do direito de votar e ser votado. Portanto, entende-se aqui, a partir desse viés, as ações políticas dos indivíduos de modo mais abrangente; ou seja, há um alargamento no entendimento da esfera do político no cotidiano. Por exemplo, entendo por ações políticas o que se dava nas ruas, nas manifestações e comícios, denominados na época como *meetings*. Neste sentido, um exemplo da participação dos imigrantes alemães em assuntos políticos

---

<sup>79</sup> *A República*, 27 de abril de 1897, p.1. (grifo meu)



paranaenses deu-se em torno dos embates travados por questões de terra entre Santa Catarina e Paraná os quais desde, pelo menos, 1904 foram tratados pela imprensa.<sup>80</sup>

Em julho desse ano, após a decisão do Supremo Tribunal Federal em ceder parte do território do Paraná ao estado de Santa Catarina, Curitiba presenciou uma intensa movimentação popular. Para os envolvidos na causa o que estava em jogo era a integridade do seu território. Uma das primeiras medidas tomadas pela população local foi a organização de um *meeting* que convidava toda a Curitiba para se reunir na Praça Tiradentes, em uma ação conjunta com a dos advogados que já trabalhavam pela causa paranaense. Poucos dias depois apareceu no *Diário da Tarde* uma nota, informando que o jornal alemão *Der Beobachter* formulou e publicou dezenas de artigos em defesa do Paraná na questão.<sup>81</sup> E em seguida, membros de mais de vinte associações nacionais e estrangeiras da cidade reuniram-se no Club Curitybano para organizarem um grande comício. Entre os nomeados para fazerem parte da comissão estava Edgar Stellfeld, de ascendência germânica, bastante conhecido entre os contemporâneos à época, também foi deputado estadual por quatro mandatos, além de ser o filho do imigrante alemão Augusto Stellfeld dono da famosa farmácia alemã – uma das primeiras de Curitiba – que se situava na Praça Tiradentes. Os membros de tal comissão ficaram responsáveis por pedirem aos comerciantes e aos donos de fábricas que fechassem suas portas no período da tarde afim de que todos pudessem comparecer a esse grande comício. Por meio da narrativa do *Diário da Tarde* podemos ter uma ideia do que foi o evento das associações da cidade ocorrido em 22 de julho de 1904:

Pairava hontem no ar, vibrando, extranho *frisson* a prenunciar grande e notavel acontecimento; percebia-se que algo de extraordinário ia succeder pelo aspecto de toda a cidade, aspecto singular mysterioso que o povo assume quando diante de factos anormaes e quando toma solemnes resoluções. (...). As 3 horas da tarde, fechados os estabelecimentos commerciaes e industriaes, de todos os recantos da cidade affluia o povo, aos grupos, em direcção á praça Tiradentes...<sup>82</sup>

Em seguida, todas as associações presentes marcharam pelas ruas da capital; passando pelos casarões da Rua XV de Novembro eram saudados pelos espectadores que observavam a movimentação das sacadas; passaram também pelas redações dos jornais, que estavam

---

<sup>80</sup> A respeito deste tema, Giralda Seyferth, afirmou que: “A participação política de teuto-brasileiros no Paraná durante o Império foi insignificante; mas na Primeira República ela se ampliou, com a eleição de deputados estaduais, prefeitos (inclusive da capital, Curitiba) e vereadores.” SEYFERTH, Os teuto-brasileiros e a integração cívica: observações sobre a problemática convivência do *deutschum* com o nacionalismo brasileiro. In: TIEMANN, Joachim et alii. *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Martius-Staden, 2006. p. 117-155. pp.133.

<sup>81</sup> *Diário da Tarde*, 20 de julho de 1904. p.2

<sup>82</sup> *Diário da Tarde*, 22 de julho de 1904. p1

ornamentados com bandeiras. Então, os manifestantes chegaram à frente ao palácio presidencial, onde discursaram Afonso Camargo e Vicente Machado que, em nome das sociedades afirmaram ao presidente do estado a união de todas as associações curitibanas, inclusive a dos imigrantes, em prol da causa paranaense. Além dos dois oradores, discursaram ainda Julia Salles, pela Sociedade 28 de Setembro, e Theonilla Costa, do Grêmio das Violetas; tal fato é importante para constatar um indício da inserção política das mulheres no período.

Além de participarem do grande comício, as “colonias”, alemã, polonesa e italiana de Curitiba ainda organizaram seus próprios *meetings* contra a decisão do Supremo Tribunal Federal.<sup>83</sup> No comício organizado pelos “alemães”, falou Anton Schneider,<sup>84</sup> diretor e redator do jornal alemão *Der Beobachter*. O mesmo leu a moção que seria entregue ao presidente do estado e cujo conteúdo, em suma, expressava o apoio da “colônia alemã” de Curitiba ao Paraná; logo em seguida, o *Diário da Tarde* afirmou que Albino Prohmann leu a mesma moção em português, demonstrando que Anton Schneider, ao fazer seu discurso na praça, o fez em alemão. Em seguida, Schneider, Prohmann e Roberto Hauer dirigiram-se ao palácio presidencial para entregar a moção da “colônia alemã” ao presidente do estado.

A participação das pessoas ligadas às associações, nesse momento importante para o estado, também pode ser um fator indicativo da articulação dos diretores dessas instituições dos imigrantes com os políticos, comerciantes, industriais, enfim, com a sociedade em geral, mas, sobretudo, com a elite curitibana. Indícios dessa articulação também podem ser constatados a partir de dezenas de banquetes e festas que eram oferecidos por membros das associações a políticos ou pessoas que exerciam certas influências tanto no âmbito regional como nacional. Exemplificando, em junho de 1904, um mês antes dos *meetings* em apoio à “causa paranaense”, no 20º aniversário da fundação da associação *Deutscher Sängerbund*, estavam presentes, o coronel Olympio da Fonseca, comandante do distrito, e Paulo Assumpção, oficial de gabinete; nessa mesma associação, em agosto de 1906, a “colônia alemã” de Curitiba organizou um festival na ocasião em que Affonso Pena visitou a cidade, o qual, três meses depois, assumiria a presidência do Brasil; já em abril de 1912, na inauguração da nova linha de tiro da associação *Deutscher Schutzen Verein*, estiveram presentes o presidente do estado, Carlos Cavalcanti, e o vice-presidente, Afonso Camargo.

Sobre as associações germânicas, segundo Sergio Nadalin, estima-se que de 1856 até 1926 cerca de cinquenta entidades, com os mais variados fins, foram fundadas pelos

---

<sup>83</sup> *Diário da Tarde*, 25 de julho de 1904. p.1

<sup>84</sup> Por vezes seu nome também aparecia como Antonio Schneider.

imigrantes de origem alemã em Curitiba. Entre as mais conhecidas e que tiveram maior durabilidade estavam a Sociedade Thalia (*Verein Thalia*), fundada em 1882 com o objetivo inicial de dedicar-se ao teatro, que teve como principais fundadores e colaboradores os alemães Adolf Lindemann e José Hauer; em 1917, esta associação alterou seu regulamento e passou a aceitar sócios que não tivesse origem germânica;<sup>85</sup> a Sociedade Beneficente dos Operários (*Handwerker Unterstützungs Verein*), fundada em 1894; a Sociedade dos Cantores (*Deutscher Sängerbund*), resultante de uma fusão ocorrida em 1884, entre os clubes *Gesangverein Germania*, originalmente de 1869, e *Gesangverein Concordia* de 1873 que também inicialmente só aceitava como sócios as pessoas que falassem em alemão;<sup>86</sup> esta associação teve como um dos seus diretores Anton Schneider, o qual também ajudou a fundar a Sociedade de Tiro (*Schuetzenverein*) em 1895, e a de ginástica (*Turnverein*) em 1883. Anton Schneider também foi presidente da Sociedade Beneficente dos operários alemães entre 1894 e 1897. E, por fim, a Sociedade Elisabeth criada em 1884 por mulheres como Thereza Hauer e Charlotte Stellfeld, cuja missão era auxiliar seus compatriotas mais necessitados.<sup>87</sup>

Segundo Giralda Seyferth, nas chamadas colônias alemãs do Brasil as sociedades recreativas e as igrejas tinham como uma de suas importantes funções “(...) integrar os membros da comunidade colonial, já que normalmente estavam dispersos pelas pequenas propriedades rurais.”<sup>88</sup> Embora, em Curitiba, tais imigrantes se encontrassem, predominantemente, no centro urbano ou em seus arredores, parece que as associações também tinham como uma de suas funções, manterem e estreitarem os laços dos descendentes, o que de certa forma as tornavam muito representativas aos imigrantes da cidade. Eram locais onde se propagavam e cultivavam sentimentos de pertença à nação alemã; lá se viam bandeiras da Alemanha, ouviam-se cânticos e hinos da pátria natal e estampavam-se nas paredes retratos de figuras expoentes como Goethe, Schiller e do *Kaiser*; a cultura e a tradição alemã se difundiam por meio das centenas de livros que as bibliotecas de algumas associações ofereciam; eram ainda nesses locais, que espetáculos teatrais e musicais eram apresentados e torneios esportivos organizados. Mas, também, tratava-se de espaços em que se oferecia assistência aos imigrantes que procuravam emprego e auxílios como financeiro e/ou médico. Por outro lado, assim como em outros espaços de sociabilidade, possivelmente, também eram nesses locais que pessoas de ascendência germânica experimentavam e

---

<sup>85</sup> Volto a este assunto no tópico 3.3

<sup>86</sup> NADALIN, Sergio Odilon. *O Clube Concórdia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1972.

<sup>87</sup> FUGMANN, Wilhelm. *Op.cit*, p.135.

<sup>88</sup> SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 90.

afirmavam diferenças e divergências entre seus próprios “conterrâneos”; afinal, como será apontado adiante, embora “alemães” tais pessoas diferiam em diversos outros aspectos concernentes as suas concepções de vida.

Em outubro de 1913 o *Diário da Tarde* anunciou e comentou acerca de uma nova associação da “colônia”, o Hospital da Sociedade Alemã Curitiba (*Verein Deutsches Krankenhaus Curitiba*):

Está sendo organizada nesta capital uma grande sociedade composta de teutos e teutos-brazileiros, e em geral, de todos os que falarem a língua allemã. (...). O seu fim é a construção de um grande hospital moderno, com acomodações para numerosos enfermos e dotados de todos os requisitos e aparelhos, exigidos pela hygiene nos mais perfeitos estabelecimentos congeneres. No hospital serão recebidos e tratados, gratuitamente, todos os allemães e seus descendentes que falarem a língua allemã, como os teuto-brazileiros, os austriacos, suissos, bem como os membros de outras nacionalidades, que falarem o allemão, sem distincção de crenças.<sup>89</sup>

O jornal exaltou a iniciativa de tal organização, caracterizando-a como mais uma prova do espírito associativo desse grupo. A notícia não deixa claro se outras pessoas que não tivessem o conhecimento da língua alemã seriam tratadas também no hospital, o que se pode perceber com mais certeza é que somente as pessoas que falassem a língua alemã seriam atendidas gratuitamente. Tal restrição indica, ao mesmo tempo, o funcionamento de uma rede de solidariedade entre os imigrantes de tal ascendência e a exclusão aos que não pertenciam ao grupo. Não foram constatados mais informações a respeito do Hospital da Sociedade Alemã Curitiba, é possível que o projeto não tenha se efetivado. De qualquer forma, chama a atenção, as condições exigidas para aqueles que pretendessem usufruir da assistência do hospital.

Já outra forma de perceber uma possível integração do grupo germânico foi percebida por meio de uma série de anúncios do Jornal *Der Kompass*, nos quais pessoas de origem alemã residentes na cidade procuravam outros “alemães” para trabalharem e vice-versa: “Uma apta moça que possa cozinhar acha emprego com Wenscelau Glaser”<sup>90</sup>; “Um perfeito cozinheiro (alemão) que é versado em todos trabalhos domésticos, procura emprego em uma casa de família alemã.”<sup>91</sup> Se, por um lado, tais anúncios podem trazer um indício da

---

<sup>89</sup> *Diário da Tarde*, 18 de outubro de 1913. p.2.

<sup>90</sup> *Der Kompass*, 17 de novembro de 1907. p.4. “Ein tüchtiges deutsches Dienstmädchen, welches kochen kann, findet Anstellung bei Wenceslau Graser.” (tradução livre)

<sup>91</sup> *Der Kompass*, 1 de dezembro de 1907. p.4. “Ein perfekter Koch (Deutscher), der auch in sämtlichen Hausarbeiten bewandert ist, sucht Stellung in einem deutschen Haushalt”. (tradução livre)

integração do grupo concomitantemente com a exclusão dos que não eram pertencentes a ele, por outro podem também demonstrar a preferência de alguns “alemães” em trabalhar com seus pares, pois, para muitos, havia a crença na superioridade da capacidade do trabalho alemão frente a outras etnias. Neste sentido, Cacilda da Silva Machado também destacou a articulação entre famílias alemãs de carpinteiros e engenheiros que, juntas, projetaram e construíram uma série de obras públicas e particulares na cidade. Entre as parcerias a autora destaca a que ocorreu com as famílias alemãs Wieland e Strobel que, entre outras dezenas de obras, construíram juntas a Farmácia Alemã, da família Stellfeld em 1863, e a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba em 1870.<sup>92</sup> Já Trindade destacou que, entre “os estereótipos construídos pelos imigrantes contra os elementos locais, está o de sua inadequação aos trabalhos físicos. Para o imigrante, sobretudo o alemão, o brasileiro é avesso ao trabalho...”<sup>93</sup>

Embora a importância da prática de coordenar e fundar associações beneficentes e recreativas para o grupo é necessário ressaltar que tal característica estava longe de ser uma peculiaridade dos “alemães”: grupos como os de portugueses, poloneses, italianos, ucranianos, negros, entre outros, também procuravam se organizar na cidade. E quando nos voltamos para outras cidades como São Paulo e Rio de Janeiro percebemos que a prática associativa parecia, de certa forma, um costume (e/ou necessidade) comum compartilhado por diversos grupos e classes neste contexto da Primeira República.<sup>94</sup>

No caso dos clubes e associações dos “alemães” de Curitiba, nota-se um caráter hermético; ou seja, uma questão fundamental para o entendimento de suas práticas girava em torno das restrições ao acesso que algumas associações exerciam, permitindo, por vezes, que apenas germânicos e seus descendentes ou pessoas que falassem a sua língua fossem aceitos em tais organizações; o escritor Nestor Victor afirmou que esse era o caso da Sociedade dos Operários<sup>95</sup> e Américo da Costa Sabóia (1978) em suas memórias, escreveu algo análogo sobre a associação *Thalia*:

---

<sup>92</sup> MACHADO, Cacilda da Silva. *De uma família de imigrante: Sociabilidades e Laços de Parentesco*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 28-31.

<sup>93</sup> TRINDADE, Etelvina. Op. cit, p.143.

<sup>94</sup> Sobre o assunto ver: BATALHA, Claudio H.M. Cultura Associativa no Rio de Janeiro. In. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Batalha... Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004; BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e Continuidades. In. *História da Vida Privada: contrastes e intimidade contemporânea*. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol.4.

<sup>95</sup> SANTOS, Nestor Victor dos. *Terra do futuro* (impressões do Paraná) (2ª. ed.). Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. p. 127.

(...) clube organizado e dirigido por membros da colônia alemã. Era difícil para um brasileiro pertencer a seu quadro social. Um baile ou um jantar na *Thalia* eram considerados acontecimentos de alta elegância. Era o que se chama atualmente – uma sociedade fechada.<sup>96</sup>

Embora tais associações fossem consideradas fechadas por não permitirem sócios não “alemães”, as mesmas, como vimos, frequentemente abriram suas portas para receberem políticos, autoridades e pessoas com uma certa influência, tanto do meio curitibano como nacional. Isto nos leva questionar a respeito de quem eram e quem não eram os “bem vindos” em determinadas ocasiões nas associações destes imigrantes.

Ediméri Vasco, que trabalhou com processos-crimes em Curitiba no período da Primeira República, nos informou a respeito de um ocorrido envolvendo a Sociedade Beneficente dos Operários Alemães em 1893.<sup>97</sup> Segundo a autora, consta nos autos desse processo que um sujeito de “cor preta” foi impedido de entrar em um baile realizado por essa associação; descontente com o fato, o mesmo sujeito voltou ao local onde o baile se dava portando uma faca, os associados então reagiram e o atiraram à rua.<sup>98</sup> No meio da confusão um tiro de revólver acabou atingindo um capitão de polícia que estava no local, o que despertou a ira de seus companheiros. Estes, os praças, então, invadiram o baile e entraram em conflito com os associados que lá estavam presentes. Como resultado, consta nos autos que 23 pessoas foram presas, entre eles alguns brasileiros, mas a maioria era de origem alemã. Para a autora, o que mais chamou a atenção nesse processo foi o fato de não haver nenhuma informação a respeito do indivíduo negro, bem como, nenhum questionamento acerca da proibição do mesmo em participar do baile. Para Vasco, tal fato pode ser um indicativo de uma situação corriqueira nesta sociedade marcada por hierarquias bem definidas.

É bem provável que essa restrição ao acesso a bailes e festas alemãs não fosse uma regra válida para todos. E, por outro lado, também indica que os “alemães” não permaneciam o tempo todo fechados em suas associações convivendo somente entre seus pares; pelo contrário, procuravam manter uma articulação com sujeitos da elite política e econômica paranaense. Embora não seja possível nesse momento descrever com mais profundidade quais foram os resultados dessa articulação, é bem provável que a mesma tenha rendido frutos aos

---

<sup>96</sup> SABÓIA, Américo da C. *Curitiba de minha saudade (1904-1914)*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978. p. 68.

<sup>97</sup> VASCO, Edimere Stadler. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p. 80.

<sup>98</sup> No documento, “*50 Jahre Handwerker-Unterstützungs-Verein*” (50 Anos da Associação Beneficente dos Operários), publicado em 1934, discorrendo sobre esse caso o autor não utilizou a palavra “preto” para se referir ao indivíduo que tentou entrar no baile, mas o classificou como alguém de dignidade duvidosa (*Fragwürdige*) p.36.

envolvidos. Neste sentido, a proximidade entre o empresário Gottlieb Müller e o Barão do Serro Azul é um exemplo significativo.

O *Diário da Tarde*, ao escrever sobre a trajetória de Müller no Brasil, apontou que “Com este afan de continuo labutar, Gottlieb Müller conseguiu attrahir a melhor freguezia para o seu estabelecimento, sendo o saudoso e benemérito barão do Serro Azul um bom amigo e protector do dono deste importante núcleo de trabalho.”<sup>99</sup> Outro exemplo desta articulação pode ser constatado através de uma chamada para uma reunião que ocorreu no Salão Hauer (mais tarde denominado *Teatro Hauer*), publicada no *Diário da Tarde*. Por meio desta foi possível saber da existência da “Sociedade Curitybana dos Proprietarios”, cujos diretores, em 1905, eram Roberto Hauer, Frederico Koch e Pedro Henrichs, os três de origem alemã.<sup>100</sup> Em 1910 novamente o *Diário da Tarde* mencionou um evento da mesma sociedade. Dessa vez o jornal descreveu que mais 500 pessoas participaram da reunião, que começou com a fala de Antonio Bedene, na época o atual presidente da sociedade, e Arthur Hauer, o secretário da mesma; tal encontro também contou com a presença, com direito a discurso, de Pamphilo de Assumpção. Antes de encerrar a matéria o jornal ainda informou que, “por ultimo fallou em idioma allemão, o Sr. Antonio Bedene, que fez o histórico da magna questão do calçamento e explicou os discursos dos oradores precedentes.”<sup>101</sup> É de se imaginar que, se Bedene discursou em alemão, e logo em seguida, “explicou os discursos dos oradores precedentes”, é porque no mínimo havia um número significativo de entendedores de tal língua e que não dominavam o idioma português no recinto, embora se tratasse de um evento da “Sociedade Curitybana dos Proprietarios”.

Também neste sentido, pode ser emblemático que entre os primeiros representantes da Associação Comercial do Paraná (ACP), criada em 1890, estão imigrantes de origem germânica como, Alfredo Heisler. Entre outras coisas, este foi deputado estadual entre 1916 e 1917, além de compor a diretoria de algumas associações, como a da Junta allemã (*Deuschter Ausschuss*) fundada em 1915 –, Roberto Hauer e José Hauer,<sup>102</sup> particularmente este último que, além abrir diversas lojas comerciais, construiu o Theatro Hauer,<sup>103</sup> (em 1904 o teatro passou a ser propriedade de Ludovico Carlos Egg, José Hauer o vendeu pelo valor de

---

<sup>99</sup> *Diário da Tarde*, 21 de dezembro de 1900. p.2.

<sup>100</sup> *Diário da Tarde*, 28 de junho de 1905. p.3.

<sup>101</sup> *Diário da Tarde*, 28 de fevereiro de 1910. p.2.

<sup>102</sup> OLIVEIRA, Ricardo da Costa. *O Silêncio dos Vencedores: Genealogia, Classe Dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho da Verba, 2001. p. 57.

<sup>103</sup> Outro fato importante ligado a história deste jornal, ocorreu no dia 9 de outubro de 1897 quando Curitiba teve sua primeira apresentação do Cinematógrafo Lumière. PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *O espetáculo dos maquinismos modernos – Curitiba na virada do século XIX ao XX*. São Paulo, 2002.

48:000\$000),<sup>104</sup> deu auxílio financeiro para a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Ainda foi um dos principais financiadores da primeira Usina de Luz Elétrica para Curitiba. Chamado pela imprensa como “capitalista”, José Hauer e, posteriormente a empresa de sua família, Hauer & Companhia, eram presença constante nas páginas da imprensa curitibana, como nas notícias a respeito das reclamações sobre a luz elétrica de Curitiba.

Como já abordado no tópico 1.1 a luz elétrica era um dos símbolos de uma sociedade que ansiava em se modernizar; logo, quando havia problemas em relação à mesma, a imprensa cobrava com veemência uma resposta dos responsáveis pela sua manutenção na cidade. Em dezembro de 1898, o jornal *A República* alertou o “capitalista” com a seguinte nota:

Luz Electrica: Em relação á nossa local de hontem, referente á má collocação dos fios conductores, que em muitos pontos passam rente á grade das saccadas, ao alcance de creanças e pessoas inadvertidas, podendo occasionar males que não precisamos salientar, escreveram-nos os Srs. José Hauer & Filhos uma carta que pedimos licença para não publicar, em atenção aos nossos leitores, tal a inconveniente linguagem de que se servem esses Srs., quando a imprensa, cumprindo o seu dever, aponta defeitos nas suas linhas, pedindo prompta correcção ás faltas, no interesse da população. (...) O que podemos asseverar aos Srs. Hauer & Filhos, como a qualquer outra empreza que tome a si algum serviço publico, é que apontaremos sempre aos poderes competentes as faltas cometidas em detrimento do publico pelos empresarios, sejam estes quaes forem.<sup>105</sup>

Se não há como saber qual o conteúdo da resposta que a empresa José Hauer & Filhos enviou à redação do jornal, não publicada devido à “inconveniente linguagem” em que foi escrita, parece bastante sugestivo o posicionamento do jornal: trata-se de um exemplo de como a imprensa, por vezes, também funcionava como um espaço propício para denunciar problemas que envolviam a população em geral. Como já constatado, (e ainda veremos) a família Hauer gozava de uma grande reputação na cidade, mas isso parecia não intimidar o jornal que afirmou que continuaria defendendo a população, apontando os erros cometidos pelos empresários, “sejam estes quaes forem”.

A família Hauer é um exemplo daqueles que prosperaram a partir de suas atividades comerciais e industriais na cidade; entretanto, diversos outros imigrantes de origem germânica também se inseriram no ambiente urbano curitibano seguindo esse caminho. O Boletim

---

<sup>104</sup> *Diário da Tarde*, 29 de setembro de 1904. p.2.

<sup>105</sup> *A República*, 14 de dezembro de 1898. p.2



Informativo da Casa Romário Martins<sup>106</sup> mostrou que, desde 1850, os imigrantes desta origem já eram detentores de grande parte do comércio de Curitiba; o autor do texto citou o exemplo da então denominada Rua Direita<sup>107</sup> que, devido à quantidade de comerciantes de origem germânica, na época, passou a ser conhecida como a Rua dos Alemães. Este mesmo Boletim também se refere a uma publicação de 1909 sobre o comércio em Curitiba que indicou que mais da metade dos comerciantes estabelecidos na Rua Riachuelo eram de origem germânica, seguidos por luso-brasileiros e italianos.<sup>108</sup> Em suma, em 1889, os chamados luso-brasileiros eram proprietários de 59,6% dos estabelecimentos comerciais, enquanto os alemães possuíam 26,9%, formando o segundo maior grupo de detentores de casas comerciais na cidade.<sup>109</sup> Ainda exemplificando, “(...) os alemães predominavam nas bebidas, nas fundições, nos móveis, couros, vestuários; e estão de, de resto, presentes na maioria das atividades fabris.”<sup>110</sup> Na imprensa era comum encontrarmos anúncios de casas comerciais e fábricas, como Hauer & Irmão, Leutner & Meister, a cervejaria Atlântica, a loja Louvre de Bertholdo Hauer, a fábrica de fósforos Eisenbach & Hürlimann, que chegou a possuir 800 funcionários, sendo reconhecida em 1907 como a 11º no *ranking* das maiores firmas manufactureiras no Brasil.<sup>111</sup> Ainda havia a internacionalmente reconhecida fábrica de pianos Essenfelder,<sup>112</sup> a fábrica de móveis e manequins de Emilio Wendel, Mueller Irmãos & Cia, entre outros. Em suma, no que tange a presença dos “alemães” no comércio, Etelvina Trindade constatou que, “os alemães predominam nas bebidas, nas fundições, nos móveis, couro, vestuário; e estão, de resto, presentes na maioria das atividades fabris.”<sup>113</sup>

Em 1907, Alcides Munhoz, declarava que o Paraná, “(...) deve incontestavelmente o seu notável desenvolvimento industrial aos imigrantes alemães.”<sup>114</sup> Mas se tal predominância era para muitos motivos de entusiasmo, para outros era motivo de preocupação. Segundo

---

<sup>106</sup> BOLETIM Informativo Casa Romário Martins. *Cores da Cidade: Riachuelo e Generoso Marques*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 110, mar. 1996. p. 57

<sup>107</sup> Atualmente denominada Rua Treze de Maio.

<sup>108</sup> BOLETIM Informativo Casa Romário Martins. Op.cit, p. 60.

<sup>109</sup> COLATUSO, Denise. E. *Imigrantes alemães na hierarquia de status da sociedade luso-brasileira (Curitiba, 1869 a 1889)*. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

<sup>110</sup> TRINDADE, Etelvina Op.cit, p. 216.

<sup>111</sup> SOUZA, Regina. M. S. de. *Deutsche Schule, A Escola Alemã de Curitiba: um olhar histórico (1884-1917)*. 262 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p.158.

<sup>112</sup> Para mais informações a respeito ver: CARVALHO NETO, João Baptista Penna. *Floriano Essenfelder: a trajetória de um empresário*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1991.

<sup>113</sup> TRINDADE, Etelvina. Op.cit, p.208

<sup>114</sup> MUNHOZ, Alcides. *O Sr. Sylvio Romério e o allemanismo no Sul do Brasil: o Paraná*. Curitiba: Oficinas de Artes Graphics de Adolpho Guimarães, 1907. p.5

Aparecida Vaz da Silva Bahls, a predominância germânica em setores importantes do comércio e da indústria teria despertado, em certos momentos, animosidades com a sociedade majoritária;<sup>115</sup> por vezes os “alemães” eram acusados de promoverem *trust* e monopólios. Nestor Vítor escreveu, entre outras coisas, sobre os supostos trustes no comércio do pão e da carne estabelecidos por imigrantes germânicos.<sup>116</sup>

Colocadas algumas questões sobre a prática associativa, fabris e comerciais, serão abordados agora outros dois elementos significativos para os imigrantes: a igreja e a escola. Cerca de 90% dos imigrantes de origem germânica de Curitiba eram luteranos.<sup>117</sup> A organização dos imigrantes “alemães” luteranos teria se tornado mais coesa a partir de 1886, ano da fundação da Comunidade da Igreja Evangélica Alemã (*Deutsche Evangelische Kirchen Gemeinde*).

Sobre a religião luterana, é importante destacar que elementos como o da leitura e da fala eram fundamentais para a concepção e formação do sujeito; logo, era comum que nos arrabaldes das igrejas luteranas se encontrassem escolas que alfabetizavam e formavam sujeitos com base na educação luterana alemã. Para alguns estudiosos da imigração alemã, como Giralda Seyferth e Sergio Nadalin, essa mesma educação reforçava a ideologia do *Deutschtum* (germanidade) que, entre outros fatores, contribuía para a formação de uma identificação em torno de uma consciência étnica.

Embora em número menor, os germânicos católicos de Curitiba também se organizaram em torno de suas associações, imprensa, escolas e igreja, e dentro da “colônia alemã” fundaram a Comunidade Católica Alemã de Curitiba. Franz Auling, padre enviado da Alemanha, chegou em Curitiba no ano de 1895 com o objetivo de organizar tal comunidade. É possível ter uma ideia de como se deu essa organização, por meio de trechos do diário de Auling que foram traduzidos e publicados no livro “Um Escola Centenária e sua Moldura Histórica”.<sup>118</sup> Consta neste diário que José Hauer (comerciante já apontado), Conrado Hagemeyer e Wenceslau Glaser foram escolhidos como membros da diretoria dessa comunidade e, uma das primeiras medidas implementada foi a fundação da *Katholische Deutsche Volksschule* (Escola Católica Alemã Popular), cujo ensino desde o princípio

---

<sup>115</sup> BAHLS, Aparecida. V. da S. *A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense*. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

<sup>116</sup> SANTOS, Nestor. 1996. Op.cit, p.86. Carlos Antunes também escreveu sobre o tema na sua tese sobre a História da Alimentação no Paraná. SANTOS, Carlos Roberto A. dos. *História da alimentação no Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

<sup>117</sup> *Id. ibid.*

<sup>118</sup> ARNS, João Crisóstomo. *Uma escola centenária e sua moldura histórica*. Curitiba: Linart, 1997.

privilegiava tanto a língua alemã como a portuguesa. Para Sirlei Ranzi, que em sua tese analisou a presença de imigrantes católicos de origem germânica em Curitiba,

para os alemães católicos em Curitiba, a manutenção da língua alemã nas igrejas nem sempre se verificou, pois, a Igreja Católica, ao contrário do que ocorria com a religião luterana, em geral não mantinha a função oficial de preservação do patrimônio e interesse étnico-cultural.<sup>119</sup>

Não obstante, a autora ainda afirmou que “isso não quer dizer que os alemães católicos e seus descendentes não tivessem interesse em identificar-se etnicamente ...”.<sup>120</sup>

A permanência de Franz Auling na cidade foi relativamente breve, pois já em 1903 o mesmo voltou à Alemanha, passando então para os padres franciscanos a missão de coordenar o colégio alemão católico. A passagem de Auling por Curitiba, apesar de relativamente efêmera, foi bastante turbulenta, sobretudo devido ao envolvimento do padre em dezenas de confrontos com a imprensa curitibana.<sup>121</sup> Por outro lado, Auling foi condecorado com a Ordem da Águia Vermelha pelo Governo Imperial alemão, em reconhecimento ao trabalho desenvolvido com imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.<sup>122</sup> Também em relação aos alemães católicos, em 1903 as irmãs da congregação da Divina Providência vieram para Curitiba e assumiram o colégio católico alemão para mulheres.

A educação parecia uma questão de suma importância para a “colônia alemã”, como um todo. Regina de Souza apontou que, “pelo conjunto de escolas alemãs é possível aquilatar a importância que estas representavam para a “colônia alemã”, sendo que para os protestantes, a leitura e compreensão do idioma alemão era a habilitação mínima exigida do fiel (...).”<sup>123</sup> E um dos fatores que preocupava uma parte da elite e da imprensa da época era a insistência dessas escolas alemãs em educarem seus alunos nos moldes germânicos. Era frequente, nos jornais que circulavam pela cidade, acirrados discursos que alertavam para o perigo de se manter estabelecimentos em que a língua e a história alemã eram, supostamente, mais valorizadas do que a nacional. Segundo Etelvina Trindade, “Tanto quanto as polonesas, as escolas alemãs insistem, contra tudo e contra todos, na manutenção de sua língua natal e dos símbolos pátrios – fatores associados à preservação da cultura, tradição e

---

<sup>119</sup> RANZI, Sirlei. M. F. *Alemães Católicos: um estudo comparativo de Famílias em Curitiba (1850-1919)*. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996, p. 12.

<sup>120</sup> RANZI, Sirlei. Op. cit, p. 15

<sup>121</sup> Esses episódios serão retomados no tópico 2.1 dessa dissertação.

<sup>122</sup> *id ibid.* p. 28.

<sup>123</sup> SOUZA, Regina. Op. cit, p. 61.

nacionalidade.”<sup>124</sup> Não obstante, desde 1900, o estado já estabelecia leis que previam a obrigatoriedade da língua portuguesa nas escolas.<sup>125</sup>

Além das escolas católicas, destaco também a Sociedade Escolar Alemã (*Verein Deutsche Schule*), cujo próprio nome sugere, foi fruto das práticas associativas dos germânicos na cidade que a construíram para “(...) estabelecer, transmitir e garantir a continuidade de certos valores atribuídos como inerentes àquela cultura específica, por meio do processo de escolarização.”<sup>126</sup> Esta escola pública foi construída em 1884 e permaneceu com seu funcionamento normal até meados de 1917, ano em que foi alvo dos protestos relacionados à Primeira Guerra Mundial e teve seu funcionamento interrompido.<sup>127</sup>

Assim como a escola católica alemã, esta também foi marcada por uma série de polêmicas; segundo Regina de Souza, em 1891 por ocasião da cerimônia de inauguração da mesma, alguns órgãos da imprensa se posicionaram fortemente contra o local escolhido pela Intendência Municipal para sediar a escola alemã, a Praça 19 de Dezembro. Para os críticos, o espaço (a praça) havia sido prejudicado e “sujo”, pois as praças deveriam seguir os moldes das cidades desenvolvidas e civilizadas, cujo espaço era cercado por chafarizes e jardins sendo que as construções maiores deveriam ser evitadas.

Também fazia parte do cotidiano da “colônia alemã” de Curitiba acompanhar as notícias nacionais e internacionais por meio dos dois maiores jornais editados em alemão que circulavam na época, o *Der Beobachter* e o *Der Kompass*. O primeiro surgiu em 1889, tendo como diretor e redator chefe o austríaco Anton Schneider. Há poucas informações a respeito da vida desse imigrante, mas, por suas ideias era identificado por alguns, como adepto as ideias socialistas,<sup>128</sup> e em uma das publicações da imprensa no ano de 1917, o próprio Schneider assim definiu a linha de seu jornal: “desde 28 annos [quando de sua origem, em 1889] o ‘*Der Beobachter*’ combate pelo ideal socialista e republicano...”<sup>129</sup>. Pouco se sabe a respeito da ligação de Schneider com os socialistas e/ou anarquistas do início do século em Curitiba. No entanto restam alguns indícios. Em sua pesquisa, Ribeiro constatou que em

---

<sup>124</sup> TRINDADE, Etelvina. Op. cit, p. 97.

<sup>125</sup> PARANÁ. Lei nº 365, de 11.04.1900. “Organiza o Sistema Estadual de Ensino. Prevê que particulares podem manter escolas. Estabelece a obrigatoriedade do ensino em língua nacional.” Curitiba: DEAP. p.201. *apud*. OLIVEIRA, Marcio. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. In: *Cadernos CERU, série 2, v. 23, n. 2, 2012, p 175-202.*

<sup>126</sup> SOUZA, Regina. Op. cit, p. 221.

<sup>127</sup> Depois da guerra o estabelecimento retornou com o nome de “Escola Progresso”.

<sup>128</sup> HEISLER, Alfredo. Apontamentos históricos e sobre a imigração alemã do Estado do Paraná. (1829-1929) In. HEISLER, Alfredo. (Org.). *Os alemães nos Estados do Paraná e Santa Catarina*. Curitiba: Oliveiro, 192[9]. (Em comemoração ao 1º Centenário de sua Entrada nesses Estados Sul do Brasil: 1829-1929)

<sup>129</sup> *Diário da Tarde*, 21 de abril de 1917. p.1

1908, Schneider foi um dos candidatos escolhido pelo Partido Operário para concorrer nas eleições daquele ano.<sup>130</sup>

Também é possível afirmar que uma de suas maiores lutas na cidade foi pela defesa de uma sociedade laica; em 1893 apoiou a suspensão do ensino religioso na Sociedade Escolar Alemã (*Verein Deutsche Schule*). O *Der Beobachter* tinha como lema: “Direito e Liberdade para todos”, além de se proclamar “Jornal alemão Independente para o Brasil”.<sup>131</sup> Também foi constatado que Anton Schneider era dono de uma tipografia,<sup>132</sup> onde produziam-se, inclusive, documentos oficiais como o Relatório apresentado pelo “Desembargador Procurador Geral de Justiça do Estado” ao então presidente do Estado, Francisco Xavier da Silva, em 1910.<sup>133</sup>

Foram localizadas algumas intervenções dos editores do *Der Kompass* e do *Der Beobachter* em questões sinuosas do cotidiano envolvendo “alemães” na imprensa em língua portuguesa. Um exemplo bastante simbólico ocorreu com Reinhold Schoenlank (sic). Na matéria “Espancamento de um preso – Bravuras de um alferes”,<sup>134</sup> o *Diário da Tarde*, afirmou que, no dia 14 de abril de 1909, Reinhold foi espancado e preso no posto da Praça Zacarias pelo alferes Palhares, por ter tentado agredir um outro sujeito chamado Miranda Rosa. O alferes confirmou a prisão, mas afirmou não ter espancado Reinhold Schoenlank. Notícias como essa eram corriqueiras no cotidiano da população; porém, o que chamou atenção nesse caso foi à repercussão do mesmo: no dia seguinte, com o título “Espancamento”, o jornal publicou uma carta recebida de Anton Schneider:

O acto brutal do alferes Angelo Palhares – o qual pertence a um corpo que existe para a defeza do publico – ainda terá talvez para o Estado do Paraná um envolvimento diplomatico. O maltratado Reinhold Schoenlank, é filho do deputado socialista Dr. Bruno Schoenlank, com assento no parlamento allemão (Reichstag) e seguramente o caso aqui passado chegará aos ouvidos do mesmo deputado. Trará uma interpegação ou discussão no mencionado parlamento, d'onde depois passará todo esse assumpto para a imprensa em geral, tambem para os orgaos do partido socialista (...) da imprensa allemã passará para a estrangeira, e podem os collegas ficar certos, que os actos aqui commetidos em Coritiba, serão explorados contra o Brazil... Agora ainda uma explicação á respeito de Reinhold Schoenlank: Por uma extravagancia singular, este chegou aqui, para com outros collegas fundar uma colonia de vegetarianos á margem do rio Ivahy, mas como Schoenlank estava fadigado das viagens, voltou para um centro populoso, enquanto os seus collegas procuraram realizar o plano

---

<sup>130</sup> RIBEIRO. op.cit. p.232

<sup>131</sup> “Recht und Freiheit für Alle.” “Unabhängige Deutsche Zeitung für Brasilien.” *Der Beobachter*, 07 de maio de 1902. p.1

<sup>132</sup> *Diário da Tarde*, 5 de agosto de 1907. p.1.

<sup>133</sup> Documento disponível no site:

<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/RelatoriosSecretarios/Ano1909MFN731.pdf>

<sup>134</sup> *Diário da Tarde*, 14 de abril de 1909. p.2

projectado. Chegado em Curitiba, achou logo collocação na pharmacia dos srs. Stellfeld & Irmão, aonde trabalha ha mezes á contento de seu chefe, sr. Edgar Stellfeld. Tem essa por fim de mostrar-vos, como as vezes passos irreflectidos por parte de uma pessoa, podem trazer consequências imprevistas. Anton Schneider.<sup>135</sup>

Se, em um primeiro momento, o *Diário da Tarde* caracterizou o ato como uma “bravura” do alferes, no dia seguinte, talvez por influência da carta de Schneider o elogio não apareceu. Mais grave do que a violência, em si, parece ter sido a hipótese da repercussão do ocorrido e com ela um possível abalo nas relações entre Brasil e Alemanha.<sup>136</sup> O alerta de Schneider adquire maior eloquência se lembrarmos como, neste período, ainda era bastante presente o discurso da necessidade do imigrante, sobretudo europeu, para o “progresso” de Curitiba. A carta também aponta para algo já aqui tratado: uma possível solidariedade entre os pares, já que provavelmente Reinhold Schoenlauk parece não ter tido grandes problemas para sobreviver na cidade: “achou logo collocação na pharmacia dos srs. Stellfeld & Irmão.”

O jornal que contrapunha a vertente seguida por *Der Beobachter* era o *Der Kompass*, que passou a circular em Curitiba no dia 3 de julho de 1902. Editado pelos mesmos padres responsáveis pelo funcionamento do colégio católico alemão da cidade, no seu primeiro número, o jornal informou que seguiria os princípios do cristianismo, o que, provavelmente, não poderia ser muito diferente, visto que entre seus fundadores estavam Franz Auling e Redemptus Kullmann.<sup>137</sup> Na primeira edição, o jornal estabelece uma seção exclusiva para informações locais, na qual os leitores se interagiam a respeito de notícias regionais, sobretudo, econômicas e políticas. Também, desde a primeira edição o *Der Kompass* dedicou uma seção para notícias advindas do exterior, principalmente da Alemanha, o que aproximava os imigrantes estabelecidos em Curitiba dos seus conterrâneos de além mar. O jornal começou com edições semanais, mas em pouco tempo já publicava duas edições por semana. Também chama atenção a circulação do *Der Kompass* no cenário nacional: no dia 27 de setembro de 1904 o jornal publicou uma carta recebida de Manaus, cujo autor expressou toda sua felicidade por ter finalmente encontrado um jornal escrito em sua língua materna.<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> *Diário da Tarde*, 15 de abril de 1909. p.1

<sup>136</sup> Para Thomas Skidmore havia, por parte da imprensa, entre 1889 e 1914 uma preocupação constante com a imagem no país do exterior, relacionada na crença da necessidade de convocar imigrantes para o progresso do país. SKIDMORE, Thomas E. Op. cit. p.192.

<sup>137</sup> NIEMEYER, Ernest. Op. cit, p. 96.

<sup>138</sup> *Der Kompass*, 27 de setembro de 1904. p.2. “Ich danke es einem wunderbaren Geschick, dass ich hier im entlegenen Manaus Ihre Zeitung zu Gesicht bekommen habe. Meine Freude ist um so grösser, weil die Zeitung in unserer Muttersprache geschrieben ist...” (tradução livre)

O jornal, certamente, ainda assumia uma capital importância para seus leitores, na medida em que proporcionava aos mesmos, informações relevantes a respeito, por exemplo, de questões primordiais do cotidiano, como os preços dos produtos alimentícios no mercado, através de tabelas informativas<sup>139</sup> e o resultado de eleições estaduais,<sup>140</sup> o que também pode ser considerado um indício da interação desses sujeitos com as questões políticas locais.

A partir de 1905, na primeira página do *Der Kompass*, passou a ser estampado os estados que recebiam regularmente os exemplares do jornal. Entre estes estavam, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais; também nesse ano assume a redação do jornal o imigrante alemão Emílio Heins.

O jornal, enquanto instrumento representativo da dinâmica do processo de sociabilidade dos imigrantes de origem germânica da cidade, também indica interessantes fatores das mudanças vivenciadas pela “colônia alemã” de Curitiba. Neste sentido, parece bastante simbólico as mutações do próprio vocabulário alemão nas edições do *Kompass*; palavras como “*ponieren*”, “*präparierten*” e “*agitiert*”, por exemplo, inexistentes no dicionário alemão são adaptações dos verbos em português “por”, “preparar” e “agitar” para o formato estrutural dos verbos em alemão. Neste sentido, também a palavra “mandioca” sofreu uma adaptação para o idioma alemão, o jornal se referia a mesma como “*Mandiok*”. Palavras em português como, “calçada”, “chácara”, “vigário”, “piano”, “milho”, também começam a ser inseridas nos textos e matérias sem passarem por tradução o que pode ser um indício da simbiose linguística presente em sociedades compostas por pessoas de origens diversas.<sup>141</sup>

De maneira geral, uma expressiva parcela das pessoas de origem germânica que circulavam por Curitiba, transitavam pelos espaços aqui mencionados: frequentavam as igrejas, as escolas, as associações, e liam os jornais em língua alemã. No entanto, mesmo que compartilhassem de tradições, práticas e costumes, entende-se aqui que os sujeitos de ascendência germânica não eram uniformes. Já foram brevemente apontadas certas diferenças (luteranos, católicos e não-religiosos, por exemplo) entre os membros pertencentes à “colônia alemã” de Curitiba; entretanto, nota-se que, em discursos da imprensa, predominantemente, o grupo aparece de forma coesa e até homogênea. Embora, de fato, tal grupo possuísse

---

<sup>139</sup> *Der Kompass*, 30 de julho de 1902. p.3.

<sup>140</sup> *Der Kompass*, 3 de fevereiro de 1906. p.3.

<sup>141</sup> É possível sugerir como objeto de pesquisa ambos os jornais, *Der Beobachter* o *Der Kompass*, pois, os mesmos seguem ainda praticamente inexplorados nos estudos que abarcam a imigração alemã no Brasil. E, ainda no que se refere à questão linguística e léxica ver: MARTINS, Wilson. Op.cit; WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

características semelhantes, um olhar mais atento para o interior da “colônia” revelou suas contradições internas.

O próximo tópico tratará destas contradições e contrastes inerentes à “colônia alemã” de Curitiba.

### 1.3 A etnia integra? A “colônia alemã” de Curitiba sob outros ângulos

Ainda prevalece uma preponderância em torno da memória dos imigrantes germânicos que os identifica como pessoas trabalhadoras, civilizadas e empreendedoras. Tal memória fora sustentada por diversos trabalhos em tempos distintos; entretanto, há um destaque na década de 50 do século XX, quando uma série de autores que vivenciavam, naquele momento, um surto de crescimento do Paraná, buscavam as raízes do verdadeiro homem “empreendedor paranaense”.<sup>142</sup> Para Werner Aulich, cuja obra foi publicada em 1953,

(...) se hoje a cidade de Curitiba é apelidada de ‘cidade sorriso’ tal se deve em grande parte aos esforços desenvolvidos pelos elementos alemães, não somente com referência ao esmero demonstrado na construção de suas casas, e no traçado dos seus jardins, mas também com respeito ao espírito reinante em seu meio, sempre almejando a conservação de uma sociabilidade jovial...<sup>143</sup>

Ana Maria Burmester, Marion Brepohl e Francisco Moraes Paz, no texto “O Paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50”, afirmaram que, para os dois paranistas citados, o progresso do Paraná fora alcançando graças às ações dos imigrantes europeus e de seus descendentes, sobretudo, o alemão, que provinha de regiões urbanizadas.<sup>144</sup>

Sob a ótica de autores como Wilson Martins, Temístocles Linhares e Werner Aulich tem-se a impressão que, entre esses imigrantes de origem germânica, o que prevaleceu foi uma atmosfera próspera, composta por homens que carregavam consigo a égide do progresso e da civilização. Um ambiente marcado por imigrantes que fundaram a “colônia alemã” de

---

<sup>142</sup> BURMESTER, Ana Maria; BREPOHL, Marion; PAZ, Francisco Moraes. O Paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In. ARMADO, Janaína; DA SILVA, Marcos A. *REPÚBLICA em migalhas: história regional e local*. São Paulo; Brasília (DF): Marco Zero: CNPq, 1990. p. 159

<sup>143</sup> AULICH, Werner. *O Paraná e os alemães*. Estudo caracteriológico sobre os imigrantes germânicos. Curitiba, 1953. p. 74

<sup>144</sup> BURMESTER, Ana Maria; BREPOHL, Marion; PAZ, Francisco Moraes. Op. cit, p. 159



Curitiba, a qual parecia abarcar um conjunto de pessoas que juntos trabalhavam para seu próprio progresso e para o progresso do estado.

*A priori* também, em tais discursos, substancialmente não há espaço para os indivíduos que, por uma série de fatores, se desviaram desse caminho composto tão somente por verdadeiros “empreendedores”, “civilizados” e “vencedores”. É neste sentido que salta aos olhos a gritante generalização que se faz necessária para que esses discursos se sustentem; decorre daí que diferenças marcantes que constituem a história desses sujeitos permanecem escamoteadas sob a égide e a áurea do “*Homo Germanicus*”.<sup>145</sup>

Se, no tópico 1.2, as fontes utilizadas indicavam uma “colônia alemã” generalizada, quase homogênea (essa cujos membros eram empreendedores”, “civilizados” e “vencedores”), a partir de agora, através de um esmiuçamento dos documentos, divergências e confrontos entre esses sujeitos serão contempladas. Sucintamente, também serão apontados alguns indivíduos que não se encaixavam no estereótipo do imigrante “ideal” e, talvez, por terem traçado outra trajetória de vida não eram apontados como membros da “colônia alemã”.

Antes de adentrar neste viés, penso ser necessário um breve esclarecimento. O olhar para a “colônia alemã” de Curitiba direcionado a partir de uma perspectiva que priorizasse alguns fatores internos do grupo não fazia parte dos objetivos iniciais dessa dissertação; entretanto, no decorrer do processo, novos problemas emergiram e, com eles, a necessidade de discorrer acerca de outras questões. Uma delas se refere ao perigo homogeneizante dos discursos hegemônicos e como eles podem contribuir e derivar para certos fins. A quem interessava (para alguns ainda interessa) minimizar ou excluir da história do Paraná a presença de uns, como negros, índios e portugueses, e exaltar e até exagerar a existência de outros? Porque, apesar da “colônia alemã” de Curitiba apresentar uma série de contradições e divergências internas, pouco se fala das mesmas?<sup>146</sup> Infelizmente, quanto à primeira pergunta, este trabalho pouco poderá contribuir; entretanto, mesmo que de forma introdutória, certos imbróglios referentes a tal “colônia” serão aqui contemplados. Tal escolha também veio em decorrência da necessidade de problematizar certas concepções referentes ao campo dos

---

<sup>145</sup> Tal termo apareceu no texto “Formação Étnica do Paraná” de autoria de Faris Antonio S. Michael. Ao utilizá-lo o autor se refere às características ditas valorosas desses imigrantes. *História do Paraná*. Curitiba: Editora Grafipar, 1969. v.3 p.114.

<sup>146</sup> Neste sentido, é importante destacar que Sergio Nadalin e Regina Maria Schimmelpfeng de Souza também discorreram acerca de certos conflitos internos da comunidade luterana de Curitiba. Neste sentido, optei por não abordar novamente tais conflitos e enfatizar outros sujeitos e situações menos explorados pela historiografia.

estudos da imigração, como etnia e identidade étnica, as quais já foram anteriormente discutidas.

Cabe agora, apresentar ao leitor, algumas das características da chamada “colônia alemã” de Curitiba a partir da análise da imprensa periódica em língua alemã e portuguesa.<sup>147</sup>

Por meio da pesquisa inicial realizada no jornal *Der Kompass*, foi possível perceber elementos constituintes de discórdias entre imigrantes “alemães”. Refiro-me aqui aos atritos travados entre os dois maiores jornais em circulação, na cidade, na época, o *Der Beobachter* e *Der Kompass*. Este último, de orientação católica, “denunciava” e criticava as ações do anticlericalismo na cidade e, um dos principais alvos do jornal era Anton Schneider e o jornal que o mesmo editava, *Der Beobachter*. O tom das críticas variava: ora apresentava-se de forma irreverente na seção dedicada a piadas, ora aparecia com um aspecto de seriedade chegando a insultos explícitos. Exemplificando a respeito das críticas irreverentes, já no terceiro número do jornal, do dia 17 de julho de 1902,<sup>148</sup> surge a seção *Passatempo* (*Zeitvertreib*) que trazia diálogos entre dois sujeitos que conversavam sobre questões relacionadas ao cotidiano, sobretudo, teciam longas conversas a respeito do que consideravam como as “grandezas” e as “superioridades”, tanto moral quanto profissional, do *Der Kompass* frente ao *Der Beobachter*. O primeiro diálogo é entre os personagens Müller e Schulze e ocorre em um bar. É lá que, entre uma cerveja e outra, Müller comenta que esteve fora da cidade por 14 dias e pede a Schulze que lhe atualize sobre as últimas novidades de Curitiba. Este último comenta a respeito do *Der Kompass*, o novo jornal alemão que passou a circular. Surpreso, Müller indaga se o *Der Beobachter*, o “noticioso” jornal alemão que circulava a época, já não era suficiente. Ao que Schulze responde afirmando que se tratava de um jornal com outros “princípios”; Müller retruca afirmando que sobre princípios não havia aprendido nada na escola e que também no Brasil pouco havia ouvido falar de algo do gênero. E sabendo ser o seu interlocutor alguém mais estudado e viajado, pede que lhe esclareça melhor sobre tais “princípios”. Müller se põe então a ler em voz baixa (para que outros clientes do bar, entre eles alguns jovens, não precisassem ouvir o que, na sua concepção, fora tão ordinariamente escrito).

Infelizmente, o trecho que Schulze lê para Müller não aparece no diálogo, e o que vem em seguida são as impressões de Schulze acerca do *Der Beobachter*: ele questiona Müller se de fato era realmente isso que o jornal de Anton Schneider havia publicado, tamanho o

---

<sup>147</sup> As fontes em alemão foram traduzidas no corpo principal do texto e os trechos originais foram colocados em notas de rodapé ou entre parênteses no corpo de texto.

<sup>148</sup> *Der Kompass*, 17 de julho de 1902. p.3. Devido a sua extensão o texto original foi alocado no anexo (Anexo 2, p.233-234) da dissertação.

espanto do mesmo com a grosseria do conteúdo. Afirma, de forma contundente, que o *Der Beobachter* queria, na verdade, matar o *Der Kompass* no grito, e que seu editor (Anton Schneider) tinha aptidão para provocar medo. E o diálogo que detratava o *Der Beobachter* só é interrompido quando Schulze lembra da promessa que havia feito a sua mulher de estar em casa às sete da noite para o jantar.

As provocações entre os dois jornais, certamente, eram mutuas, e um ano depois essa mesma coluna do *Der Kompass* continuou a fazer parte de quase todas as edições do jornal. Nos números seguintes surgem outros personagens, mas, os conteúdos dos diálogos continuam basicamente os mesmos. Na edição do dia 14 de agosto 1902, o personagem Kunze informa ao leitor que, em viagens durante oito dias pelo interior do Paraná, percebeu que, por todo lugar por onde passou, ouvia pessoas falarem sobre o *Kompass*.<sup>149</sup> Chamou ainda a atenção a publicação no jornal católico, no dia 30 de outubro de 1902, de uma carta aberta enviada à redação do *Der Beobachter* assinada pelo padre Leon Niebeszezanski. O autor da carta assim escreveu:

O senhor deve se lembrar, que o Senhor deu sua palavra de honra no dia 18 de agosto, que não escreveria mais no seu jornal contra a religião católica e seus padres. No entanto, como continuam soltar a língua de modo grosseiro contra o catolicismo e os padres católicos, solicito ao senhor, que não me envie mais seu jornal, que eu assinei através do senhor Ernst Krisch, Praça Tiradentes, e paguei até o final de dezembro.<sup>150</sup>

Em diversas ocasiões o jornal alemão católico acusou o *Der Beobachter* de promover a “*Lüge*” que, em português significa “mentira” ao se referir às matérias de autoria de Anton Schneider.<sup>151</sup> Este último, embora não sendo adepto de nenhuma religião, era um sujeito bastante ativo no interior da “colônia alemã”. Como já apontado, Schneider foi sócio e, por vezes, diretor de diversas associações germânicas na cidade, além de transitar por diferentes círculos como dos socialistas, liberais e anticlericais. Embora o *Der Beobachter* não tenha

---

<sup>149</sup> *Der Kompass*, 14 de agosto de 1902. p.2 “Ich war acht Tage im Innern unseres Staates. Aber das kann ich Ihnen sagen: überall, wohin man kommt, spricht man vom ‘Kompass’.

<sup>150</sup> *Der Kompass*, 30 de outubro de 1902. p.2 “Sie werden sich erinnern, dass sie mir am 18. August Ihr Ehrenwort gegeben haben, dass Sie in Ihrem Blatte nicht mehr gegen die katholische Religion und ihre Priester schreiben würde. Da sie jedoch trotzdem fortfahren, in ganz gemeiner Weise gegen den Katholizismus und die Katholischen Priester loszuziehen, ersuche ich Sie, mir Ihr Blatt, das ich durch Herrn Ernst Krisch, Praça Tiradentes, abonniert und bis Ende Dezember bezahlt habe, nicht mehr zuzusenden. Abranches, den 25. Okt. 1902”

<sup>151</sup> “Vor einigen Tagen brachte das **Lügenblatt** ‘Beobachter’ die Meldung, die Franziskaner in Lages wollten eine Katholische politische Partei gründen.” (*Der Kompass*, 6/5/1905) [grifo meu]. “Alguns dias atrás o jornal mentiroso “Beobachter” informou a notícia que os franciscanos em Lages queriam fundar um partido político católico.”

sido consultado, pode-se imaginar que o mesmo constantemente respondia aos insultos e provocações do *Der Kompass*.<sup>152</sup>

É possível supor que todo esse atrito explícito refletisse nas relações do cotidiano dos “alemães” que semanalmente se deparavam com as provocações de ambos os jornais. Anton Schneider e o *Der Beobachter* eram vistos pelo *Der Kompass* como o inimigo da religião, sobretudo, da católica. E, embora, a grande parte dos “alemães” de Curitiba fosse cristã, o *Der Beobachter* sobreviveu por 28 anos na cidade, fechando suas portas somente em 1917, ano da morte de seu diretor, Anton Schneider. Coincidentemente, também foi neste ano que o mesmo foi proibido de circular, como ocorreu com o *Der Kompass*, devido às questões relacionadas à Primeira Guerra Mundial, e as quais serão tratadas no terceiro capítulo da dissertação.

Ainda abordando as questões relacionadas aos dois jornais, é bastante significativo um trecho localizado no jornal satírico *O Batates*, publicação presente em alguns dos números da revista *A Bomba*, que circulou por Curitiba no ano de 1913.<sup>153</sup> Com um humor bastante ácido, *O Batates* era uma representação que ironizava desde a linguagem dos imigrantes germânicos, suas práticas e até alguns dos sujeitos e instituições de notória visibilidade na época. Sobre as divergências entre o *Der Kompass* e o *Der Beobachter*, publicou: “Quande a chornal Der Beobactor digue algum coize nom bom da chornal Der Kompass, nois vae fique có o boque calades, agorre, guande a Der Kompass, vae digue um coize ruim da Der Beobactor, entam zim, nois non digue nade tampem.”<sup>154</sup> É bastante visível o tom de ironia que a revista emprega com o tratamento da linguagem alemã; além disso, essa publicação, também parece indicar que os atritos entre os dois maiores jornais germânicos da cidade não eram de conhecimento somente dos membros da “colônia alemã” de Curitiba.

Na introdução dessa dissertação, discorri acerca de questões relacionadas à identidade étnica teuto-brasileira, e chamei a atenção para o fato de não considerá-la um elemento onipresente na vida dos “alemães” e seus descendentes na cidade de Curitiba. Neste sentido, as discórdias entre os dois maiores jornais em língua alemã na cidade, *Der Beobachter* e *Der Kompass*, a meu ver, são indicativos elucidativos da complexidade do cotidiano desses sujeitos e até da sua não integração, considerando que, ambos os jornais teriam leitores

---

<sup>152</sup> Atualmente o acervo da Biblioteca Pública do Paraná disponibiliza ao leitor apenas alguns números do jornal *Der Beobachter*: Escolhi trabalhar com o *Der Kompass* cuja coleção preservada está mais completa.

<sup>153</sup> Sobre as revistas que circularam em Curitiba neste período ver: KAMINSKI, Rosane. Gosto Brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920). In: *Sentimentos na História: linguagens, práticas, emoções*. BREPOHL, Marion; CAPRARO, André M.; GARRAFFONI, Renata S. (orgs). Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

<sup>154</sup> *A Bomba*, 10 de julho de 1913.

assíduos e defensores das opostas concepções nas quais os jornais se sustentavam. É, ainda, provável que as intrigas dos jornais não se limitassem as páginas dos mesmos, e que se estendessem pelas festas, bailes e piqueniques das associações dos alemães, e que percorressem pelas vielas, praças e ruas, atingindo os trabalhadores das fábricas, os frequentadores dos comércios, das padarias, dos cafés, dos botequins, dos cinemas e dos parques. Em suma, ideias e ideais díspares em sua essência poderiam tornar mais complexo o cotidiano destes “alemães” que, por vezes, ao olhar outro “alemão” talvez não o tenha encarado como um compatriota cujo mesmo “sangue” corria nas veias, mas sim, como alguém hostil a suas próprias concepções de vida.

Para deixar ainda mais elucidativo, no que tange à identidade de um grupo, concordo com Eric Hobsbawm: “Eles [imigrantes] tinham, simultaneamente, como ainda tem, várias adesões e lealdades, entre as quais as nacionalidades, e estão simultaneamente interessados em vários aspectos da vida, e qualquer deste pode se tornar mais importante que os outros, dependendo da ocasião.”<sup>155</sup> Ou seja, as identidades as quais os sujeitos aderiam não eram, em absoluto, reciprocamente exclusivas.

Além de escamotear as divergências internas da “colônia alemã”, um determinado discurso hegemônico também, praticamente, não contemplava certos sujeitos que, não se enquadravam no que as autoridades, os intelectuais e governantes esperavam da postura do “bom” imigrante. Desta forma, havia uma parcela significativa desses imigrantes e seus descendentes que, por uma série de fatores, desviaram-se do caminho do “progresso” e acabaram engrossando a numerosa cifra daqueles indivíduos compreendidos na época como anômalos ao modelo modernizante e civilizador que se desejava impor.<sup>156</sup>

Foi constatado, por meio dos jornais, uma série de casos de “alemães” que foram presos na cidade por se enquadrarem em categorias como a de bêbados e desordeiros. Eram situações como essas: “Na rua Ignacio Lustosa existe um moço alemão de cerca de 20 anos de idade. Esse moço tem por habito, quando sahe á rua, dar bofetadas nas creanças que

---

<sup>155</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p.146

<sup>156</sup> Etelvina Trindade, Luiz Carlos Ribeiro, Maria Ignês de Boni, entre tantos outros, recorreram a respeito de mudanças sociais decorrentes do processo de aceleração da urbanização em Curitiba na virada do século XIX para o XX. Entre algumas dessas mudanças destacadas por esses autores, encontram-se as de intensificações do aparelho repressor do estado por meio de práticas de vigilância e punição. Atos como de vadiagem, desordem, mendicância, embriaguês e meretrício eram considerados crimes e como tal previam punições. Para os autores supracitados, a coerção em torno de tais práticas tinha como um dos seus objetivos a normatização do espaço urbano e a busca por uma moralização, controle e cerceamento das classes populares. Vale ainda ressaltar que é muito provável que tais práticas de controle não fossem aplicadas da mesma forma para segmentos distintos da sociedade. Com outras palavras, é possível (e bem provável) que, a vigilância, a punição e repreensão não funcionassem sem distinção de classe, cor, ou posição social - o caso da proibição de certos tipos bailes, o qual será apontado no próximo tópico, servirá como exemplo.

encontra. Ainda hontem deu-se esse facto com uma menina. Chamamos para isso a atenção da policia.”<sup>157</sup>; “Foi hontem recolhido a prisão o allemão Alberto Gosmare (sic), por ter sido encontrado ás 5 horas da tarde embriagado e armado de um facão promovendo desordens.”<sup>158</sup> “Foi hontem presa e recolhida á cadeia publica uma mulher allemã de nome Henriquetta Amalia Duchuene (sic), por estar em completo estado de embriaguez a perturbar o silencio na rua Ignacio Lustosa.”<sup>159</sup> e ainda, “Foi preso hontem e recolhido ao xadrez do posto policial do Batel o allemão Albino Pfoden (sic), por ter espancado brutalmente a sua amasia Emma Stwer.”<sup>160</sup>

A meu ver, a perceptível presença desses sujeitos cujas peculiaridades não se enquadravam a do grupo dos “imigrantes ideais”, contrasta com os sujeitos presentes nos discursos hegemônicos de variadas épocas, que insistem em colocar o imigrante de origem germânica em um patamar de superioridade frente ao restante da população, apontando, de uma forma generalizante, um “allemão” ordeiro, civilizado e moralizado. No contraponto desta ideia, emergem esses “desviantes” da norma, indivíduos bastante distintos daqueles apontados como sendo os pertencentes à “colônia allemã” de Curitiba. Ainda nesse sentido é interessante apontar o caso de Celina que, em setembro de 1895, quis matar seu pai. Narrou *A República* que,

Anteontem a noite, o sr, capitão Chefe de Polícia foi avisado pelo sr. Landes, pastor evangelico, que no Batel, uma moça alemã havia tentado barbaramente contra a vida de seu próprio pai, homem velho e que se achava doente. Imediatamente o Chefe de Polícia acompanhado do médico da Policia dr. Jorge Mayer seguiu para o Batel, (...). Ali chegando, encontrou uma casa de madeira, junto a fabrica de cerveja do snr. Barros Fonseca, o octagenario Leonardo Muller apresentando 12 ferimentos diversos sobre a face e cabeça, produzidos por instrumento cortante; e na sala, junto a uma mesa, sentada, sua filha Celina Muller, com as vestes todas ensanguentadas e cercada por diversos vizinhos que, aos gritos de socorro, acudiram ao lugar do acontecimento e tiveram tempo de salvar ainda a vida do desafortunado pai, que se achava deitado ao soalho e sua filha Celina, sobre ele, em um lago de sangue. Interrogada Celina sobre o fato, declarou que ha tempos anda doente e que nesse dia seu pai a queria matar e por isso ela defendeu-se como pode, estando convencida de que, se assim não o fizesse seu pai a mataria, porque estava muito bravo com ela. Disse ainda que ha muitas noites não tem podido dormir, e sente uma força que a impele muitas vezes para sair da cama, correr, andar com vontade de gritar pelo campo, pelos caminhos e indiferentemente. Das indagações que a respeito fez o sr. capitão Chefe de Policia e o medico, ás pessoas da família de Celina e dos vizinhos, conclue-se que Celina, ha dias, apresenta sintomas de alteração de suas

---

<sup>157</sup> *Diário da Tarde*, 28 de dezembro de 1899. p.2.

<sup>158</sup> *Diário da Tarde*, 16 de janeiro de 1900. p.2.

<sup>159</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1904. p.2.

<sup>160</sup> *Diário da Tarde*, 19 de julho de 1906. p.2.

faculdades mentais. Celina tem 22 anos de idade, e dizem todos que a conhecem, que foi sempre de irrepreensível procedimento e que ultimamente sendo desviada do caminho da honra com promessas de casamento que lhe fizeram, daí vem os motivos de alteração de suas faculdades mentais, e a infeliz moça nos apresentou anteontem, a triste cena que acabamos de descrever. Os ferimentos apresentados por seu desafortunado pai foram julgados leves, e a autoridade policial prosegue nas demais diligências que o caso exige.<sup>161</sup>

Muito embora *A República* seja considerada por alguns autores como menos irreverente e sensacionalista do que, por exemplo, o *Diário da Tarde*, nesta matéria é perceptível a dramatização em torno dos acontecimentos. Ora, a presença de “um lago de sangue”, descrito na matéria, não parece muito coerente com a conclusão de que os ferimentos foram “julgados leves”. Na versão de Celina sua atitude foi em legítima defesa, embora tenha admitido que andasse doente com vontade de sair gritando e correndo pelo campo. Para outros, sua alteração mental foi fruto do desvio de sua honra e de promessa de casamento, assinalando um forte indício das questões morais em torno da mulher na sociedade.

Etelvina Trindade constatou em Curitiba a abundância de casos de suicídios envolvendo mulheres de diferentes estratos sociais;<sup>162</sup> para a autora, parte das ocorrências desses casos de suicídios eram implicações das mudanças sociais acarretadas do processo de urbanização e modernização da cidade. Entre imigrantes de origem germânica também foram localizados, nesse mesmo período, uma série de mortes provocadas por suicídios indicando, a meu ver, a complexidade das experiências vivenciadas também por imigrantes de tal nacionalidade. Exemplifico então com dois casos:

Hontem, as 3 ½ da tarde, suicidou-se no quintal da casa onde residia, a rua da Graciosa, o Sr. Augusto Fernando Tabley, de origem alemã. Esperando que sua mulher e duas filhas moças fossem lavar roupas a margem do rio Belem, Tabley levou a effeito o plano sinistro, que de há muito tinha concebido. Em caza ficara somente sua sogra, uma velha allemã encarquilhada e tremula, que é quasi com uma sombra, tão alheia vive a tudo que a cerca, de olhares azues ennevoados, e que passa o dia todo, de coifa branca a cabeça, entretida á um canto a tear meias. Aproveitando-se da occasião, Fernando Tabley pegou d’uma bomba de dynamite e foi entre o milharal secco, consummar a sua negra idea. Accendendo a bomba com phosphoros que tirára do bolso, ficou parado perto da cerca a

---

<sup>161</sup> *A República*, 6 de setembro de 1895. p.2. Em suas fichas de família, Sergio Nadalin constatou que Leonard Müller teve três filhos: Gottlieb, Luise Caroline e Seline Marie, nascida em 24 de fevereiro de 1872, em Joinville.

<sup>162</sup> Nicolau Sevcenko também constatou abundantes casos de suicídios no Rio de Janeiro no período da Primeira República. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p.63.

espera que Ella detonasse. Poucos segundos depois as pessoas que transitavam pela rua da Graciosa, Itararé e Barão de Antonina, ouviram um formidável estampido, semelhante á uma descarga de artilharia, que echoava pelos ares, sacudindo e quebrando vidraças vizinhas. Invadida a casa pelos populares, foi encontrado por elles o corpo horivelmente esphacelado de Tabley. A velhinha tecedora, vagarosamente se erguera e, limpando os óculos escuros, foi muito curiosa ao quintal ver o que era aquillo e que povo era esse que invadia a casa, sem que a idea dessa scena tremenda lhe passasse pela imaginação cansada. E foi grande a emoção dessa creatura, que tranquilamente vejetava á um canto, ao ver entre a cerco e o milharal o seu genro com o coração, o fígado e todos os organs em pedaços as visceras expostas. Pelas folhas seccas do milharal viam-se pedaços de coração, sangue etc. (...). Ultimamente entregara-se inteiramente ao álcool e relaxara-se a tal ponto que tinha abandonado seu officio de ferreiro. Suppoe-se que o delírio alcoólico, que lhe fizera sentir um tédio profundo pela vida, fosse a origem do seu suicídio.<sup>163</sup>

E, em janeiro de 1910, Augusto Pabstein tentou se suicidar atirando próximo ao seu pulmão. O *Diário da Tarde* registrou o auto de perguntas realizado pelos agentes de polícia com o suicida e, a partir dessas informações, é possível saber que Augusto Pabstein era solteiro, tinha 60 anos de idade, sabia ler e escrever e era natural da Alemanha. Em seu depoimento, Pabstein revelou que lhe faltava recursos para o seu sustento, embora exercesse a profissão de guarda-livros; também afirmou que as pessoas que com ele dividam moradia ameaçaram interná-lo no hospício, pois, diziam que Pabstein era louco. Preferindo a morte, o suicida comprou um revólver e atentou contra sua vida. No depoimento ainda revelou “(...) que praticou esse acto, aborrecido da vida.”; para o médico Pabstein disse, “Eu preferia morrer. Desejava ir para o cemiterio em vez de ir para o hospital.”<sup>164</sup>

A intenção aqui em mostrar todos esses casos, Celina e seu pai, o suicídio de Fernando Tabley, a malfadada tentativa de suicídio de Augusto Pabstein e ainda os casos de prisão por desordem e embriaguez, foi a de apontar outras facetas da “colônia allemã” de Curitiba, muito embora tais pessoas nunca fossem identificadas pela imprensa como membros da mesma “colônia”, sendo denominadas apenas de “allemão”, ou “allemã”. É possível que essa constatação não seja apenas fruto do acaso. Talvez fosse mais interessante para os entusiastas da imigração que apenas pessoas germânicas de certas famílias com *status* como Hauer, Wieland, Essenfelder, Stellfeld, e Heisler, fossem publicamente identificadas como pertencentes à “colônia allemã” de Curitiba.

---

<sup>163</sup> *Diário da Tarde*, 25 de março de 1902. p. 1.

<sup>164</sup> *Diário da Tarde*, 21 de janeiro de 1910. p.1.



Ainda, outra questão fundamental ao apontar tais exemplos “desviantes” decorreu da necessidade de repensar os percalços inerentes ao cotidiano no qual esses imigrantes estavam inseridos. Como vimos no tópico 1.2, havia um imenso número de associações e clubes alemães que ofereciam aos seus sócios uma série de benefícios e assistências; entretanto, tais instituições exigiam uma determinada parcela mensal, o que, certamente, inibia a presença de algumas pessoas que não pudessem arcar com tais despesas. Talvez Augusto Pabstein, o qual afirmou que não tinha sustento suficiente para sobreviver, seja um exemplo nesse caso.

Os discursos que propõem a homogeneização da “colônia alemã” de Curitiba dão margem e sustentação para certas ideais como a de uma suposta superioridade moral dos imigrantes de origem germânica frente a pessoas de outras origens. Da mesma forma, ainda amparam a ideia de uma “colônia” unida e harmônica, cujas diferenças, como de classe e religião, eram suplantadas em torno de uma identidade teuto-brasileira e, finalmente, acarretam em outras consequências, como, o próprio escamoteamento de sujeitos que não se enquadravam no estereótipo do bom imigrante.

Ainda sobre estes pontos cabe, então, o seguinte questionamento: quais as práticas e que sujeitos eram reconhecidos pela imprensa curitibana como pertencentes a “colônia alemã” da cidade? Esta indagação servirá como um dos fios condutores para o próximo e último tópico deste capítulo.

#### 1.4 A “colônia alemã” a partir das páginas dos jornais

Anteriormente foi abordado a respeito das concepções teóricas que envolvem o conceito de identidade étnica enquanto instrumento de análise, e enfatizei a necessidade de historicizar seu uso, a fim de evitar construções que possam desencadear em generalizações e/ou possíveis concepções naturalizadas, ou seja, em análises que desconsideram o caráter dinâmico próprio da história, assim como as peculiaridades de um determinado contexto.

Parte-se aqui do ponto de vista de que a identidade teuto-brasileira não foi algo presente a todo sujeito que possuísse ascendência germânica, e que foram as experiências inerentes ao processo de sociabilidade que proporcionam, ou não, uma coesão maior em torno de um sentimento de pertença a um grupo. Logo, procura-se aqui fazer o uso do conceito de identidade étnica teuto-brasileira, como um instrumento teórico que necessita ser inserido no campo dos fenômenos históricos, e como tal, visto dentro de um determinado contexto. Ainda, reitero que a identidade étnica, enquanto uma construção e instrumento de coerção de

um grupo, cuja aparição e solidificação dependeu de uma gama de fatores, não esteve *pari passu* presente ao longo de todas as práticas das pessoas que comungavam de uma origem germânica em comum; todavia parece-me que há indícios de que tal identidade, por vezes para alguns, se fez presente e foi sustentada tanto por certas práticas internas do grupo, quanto por elementos externos. Além disso, em determinadas circunstâncias certos acontecimentos podem ter exigido de alguns imigrantes e/ou descendentes de alemães movimentos em torno de certas articulações. Neste sentido, quais tipos de experiências vivenciadas por parte do grupo poderiam ter contribuído para a emergência de um sentimento de pertença a uma origem etno-cultural comum? Essa é uma das questões que perpassam este tópico. Também se buscará atentar, aqui, para alguns tipos de práticas reconhecidas pela imprensa como práticas da “colônia alemã” da cidade.

É possível que, para alguns imigrantes de origem germânica e seus descendentes, certas datas comemorativas tivessem um valor especial, e entre algumas celebrações da “colônia alemã” de Curitiba, o aniversário do imperador Guilherme II era um dos momentos que mais se destacava nas páginas da imprensa.<sup>165</sup> Talvez isto se desse, também, em decorrência da grande mobilização envolvendo diferentes segmentos da sociedade.

Nos dias 27 do mês de janeiro, data do aniversário do *Kaiser* alemão, os jornais, *A República* e, especialmente, o *Diário da Tarde*, além de, quase sempre, proferirem uma gama de elogios ao governante alemão, mencionavam a programação dos eventos no dia: a igreja evangélica celebrava o “culto divino em honra a sua magestade o imperador da Alemanha.”<sup>166</sup> Mas, também, na igreja católica celebrava-se uma missa especial; em 1906, por exemplo, ela aconteceu na Catedral de Curitiba.<sup>167</sup> Compareciam no consulado alemão, para a recepção oficial, os alunos dos colégios alemães da cidade e representantes políticos regionais; em 1902, por exemplo, Francisco Xavier da Silva, presidente do estado, Roberto Ferreira, comandante do distrito militar e Carvalho Chaves, secretário das finanças foram saudar o cônsul alemão Emilio Baerecke por esse “prestigiado” dia.<sup>168</sup> Também fazia parte da solenidade, os bailes que, geralmente, ocorriam no salão Hauer; “Como soe acontecer nas

---

<sup>165</sup> Norbert Elias, ao discorrer sobre o reinado de Guilherme II, destacou a importância e a pompa dos festejos promovidos pela realeza. Nas palavras de Elias, “O rigor cerimonial, o caráter ritual de ocasiões festivas – um baile, a visita de um governante à ópera, o casamento de um príncipe – dificilmente eram menos pomposos do que na corte francesa de duzentos anos antes.” ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder na evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.65. Também, segundo Elias, o aniversário de Guilherme II se caracterizou com um dos momentos de maior importância no II *Reich*, sendo elevado a feriado nacional. ELIAS, Norbert. op. cit, p.80.

<sup>166</sup> *Diário da Tarde*, 27 de janeiro de 1900. p.2.

<sup>167</sup> *Diário da Tarde*, 27 de janeiro de 1906. p.2.

<sup>168</sup> *Diário da Tarde*, 27 de janeiro de 1902. p.2.

festas promovidas pela colônia alemã, a concorrência foi enorme, achando-se repletos de damas e cavalheiros os camarotes e todas as dependências do vasto salão.”<sup>169</sup> Neste mesmo dia, ainda ocorreram apresentações teatrais (denominadas, então, como quadros vivos) como “*Barbarossa*”, e musicais, com obras de Wagner, ambos símbolos pertencentes à tradição germânica. Em 1907, ao comentar sobre essa data o *Diário da Tarde*, destacou que “em todos os lugares onde houver um núcleo de filhos da Germania estará a alegria pelo natalício real.”<sup>170</sup>

Se não todos, ao menos uma parcela desses indivíduos pareciam, de certa forma, envolvidos com o aniversário de Guilherme II.<sup>171</sup> Para a “grande imprensa”, aparentemente, parecia perfeitamente normal que os “filhos da Germania” espalhados pelos territórios comemorassem o aniversário de um representante de Estado que não o brasileiro. Ou seja, havia um reconhecimento e consentimento, tanto interno quanto externo ao grupo.

Neste sentido, é possível que o aparato teórico de Barth, em especial o conceito de “fronteira étnica” proporcione alguns elementos para a análise. Trata-se aqui de um momento no qual as singularidades e antagonismos estão em evidência. Embora o evento contasse com a presença de alguns “nacionais”, era primordialmente um momento da “colônia alemã” da cidade. Cabia aos que eram reconhecidos como os representantes do imperador alemão organizarem e comemoraram a data. É nítida a demarcação de limites sustentada por antagonismos culturais e com eles a provável consolidação de uma “fronteira étnica”. Ou seja, trata-se aqui da percepção da diferença no outro, – quem não era de origem alemã, – e a consonância entre seus pares, que neste momento estavam unidos para celebrarem o aniversário de um dos seus maiores expoentes.

Mas outros momentos também foram denominados pela “grande imprensa” como eventos em que a “colônia alemã” de Curitiba estava reunida. Vejamos alguns exemplos a seguir.

A presença de autoridades oficiais vindas do império alemão também podem ser um indicativo do esforço e mobilização por parte da “colônia” para receber seus pares:

---

<sup>169</sup> *Diário da Tarde*, 27 de janeiro de 1905. p.2.

<sup>170</sup> *Diário da Tarde*, 27 de janeiro de 1902. p.2.

<sup>171</sup> Vale ressaltar que, comemorar datas relativas ao seu país não era uma prática exclusiva de imigrantes de origem germânica em Curitiba; poloneses, italianos, portugueses, entre outros, também promoviam suas festas. Logo, tais práticas que acabavam alimentando raízes, talvez fosse algo inerente ao próprio processo migratório. Entretanto, é imprescindível assinalar que tais grupos étnicos por possuírem particularidades, provenientes de sua história, tradições e costumes, possivelmente encarassem de formas distintas a vivência enquanto imigrantes.

Realizou anteontem, às 8 horas da noite, nos vastos salões da sociedade Saengerbund, o suntuoso banquete oferecido pela *colônia allemã* ao exmo.sr.dr. Krauel, ministro plenipotenciário da Alemanha junto ao governo do Brasil. Ocupava a cabeceira da mesa principal o exmo. sr. Ministro da Alemanha, tendo a sua direita o exmo. sr. general Santos Dias, comandante do distrito militar e o capitão Benedicto Carão, chefe de polícia, e a esquerda a exma. esposa do sr. Jorge de Drusina e este cidadão, consul da Alemanha neste Estado. Aproximadamente 200 pessoas tomaram parte nessa alta homenagem ao ilustre representante do governo de S.M. Guilherme II da Alemanha. O serviço foi profuso e abundante e magnífico, reinando durante todo o banquete a maior animação e cordialidade. O primeiro brinde foi levantado ao Rei Guilherme, imperador da Alemanha, pelo sr. Consul allemão, seguindo-se tres erguidos pelos srs. Ministro, general Santos Dias, capitão chefe de polícia, Pastor protestante Schultz, Micoliski, Jorge Berkenfeld, Edgar Stellfeld, Antonio Schneider, Bertholdo Adam, terminando o banquete pelo brinde de honra ao Presidente da Republica do Brasil, dr. Prudente de Moraes, feito pelo sr. Roberto Strobel, presidente da sociedade Saengerbund. Findo o banquete teve o começo um grande baile, que se prolongou animadamente até as 4 horas da manhã. Foi essa uma festa digna do distinto diplomata e da *laboriosa colônia allemã*, pois a poucas temos assistido mais grandiosas e mais cordiais.<sup>172</sup>

Como já afirmado anteriormente, a imprensa destacava e exaltava certos acontecimentos promovidos pela “colônia allemã”, como esse de organizar luxuosos banquetes, os quais, geralmente, contavam com a presença de autoridades reconhecidas na capital. Aparentemente, práticas como essa pareciam agradar parte da opinião pública; não por acaso, a palavra “laboriosa” fora utilizada, em tal momento, para caracterizar a “colônia”. Do ponto de vista dos organizadores do evento, parece-me que em ocasiões como essas, além dos convidados partilharem de um “suntuoso” banquete, também compartilhavam de uma atmosfera em que elementos concernentes a variados aspectos políticos e culturais da Alemanha eram evocados; afinal, no caso desse banquete, era um representante direto do seu *Kaiser* que estava presente.

Mas não eram apenas as visitas das autoridades e as comemorações do aniversário do imperador que agitavam o cotidiano de parte da população da capital, em especial da “colônia allemã”; as passagens das Companhias itinerantes de teatro e operetas alemãs também, de certa forma, mexeram com o restrito público que as prestigiou.

Em junho de 1909, o *Diário da Tarde* anunciava que o espetáculo “*Die Dollarprinzessin*” (A Princesa do Dollar), estava em cartaz no “Theatro Guayra”, e seria encenado pela companhia de operetas de August Papke.<sup>173</sup> Segundo esse mesmo jornal, era a primeira vez que uma companhia alemã se apresentava em Curitiba, o que promoveu uma

---

<sup>172</sup> *A República*, 19 de setembro de 1895. p.2 (grifo meu)

<sup>173</sup> Por meio do documento “*Almanach do Paiz*”, foi constatado que esta opereta também se apresentou no Rio de Janeiro em 1910. O documento está disponível no site: <http://www.brasiliana.usp.br/>

grande expectativa no público em geral e, em especial, aos que falavam o alemão. A imprensa anunciava os valores dos ingressos: Camarotes 300\$000, Cadeiras 60\$000 e Galerias nobres 30\$000.<sup>174</sup> A título de comparação, um exemplar avulso do jornal *A República* custava, na mesma época, \$100; logo se vê que as entradas não eram muito acessíveis.<sup>175</sup>

Depois da primeira apresentação da *troupe*, *A República* fez o seguinte comentário: “E confessamos aqui, (...), não foi sem uma certa apprehensão que comparecemos ao *Guayra* para a audição de uma opereta em língua tão estranha ao nosso entendimento.”<sup>176</sup> Este mesmo jornal curitibano abriu uma seção especial em seu caderno para o público germânico, cujo conteúdo traduzia para o alemão os comentários a respeito das apresentações da companhia. Já no *Diário da Tarde*, alguém que assinava como “P” comentou que o evento havia sido um sucesso, destacando a boa performance de alguns atores e atrizes; mas o público também chamou a atenção deste comentarista, que afirmou:

De sorte que o velho theatro Guayra se revestio de galas para acolher a arte dessa raça vigorosa, que, ha mais de meio seculo, nos vem dando o exemplo da honra e do trabalho, collaborando comnosco na obra do aperfeiçoamento material e social desta parte do planeta. Enchia-o uma multidão de cabeças loiras entre as quaes se confundiam os teutos e os teuto-brasileiros, destacando-se aqui e ali o typo nacional, a affirmar no culto á arte como já affirmara no culto ao trabalho, a solidariedade germanico-latina, nesta região abençoada onde o geosinclinal que separava as duas raças vae desaparecendo, de modo a ir desaparecendo esse sulco profundo que as distanciava.<sup>177</sup>

Com um tom em extrema consonância com o dos discursos hegemônicos anteriormente vistos (1.1), “P” atribuiu uma série de qualidades que, como muitos acreditavam, eram inerentes à raça alemã, cujos detentores trabalhavam em benefício do progresso. Entretanto, ainda neste discurso, além do entusiasmo com a raça germânica, o que também parecia estar em voga, era a celebração de uma suposta integração entre brasileiros e “alemães”. Com outras palavras, para este autor, a presença de nacionais na platéia de um espetáculo encenado em alemão era um indicativo positivo da “simbiose” dos contatos, que agora aproximava as raças, “originalmente tão distantes”. Termina seu texto convocando o

---

<sup>174</sup> *A República*, 12 de junho de 1909. p.2

<sup>175</sup> Clóvis Gruner utilizou em sua tese alguns preços que servem de base para comparações. Segundo Clóvis, neste mesmo período, o salário de um soldado do Regimento de Segurança era de 152\$000, e um ingresso para as seções de cinematógrafo custava, aproximadamente, 10\$000. GRUNER, Clóvis. *Op.cit.* p.132

<sup>176</sup> *A República*, 30 de junho de 1909. p.2

<sup>177</sup> *Diário da Tarde*, 30 de junho de 1909. p.1

público, pois, “mesmo os que não entendem o allemão vale a pena ir ao theatro para ouvir a magnifica orchestra e a parte musical das operetas...”<sup>178</sup>

No dia seguinte a peça, *Lustige Witwe* (A Viúva Alegre), de Johann Strauss, foi encenada para o público. Novamente, o jornal publicou uma elogiosa matéria sobre apresentação da Companhia alemã; inclusive, descrevendo com detalhes os momentos que mais se destacaram. Para o autor da matéria (desta vez não havia assinatura), “Até no palco o allemão é disciplinado.”<sup>179</sup>

Mas, na medida em que os dias e as apresentações passavam, é possível que o estranhamento com a língua alemã tenha gradativamente aumentado, tornando-se, inclusive, constrangedora. *A República* comentou a situação:

Uma grande parte do publico nacional extranha que a outra parte para a qual a língua allemã é um mysterio freqüente o Guayra e se enthusiasme com o desempenho da *Companhia Allemã de Operetas*. Até certo ponto realmente mesmo pretencioso, senão de máo gosto, pousar a gente n’uma cadeira de theatro, tres horas a fio, para ouvir representar n’uma linguagem da qual não percebe patavinas... Até certo ponto realmente, somos ridículos aos que gosam as subtilezas dos dialogos, (...), graças a um resumo apenas comprehendemos do que assistimos, as grandes linhas geraes da composição artistica, exclusive a musica, que é a justificativa onde nos apegamos, e que nos salva afinal de contas, de uma singular posição.<sup>180</sup>

Logo em seguida, o jornal publicou essa mesma matéria em alemão. A língua alemã, por mais exógena que parecesse, não era uma novidade no cotidiano da cidade. Ora, centenas de pessoas faziam seu uso tanto no âmbito privado quanto no público; no entanto, as situações provocadas pelas apresentações teatrais diferiam dessas do cotidiano; afinal, conforme o jornalista, tratava-se de “pousar a gente n’uma cadeira de theatro, tres horas a fio, para ouvir representar n’uma linguagem da qual não percebe patavinas.”; ou seja, se no dia-a-dia talvez existisse um certo estranhamento com tal língua, ali nas apresentações a situação estava potencializada.

Este mesmo desconforto, relativo incompreensão da língua, foi tema da revista de humor citadina *O Olho da Rua*.<sup>181</sup> Poucos dias antes do primeiro espetáculo da Companhia, a revista publicou o texto “DICCIONARIO ALLEMÃO”, e com as seguintes palavras justificou o propósito do mesmo: “Como a moda agora é fallar allemão iniciamos hoje afim

---

<sup>178</sup> *Diário da Tarde*, 30 de junho de 1909. p.1

<sup>179</sup> *Diário da Tarde*, 1 de julho de 1909. p.1

<sup>180</sup> *A República*, 12 de julho de 1909. p.1.

<sup>181</sup> A respeito desta Revista ver: QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. *Olho da Rua: humor visual em Curitiba (1907-1911)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. p.43

de auxiliar os que pretenderem conhecer phrases genuinas da patria do imperador Guilherme um dicionario da lingua allemã que offerecemos aos *habitués* do Guayra”<sup>182</sup> As palavras e expressões (seguidas de suas traduções) que compunham tal dicionário referiam-se as situações e expectativas do público em relação as apresentações: “Gostei de ver – *Das sehe ich gerne*; Um camarote – *Eine Loge*; Muito bem – *Sehr gut*; Aquella é bonita – *Diese ist schön*; Uma cadeira – *Ein Stuhl*...”. Fazendo jus ao caráter humorístico, a revista traduziu “Uma cerveja” como “*Ein Stelfeld*”, aludindo ao conhecido dono da “Pharmacia Allemã” de Curitiba.

A passagem do grupo pela cidade recebeu especial destaque na mesma Revista. Segue abaixo uma das imagens publicadas no *O Olho da Rua*<sup>183</sup>:



FIGURA 1 - Charge REVISTA O OLHO DA RUA

“Em marcha para o Guayra” (“*Im marsch nach Guayra*”), segue uma família cujas peças do vestuário indicam pertencer, ou querer pertencer, à elite curitibana. Os trajes são apenas um dos indícios da tentativa de se adaptar a um padrão de comportamento idealizado dentro dos moldes civilizatórios, dos quais o próprio ato de comparecer a uma apresentação teatral era igualmente simbólico.

O tamanho do dicionário remete ao tamanho do desconhecimento e assombro que a língua alemã causava. Tal assombro também é percebido pelas expressões dos dois meninos,

<sup>182</sup> REVISTA *O Olho da Rua*, nº56, 24 de julho de 1909.

<sup>183</sup> REVISTA *O Olho da Rua*, nº55, 3 de julho de 1909.

que parecem transmitir um certo receio em ter que assistir a peça alemã. Os adultos vão à frente, as mulheres, de nariz empinado, parecem estar imersas na atmosfera de civilidade que a ocasião sugeria. O receio dos meninos também está expresso em suas posições na imagem, enquanto o mais velho vai bem atrás carregando o dicionário, o outro menino não acompanhando os passos do adulto, parece indicar que precisava ser puxado pela mão. Tudo se passa como se o espetáculo – aqui, tanto teatral quanto da civilidade – fosse mais bem aceito por adultos, os quais, aparentemente, pareciam mais dispostos a ir ao “Guayra”, assistir a “raça vigorosa”, por “tres horas a fio, para ouvir representar n’uma linguagem da qual não percebe patavinas”.

Segundo a autora Marilda Queluz, o pseudônimo de “Heronio”, autor desta charge, era utilizado por Mário de Barros que, por vezes, também assinava seus trabalhos com o pseudônimo de “Sá Christão”. Para esta autora, Mário de Barros, destacou-se no meio artístico da época como um dos caricaturistas mais importantes. “A sagacidade de suas charges políticas e seu sarcasmo anticlerical saltam à vista.”<sup>184</sup>

Em 14 de julho, o *Diário da Tarde* se mostrou descontente com uma das últimas peças apresentadas pela companhia alemã; atribuiu tal descontentamento à falta de originalidade na apresentação. Em seguida descreveu uma das cenas da “fastidiosa” encenação:

o carcereiro, alcoolista chronico só por si fatiga o espectador com a sua longa scena de *pau d’agua* incorrigível. Como se não bastasse, vem depois o director da penitenciaria, Frank (Hanno) que por sua vez desenvolve uma longa serie de peripecias vulgares dos ébrios de champagne. (...) Ora todo esse trabalho nem é original nem fino.<sup>185</sup>

Parece que as cenas envolvendo o excesso de álcool não agradaram parte dos espectadores. É provável que a falta de “fineza”, provocada pelo excesso de bebida, ferisse moralmente os brios de uma sociedade que, ao menos no âmbito dos discursos hegemônicos, primava por valores como, disciplina e morigeração. Ainda no dia desta apresentação, na plateia encontravam-se alguns membros da “destacada” família Hauer, Bertholdo Hauer<sup>186</sup> e

---

<sup>184</sup> QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Op.cit. p.43

<sup>185</sup> *Diário da Tarde*, 14 de julho de 1909. p.1

<sup>186</sup> O referido Hauer, pouco tempo depois, inaugurou o “Louvre Curitybano”, cujo anúncio nos jornais informava que o local era o “Estabelecimento preferido pela elite curitybana”. O uso da palavra “Louvre” pode indicar o desejo do proprietário em atrair uma clientela sedenta por consumir signos referentes à cultura francesa. *Diário da Tarde*, 2 de fevereiro de 1910. p.3



sua esposa, os quais, durante o intervalo, presentearam uma das principais atrizes da companhia, Charlotte Frank, com “varios mimos e muitas flores...”<sup>187</sup>

Entre as operetas apresentadas pela companhia estavam obras de artistas já consagrados na Alemanha, como Johann Strauss, Leo Fall e Edmund Eysler. E foi possível constatar outros indícios da marcante passagem da companhia de operetas de August Papke por Curitiba. A imagem abaixo é um exemplar de um cartão-postal que sobreviveu à passagem do tempo.<sup>188</sup> No centro da imagem percebe-se o diretor da companhia, August Papke, cercado por seus atores, seis mulheres e onze homens:



FIGURA 2 - Cartão Postal Deutsch Operettengesellschaft Aug. Papke

Ainda no que se refere à passagem de companhias de teatro por Curitiba, vale discorrer a respeito da “*Deutsches Theater für Südamerika*” (Teatro Alemão para a América do Sul), de propriedade de Gustav Bluhm e Philipp Lesing. Já pelo título tal companhia

<sup>187</sup> *Diário da Tarde*, 14 de julho de 1909. p.1.

<sup>188</sup> Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

chama a atenção: é possível que suas apresentações fossem direcionadas para o público imigrante alemão que se encontra na América do Sul; no entanto, os jornais não oferecem informações mais detalhadas a respeito. A primeira apresentação em Curitiba, com a peça *Johannisfeuer* (Fogueira de São João) de Hermann Sudermann, ocorreu no dia 17 de agosto de 1912 no Theatro Hauer.<sup>189</sup> No dia 22, depois da peça *Jugendfreunde* (Amigos da mocidade) do artista Ludwig Fulda, novamente, alguém que assinava como “P”, escreveu suas impressões sobre este espetáculo. Disse que, devido à grande procura, o Theatro Hauer, desta vez o escolhido para as apresentações, lotou; sobre a peça, o comentarista fez uma longa descrição, apontando os atores e as cenas que mais lhe chamaram a atenção. Ainda afirmou que, embora a apresentação não correspondesse ao formato do que compreendia como teatro moderno, pois, entre outras coisas, apresentava cenas demasiadamente longas, a mesma conseguiu arrancar grandes gargalhadas do público.<sup>190</sup>

No dia 26 de agosto, o *Diário da Tarde*, – dessa vez, sem assinatura do “P” –, publicou outros comentários acerca da encenação da peça “*Die Goldene*” (O dourado). Esta, inspirada em contos medievais, foi mais uma apresentação de comédia da companhia; sobre o público que prestigiou o espetáculo, o *Diário* afirmou que:

Os teutos gosando dos bons espectaculos da troupe do theatro Hauer, estão ao mesmo tempo dando um attestado de sua cultura e concorrendo para o bom nome da nossa terra. Pois, é de presumir que esses artistas, que correm mundo, irão dizer que em Coritiba existe um vasto núcleo de população teuta, que é o protesto vivo de quanto se possa dizer das más condições dos estrangeiros entre nós.<sup>191</sup>

Para o autor do trecho acima citado, os “teutos” da cidade, apresentavam um diferencial: eram os “bons” imigrantes de Curitiba, pessoas de “cultura” que contrastavam com as notícias que circulavam pela imprensa nacional, as quais anunciavam o imigrante de vida sofrida. Embora o autor do texto tenha generalizado, é importante ressaltar que, os imigrantes e seus descendentes que frequentavam o teatro representavam apenas uma pequena parcela destes sujeitos na cidade.

Para um grande número de imigrantes, oriundos de variadas origens, a vida no Brasil era carregada de desafios e dificuldades, decorrentes, em grande parte, das péssimas

---

<sup>189</sup> Os comentários sobre essa primeira apresentação estão ilegíveis no *Diário da Tarde*. O jornal alemão *Der Kompass* estampou nas suas seções de anúncio a programação completa da temporada de espetáculos dessa companhia nas edições do dia 17, 21, 24, 28 e 31 de agosto de 1912. Assim como o *Diário da Tarde*, também fazia breves apresentações do conteúdo das peças teatrais.

<sup>190</sup> *Diário da Tarde*, 23 de agosto de 1912. p.1

<sup>191</sup> *Diário da Tarde*, 26 de agosto de 1912. p.1

condições de moradia e de trabalho que se deparavam, condições presente tanto no campo como nos centros urbanos do país. A própria imprensa de Curitiba, por vezes, comentava a respeito da má situação de imigrantes. Exemplificando, em 1908, o *Diário da Tarde* relatou que imigrantes, que haviam trabalhado na estrada de ferro que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul estavam em Curitiba vagando pelas ruas: “hontem esses homens desesperados, por certo, postaram-se em frente ao consulado allemão tentando invadi-lo e declarando que a noite poriam em pratica os seus desejos.”<sup>192</sup> Ainda segundo o jornal, a polícia compareceu ao local retirando os sujeitos daquele estabelecimento. E acrescentou o seguinte comentário: “Na ocasião em que o governo empenha-se na melhor propaganda para o povoamento do solo, esses factos que certamente transporão as fronteiras nacionaes, vão por alguma forma de encontro a essa mesma propaganda feita a custa de muitos contos de réis.”<sup>193</sup> Parece que, mais uma vez, (nas páginas 50, 51 já foi apresentada uma situação similar) para o jornal, tão ou mais grave do que a situação dos imigrantes desamparados eram as possíveis repercussões que a notícia poderia gerar.

Retomando as apresentações teatrais, uma das últimas peças encenadas em Curitiba pela companhia “*Deutsches Theater für Südamerika*”, intitulava-se *Die Schmetterings – Schlacht* (Batalha das Borboletas) também de Hermann Sudermann. Segundo o *Diário da Tarde*, tratava-se de uma peça que contava a história de uma “família modesta, que não tem em casa um homem que imponha respeito, o que determina a vida demais livre e dúbia das filhas, moças, acorçoadas pela fraqueza de um progenitor tolerante.”<sup>194</sup>

Embora não fosse acessível para todos, – os preços dos ingressos indicam isso –, o público “allemão”, que esteve presente nessas ocasiões, pode ter experienciado momentos de aproximação com elementos históricos e culturais, pertencentes à sua tradição. Ainda no que se refere às artes como instrumento de disseminação de um patriotismo, algo semelhante já ocorrera antes: em 1903 a “Sociedade de Tiro dos Alemães” anunciava a exibição, em um cinematógrafo, da Guerra Franco-Prussiana de 1870.<sup>195</sup>

Além das companhias de teatro, outros momentos que parecem bastante significativos aconteceram em decorrência da presença de marinheiros pertencentes à frota alemã em Curitiba.

Em janeiro de 1899 os jornais da cidade registraram as festas organizadas para recepcionar a tripulação do cruzador *Geier* que contava então com 8 oficiais e 40 marinheiros.

---

<sup>192</sup> *Diário da Tarde*, 9 de junho 1908. p.1

<sup>193</sup> *Diário da Tarde*, 9 de junho de 1908. p.1

<sup>194</sup> *Diário da Tarde*, 28 de agosto de 1912. p.1

<sup>195</sup> *Diário da Tarde*, 25 de setembro de 1903. p.2.

Segundo o informe do jornal *A República*, já na estação da estrada de ferro os tripulantes foram recebidos por pessoas “de todas as classes, sociedades allemãs, sociedade austriaca, corpo de bombeiros, club dos atiradores, banda de musica do Regimento de Segurança e banda de musica Progreso.”<sup>196</sup> Depois da recepção houve um desfile que seguiu pelas ruas de Curitiba até um dos locais mais utilizados pelos membros da “colônia” para promover suas festas, o Theatro Hauer, propriedade do “capitalista” José Hauer. No teatro “foram os visitantes e o povo obsequiados com grande profusão de cerveja. Ahi tomaram a palavra o Sr. Edgard Stelfeld que em nome dos brasileiros saudou a marinha allemã. (...) Foram erguidos muitos vivas ao Brazil e á Allemanha.”<sup>197</sup> Ainda no mesmo dia ocorreu um piquenique no bosque da Sociedade dos Atiradores e a noite um baile novamente no Hauer.

Para uma parcela dos imigrantes de origem germânica que se encontravam na cidade é possível que recepcionar tais marinheiros significava, também, estar mais próximo, mesmo que por apenas alguns instantes, de seus compatriotas, embora, certamente os bailes e os piqueniques não fossem para todos, mas sim, para um número restrito de sócios das associações e seus convidados. Contudo, a recepção na estrada de ferro e o desfile nas ruas da cidade, provavelmente, atraíram a atenção de milhares de patriotas e de curiosos.

Cinco anos mais tarde, em 1904, desembarcaram em Curitiba os tripulantes do navio de guerra alemão *Falke*. Uma comissão formada pelo cônsul Baerecke, José Hauer Junior, Hans Kopp, entre outros, viajou até Paranaguá para receber os marinheiros, os quais, então, embarcaram em um “trem especial” com destino a Curitiba. De forma emblemática, diferente da recepção com o *Geier*, dessa vez, os jornais anunciavam que somente as pessoas com ingressos poderiam entrar na estação para dar boas vindas aos oito oficiais e 50 marinheiros.<sup>198</sup> Novamente, parece que o evento era saudado não apenas pelos “allemães” da cidade como também pela imprensa, como podemos perceber nessa publicação: “felicitando a numerosa colonia allemã deste Estado pela visita, (...), damos as boas-vindas ao illustre comandante do Falke, bem como a todos os seus dignos comandados, apresentando-lhes nossos melhores saudaes.”<sup>199</sup> Nesse mesmo dia, 6 de setembro de 1904, o *Diário da Tarde* anunciou que recebeu o convite do cônsul alemão Emilio Baerecke para participar do baile em comemoração a visita dos marinheiros que ocorreria no salão Hauer. Finalmente, no dia 7 de setembro os oito oficiais e 50 marinheiros desembarcaram em Curitiba e seguiram até o salão Hauer, acompanhados de um cortejo formado pelos sócios das sociedades *Sängerbund*,

---

<sup>196</sup> *A República*, 8 de janeiro de 1899. p.1.

<sup>197</sup> *A República*, 8 de janeiro de 1899. p.1.

<sup>198</sup> *Diário da Tarde*, 3 de setembro de 1904. p.2.

<sup>199</sup> *Diário da Tarde*, 6 de setembro de 1904. p.1.

Operários Alemães, dos Atiradores, dos Ciclistas, Thalia e Austríaca, assim como, alunos das escolas alemães. Mais tarde neste mesmo salão, dando prosseguimento as festividades, ocorreu o baile. Para o *Diário da Tarde*:

Esteve imponente a recepção feita hontem pela colônia allemã á digna officialidade e marinagem do cruzador Falke. A rua da Liberdade apresentava nesse momento um aspecto festivo, e uma multidão enorme occupava grande parte de sua extensão. Os officiaes, acompanhados do Sr. côsul Baerecke, visitaram o Sr. presidente do Estado, o Sr. general commandante do districto, (...). A tarde houve grande festa no Bosque dos Atiradores em honra á officialidade. Apesar da temperatura baixa, grande foi a concurrencia de povo aquelle pittoresco local.<sup>200</sup>

Também para o *Diário da Tarde* o baile ocorrido no Hauer foi um grande sucesso, com a presença de diversas autoridades militares e políticas; também esteve presente Anton Schneider. No dia seguinte, após um concerto no Salão *Sängerbund*, os marinheiros retornaram a Paranaguá.

Embora a visita tenha durado pouco mais do que 48 horas, por meio da imprensa, pode-se constatar que a chegada de tais marinheiros envolveu as autoridades (como o presidente do Estado) curitibanas não restringindo o evento a pessoas de ascendência germânica; entretanto, estes últimos pareciam ser mais tocados pela presença dos marinheiros, o que pode ser constatado a partir de um olhar para um dos órgãos da imprensa alemã desta época, o *Der Kompass*.

Um mês antes da chegada do navio *Falke*, o jornal *Kompass* já anunciava seu entusiasmo com a presença dos marinheiros alemães e informava que aqueles que desejassem, poderiam hospedar em suas casas os tripulantes ou os oficiais; para isso, bastava procurar o comitê que estava organizando a visita dos marinheiros e se inscrever.<sup>201</sup>

Em momentos como esse, parece que fica mais evidente a necessidade da integração das pessoas em torno da “colônia allemã” de Curitiba. O anúncio convocava tal “colônia” para receber, na intimidade de seus lares, marinheiros que, embora, provavelmente, fossem pessoas totalmente desconhecidas, eram representantes do governo alemão; logo, cabia a “colônia” receber os seus compatriotas.

Na edição do dia 7 de setembro o jornal alemão *Der Kompass* estampou na primeira página um poema intitulado, “O Cruzador Falke, boas vindas aos seus oficiais e sua

---

<sup>200</sup> *Diário da Tarde*, 8 de setembro de 1904. p.1.

<sup>201</sup> *Der Kompass*, 10 de agosto de 1904. p.2 “Diejenigen, welche Mannschaften oder Offiziere inihrem Hause aufzunehmen beabsichtigen, können ihre Wünsche bei dem genannten Komitee anmelden...”

tripulação”,<sup>202</sup> cujo conteúdo saudava os marinheiros identificados como representantes de sua pátria (*Heimat*) distante. Assim como o *Diário da Tarde*, o *Der Kompass* também publicou em suas páginas a grandeza de tal evento, e destacou que, “(...) A colônia alemã de Curitiba e especialmente os integrantes do comitê de festas podem ficar orgulhosos da recepção...”.<sup>203</sup>

Até 1918 (ano em que a pesquisa com as fontes se encerra), além do *Geier* e do *Falker*, foi constatada a presença de mais um navio de guerra alemão, o *Panther*.<sup>204</sup> No dia 3 de novembro de 1905, aproximadamente um ano após o *Falker*, o *Diário da Tarde* anunciou que, no dia seguinte, a tripulação do navio *Panther* desembarcaria em Paranaguá e depois seguiria para a capital, onde seriam recebidos na estação de trem pelos membros das associações germânicas e autoridades brasileiras. A noite, como já ocorrera anteriormente com o *Geier* e o *Falker*, haveria um baile no salão Hauer. Como que se prevenindo de uma possível crítica, o jornal anunciou que “O ‘Diário’, que não tem preconceitos de raça ou de religião, se associa ao justo jubilo dos súbditos do Kaiser Guilherme II e far-se-á representar nas festas para que foi convidado.”<sup>205</sup> O posicionamento do *Diário da Tarde* pode ser um indício de que a presença de tais marinheiros, talvez, não agradasse a todos. E, com uma atitude que procurava consolidar ainda mais essa postura, um dia antes do desembarque dos três oficiais e 40 marinheiros do *Panther*, o *Diário da Tarde* publicou duas matérias, uma intitulada “Germania” e a outra “Os alemães nos Estados do sul do Brasil”.

Em suma, em ambos os textos o que se vê, é uma espécie de ode a pessoas de origem germânica, inclusive aos imigrantes: “A colonia allemã; numerosa, intelligente, emprehendedora, profundamente sympathica ao *meio* brasileiro, mas mantendo sempre seus hábitos em geral, era e é a que se destina, no futuro dos Estados do sul, a deixar vestígios de sua influencia.”<sup>206</sup> E ainda: “A história do poderoso império da Alemanha, nestes últimos decennios, é como a propagação da luz: quer intellectual, quer economicamente a grande confederação desprende seus raios luminosos rectilincamente e alcança os fins patrióticos que

---

<sup>202</sup> *Der Kompass*, 7 de setembro de 1904. p.1. “Dem Kreuzer ‘Falker’, seinen Offizieren und seiner Mannschaft ein herzliches Willkommen!”

<sup>203</sup> *Der Kompass*, 10 de setembro de 1904. p.2. “Die Deutsche Kolonie Curitybas und besonders die Mitglieder des Festkomitees können stolz auf den Empfang sein...”.

<sup>204</sup> Não foram encontradas referências sobre estudos a respeito da visita dos cruzadores *Geier* e *Falker*, já a presença do *Panther* em terras brasileiras foi objeto de estudo de: JOFFILY, José. *O Caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. Também sobre o tema: NADALIN, Sergio Odilon; FABRIS, Pamela. *A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra*. Revista de História Regional 18(1): 7-30, 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>

<sup>205</sup> *Diário da Tarde*, 3 de novembro de 1905. p.1. (Grifo no original)

<sup>206</sup> *Diário da Tarde*, 4 de novembro de 1905. p.1.

visa.”<sup>207</sup> Nesse caso, como em alguns outros, a própria imprensa parecia reforçar uma espécie de demarcação de fronteiras: ora, embora as pessoas de tal origem mantivessem vivas as práticas e hábitos típicos de alemães, eram profundamente “sympathica ao *meio* brasileiro”. Tal matéria indica um consentimento, naquele momento, da percepção de “estrangeiros” em território nacional. E a chamada “colônia alemã”, caracterizada como “numerosa, inteligente, emprehendedora”, reforçava o mito propagado pelas ideias hegemônicas de superioridade racial.

Da cobertura do evento realizada pela imprensa é interessante destacar as impressões que ficaram sobre o baile realizado no salão Hauer:

Pode-se dizer que a *laboriosa e distincta colônia alemã ali se achava em peso*, confraternizando com os *irmãos de além mar*, que vinham a esta plaga, relembrando a pátria longínqua e trazendo della um fragmento que ora se balança nas tranqüilas águas de Paranaguá. (...) Os officiaes e marujos do “Panther” eram alvos de manifestações carinhosas, as mais entusiastas, que só pode comprehender quem já sentio a nostalgia da pátria e além, muito além das suas fronteiras recebesse o abraço de filhos da mesma terra-mater.<sup>208</sup>

Novamente, a partir da linguagem utilizada para narrar tal evento, nota-se que a “grande imprensa” não parecia demonstrar qualquer tipo de descontentamento com toda essa demonstração de patriotismo da “laboriosa e distincta colônia alemã” de Curitiba. Pelo contrário, harmoniosamente, não por acaso se reconhecia que esses marinheiros eram os “irmãos de além – mar” dos “alemães” que se achavam pela capital.

Ainda no dia 6 de novembro, os marinheiros se despediram e voltaram a Paranaguá, onde seguiriam para o porto de Itajaí, em Santa Catarina, local de presença intensa de imigração alemã. Decorre daí, que um episódio constrangedor e polêmico iria, subitamente, alterar as opiniões da imprensa curitibana quanto aos marinheiros do *Panther*. Segundo o autor José Joffily, o qual tratou do tema, marinheiros do navio alemão desrespeitaram os tratados internacionais, ferindo a soberania do Brasil, quando desembarcaram no porto de Itajaí, e invadiram casas e instituições em busca de um suposto marinheiro desertor.<sup>209</sup> Tal acontecimento ganhou fortes proporções, repercutindo, inclusive, na imprensa americana e europeia.

Os jornais de Curitiba acompanharam e informaram seus leitores sobre o incidente, principalmente, por meio dos telegramas que recebia da capital federal, Rio de Janeiro. A

---

<sup>207</sup> *Diário da Tarde*, 4 de novembro de 1905. p.1.

<sup>208</sup> *Diário da Tarde*, 6, de novembro de 1905. p. 1. (Sem grifo no original)

<sup>209</sup> JOFFILY, José. Op. cit.

título de exemplo, no dia 11 de dezembro de 1905, o *Diário da Tarde* publicou o seguinte telegrama: “O presidente dos Estados Unidos telegraphou a embaixada americana em Petropolis, recomendando que se informasse minuciosamente do incidente de Itajahy afim de aparelhar aquelle governo para poder pôr em pratica a doutrina de Monroe.”<sup>210</sup> Parece que toda essa repercussão contribuiu para a mudança de opinião da imprensa local.

O *Diário da Tarde* o qual, outrora explicitamente demonstrava todo seu entusiasmo com os marinheiros de tal frota, afirmando como toda sua passagem por Curitiba havia sido harmoniosa e festiva, passou também a criticá-los. Em uma ácida matéria, assinada por Carlos D’Arc, comentando a respeito das atitudes do comandante do *Panther*, o jornal publicou que:

Mal propalou-se a noticia de que os officiaes e marinheiros da canhoneira Panther vinham á esta capital, o povo paranaense, (...), preparou-se para receber com todo o carinho aquelles que de tão longe chegavam e os quaes, suppunhamos, vinham trocar comnosco o ramo symbolico da paz... O ilustre dr. João Candido, então chefe do poder executivo, dispensou a esses officiaes todas as considerações, chegando mesmo a mandar á estação o carro presidencial. Pois bem, querem saber os nossos patrícios de que forma elles retribuíram as gentilezas do povo e do governo paranaense? Deixaram as nossas plagas sem ao menos siquer terem-se despedido do presidente do Estado!<sup>211</sup>

A imprensa agora falava dos “brutais marujos germânicos”. Nota-se o tom de desaforo e frustração com os marinheiros do *Panther*, e o fato envolvendo o presidente do Estado do Estado, João Cândido, que anteriormente parece ter passado despercebido, veio à tona, corroborando e legitimando a ideia da brutalidade de tais marinheiros. Ou seja, pouco mais de um mês depois da visita dos marinheiros o mesmo jornal, mesmo sem ter informações mais precisas a respeito do ocorrido em Itajaí, abriu espaços em sua seção para a publicação de matérias radicalmente opostas às que havia apresentado anteriormente.

Mas afinal, o que motivaria a visita de marinheiros de, no mínimo, três navios de guerra da frota alemã na cidade de Curitiba? Ora, talvez soe um tanto ingênuo pensar nas visitas desses marinheiros como algo casual. De modo geral, corroboro com a interpretação de Joffily, quando o mesmo afirma que, tratava-se de uma prática de demonstração de força (incluiria também de “poder”), em meio às disputas imperialistas inerentes aquela conjuntura internacional.<sup>212</sup> Entretanto, é possível ainda que o desembarque dos marinheiros em locais cuja presença de imigrantes de origem germânica era, de certa forma, perceptível, indique

---

<sup>210</sup> *Diário da Tarde*, 11 de dezembro de 1905. p.2.

<sup>211</sup> *Diário da Tarde*, 14 de dezembro de 1905. p.2.

<sup>212</sup> JOFFILY, José. Op. cit, p.97.



também um reconhecimento por parte da Alemanha da importância desses “filhos da Germânia” então distantes do império.

Para os que participavam, o ambiente envolto a estes momentos podem ter desencadeado um sentimento de coesão e unicidade. Tratava-se, na maior parte dos casos, da organização dos sujeitos pertencentes a “colônia alemã” da cidade para receber os “representantes” do *Reich*. Evocam-se aqui fatores que presumem uma identificação; ora, a título de exemplo, no caso dos tripulantes do navio *Falker*, sua hospedagem estava a cargo dos “alemães” de Curitiba. Neste sentido, igualmente simbólico era a presença das companhias de teatro e opereta alemãs na cidade. Podemos pensar que se as mesmas vieram a Curitiba é porque provavelmente tinha-se o conhecimento de que haveria um público alemão que as prestigiasse, embora como constatado, alguns que não dominavam tal idioma também compareceram as apresentações.

Sob a ótica da imprensa, momentos como, a chegada dos marinheiros e das companhias de teatro, a visita de autoridades ligadas ao governo alemão, bem como os diversos bailes e banquetes no *Theatro Hauer* ou nos salões das associações como *Sängerbund*, e *Thalia* tinham algo em comum: substancialmente, os sujeitos que frequentavam esses locais em momentos como estes, eram reconhecidos como os sujeitos da “colônia alemã” da cidade. “Colônia” que, excetuando momentos de crises mais agudas,<sup>213</sup> mantinha (como constatado no tópico 1.1) nas páginas dos jornais um *status* de “morigerada”, “inteligente”, “laboriosa”. O que se pretende sugerir, aqui, é que, ao menos em grande parte, as práticas apontadas pela imprensa como sendo típicas da “colônia alemã” eram, sobretudo, práticas burguesas. Certamente, a “colônia alemã” atuava em diversas outras direções, exercendo os mais variados papéis para este grupo; no entanto, a “grande imprensa” curitibana dava destaque às chamadas práticas “morigeradas” da “colônia”.

\*\*\*

A “colônia alemã” de Curitiba, do começo do século XX, caracterizava-se como um “grupo” formado por pessoas que diferiam em suas concepções políticas e religiosas, bem como em sua condição social e econômica. Essas diferenças transformavam-se em contradições e conflitos, as quais pareciam perceptíveis não apenas para os pertencentes à

---

<sup>213</sup> Alguns destes momentos serão explorados nos próximos capítulos da dissertação.

“colônia”, como também para a sociedade curitibana como um todo, embora diversos discursos propagassem uma certa ideia homogeneizante dos mesmos.

A tentativa de compreender melhor os conflitos que envolveram alguns dos membros da “colônia alemã” ocorridos em Curitiba durante a Primeira Guerra fez com que eu tenha optado, neste primeiro capítulo, em problematizar a própria “colônia”. Como eram vistos pelos discursos hegemônicos, como estavam inseridos no espaço urbano, e ainda quais eram suas contradições e conflitos internos foram alguns dos pontos aqui abordados.

Embora a Primeira Guerra Mundial tenha se mostrado como um momento de extrema hostilidade para alguns sujeitos e instituições, ao explorar as fontes notou-se, entretanto, que não era a primeira vez que os mesmos envolviam-se em polêmicas e confrontos em Curitiba. Ou seja, antes de 1917, período em que um sentimento antigermânico se alastrou, alguns destes “alemães” já haviam experimentado momentos de tensão. Atentar para a atmosfera conflituosa formada no período anterior a guerra é o principal objetivo do próximo capítulo.

## 2 EXPERIÊNCIAS DE MODERNIZAÇÃO E NACIONALISMO

O processo capitalista em expansão no final do século XIX e início do XX andou de mãos dadas com movimentos de modernização e de nacionalismos. No Brasil, recém tornado república e com novos projetos modernizantes, esses movimentos, de certa forma, encontravam-se em uma situação incipiente; discutia-se como acelerar o passo para, minimamente, começar a alcançar os países mais desenvolvidos na corrida pelo caminho da “civilização”.

Os projetos de modernização, de alguma forma, atingiam todos os estratos sociais: eram sentidos por aqueles que não se encaixavam no ideal do cidadão de “bons costumes”, mas também tocavam naqueles que, para manter o *status quo*, prendiam-se às normas. São indícios das mudanças modernizantes, por exemplo, a atuação dos anticlericais que faziam um coro ferrenho contra aqueles que consideravam os símbolos vivos da opressão da liberdade: os padres e freiras de todas as nacionalidades; da mesma forma, parte dos operários experimentavam a formação de sua classe: greves e *meetings* denunciavam os explorados e exploradores da cidade. Também o nacionalismo não se fez sem conflitos. Indagava-se sobre como fazer com que uma gama de imigrantes oriundos das mais diversas regiões se transformasse em “verdadeiros” brasileiros. Soma-se a isso, a difusão de boatos de invasores estrangeiros sedentos por se apossar de terras brasileiras. Este capítulo tem como principal propósito adentrar nesta tumultuosa atmosfera que precedeu a Primeira Guerra Mundial em Curitiba.

### 2.1 Imigrantes de origem germânica *versus* “desordeiros”, anticlericais, operários entre outros: fragmentos de discórdias e desencontros

No perpassar dos anos processos de sociabilidades vão se constituindo através de experiências múltiplas, vivenciadas por sujeitos distintos. Devido a uma série de fatores, tais experiências se tocam e se cruzam, desencadeando consequentemente em choques e/ou afinidades de interesses que sofrem metamorfoses e ganham novos sentidos e contornos, dependendo do contexto em que se inserem. Parte-se aqui da hipótese de que é no campo do espaço social comum ao conjunto dos indivíduos, ou ainda, no cotidiano, que tensões do dia a dia se constituem, ganhando formas que essencialmente extrapolam o efêmero espaço temporal no qual efetivamente ocorrem. Com outras palavras, as relações conflituosas

inerentes ao processo de sociabilidade marcam igualmente a experiência histórica do contato entre os indivíduos que, em determinadas situações encontram-se em condições díspares. É neste sentido que se buscará, agora, apontar e tentar compreender certas situações conflituosas que envolveram pessoas e instituição de origem germânica na cidade de Curitiba.

Se, no âmbito dos discursos idealizantes, os imigrantes europeus brancos que chegavam em Curitiba contavam com vantagens de condições então compreendidas como inerentes à sua própria “natureza superior”, na esfera do cotidiano as relações de sociabilidade constituíam um universo muito mais complexo, permeado por contradições e conflitos que extrapolavam qualquer “verdade” teórica sustentada com avais científicos.

A mesma “grande imprensa”, que como anteriormente foi constatado no item 1.1, muitas vezes se amparava em discursos hegemônicos, por vezes, também abria espaço em suas páginas para publicações sobre desconfianças e críticas à “colônia alemã” da cidade. O que nos indica que o entusiasmo com a referida “colônia” não era constante, nem unânime, mesmo com toda a repercussão e disseminação da ideologia do “branqueamento” e suas consequências. Na seção “Virgulas” do jornal *A República* nota-se o descontentamento em torno de certas práticas patrióticas destes imigrantes,

caem as minhas virgulas, (virgula) caem de duro, rijas, pezadamente, na consciencia dos que hontem, para solemnisar o 25º anniversario da unificação do imperio germanico, sem nenhum escrupulo, sem contemplação alguma para com este Brazil que tão bondosamente os hospéda, hastearam na fachada de suas casas particulares o pavilhão tricolor da Allemanha! (...) domingo obrigado á espetaculo logo á noite, no theatro Hauer, naquelle mesmo theatro que hontem hasteou a bandeira allemã, e por simples condescendencia fez trapejar uns restos de bandeira nacional ao lado esquerdo do tricolor pavilhão Germanico... Ao seo lado esquerdo!... Como nos querem bem!... Ao lado do coração!<sup>214</sup>

Como a fonte parece indicar, o ato de hastear bandeira estrangeira em território nacional, sem que a brasileira fosse juntamente hasteada, soou como injúria; afora isso, conforme já mandava o regulamento, a bandeira brasileira quando hasteada ao lado de uma estrangeira deveria ser alocada ao lado direito da mesma – decorre daí a ênfase do interlocutor expressando ironicamente o fato da bandeira nacional ter sido colocada ao lado esquerdo da alemã, “ao lado do coração”. Desde 1890 (ponto de partida inicial escolhido para a pesquisa com as fontes periódicas), estavam em evidência na imprensa local as datas consideradas

---

<sup>214</sup> *A Republica*, Curitiba, 19 de janeiro de 1896. p.1. Texto assinado por Ribeiro Junior.

memorativas para as diversas “colônias” presentes em Curitiba.<sup>215</sup> Entre as comemorações, geralmente os jornais destacavam os eventos nos consulados, os bailes e almoços oferecidos pelas associações dos imigrantes em tais datas. Nestes locais, durante os festejos, o hasteamento de bandeiras era algo recorrente e, excluindo os momentos em que foi constatado um forte clima de hostilidade na cidade, – e quando posicionadas equivocadamente –, não foram encontrados indícios de que tal ato tenha causado sérios agravos. Entretanto, o fato dos imigrantes “alemães” terem hasteado bandeiras em suas próprias casas, como afirma a notícia anteriormente exposta, gerou uma espécie de desconforto e repercutiu na imprensa como injúria a nação. Também chama a atenção o fato do autor desta matéria os ter classificado como “hóspedes”. O uso deste termo aparecia justamente quando algum incômodo repercutia na imprensa; em tais momentos, parece que os jornais queriam mostrar a estes imigrantes que sua suposta condição de “hóspedes” os impunha limites, além de tachá-los como elementos de fora.

Em relação ao significado deste ato para os próprios imigrantes é possível ainda que o mesmo sugira que, mais do que um momento propício para se festejar, as datas comemorativas também poderiam significar demarcações de um patriotismo que se ansiava por afirmar. Bandeiras, estandartes, uniformes, entre outros, faziam parte de uma força simbólica reivindicada, muitas vezes publicamente, pelos diferentes grupos na cidade.

Em diversos momentos os jornais nos oferecem informações concisas a respeito de fatos conflituosos ou polêmicos do cotidiano. Contudo, mesmo com essas sucintas informações certas reflexões podem ser elaboradas. Exemplificando, discorrerei em seguida a respeito de polêmicas envolvendo alguns bailes enfatizando certas situações conflituosas decorrentes.

Como já apontado, sobre os eventos organizados pelas associações dos imigrantes “alemães” e seus descendentes, a “grande imprensa”, amiúde, não poupava elogios afirmando que os mesmos ocorriam quase sempre na mais perfeita ordem e, destacava o “seleto” público e as “grandes” personalidades que neles compareciam. Diferentemente dos bailes populares realizados nas casas de “alemães” e frequentados por nacionais e estrangeiros, os eventos das associações como *Thalia*, *Sängerbund*, *Handwerker-Unterstützungs Verein* e *Turnverein* eram acessíveis apenas para sócios e convidados. A chamada para o carnaval no clube *Thalia* em 1896, anunciava que,

---

<sup>215</sup> No que se refere às festas alemãs, embora o trecho anteriormente colocado indique comemorações pelo dia da unificação, o maior destaque era no dia do aniversário do *Kaiser* Guilherme II.

de ordem da directoria d' esta sociedade convido aos srs. socios e as suas exms.famílias para assistir ao Baile de Máscaras que terá lugar domingo, 16 do corrente. Previno aos srs. socios que na última seção foi deliberado a não dar ingresso sem cartão quer seja fantasiado ou não. Os srs. sócios terão direito de convidar amigos para este baile, sendo necessario procurar cartões para os mesmos com antecedencia. Os cartões são intransferiveis e podem ser procurados em casa do Sr. Gustavo Seiler até domingo, as 3 horas da tarde; e desta hora em diante no salão da sociedade.<sup>216</sup>

Curiosamente, ainda sobre este baile de carnaval, o jornal anunciava que, “as pessoas não fantasiadas não é permittido dançar antes de meia noite.”<sup>217</sup>

Durante o período imperial os bailes populares como os fandangos e os *Sumpfs*, estes promovidos por alemães, mas frequentado por nacionais, inclusive por escravos e libertos, e imigrantes de outras origens, sofreram repressões e proibições por se tratarem, segundo o Chefe de Polícia da época, de ambientes considerados impróprios e frequentados por desordeiros e vagabundos.<sup>218</sup> Fenômeno análogo ocorreu no final do ano de 1907 quando eclodiu na imprensa uma série de polêmicas a respeito do funcionamento de bailes que, segundo parte da imprensa e da polícia, concentravam indivíduos imorais e desordeiros. Um desses locais era o salão Ehlers. Para o *Diário da Tarde* este local “existente á rua Matto Grosso, tornou se um foco de desordens e de depravação de sentimentos. Repetidas vezes a policia havia prohibido os bailes que ali se realisam e que terminam sempre em tremendo sarilho, havendo tiros e facadas.”<sup>219</sup> Com um discurso bem parecido, *A República* publicou que este local,

é muito conhecido e antigo nessa capital e importante foco terrivel de depravações de sentimentos e onde se desenrolam scenas degradantes. Situado no centro de Curityba constitue, por circumstancias variadas e múltiplas, e por ser ponto de conglobamento de indivíduos de toda a espécie – uma real affronta aos bons costumes e assim a sociedade. (...) O sr. dr. chefe de policia, mais de uma vez, afim de laborar pelo saneamento moral da collectividade paranaense, tem prohibido os baixos ajuntamentos cosmopolitas no salão Elhers.(sic)<sup>220</sup>

Três dias depois após essas declarações os jornais informavam que o Chefe de polícia havia decretado a proibição definitiva de bailes em tal local.<sup>221</sup> Os jornais, entretanto, nada dizem a respeito dos responsáveis sobre o salão Ehlers, assim como também não indicam – a não ser pelos adjetivos “desclassificados” e “desordeiros” –, quem eram os frequentadores do

<sup>216</sup> *A Republica*, 16 de fevereiro de 1896. p.2

<sup>217</sup> *A Republica*, 16 de fevereiro de 1896. p.2

<sup>218</sup> Sobre os bailes populares, os *Sumpfs*, ocorridos no período imperial ver Roberto Edgar Lamb.

<sup>219</sup> *Diario da Tarde*, 7 de outubro de 1907. p.1 A Rua Matto Grosso atualmente chama-se Comendador Araújo.

<sup>220</sup> *A Republica*, 7 de outubro de 1907. p.2 De acordo com outras fontes o salão se chamava Ehlers.

<sup>221</sup> *Diário da Tarde*, 10 de outubro de 1907 p.2

local, embora o termo “cosmopolita” sugira que se tratasse de um ambiente diversificado. Contudo, por meio do documento “50 Jahre Handwerker-Unterstützungs-Verein” (50 Anos da Associação Benficiente dos Operários) publicado em 1934, foi possível constatar que tal local, assim como o *Thalia* e o *Saengerbund* também pertencia a alguns dos “alemães” da cidade.<sup>222</sup>

Como já exposto, é possível que não seja mera coincidência que alguns locais fossem identificados pela imprensa como pertencentes a membros da “colônia alemã”, enquanto outros não. Ou seja, locais como o salão Ehlers, “foco terrível de depravações”, onde os chamados “desclassificados” e “desordeiros” frequentavam, não pareciam condizentes com a ideia que se propagava da “laboriosa colônia alemã” de Curitiba, tanto é assim que, neste caso, em nenhum momento a imprensa fez algum tipo de relação entre o salão e os imigrantes de origem germânica.

Neste sentido, ainda é provável que, assim como ocorreu com os *Sumpfs* alemães no período imperial, também durante a Primeira República os bailes promovidos por alguns “alemães” tenham sofrido perseguições, em nome do “saneamento moral” da sociedade, por abrigarem um público que não correspondia com o ideal de “civilizados” e “morais”. Não por acaso, tais elementos, os chamados “civilizados” e “morais”, eram, por sua vez, os frequentadores dos bailes realizados pelas grandes associações, como *Thalia* e o *Sängerbund*.

Em defesa desses bailes populares, 15 homens protestaram na imprensa, afirmando que tais locais eram alvos da polícia, esta que, “como todos na época sabiam”, perseguia “sem motivo legal os pequenos e os fracos, para quem é um espantinho, quando, entretanto, tratando-se de influentes e poderosos, deixa no silêncio.”<sup>223</sup> Cientes das desigualdades do tratamento social, da injustiça e da perseguição aos menos abastados, tais sujeitos nada mais faziam do que reclamar da opressão que sofriam. Se não há como saber quem eram esses referidos “poderosos”, é possível afirmar que os bailes promovidos pelas grandes sociedades raramente sofreram algum tipo de represália por parte do aparelho repressor do estado.<sup>224</sup>

Voltando ao caso das restrições ao acesso do público as festas promovidas por certas associações germânicas, tal fato, por vezes, parece ter despertado animosidades: no início de

---

<sup>222</sup> “HANDWERKER-UNTERSTÜTZUNGS-VEREIN”; Gedenk und Festschrift zum 50. Jährigen Stiftungsfeste am 19., Juli, 1934 “Zur Veranstaltung ihrer Festlichkeiten standen den Deutschen damals mehrere deutsche Vergnügungsorte zur Verfügung: Salão Ehlers in der Rua Matto Grosso.” (tradução livre) p.16

<sup>223</sup> *Diário da Tarde*, 11 de novembro de 1907. p.2

<sup>224</sup> Ainda quanto à repressão da polícia aos menos poderosos em Curitiba, Alexandre Benvenutti destacou que o mesmo se dava em relação à perseguição de locais de jogos. Ou seja, os locais de jogos frequentados pela elite da cidade não sofriam constantes ameaças e intervenção do aparelho repressivo do estado como os locais frequentados pelos populares. BENVENUTTI, Alexandre. op. cit. p.62

1897, *A República* noticiou na matéria intitulada “Vandalismo” uma situação conflituosa em um baile promovido pela associação *Handwerker Unterstützungs Verein* no salão *Hauer*. Como é sabido, o local do ocorrido era um dos principais espaços da cidade para festejos, apresentações teatrais, cinematográficas e bailes. Conta o jornal que:

As pessoas que ante-hontem divertiam-se tranquillamente, alegremente no salão Hauer e que eram os membros da Sociedade allemã de Beneficencia Operaria foram victimas de um vergonhoso desacato por parte de *individuos* que da parte de fóra *apedrejaram* o edificio depois de terem tentado á viva força penetrar no salão. A aggressão foi tão brutal, tão vergonhosa para os nossos fóros de capital *civilisada* que não temos expressões para verbear quanto merece esse facto inqualificavel. Foi grande o panico causado n'uma reunião em que se achavam muitas familias; foi grande o prejuizo que soffreu o proprietario do theatro e é para nós profundamente desagradavel registrar acontecimento desta ordem. Sahio gravemente ferido entre outros no conflicto travado o *cidadão* Julio Franco que procurava impedir da parte interior a entrada no theatro dos perturbadores da ordem.<sup>225</sup>

Observando a partir da data, é bem provável que este baile tenha ocorrido devido às festas de comemoração de Ano Novo, período em que quase todas as associações, tanto de imigrantes como as de nacionais, promoviam seus bailes, nos quais, como expressavam os jornais, a “*élite*” e as “finas flores” da sociedade se encontravam.

Novamente, a partir deste trecho, deparamo-nos com os discursos hegemônicos que, por diversas vezes, notamos na narrativa da imprensa. Neste momento, para este jornal, talvez fosse relevante enfatizar que, mais do que pessoas fisicamente feridas, este apedrejamento feria também a condição curitibana de cidade “civilizada”. A recorrente necessidade de cair no discurso da afirmação quanto ao ambicionado *status* de civilidade, presente inclusive em notícias dessa natureza, pode também ser um indicativo de seu próprio grau de fragilidade. Além disso, o texto aponta uma clara alusão em torno dos termos de “cidadão” e “indivíduo” vigentes em tal contexto. Faz-se necessário um esclarecimento em torno destas palavras/conceitos.

Erivan Karvat chamou a atenção para a questão, afirmando que, durante a Primeira República,

(...) concomitantemente à infração, a pessoa infratora (autora da contravenção) é também *classificada* ou rotulada de *indivíduo contraventor*. Esta designação, a nosso ver, nos remete a uma forma de classificação social (e consequentemente, de *desclassificação*) a partir do momento que se constitui numa contraposição à designação de *senhor cidadão*, ou mesmo de *cidadão* somente.<sup>226</sup>

<sup>225</sup> *A República*, 3 de janeiro de 1897. p.1 (grifo meu)

<sup>226</sup> KARVAT, Erivan C. op. cit, p.19 (grifo no original)



Concordando com o autor, ao longo da pesquisa, em diversos momentos, foram constatados na imprensa o uso destes termos para classificar os sujeitos. O “indivíduo” era constantemente associado ao vagabundo, ao mendigo, bêbado, libertino, em suma, aos “perturbadores da ordem”; enquanto o “cidadão” era civilizado, trabalhador, “de família” e ordeiro. A força dessa dualidade parece bastante evidente nas palavras de Antonio Costa Netto que, defendendo-se de uma acusação, afirmou que, “Antes de tudo devo declarar que não sou *indivíduo*, e nem desordeiro, mas sim um moço que tem família conhecida e que procura viver do seu trabalho honesto, nunca tendo, graças á Deos, má nota.”<sup>227</sup> E em 1903 na mesma página da seção “Factos Diversos” do jornal *Diário da Tarde*, encontrei essas duas notícias que também parecem exemplificar o uso de tal classificação, são elas: “Por decreto do 3 do corrente, foi nomeado o *cidadão* Marcos Pinheiro, para exercer o cargo de administrador da barreira do Passo dos Leites...”<sup>228</sup>, e: “Diversos *indivíduos* em estado de embriaguez quebraram diversas vidraças de casas sitas á rua 13 de Maio.”<sup>229</sup>

Voltando e encerrando o caso do “vandalismo” no baile dos Operários Alemães, se é fadado ao fracassado o desejo de tentar saber o que “realmente” aconteceu, através da narrativa da imprensa, é ao menos possível discorrer a respeito da interpretação do jornal sobre o fato e, conseqüentemente, identificar o que e como, a imprensa, enquanto instrumento de comunicação almejava, naquele momento, transmitir para a população curitibana. Em outras palavras, a notícia anunciava que um baile fechado para famílias “allemãs” da sociedade dos operários sofreu uma tentativa de invasão por parte daqueles que gostariam de participar; porém, sua entrada não era permitida, provavelmente por não serem sócios ou convidados. Estes que tentaram invadir o local foram classificados como *indivíduos* perturbadores da ordem, e entre os que se feriram a notícia só revelou o nome do *cidadão* Julio Franco, que tentava impedir que os *indivíduos* entrassem no referido local. Também chama a atenção à reação, com apedrejamento, daqueles que não puderam entrar no baile.

Por meio da intensa pesquisa realizada na imprensa curitibana, também foi possível constatar diversos casos conflituosos envolvendo guardas ou praças de regimento. Exemplificando, no começo de fevereiro de 1909, o alemão Carlos Poetzcher procurou a redação do *Diário da Tarde* para relatar o que havia lhe ocorrido quando no dia anterior voltava de um baile acompanhado de seu amigo Gottlieb Maurer, este acompanhado de sua família. Contou Poetzcher que quatro praças do regimento de segurança, cumprindo ordens do

---

<sup>227</sup> *Diário da Tarde*, 11 de junho de 1908. p.2 (grifo no original)

<sup>228</sup> *Diário da Tarde*, 1 de junho de 1906. p.1. (grifo meu)

<sup>229</sup> *Diário da Tarde*, 1 de junho de 1906 p.1. (grifo meu)

alferes Sampaio de Almeida, interceptaram sua carroça e imediatamente deram voz de prisão aos dois amigos “alemães”. Poetzcher ainda relatou que, ao perguntar o porquê da truculenta abordagem, a qual havia “tolhidos em sua liberdade”,<sup>230</sup> o alferes afirmou que apenas cumpria ordens e que não admitiria réplicas. A postura do jornal indica uma clara defesa das “vítimas alemãs”, (indicado até mesmo pelo título da matéria, “Arbitrariedade-prisão ilegal”). Para o jornal, os “alemães” presos eram pessoas de qualidade que viviam do seu trabalho “honrado”, e estavam acima de qualquer suspeita, “É preciso que se ponha um termo a factos dessa natureza que deprimem o nosso povo, (...), prejudicando a pessoas que são um factor de progresso e de paz, no meio social em que exercem a sua actividade productiva.”<sup>231</sup> Novamente é o discurso sobre as benesses do trabalho do imigrante que prevalecia. No entanto, tal caso chama a atenção por trazer também a versão dos policiais envolvidos nesta história. Já no dia seguinte ao relato de Poetzcher, a repartição central da polícia enviou sua versão dos fatos ao *Diário da Tarde*, que, por sua vez, a publicou. Na versão da polícia, naquele dia foi solicitado que a carroça parasse a fim de que os guardas pudessem verificar quem eram as pessoas que lá estavam. No entanto, o cocheiro afirmou que não daria satisfações aos policiais, e tanto Carlos Poetzcher quanto Gottlieb Maurer, “em estado de embriaguez”, dirigiram desaforos aos guardas, que por sua vez os prenderam.

A matéria encerra afirmando que os dois “alemães” já estavam em liberdade.<sup>232</sup> Após este relato da polícia, o jornal não se posicionou como havia feito na versão de Poetzcher em defesa dos “alemães”. Parece bastante evidente o motivo pelo qual na versão do “alemão” a palavra “embriaguez” não tenha sido mencionada. Tanto o argumento em defesa das “vítimas alemãs” do *Diário da Tarde* quanto do próprio Poetzcher se pautaram, sobretudo, sob a égide do trabalho enquanto símbolo de uma “boa sociedade”. A ideia que ambos tentam afirmar era que parecia inadmissível que policiais agissem de má fé com pessoas que tanto contribuíam, com seu trabalho, para o progresso do estado. Ora, neste contexto, nada mais contraditório do que “trabalho” e “embriaguez”, esta que no âmbito dos discursos dirigido a determinadas classes sociais, era vista como uma doença que precisava ser extirpada da sociedade.

Outras situações conflitantes também ocorreram com os jornais *Der Beobachter* e, principalmente, com o *Der Kompass*; iniciemos pelo menos polêmico. Diferente do *Der Kompass* jornal católico, o *Der Beobachter* era identificado por suas ideias e por seu redator e proprietário, o austríaco Anton Schneider, como um jornal anticlerical. Defensor assíduo do

---

<sup>230</sup> *Diário da Tarde*, 8 de fevereiro de 1909. p.2

<sup>231</sup> *Diário da Tarde*, 8 de fevereiro de 1909. p. 2

<sup>232</sup> *Diário da Tarde*, 9 de fevereiro de 1909. p.2

regime laico e conhecido por defender bandeiras socialistas, Schneider era uma figura bastante presente no circuito social e político da cidade.

No que diz respeito a situações de conflitos envolvendo Anton Schneider e seu jornal *Der Beobachter*, vale ressaltar um fato ocorrido em 1893, cuja repercussão extrapolou a imprensa da “pacata” Curitiba, chegando aos jornais da capital federal. Apesar de ser editado na capital curitibana, o *Der Beobachter* circulava por algumas cidades nas quais havia um relativo público em língua alemã. Uma das suas publicações foi interpretada, por parte do jornal “*Figaro*” do Rio de Janeiro, como uma ofensa ao exército brasileiro que, como represália, sugeriu a expulsão de Anton Schneider do Brasil. Provavelmente percebendo a gravidade da situação, *A República* alertou a população de que os colonos “alemães”, que tão fortemente contribuíam para o progresso do Brasil, não poderiam ser responsabilizados pelos desatinos do jornalista “alemão” (embora fosse austríaco, Schneider, constantemente era identificado como “alemão”). Um ano depois *A Republica* relembra o fato, classificando Schneider como um estrangeiro conhecido e revoltoso. Já em março de 1901, o local no qual o *Der Beobachter* era editado foi inteiramente pichado. Tal informação foi constatada no *Diário da Tarde* e no Relatório de Queixas,<sup>233</sup> mas em ambos os documentos não há informações mais detalhadas dos motivos do ocorrido.

Se as relações de Anton Schneider parecem relativamente amenas (exceto com os redatores do *Der Kompass*, como apontado no tópico 1.3), o mesmo não se deu com o padre Franz Auling e o jornal *Der Kompass*, que encontrou forte oposição na cidade no *Diário da Tarde* e no próprio *Der Beobachter*.

Por meio da pesquisa no *Diário da Tarde* foi possível constatar uma série de discussões em que o padre alemão Auling estava envolvido. Já em 1899, no seu primeiro ano em circulação, o jornal publicou, em pelo menos cinco de suas edições, um “Abaixo assinado” de autoria da “Comissão Polaca”, no qual esta solicitava ao padre Auling que não se intrometesse em seus assuntos, pois, “(...) com o seu modo de proceder, vem criar discórdias entre nós polacos, quando elle não pertence a dita colonia e sim a allemã.”<sup>234</sup>

Tatiana Dantas Marchette, no trabalho “Corvos nos Galhos das Acácias”, analisou as movimentações dos grupos anticlericais em Curitiba durante os anos de 1896 a 1912.<sup>235</sup> Segundo a autora, da articulação do movimento, surgiu em 1901 a Liga Anticlerical Paranaense que, entre suas funções, encarregava-se de acompanhar o debate anticlerical a

<sup>233</sup> Relatórios de Queixa, 18 de março de 1901. Arquivo Público do Paraná.

<sup>234</sup> *Diário da Tarde*, 31 de agosto de 1899. p.2.

<sup>235</sup> MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

âmbito nacional e internacional. Integrantes da Liga publicavam seus textos nos jornais e revistas curitibanas, com destaque para a revista “*Electra*”. Outra prática relativamente comum era a organização de *meetings* em parques e praças públicas, nos quais intelectuais (grande parte ligados à maçonaria) discursavam, principalmente, a respeito do que entendiam como liberdades individuais. Segundo Marchette, o primeiro *meeting* aconteceu no dia 9 de março de 1902, no Passeio Público de Curitiba. Os organizadores: Generoso Borges, Euclides Bandeira, Ismael Martins, **Anton Schneider** e Gigi Damiani (integrante da Colônia Cecília, Damiani, em 1902 era redator do jornal *Il Diritto* “orgam comunista anarchico”<sup>236</sup>). Por sua vez, a autora Marilda Queluz também deu destaque a um *meeting* anticlerical, ocorrido na Praça Tiradentes em agosto de 1908, organizado pelos alunos da Escola Normal e do Ginásio Paranaense, cujo destaque foi o discurso pronunciado por Dario Vellozo.<sup>237</sup>

Entre os principais representantes da fase inicial do movimento encontravam-se Dario Vellozo, o já mencionado Anton Schneider, Nilo Cairo e Euclides Bandeira; este último foi poeta, escritor e, durante os anos de 1902 a 1912, diretor do jornal *Diário da Tarde*. Voltarei adiante com outras situações envolvendo os anticlericais da cidade.

Segundo Etelvina Trindade, na virada do século XIX para o XX as práticas educativas aplicadas pelos colégios públicos e católicos sofreram significativas reformas, pois, procurava-se inserir na educação os mesmo preceitos de modernidade e civilização difundidos pelos discursos hegemônicos. Neste sentido, práticas consideradas avessas à modernização, como a aplicação de castigos físicos, passaram a ser veementemente condenados, inclusive por órgãos da imprensa. Neste sentido, o *Diário da Tarde* foi um dos principais responsáveis pelas denúncias de agressões ocorridas no colégio do diretor alemão Franz Auling. Tal colégio iniciou suas atividades em maio de 1896 e um dos primeiro registro de agressão feito pelo *Diário Tarde* a esta instituição data de julho de 1900. Segundo a vítima da agressão, Alfredo Pullieli, nove anos, o próprio diretor Auling, com uma vara de marmelo havia lhe agredido; o pai do menino, Luiz Pullieli, deu queixa ao comissariado da 1ª circunscrição da Capital. Pouco tempo depois, o *Diário da Tarde* publicou uma matéria com o seguinte título, “O collegio Auling – A vara em acção”.<sup>238</sup> Nesta matéria, outro menino, Carlos, assim como o Alfredo Pullieli, afirmou também ter sido vítima dos castigos do padre. A notícia repercutiu e, no dia seguinte, vítima e acusado foram interrogados pela polícia; graças à publicação dos documentos registrados no interrogatório, transcritos no *Diário da Tarde*, podemos ter uma

---

<sup>236</sup> *Electra*, março de 1902. p.2.

<sup>237</sup> Queluz, op.cit, p.121

<sup>238</sup> *Diário da Tarde*, 1 de abril de 1901. p.2

ideia mais apurada do ocorrido. Segundo a vítima, a agressão ocorreu porque a mesma não sabia responder algumas questões em alemão elaboradas pelo padre. Também, segundo o menino, o padre alocava varas de junco em diversos compartimentos da escola, inclusive deixando uma sobre sua mesa na sala de aula, as quais utilizava para aplicações de castigos físicos nos alunos. Franz, – também chamado de Francisco – Auling, ao responder as perguntas do interrogatório, admitiu que agrediu o menino, mas o fez em decorrência dos desleixos apresentados por Carlos com as lições de casa. Afirmou, ainda, que a aplicação de castigos físicos fazia parte de seu método educacional de “regulamento forte”. Questionado se sabia da existência da lei que proibia castigos físicos nas escolas, o padre alemão afirmou que não tinha conhecimento da mesma e relatou que não havia recebido ainda nenhum funcionário responsável pela fiscalização da instrução pública no Estado. Na edição seguinte do *Diário da Tarde* registra-se umas das primeiras imagens publicadas neste jornal. Tratava-se de uma caricatura do padre Franz Auling.<sup>239</sup>

---

<sup>239</sup> *Diário da Tarde*, 10 de abril de 1901. p.2



FIGURA 3- Charge JORNAL *Diário da Tarde*

Pela imagem percebe-se o aspecto carrancudo e sombrio do padre, e o nariz com o aspecto adunco parece indicar feições de um bruxo. Em uma de suas mãos, carrega seu instrumento de coerção, uma vara, que traz as seguintes palavras: “o regime da chibata – regulamento forte”. Na outra mão nota-se uma espécie de amuleto com a palavra “escola”.<sup>240</sup> Ao lado dos textos que condenavam o comportamento padre e prescrevia uma atitude mais contida, mais adequada de seu papel de educador, a imagem também cumpre uma função didática. Através de recursos simples e estereótipos a imagem procura estigmatizar o padre. O recurso ao uso de um título ou da escrita no interior da imagem, a postura rígida do padre e sua feição maléfica reforçam seu caráter didático, ela deveria ser, imediatamente, compreendida por todos. Ao grafar “chibata” na vara, o autor do desenho parece fazer uma

---

<sup>240</sup> *Diário da Tarde*, 10 de abril de 1901. p.1

analogia à figura de um feitor de escravos que aplicava severos castigos físicos, evocando a memória da escravidão, entendida, neste contexto, como o avesso da almejada ideia de civilização. Uma memória recente e incômoda que, muitas vezes, se procurava escamotear.

Voltando ao caso dos meninos agredidos, vale ainda ressaltar que em uma das falas do pai de uma vítima, o mesmo afirmou que seu filho “naturalmente por ser brasileiro, mereceu as iras do colérico Padre Auling...”<sup>241</sup>, e acrescentou que não era fácil para um brasileiro aprender tão rápido uma língua como a alemã.

Essa discussão que perpassou por, praticamente, todo mês de abril de 1901, talvez tenha sido uma das propulsoras para o ocorrido que se deu poucos dias depois: após uma apresentação teatral inspirada nas publicações da revista “*Electra*” (anticlerical), um numeroso grupo se dirigiu a casa do padre alemão Franz Auling e a apedrejou, repetindo o ato em outra casa onde moravam mais clérigos. O *Diário da Tarde*, apesar do expressivo apoio às causas anticlericais, censurou o ato.<sup>242</sup>

As denúncias envolvendo casos de agressões nas dependências do colégio da “comunidade católica allemã” seguiram, mesmo com a ausência de Franz Auling que, em junho de 1903, retornou para a Europa. Depois da ausência de Auling, o colégio passou a ser gerenciado por padres ligados à ordem franciscana.

Instituições pertencentes à “comunidade católica allemã” de Curitiba continuaram a ser destaque na imprensa, principalmente graças às polêmicas envolvendo o jornal alemão *Der Kompass*. De responsabilidade da mesma congregação franciscana que geria o colégio anteriormente referido, o *Der Kompass* constantemente chocava-se com segmentos distintos da sociedade curitibana, e uma parcela desses atritos foram constatados através dos acirrados debates travados pela imprensa.

Embora situações conflitantes (veladas ou não) envolvendo o *Der Kompass* possam ser detectadas, praticamente, desde os primeiros anos de sua fundação (em julho de 1902), optei por explorar alguns desses momentos, cujas especificidades vão ao encontro dos direcionamentos desta dissertação.

Como já mencionado anteriormente, o movimento anticlerical de Curitiba ganhou fortes proporções no início do século XX. Sua atuação, por meio de publicações em jornais e revistas, bem como sua difusão entre pessoas ligadas à maçonaria, fortaleceram o grupo. Entre os oponentes desses encontravam-se os clérigos estrangeiros que habitavam Curitiba,

---

<sup>241</sup> *Diário da Tarde*, 10 de abril de 1901. p.2

<sup>242</sup> *Diário da Tarde*, 27 de maio de 1901. p.2

entre eles os responsáveis pelo jornal *Der Kompass*. Em dezembro de 1904, no *Diário da Tarde*, um autor, que assinou com o pseudônimo de “Bolimbolacho”, acusava o “*Kompass*”,

*sordido jornal alemão, (...) que é scripta no potreiro da praça da República onde moram os padres de hábitos ruivos, não poupa seus ataques ao dr. Lauro Sodré e a maçonaria. (...) Mas faz bem o redactor do Der Kompass percorrendo esse caminho meserrimo em que vae: nada mais está fazendo do que conservar as tradições dessa folha que foi creada por aquelle Auling terrivel que chicoteava as crianças e insultava lhes os paes e respondia inqueritos nas repartições de policia.*<sup>243</sup>

Nesse enxerto o tom de hostilidade ecoa desde os adjetivos (sórdido, potreiro)<sup>244</sup> usados para se referir ao jornal e sua redação até o fato de associar o jornal com as peripécias passadas pelo Padre Auling na cidade, embora o mesmo já tivesse deixado a cidade há um ano.

Anos mais tarde, em 1909, em meio às disputas eleitorais, o *Diário da Tarde* anunciou aos seus leitores e ao público em geral a opinião do *Der Kompass* a respeito das eleições nacionais:

um jornal, que por sua condição de *hospede* devera ser commedido ao apreciar a nossa politica interna, entendeu de debochar! Publica-se nessa cidade o tal periodico e se intitula Der Kompass. É em allemão, de propriedade e redacção de uma sucia de frades estrangeiros. Pois o Der Kompass, em sua alta sabedoria, resolveu metter sua colher torta na questão das candidaturas e o fez pretendendo ridicularisar os nossos estadistas e a nossa patria. O jornal fradesco propõe para presidente e vice-presidente... Imaginem os leitores quem é que elles propõe! Abdul-Hamid, para presidente e o general Cypriano de Castro, para vice-presidente!!! E até ahi vae o desaforo do jornaleco fradesco.<sup>245</sup>

Novamente, o termo “hóspede” foi utilizado para se referir a “alemães”. Para o “*Diário*”, na qualidade de hóspede em Curitiba, o *Der Kompass* não deveria se intrometer no que dizia respeito à política nacional.

A repercussão de tal notícia se espalhou e, poucos dias depois, os jornais *A República* e o *Estado do Paraná* também manifestaram seu repúdio às declarações do jornal alemão. Para o *Diário da Tarde*, embora estes jornais, *A República* e o *Estado do Paraná*, seguissem

---

<sup>243</sup> *Diário da Tarde*, 30 de dezembro de 1904. p.1 (sem grifo no original)

<sup>244</sup> Outros termos pejorativos referentes aos responsáveis pelo *Der Kompass* e ao próprio jornal foram localizados no decorrer da pesquisa, entre eles, destacam-se: padres roliços e “vermelhaços” salazares, jornaleco, cerebrino.

<sup>245</sup> *Diário da Tarde*, 8 de junho de 1909. p.1. Abdul Hamid foi sultão da Turquia e deposto em abril de 1909 em decorrência de seu governo autocrático. E Cipriano Castro foi presidente da Venezuela, sofreu um golpe de Estado em 1908.



orientações políticas distintas da sua, o que estava em jogo nesse episódio eram questões de “interesse paranaense”, logo, era importante que os grandes jornais da imprensa curitibana se mobilizassem e se unissem, pois uma das preocupações era que as opiniões do *Der Kompass* atingissem uma repercussão nacional, o que, provavelmente, seria prejudicial ao Paraná. E o *Diário da Tarde* segue:

O Der Kompass está mentindo a sua missão e é elemento pernicioso em nossa sociedade. Em vez de procurar approximar dos brasileiros a operosa colonia allemã, ao contrario tenta affastala vomitando insultos ridiculos contra os homens e cousas do Brazil. Nós brasileiros, repellimos a grosseira offensa; a distincta colonia allemã, que aqui tem seus interesses e que convive identificada com os naturaes, por sua vez deve dar um exemplo de amor á terra de seus filhos e de seu bem estar enxotando o jornaleco que com revoltante ingratidão apaga nossa generosa hospitalidade.<sup>246</sup>

O jornal curitibano joga a responsabilidade também para a “distincta colonia allemã” da cidade, pois, a seu ver, cabia aos “allemães” daqui repelir este jornal, considerado como parte integrante da “colonia”, que por suas colocações estava sendo hostil com o povo brasileiro.

No dia seguinte, talvez em parte respondendo ao pedido do jornal, temos a notícia que,

Não só entre os nacionaes tem despertado a insolência do *Der Kompass*. No seio da laboriosa colônia allemã, como era de esperar, o facto causou seria repulsa. Hoje pela manhã, diversos subditos allemães foram á redacção do *Der Beobachter* levar o seu protesto contra o procedimento insólito dos frades franciscanos, chegando mesmo os mais exaltados a ameaçar de empastellamento o jornal catholico.<sup>247</sup>

Segundo o *Diário da Tarde*, o jornal dos franciscanos só não foi danificado porque os “nossos confrades do *Der Beobachter*”<sup>248</sup> aconselharam os revoltados a não colocarem tal ideia em prática.

Por meio do jornal *Der Kompass*, foi constatado que Emílio Heins, na época redator chefe deste jornal, alegou em sua defesa que o caso não passava de um grande mal entendido, e que Anton Schneider, com o seu jornal, incitava ainda mais naquela complicada situação, estimulando curitibanos a se posicionarem contra o jornal católico alemão; também afirmou que o *Diário da Tarde* havia exagerado em seus comentários.<sup>249</sup>

---

<sup>246</sup> *Diário da Tarde*, 10 de junho de 1909. p. 1

<sup>247</sup> *Diário da Tarde*, 11 de junho de 1909. p.1

<sup>248</sup> *Diário da Tarde*, 11 de junho de 1909. p.1

<sup>249</sup> O *Der Kompass* escreveu em sua defesa nas edições dos dias 9, 12 e 16 de junho de 1909.

Mas tais explicações não convenceram um grupo de estudantes que, na mesma semana, foram à redação do jornal alemão a fim de exigirem maiores explicações. Esse fato, além de ter sido destaque na imprensa, ainda rendeu um processo criminal; alguns dos seus desdobramentos, devido à complexidade e importância serão em seguida abordados.

Tal processo foi oriundo de uma queixa que Emílio Heins apresentou ao comissariado de polícia alegando que alunos do Ginásio Paranaense haviam danificado o estabelecimento de seu jornal. No auto de perguntas feitas a Heins, o mesmo declarou que

(...) foi avisado pelo telephone de que os alumnos do Gymnasio Paranaense derigiam-se á redacção do mesmo jornal, afim de provocarem desordem o respondente os esperou com a devida calma afim de saber do que se tratava e effectivamente momentos depois subiu pelo lado da rua gritos de diversas pessoas que disiam *abaixo o Der Kompass*, em vista do que o respondente abriu a janella e interpellando-os perguntou-lhes: o que desejavam? E ao mesmo tempo pediu que fisessem o obsequio de destacar o chefe do grupo afim de com elle se entender, tendo sido immediatamente destacado do grupo um moço o qual dirigiu-se em bons termos ao respondente dizendo que o seu fim e dos companheiros ali presentes era unicamente para protestarem contra um artigo escrito nas columnas do *Der Kompass*, a respeito das candidaturas presidenciaes que elles como brasileiros julgavam um insulto ao Brazil; que o respondente replicou dizendo que o artigo escripto por elle no jornal *Der Kompass* não offendia a Nação Brasileira e nem tampouco seria capaz de tal ou mesmo tivesse intensão [ilegível] sequer de leve offender o Brazil tanto assim que já havia escripto duas cartas uma designada a redacção da “*Republica*”, já publicada e outra a redacção do “*Diario da Tarde*” por publicar ou que seria publicada hoje, declarações estas que satisfizeram ao moço com quem o respondente se entendera, deixando, porem, de satisfazer os demais alumnos, que enfurecidos e munidos de pedras e bombas arremessavam estas sobre o edificio da redacção quebrando vidros de janellas e portas e não satisfeitos quebraram a travessa do portão da entrada do quintal, procurando ali penetrarem; que em vista dessa aggressão e attitude inqualificável dos alumnos o respondente viu-se obrigado, afim de amedronta-los, de mostrar-lhes uma espingarda de fogo central, não se intimidaram, porem, os alumnos continuando nas mesmas algazaras e vaias, nessa occasião o senhor Romario Martins, redactor do jornal “*A Republica*” fez ver seus alumnos que assim procediam incorretamente, pedindo-lhes ao mesmo tempo de não continuarem a aggreddir o respondente no que foi attendido, disperssando-se o grupo.<sup>250</sup>

Os depoimentos coletados de cinco testemunhas não diferenciavam substancialmente da versão apresentada por Emílio Heins, a não ser pelo fato de que nenhuma das testemunhas mencionou a presença de Romário Martins na ocasião. Reiterando tal informação, o próprio Romário Martins, na época redator chefe do jornal *A República*, declarou que não compareceu à manifestação.<sup>251</sup> Também chama a atenção o fato de que, das cinco testemunhas, quatro

<sup>250</sup> Processo crime número 901. Acervo do Tribunal de Justiça do Paraná. (grifo meu)

<sup>251</sup> *A República*, 12 de junho de 1909. p.2

afirmaram que o grupo de alunos que participaram do referido protesto era composto por aproximadamente 50 pessoas. Podemos então imaginar o quão impactante foi para Heins, entre outros, ter observado 50 pessoas gritando “abaixo o Kompass”, além, é claro, da própria depredação de partes da edificação que abrigava a redação do jornal.

A revista de humor *O Olho da Rua* também dedicou algumas de suas páginas ao ocorrido. Publicou uma crônica apresentando sua versão ao fato:

Aquillo que aconteceu ao ‘Der Kompass’, o santo jornal que é um dos órgãos do *Potreiro*, foi uma dos diabos. Só mesmo o *espírito immundo* poderia ter inspirado o bojudado fradalhão de cujo serebro surgiu a infernal e odiosa idéa de apresentar a candidatura de Abdul-Hamid para presidente e a do general Cypriano de Castro para vice presidente da nossa Republica. Depois do enérgico rebato do *Diario*, toda a mocidade se poz em guarda, fremente de indignação e os *carolas* vendo as cousas tão feias tremeram, pois em verdade Mephistopheles, o infame, tinha de apoderado da alma do redactor da santíssima folha. (...) Reuniram-se os moços e a dois de fundo, cantando, dirigiram-se á praça da Republica n’ uma grande manifestação ao ‘Der Kompass’. Ao chegarem a porta da redacção intimaram a um frade para dar-lhe explicações formaes afim de que o remedio fosse applicado com segurança. Mas o fradalhão pegando de um trabuco tentou fazer fogo: era o damnado, que estava naquelle corpo, pensaram. Uma chuva de pedra cahiu entre as quatro paredes e o roupera cahiu também por baixo d’uma meza, como um morcego colossal, batendo as negras azas. Os rapazes não se contiveram e invadiram a seráfica redacção. (...) O fradalhão do cheiro que todos julgavam *agonisante*, fez enorme esforço e conseguiu dizer quase em monosyllabas estas palavras que ficaram registradas: -*Eu jurra p’ra fosseis que xornal Der Kompass que é compasso non descompassa mais, non mette narriz onde non foi xamata*. Foi uma gargalhada, Ninguém pensára em divertir-se tanto. A rapaziada sahiu alegremente. Por certo o homem não tinha mais o diabo no corpo. (...) Estava a festa acabada. É provável que assim, por algum tempo a redacção do ‘Der Kompass’ não caia n’outra.<sup>252</sup>

Na mesma edição também encontramos a seguinte imagem:<sup>253</sup>

---

<sup>252</sup> REVISTA *O OLHO DA RUA*, 19 de junho de 1909. n°54 (grifo no original)

<sup>253</sup> A Retratação do “Der Kompass” REVISTA *O OLHO DA RUA*, 19 de junho de 1909. n°54



FIGURA – 4 A Retratação do “Der Kompass” REVISTA *O OLHO DA RUA*

Em episódios como este entre outros, já abordados, nota-se, que embora fazendo parte da “laboriosa colonia allemã” da cidade o padre, e o próprio jornal não estavam imunes as críticas.

Como já visto, Sá Christão era um dos pseudônimos de Mário de Barros, artista que fazia parte do grupo de anticlericais da cidade. Na “operação photographica”, representada no primeiro quadro, nota-se um padre (provavelmente Emílio Heins, o qual estava mais envolvido na questão então em voga) que, aparentemente, nada apresentava incomum em relação às imagens tradicionais das representações de padres. Mas, na “prova positiva” (segundo quadro), o fotografo mostra ao observador o resultado da revelação da imagem: o padre “comum” transforma-se num burro raivoso.

No que, aparentemente, soou como um ato simbólico do encerramento da referida discussão, no dia 14 de junho, segundo o *Diário da Tarde*, estudantes organizaram o simbólico préstito fúnebre do *Der Kompass*, convidando a população em geral a participar:

Ali por volta da 1 hora da tarde foi distribuído, profusamente, um boletim convidando o publico para a cerimonia. As 3 horas saiu o enterro percorrendo numerosas ruas da cidade. A frente o caixão encerrando os restos mortaes do

Der Kompass. Depois grande acompanhamento, levando os endiabrados moços o lenço ao nariz, por causa do mau cheiro... Em um estandarte, com pingentes de bacalhau e bananas, o carão de um frade com o distico germanizado *mi retrato*. O prestito percorreu as ruas ao som de infernal ladainha. O tropheu foi submetido a um auto de fé inquisitorial, isto é queimado em frente a redacção do Der Kompass. Os frades, encarapitados na janella do convento, assistiram a execução, tirando photographias. E assim com uma troça monumental feita pela briosa mocidade terminou o caso do Der Kompass. A terra lhe seja leve... com o Marumby por cima!<sup>254</sup>

É interessante apontar que os alunos do Ginásio Paranaense, os que promoveram tanto o protesto contra o *Der Kompass* quanto o “enterro” do mesmo, aproximadamente um ano atrás, em agosto de 1908, foram um dos grupos organizadores do *meeting* anticlerical ocorrido na Praça Tiradentes, como anteriormente mencionado. Neste sentido, é importante ressaltar a presença de Dario Vellozo como um dos professores (cadeira de História) deste colégio. Entre as diversas bandeiras levantadas por Vellozo, destacava-se sua atuação no movimento anticlerical da cidade. Ainda em 1908 o intelectual lançou a revista *Ramo de Acácia*, que, de acordo com Carlos Balhana, tinha como intuito fazer oposição ao *Der Kompass*, considerado como o “porta-voz da fradaria em marcha contra a República.”<sup>255</sup>

Sobre a encenação do enterro, no dia 16 de junho o jornal católico alemão publicou uma pequena, porém expressiva e irônica, nota intitulada “Estranho Acontecimento” (*Sonderbare Vorkommnisse*) a respeito do fato:

O assunto terminou com uma farsa. O *Kompass* – como se supõe – foi enterrado. Mas já que não se pode fazer no mundo real; se contentam, finalmente, com um cortejo de carnaval. Visto que a polícia dessa vez ficou de olhos abertos, vieram sem perturbação da ordem. Curitiba pode se orgulhar de seus alunos cheios de esperanças, que com pedras, bombas de estalo e festejos de carnaval sabem defender sua pátria.<sup>256</sup>

Talvez querendo amenizar a opinião de seus leitores a respeito da proporção que a situação alcançou, o *Der Kompass* desconsiderasse o caráter político das ações dos estudantes do Ginásio Paranaense. Meio ano depois do ocorrido, o *Diário da Tarde* publicou a seguinte

---

<sup>254</sup> *Diário da Tarde*, 14 de junho 1909. p.1

<sup>255</sup> BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. *Ideias em Confronto*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 1980. p.79

<sup>256</sup> *Der Kompass*, 16 de junho de 1909. p.2 tradução livre. “Die Sache schloss mit einer Farce, (...). Der ‘Kompass’ wurde – man denke sich – begraben; da man ihn aber nicht in Wirklichkeit aus der Welt schaffen konnte, begnügte man sich schliesslich mit einem Karnevalszug. Da die Polizei diesmal die Augen offen hielt, kam es zu keinen Ruhestörungen. Curityba kann wahrlich stolz sein auf seine hoffnungsvollen Gymnastialschüler, welche mit Steinen, Knallbomben und Karnevalszügen das Vaterland zu verteidigen wissen.”

notícia: “Alvejado por um tiro – No Der Kompass.”<sup>257</sup> Nesta, o jornal afirmou que Leonidio Lobo dos Santos, ao passar pela Rua 24 de Maio, foi atingido por um tiro disparado de dentro da redação do jornal alemão. O *Diário da Tarde* então rememora os seus leitores que Emilio Heins, o redator do jornal alemão, já havia ameaçado com uma arma os estudantes que foram protestar na porta do seu jornal. E alertou a população que tomasse cuidado com aquele local que havia se tornado perigoso para os transeuntes.

Embora a gravidade dos fatos, o *Der Kompass* continuou circulando em Curitiba e alguns anos mais tarde, em 1917, num outro contexto, voltou a ser alvo de manifestantes que não concordavam com a sua existência na cidade (no terceiro capítulo tais episódios serão tratados).

Os casos polêmicos envolvendo o padre Franz Auling, o colégio alemão católico por ele fundado e o jornal *Der Kompass*, ocorreram com uma certa frequência durante as décadas de 1890, 1900 e 1910; sendo assim, é provável que tenham sido marcantes tanto para pessoas envolvidas e que defendiam tais instituições, como, para os opositores das mesmas. Com outras palavras, a experiência de sociabilidade desses sujeitos foram marcadas também pelos múltiplos episódios de hostilidades e conflitos envolvendo diversos setores da sociedade, ou seja, no perpassar dos anos, tais experiências conflituosas formaram parte do imaginário da sociedade, e como tal, também constituíram o processo de sociabilidade cotidiano. Neste sentido, é possível que em períodos de crises agudas, como as que ocorreram em 1917, as experiências conflituosas marcadas ao longo dos anos fossem um combustível a mais para a conjuntura do momento.<sup>258</sup>

A Primeira República acompanhou de perto o crescimento de movimentos reivindicatórios de ordem popular; neste sentido, a Curitiba do início do século XX também foi palco para a eclosão de suas primeiras greves. Luiz Carlos Ribeiro, em sua dissertação, buscou identificar e recuperar os trabalhadores na cidade de Curitiba de 1890 a 1920. Para o propósito aqui delimitado, cabe adentrar em alguns fatos ocorridos durante a greve de 1906, cuja repercussão extrapolou aqueles que estavam diretamente envolvidos – patrões e empregados – e envolveu grande parte da sociedade. Além do trabalho de Ribeiro, também busquei na imprensa outras informações concernentes aos fatos.

Em suma, durante as primeiras movimentações dos grevistas, ficou estabelecido em uma reunião entre lideranças e operários, na Associação *Giusepe Garibaldi*, no dia 2 de julho de 1906, a criação de comissões que ficaram encarregadas de negociar com os donos das

---

<sup>257</sup> *Diário da Tarde*, 26 de janeiro de 1910. p.2

<sup>258</sup> Retomarei essa questão no capítulo 3.

maiores fábricas de sapato de Curitiba. Entre essas encontrava-se a fábrica Hatschbach & Companhia, de propriedade de Rodolpho Hatschbach, imigrante de origem austríaca, mas apontado como alguém de origem alemã. Entre as propostas dos grevistas estava uma reivindicação de 25% do aumento salarial dos operários das fábricas, proposta esta que Hatschbach recusou.

Uma das grandes tensões envolvendo este proprietário, e os grevistas, veio em decorrência de uma pequena nota no *Diário da Tarde*, na qual constava a informação que Hatschbach havia mandado contratar vinte operários da Alemanha para trabalharem em sua oficina, devido à greve que havia afastado os operários de sua fábrica.<sup>259</sup> Na edição seguinte, no mesmo jornal, foi publicado um protesto de autoria de M. Francfort, que assinou como o vice-presidente da Federação Operaria Paranaense:

Os srs. Hatschbach & Cia, declararam a semana passada, aos delegados dos grevistas sapateiros, (...), que *'antes de augmentar em quinhentos reis diários UM OFFICIAL BRAZILEIRO elles preferiram mandar vir 20 da Allemanha e a sua custa'*. Está portanto bem claro o intuito dos srs. Hatschbach é o mesmo a que attendeu o famoso engenheiro Levermann declarando que si a sua senhora fosse grávida, a mandaria á Allemanha para não ter filho macaco. Os srs. Hatschbach acham que os operários daqui são bons enquanto se deixam explorar sem reagir, mas quando exigem salários dignos de homens os mesmos senhores acham que não os merecem por serem brasileiros e preferem despende alguns contos de reis para mandar vir o seu pessoal de sua terra. O procedimento destes sapateiros é simplesmente ridículo, se não fosse repugnante, é o caso de chamar a atenção do *publico brasileiro e das famílias brasileiras*, para que, em represálias deixem de serem freguezes destes bons e legítimos allemães, pois que, acho justo, que não valendo nada os operários brasileiros, também os freguezes brasileiros não devem valer cousissima alguma.<sup>260</sup>

Embora este episódio envolvendo o engenheiro Levermann (não foram encontradas informações anteriores a respeito desse fato) não estivesse relacionado ao fato em questão, M. Francfort, ao citá-lo, parece querer indicar que se tratava, em essência, do mesmo problema: a ideia de que “allemães” nutriam em relação à “inferioridade” brasileira. O problema já havia ultrapassado as questões relacionadas à greve, e o autor, ao evocar termos como “publico brasileiro”, “família brasileira” e, no contraponto, “bons e legitimos allemães”, sugere que o caso fosse tratado como um problema nacional. Ou seja, na sua versão, não eram apenas os operários os prejudicados pelas ações do proprietário da sapataria, mas sim todo o “publico

---

<sup>259</sup> *Diário da Tarde*, 14 de julho de 1906. p.2

<sup>260</sup> *Diário da Tarde*, 16 de julho de 1906. p.2. (grifo no original)

brasileiro”; cabia então a este público, ao tomar consciência destes fatos, não comprarem mais produtos na referida sapataria.

No dia seguinte a essa publicação, Hatschbach negou em uma longa nota no jornal *A República* que havia feito o pedido para contratar funcionários da Alemanha, disse, ainda, que lamentava o fato de haver em “nosso” meio, – utilizando expressões que o aproximava dos brasileiros, – “elementos perturbadores da ordem pública”, e se defendeu afirmando que, na sua fábrica, empregava pessoas de várias nacionalidades, sendo apenas um de origem alemã. Enfatizou, ainda, que M. Francfort era um recém chegado ao Brasil enquanto ele, Hatschbach, estava no país já há alguns anos. E encerrou dizendo que, embora austríaco de nascimento, havia crescido no Brasil e tinha orgulho de se considerar brasileiro. Um dos pontos da discussão entre os dois estrangeiros, Hatschbach e M. Francfort, acabou, aparentemente, criando uma disputa em torno de quem se afirmava mais enquanto brasileiro.

No entanto, a discussão seguiu, e M. Francfort respondeu por meio de outra nota no *Diário da Tarde*. Nessa apresentou um documento do consulado francês o qual trazia a informação de que residente no Brasil o mesmo era um militante socialista e trabalhava em defesa dos interesses da democracia e da justiça social. M. Francfort ainda rebateu a acusação feita por Hatschbach, a de que seria um perturbador da ordem, afirmando nunca ter sido preso, mas o mais intrigante é que nessa publicação M. Francfort enfatizou: “Longe de mim o intuito de querer alimentar uma intriga de nacionalidade, pois que folgo ter como amigos e freguezes muitos allemães a quem continuo a dispensar a minha amizade e a minha pequena freguezia...”<sup>261</sup> Embora a discussão estive permeada por questões referentes à nacionalidade dos envolvidos, aqui M. Francfort parecia indicar que o fato, essencialmente, não se tratava de um conflito étnico, mas sim de classe.

No dia 24 de julho a Liga dos Sapateiros convocou a sociedade curitibana para um boicote às firmas de Muggiatti & Irmão e Hatschbach & Cia., por conta da não cooperação de ambos com os trabalhadores em greve. Declararam, ainda que

estes srs. Hatschbach, como bem claramente se vê, estão cooperando em GERMANISAR o Paraná. Eles não só pretendem esmagar os operários brasileiros, querem também esmagar o desenvolvimento das industrias nacionaes, favorecendo a invasão commercial da Allemanha!<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> *Diário da Tarde*, 18 de julho de 1906. p.2

<sup>262</sup> *Diário da Tarde*, 24 de julho de 1906. p.2 (grifo no original)



Para os que sugeriram o boicote, as reivindicações de trabalhadores, atreladas às suas condições adversas de trabalho, esbarravam, no caso da firma Hatschbach & Cia, no problema da germanidade dos patrões.<sup>263</sup> Para um dos líderes desta greve, parece que não havia problemas em ser “alemão”; conforme afirmou, o próprio tinha “como amigos e freguezes muitos alemães a quem continuo a dispensar a minha amizade...”, mas, existia sim problemas em querer “germanisar o Paraná”. A partir deste ponto de vista havia uma clara distinção entre “ser allemão” e querer “germanisar”, ou seja, nem todos que eram “alemães” tinham como intuito “germanisar” a cidade, mas os que assim procediam eram encarados não apenas como inimigos da classe operária, como de todos os brasileiros, afinal, os que assim agiam, entre outras coisas, favoreciam a “invasão commercial da Allemanha” no território nacional.

É bastante emblemático que um dos principais argumentos utilizado pelos grevistas para chamar a atenção do público, “germanisar o Paraná”, fosse oriundo de questões relacionadas aos perigos que rondavam os países mais frágeis naquele período, ou seja, os perigos do imperialismo. Parece plausível que, ao recorrer a tais recursos, os grevistas estavam tocando em um ponto difundido pelos meios midiáticos e que compunham o imaginário de tal contexto. A partir desta constatação é possível questionar: quando e como o imperialismo alemão da época foi atrelado aos imigrantes de ascendência germânica que habitavam Curitiba? E ainda quais foram as possíveis implicações de tal ligação? Essas e outras reflexões serão aprofundadas no próximo tópico dessa dissertação.

2.2 “Diz o boato, que o *Kaiser* de um vasto império europeu, quer juntar as nossas terras ao que é seu”: a difusão do “perigo alemão” na imprensa local

Os processos transoceânicos de e/imigrações foram decorrentes, em grande parte, das condições socioeconômicas e políticas que envolveram as nações durante os séculos XIX e XX. Tais processos colocaram o mundo em movimento; milhares deixaram seu país de origem em busca de novas oportunidades ou fugindo de condições inóspitas decorrentes de conflitos políticos, religiosos e econômicos. Enquanto os países das Américas recebiam um elevado montante destes imigrantes, nações da Europa, como Alemanha, traçavam um movimento contrário.

---

<sup>263</sup> Não cabe aqui uma reflexão mais aprofundada a respeito das questões concernentes às reivindicações dos trabalhadores em greve, mas é possível encontrar mais sobre essas questões na dissertação (já aqui citada) de Luiz Carlos Ribeiro.

Após a consolidação “tardia” da unificação do país em 1871, pouco tempo depois da emblemática vitória na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), a Alemanha buscou sua inserção no cenário mundial. Jorge Luiz da Cunha, ao discorrer sobre a política de colonização da Alemanha, constatou que, já em meados do século XIX, havia uma preocupação em não estimular a emigração para países como Estados Unidos, Rússia e Canadá, locais onde os laços que mantinham os imigrantes ligados a pátria mãe, rapidamente se afrouxavam.<sup>264</sup> Neste sentido, esperando o contrário, para muitos alemães, a América do Sul proporcionava condições mais apropriadas para seus interesses econômicos e políticos. Todavia, e, sobretudo no que tange à política externa alemã, mudanças substanciais ocorreram com o advento de Guilherme II como imperador do *Reich* a partir de 1890.

Concomitantemente, a Alemanha, assim como outras grandes potências estavam envoltas nas políticas expansionistas do imperialismo, e sob a égide do mesmo, o racismo era utilizado pelas nações como arma ideológica de dominação e subordinação.<sup>265</sup> Pregava-se o discurso da escala hierárquica das raças, o qual pressupunha a superioridade da raça branca; some-se a isso o *status* de “civilizado” que os países europeus atribuíam a si mesmos.<sup>266</sup> Levar a “civilização” para locais como Ásia e, sobretudo, a África, constituía parte dos discursos das potências.

No que se refere à Alemanha, entre as medidas imperialistas arquitetadas pelo império alemão e seus entusiastas, estava à disseminação do germanismo (*Deutschtum*). Este, baseado na ideia da superioridade racial germânica, previa, entre outras coisas, políticas de incentivo a criação e sustentação de instituições que priorizassem elementos da cultura e tradição germânica, ou seja, que criassem condições para o estreitamento das relações econômicas, culturais e políticas entre a Alemanha e seus imigrantes espalhados pelos continentes, sobretudo na América do Sul e África.

Em um contexto marcado por acirradas competições entre as nações, estratégias políticas eram colocadas em prática a fim de desestabilizar os países concorrentes. Entre estas

---

<sup>264</sup> A respeito da questão da chegada dos imigrantes nos Estados Unidos, Eric Hobsbawm, afirmou que: “Nem a língua nem a etnia são essenciais para o nacionalismo revolucionário original, do qual os Estados Unidos são a principal versão ainda sobrevivente. (...) Ele [país] almejava *ampliar* a escala das unidades humanas sociais, políticas e culturais: unificar e expandir, em vez de restringir e separar.” HOBBSAWM, Eric J. *Etnia e nacionalismo na Europa de hoje*. In. *Um mapa da questão nacional*. Balakrishnan, Gopal. (org). Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 273.

<sup>265</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

<sup>266</sup> Aqui o conceito de “civilização” é compreendido com base nos trabalhos de Norbert Elias. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. v.2

estratégias estavam a disseminação, por nações adversárias, de possíveis pretensões de anexações de territórios de países considerados mais fracos, entre eles o Brasil.

Entre as notícias recorrentes neste contexto estavam aquelas ligadas ao chamado “perigo alemão” que fora difundido, originalmente, por países como França, Estados Unidos (sustentada pela doutrina *Monroe*) e Inglaterra. Tratava-se de divulgar e alertar os países da América Latina, em especial Brasil e Argentina, do perigo de manter em seus territórios colônias alemãs, as quais, supostamente, serviriam aos interesses do Império germânico. Para os divulgadores de tais ideias, os imigrantes de origem germânica comungavam com os agentes do imperialismo alemão.

Parte da historiografia apontou que a política imperialista alemã, diferente da inglesa e francesa, por exemplo, atuou com zonas de influências econômicas, cuja pretensão, sobretudo, não era a de conquistar novas colônias povoando-as, mas sim, exercer forte influência nas colônias alemãs já existentes, espalhadas pelos países, a fim de fortalecer, principalmente, vínculos econômicos por meio da conquista do mercado local.<sup>267</sup> Entretanto, segundo René Gertz,<sup>268</sup> alguns ideólogos, “mais exaltados e menos realistas”, do imperialismo alemão chegaram a cogitar a anexação do sul do Brasil, ideia que também, por vezes, emergiu na imprensa curitibana, como será mostrado a seguir.

Por meio dos telegramas que circulavam pela imprensa internacional e nacional, chegavam em Curitiba, notícias relacionadas às políticas dos países imperialistas. Entre os jornais da capital não foram poucas as páginas destinadas a debater a respeito das supostas intenções da Alemanha no sul do Brasil. Como consequência, falava-se, ocasionalmente, sobre a postura da “colônia allemã” que habitava a cidade.

A partir da análise das fontes foi constatado que um dos primeiros momentos em que o “perigo alemão” apareceu com grande destaque na imprensa da capital, se deu em meados de 1899, quando o jornal *A República* publicou um telegrama, originalmente vindo da cidade de Bremen no norte da Alemanha:

Imprensa aconselha o governo a hastear a bandeira allemã nos territórios do sul do Brazil occupados pela companhia hanseática, onde a colonisação abarca área maior que a do Grão Ducado Oldemburgo. Accrescentam os jornaes que a doutrina de Monrõe caducou com a occupação das Filippinas pelos americanos.<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> HOBBSBAWM, Eric. op. cit, 2008.

<sup>268</sup> GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS 1991.

<sup>269</sup> *A República*, 9 de maio de 1899. p.2

A imprensa alemã sugeria então, por meio do gesto simbólico de hastear a bandeira em terras do sul do Brasil, que aqueles locais, povoados por um grande número de pessoas de ascendência germânica, deveriam ser reconhecidos como territórios do governo de Guilherme II, então, o imperador. Não por menos, tal telegrama repercutiu em uma série de polêmicas no mês de maio de 1899.<sup>270</sup> Pouco tempo depois, em agosto do mesmo ano, como que respondendo em nome dos alemães radicados na cidade, João Schmidt,<sup>271</sup> publicou uma extensa nota, intitulada “Um Perigo Possível”, na qual se referia aos boatos de ocupação da Alemanha em parte do sul do Brasil. Sobre o telegrama de Bremen, Schmidt afirmou que “A opinião de um jornalista, que não nos conhece, reproduzida em ‘Bremen’ e transmitida para nós, foi motivo de grande celeuma contra a Alemanha inteira!”<sup>272</sup> Schmidt prossegue dizendo que, entre as grandes potências, a Alemanha era a única, até aquele momento, que nunca havia ferido a integridade do território brasileiro. Argumentou, também, que um dos motivos que gerava preocupação no Brasil advinha de uma suposta negligência dos “alemães” quanto ao aprendizado da língua portuguesa; “os alemães entre si fallão em allemão, o mesmo fazem em família; porem, não é assim que tambem procedem os francezes, os italianos, os polacos, etc?”<sup>273</sup> No dia seguinte o jornal publicou a conclusão do texto de João Schmidt: “O que se exige e deve se fazer com energia é o uzo da lingua do paiz em todas as relações officiaes e negocios públicos.”<sup>274</sup>

No que se refere ao uso da língua alemã em Curitiba, Nestor Victor afirmou que:

Nas ruas, frequentemente, de passagem, ouviam-se louros bandos de crianças que estavam a brincar tagarelando “yas” e “nichts”, parece que numa absoluta ignorância do nosso idioma. Acontecia dirigirmo-nos a uma moçoila ou a uma dona de casa pedindo qualquer informação e vermos com dolorosa surpresa que não éramos entendidos. Se tomávamos um carro, estávamos na contingência de fazer, as vezes, nossa viagem sem trocar palavra com o cocheiro porque este só sabia alemão.<sup>275</sup>

A grande maioria de imigrantes de origem alemã que entraram no Paraná eram oriundos de levadas posteriores a 1870.<sup>276</sup> Logo, tais pessoas passaram e vivenciaram o processo

---

<sup>270</sup> Tal questão foi abordada no artigo: NADALIN, Sergio Odilon; FABRIS, Pamela. Op.cit.

<sup>271</sup> O nome “João Schmidt” como aparece na reportagem provavelmente está escrito erroneamente, é mais provável que seu sobrenome fosse Schmidt. De qualquer forma, optei em manter a grafia apresentada pela imprensa.

<sup>272</sup> *Diário da Tarde*, 2 de agosto de 1899. p.2

<sup>273</sup> *Diário da Tarde*, 2 de agosto 1899. p.2

<sup>274</sup> *Diário da Tarde*, 3 de agosto de 1899. p.2

<sup>275</sup> SANTOS, Vitor. 1996. Op. cit, p.77

<sup>276</sup> NADALIN, Sergio Odilon. *Imigrantes de origem germânica no Brasil*. Ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Quatro Ventos, 2001.

de unificação da Alemanha.<sup>277</sup> Para Hobsbawm, em tal país (assim como na Itália) a língua assumiu um papel fundamental na construção da identidade nacional; afinal, na visão do autor, era a “*única* coisa que os fazia alemães...”<sup>278</sup>; no entanto, é importante ressaltar que o território que formou a Alemanha em 1870 também não era homogêneo. Havia (há) uma grande multiplicidade de elementos que diferenciavam o caráter da população. A título de exemplo, destaca-se as divergências religiosas entre católicos e luteranos, e a própria diversificação da língua alemã, com a imensa quantidade de dialetos que compõe a região.

Como apontaram Nestor Victor e João Schimidt, é bem provável que a língua alemã, além de ser preservada no âmbito privado das famílias de ascendência germânica, fosse comumente falada nos espaços públicos. Soma-se a isso, a quantidade de fatores, como os jornais, as escolas, as associações, que, de certa forma, estimulavam a manutenção da língua germânica, e podemos ter, minimamente, uma ideia do valor para uma parcela dos imigrantes da preservação do seu idioma original.<sup>279</sup>

Ainda distante das políticas de peso de nacionalização do território brasileiro, a sociedade, no final do século XIX, parecia ainda ser muito conivente com certos *modus operandi* de imigrantes. Neste sentido, a declaração de João Schimidt talvez expresse o que para ele possivelmente fosse óbvio: ora, para os imigrantes de diversas etnias, entre seus pares, no âmbito do lar, era a língua de seu país original que deveria vigorar; contudo, tratando-se de negócios e política, era conveniente que se falasse a língua do país em que toda essa gama de imigrantes se encontrava.

Dois anos depois, em 1901, outra notícia vinda do exterior ganharia fortemente as páginas da imprensa. O *Diário da Tarde* publicou uma matéria extraída de um jornal berlinense, *Vossische Zeitung*,<sup>280</sup> em que foi apresentada uma discussão a respeito da emigração alemã para os países da América:

Estimular a emigração alemã para o Brasil, para desviar dos Estados-Unidos a corrente de emigrantes alemães, é um pensamento que desde poucas dezenas de

---

<sup>277</sup> MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Unicamp / Fapesp, 1998. p.28

<sup>278</sup> HOBBSAWM, Eric. 1990. op.cit, p.127

<sup>279</sup> No entanto, Hobsbawm, ao discorrer sobre o tema do nacionalismo entre anos finais do século XIX e início do XX afirmou ainda que “a aquisição de uma consciência nacional não pode ser separada da aquisição de outras formas de consciência social e política nesse período: todas estão juntas.” Tal afirmação, de certa forma, vem ao encontro com o que foi discutido no tópico 1.3 da dissertação. Naquele momento, enfatizei na necessidade de não considerar a origem étnica como fator preponderante nas práticas dos sujeitos de origem germânica. *id. ibid.* p.152

<sup>280</sup> Tal jornal também citado por Norbert Elias. Segundo o autor, o *Vossische Zeitung* publicava certas reclamações de parte da população contra os privilégios da nobreza alemã. ELIAS, Norbert. 1997. op.cit p.66

annos apparece a muitos de nossos politicos coloniaes como um ideal. O allemão que se dirige á enorme guela dos Estados-Unidos perde-se em geral muito brevemente para a mãe da Patria. O Americanismo, que tudo nivela, assimila-o; e a Allemanha todos os annos tem a lamentar-se da irreparável perda de muitos patrícios trabalhadores. Nos Estados do Sul do Brazil sobrepuja o *germanismo*. Os emigrantes allemães, que desde poucas dezenas de annos se tem dirigido para lá, tem conservado suas qualidades nacionaes. Esses Estados são allemães no character, na língua, nos costumes, hábitos, modos de vida e opiniões. (...). Curityba, a capital do Estado brasileiro do Paraná é uma cidade completamente allemã...<sup>281</sup>

Além de Curitiba, o jornal alemão ainda apontou outras cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul as quais identificou como “completamente allemãs”, e onde o germanismo dominava.

Segundo René Gertz, o germanismo (*Deutschtum*) também se traduzia em uma ideologia que refletia no modo de vida dos imigrantes alemães e seus descendentes, cujos princípios se pautavam na defesa de uma germanidade, ou seja, no incentivo a preservação da tradição, costumes, cultura, história e língua alemã. Por outro lado, para o mesmo autor, a defesa do germanismo, por parte dos sujeitos de origem alemã, não pode ser generalizada, ou seja, variou dependendo do local e do período em questão; pois, caso contrário, poderia-se cair na armadilha “(...) de pressupor que tudo o que os ideólogos do germanismo diziam era integralmente endossado pela totalidade da população de origem alemã...”<sup>282</sup>. A partir de suas pesquisas, esse autor constatou que o germanismo foi defendido com mais entusiasmo, sobretudo, em locais onde uma expressiva parcela dos imigrantes alemães compunha o setor da elite econômica urbana, apoiados por um grupo de intelectuais. Quanto à intelectualidade, Giralda Seyferth afirmou que a *intelligentia* alemã (a que se manifestava principalmente pela imprensa) no Brasil estava, em sua maioria, concentrada em cidades como São Paulo, Blumenau, Porto Alegre e Curitiba.<sup>283</sup> Seyferth também afirmou que todos os jornais, “sem exceção”, que circularam até o ano de 1941, eram defensores da germanidade.<sup>284</sup>

Diante das constatações dos dois autores supracitados, poderíamos logo supor que, em Curitiba, a germanidade fora altamente difundida, visto que havia uma imprensa alemã consolidada e uma forte elite com raízes germânicas. No entanto, seguindo os pressupostos defendidos desde o começo dessa dissertação, penso que seja necessário relativizar tal

---

<sup>281</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1901. p.1 (grifo meu)

<sup>282</sup> GERTZ, René. 1991, op.cit, p. 34

<sup>283</sup> SEYFERTH, Giralda. Os teuto-brasileiros e a integração cívica: observações sobre a problemática convivência do *deutschum* com o nacionalismo brasileiro. In: TIEMANN, Joachim et alii. *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Martius-Staden, 2006. pp. 117-155. p.127

<sup>284</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 49.

questão, principalmente no que tange à imprensa alemã em Curitiba. Como anteriormente visto no tópico 1.3, é provável que tal imprensa representasse uma série de questões, as quais, nem sempre eram necessariamente relacionadas à germanidade.

Opondo a afirmativa de Seyferth, João Klug, ao tratar dos jornais em língua alemã em Santa Catarina, afirmou que o germanismo (*Deutschtum*) não estava presente no ideário de todos os jornais em que pesquisou. Destacou ainda que, “ao investigar as razões pelas quais cada um veio à luz [cada jornal que analisou], percebe-se que os motivos são outros e são, a rigor, de ordem regional, revelando uma opção política em primeiro plano.”<sup>285</sup> Ao afirmar que nem todos os jornais em língua alemã que circularam por Santa Catarina tinham como principal viés a disseminação do germanismo, e que outras questões políticas formavam o fio condutor que os fundamentava, Klug destaca a multiplicidade de fatores que permeavam a vida desses imigrantes de origem alemã em Santa Catarina.

Neste sentido, em Curitiba o mesmo pode ter ocorrido: é possível que o intuito principal do *Der Kompass* e do *Der Beobachter*, entre outras publicações, que circulavam pela capital, não fosse o de disseminar constantemente entre os seus leitores as ideias de germanidade, mas sim, tratar de outras questões referentes ao cotidiano, como religião, política, educação. Por outro lado, isto não quer dizer que tal ideologia não estivesse presente; trata-se aqui da tentativa de perceber que havia outros elementos, além do germanismo, que constituíam o cotidiano de tais pessoas. Sendo assim, se não há como afirmar com mais rigor a respeito da difusão do germanismo na imprensa alemã de Curitiba, durante os primeiros anos da Primeira República, o mesmo pode ser feito nos dois jornais, em língua portuguesa, de maior circulação naquele período, o *Diário da Tarde* e *A República*.

Como anteriormente já apontado, data de 1899 a primeira publicação de grande destaque sobre o “perigo alemão” na cidade. Em 1901 o *Diário da Tarde* diagnosticou, em meados de 1901, que “de um certo tempo para cá repetem-se” as notícias relacionadas às intenções suspeitas de germânicos no Brasil.<sup>286</sup> E o que se seguiu, foi um período, repleto de vai e vem de notícias, que ora identificavam as intenções nebulosas dos germânicos como meros boatos, ora apontavam “provas” dos intuitos da política expansionista alemã.

E tais notícias também pareciam mexer com parte do cotidiano da população. Conta o jornal que, após as publicações acerca das supostas intenções de anexação de parte do território brasileiro pela Alemanha, dois sujeitos, Otto Reslaffe, nascido na Alemanha, e Julio

---

<sup>285</sup> KLUG, João. Imprensa e imigração alemã em Santa Catarina. In: *Imigração e Imprensa*. DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos Justos. Porto Alegre, EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. pp 13-25. p.13

<sup>286</sup> *Diário da Tarde*, 30 de abril de 1901. p.1

Baar descendente de alemães, mas nascido no Paraná, discutiram energicamente pelas ruas da cidade, pois o primeiro “applaudia com entusiasmo a notícia da fallada conquista do império germânico”, enquanto que o segundo condenava.<sup>287</sup>

No dia 4 de maio do mesmo ano, o jornal estampou em suas páginas uma charge satirizando as supostas intenções do império alemão:<sup>288</sup>



FIGURA 5 – *Um Boato Diário da Tarde*

A charge apresenta o imperador Guilherme II com uma vestimenta militar portando uma espada na mão direita e colocando uma enorme mão esquerda no território do sul do Brasil, como quem realiza o gesto de se apoderar deste local. A ideia que se transmite é a de uma figura com imenso poder cujo ato agressivo torna os habitantes vítimas, vulneráveis diante de sua força. Tais elementos poderiam indicar, por exemplo, a denúncia por parte da imprensa quanto ao efetivo perigo de uma anexação, pela Alemanha, do sul do Brasil. No entanto, o chapéu utilizado pelo *Kaiser*, com espécies de antenas e outros detalhes no lugar da

<sup>287</sup> *Diário da Tarde*, 1 de maio de 1901. p.1

<sup>288</sup> *Diário da Tarde*, 4 de maio de 1901. p. 1



tradicional “lança”, parece ser um indício do caráter jocoso da imagem. A imagem, em si, carrega um certo grau de ambiguidade, pois não se sabe ao certo se o autor da ilustração leva a sério o “perigo alemão”; contudo, o texto combinado com a imagem não deixa dúvidas:

Diz o boato que o *Kaiser*  
de um vasto império europeu  
quer juntar as nossas terras  
ao que é seu.  
Mas não passa de balella;  
Elle não pensa em taes roscas;  
Que estas cousas não se apanham  
Como quem apanha moscas.<sup>289</sup>

Possivelmente céptico quanto às pretensões do “perigo alemão”, tal autor brinca, utilizando uma rima pueril que indica tratar-se de uma piada com os que, de fato, acreditavam nas ameaças de invasão. Para o mesmo, a mobilização para uma invasão não seria algo tão banal, tal qual o gesto de “quem apanha moscas”. Entretanto, assim como a imagem, o texto mistura uma piada ingênua (“roscas”) com um assunto da maior gravidade (“juntar as nossas terras ao que é seu”). O absurdo da composição dos versos parece fazer uma analogia com o absurdo da “paranóia” de uma suposta invasão.

A respeito da difusão mais generalizada do “perigo alemão” no Brasil, pode-se considerar como emblemático o ano de 1906.<sup>290</sup> Na Capital Federal, em 29 de outubro, o deputado Barbosa Lima<sup>291</sup> discursou sobre as possíveis intenções imperialistas no sul. Poucos dias depois, o *Diário da Tarde* publicou uma série de quatro artigos, assinados por alguém que usava o pseudônimo de “Cory Tybano”, referentes, as notícias das políticas expansionistas das grandes potências. Tal matéria chama a atenção, pois, diferente das anteriores, trata mais a fundo da questão em Curitiba; ou seja, ao mesmo tempo em que denunciava o “perigo alemão”, o relacionava com a “colônia allemã” da cidade.

Nos primeiros artigos, Cory Tybano, escreveu, entre outras coisas, que os alemães eram mais um entre o numeroso grupo de imigrantes que compunham o mosaico de etnias que formava a Curitiba “cosmopolita”.<sup>292</sup> E destacou ainda que,

---

<sup>289</sup> *Diário da Tarde*, 4 de maio de 1901. p.1

<sup>290</sup> Em 1905, devido ao incidente com os marinheiros do navio alemão *Panther* (discutido no tópico 1.4), a imprensa também explorou as ideias em torno do “perigo alemão”.

<sup>291</sup> Deputado de origem militar e positivista. Segundo Svecenko, Barbosa Lima “(...) gozava de enorme prestígio no Rio de Janeiro, tanto pela sua preocupação com a legislação social de proteção às camadas populares e trabalhadoras quanto por seus prodigiosos dotes de orador.” SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.19

<sup>292</sup> *Diário da Tarde*, 10 de novembro de 1906. p.1

Há aqui, em Curitiba, indivíduos, nascidos nesta mesma terra e que se consideram pouco mais ou menos subditos de Kaiser. Fazem timbre nisso, collocando a Alemanha nos cocorutos da lua, endeusando-a e tudo que a ella pertença; preocupam-se mais com o que ocorre lá do que com o que se passa na legitima patria de nascimento. Parecerá inacreditavel, mas é crystalina expressão da verdade: ha allemães que aqui se acham ha mais de 20 annos e não falam o nosso idioma. (...) Pessoas extranhas ao nosso meio social talvez indaguem curiosas: E podem viver assim? Perfeitamente porque a colonia allemã vive a parte, fechada a sete chaves dentro de seu exclusivismo; não faz vida commum commosco, a não ser sob o ponto vista commercial, notando-se que os allemães sempre dão preferencias aos negocios e productos de seus patricios. Tem os seus clubs, as suas diversões, os seus jornaes, os seus frades, as suas escolas onde não se ensina o brasileiro e onde as paredes ostentam retratos do rei Guilherme, Bismark, e onde os nossos grandes homens não tem entrada, nem tão pouco a heroica e luminosa historia brasileira.<sup>293</sup>

O autor deste texto sintetizou em poucas palavras o que, na verdade, perpassava pelos discursos dos mais variados matizes: a partir de 1900, discursos acirrados entre germanófilos e germanofóbicos se alastravam pelas páginas na imprensa e da literatura nacional.<sup>294</sup> Entre os últimos, germanofóbicos, nota-se que seu discurso se ancorava, sobretudo, na suposição do isolacionismo da “colônia allemã”, principalmente, no sul do Brasil, tendo como corolário um provável movimento separatista apoiado pelo Império Germânico. Para este grupo, os imigrantes de tal nacionalidade cultivavam e propagavam seus hábitos e costumes, por meio da edificação de clubes, jornais, escolas e igrejas, mantendo estreitas somente relações comerciais com o restante da população. Do outro lado, os germanófilos, inclusive a elite letrada de origem germânica, se defendiam, assegurando que os imigrantes de origem germânica nada mais faziam do que trabalhar para o progresso do país. Afirmavam, ainda, que as ideias de separatismo não passavam de meros boatos, espalhados no intuito de manchar a imagem da Alemanha no Brasil.

Embora, como anteriormente constatado, certas práticas da “colônia allemã” fossem, por vezes, consideradas incômodas a setores da sociedade curitibana, o trecho acima parece que, de certa forma, as superestimou. É o caso, por exemplo, da referência as escolas étnicas alemãs. Essas, de fato, priorizavam o ensino em sua língua “materna”; no entanto, não deixavam de ensinar o português.<sup>295</sup> É possível que o fato de se tratar de uma matéria cujo

---

<sup>293</sup> *Diário da Tarde*, 12 de novembro de 1906. p.1

<sup>294</sup> É importante lembrar que o contexto no qual a discussão se insere, tal condição não era exclusiva para os sujeitos de ascendência alemã. Thomas Skidmore e Nicolau Sevcenko apontaram, por exemplo, parte dos conflitos ocasionados com imigrantes portugueses, e o sentimento de “lusofobia” no Rio de Janeiro neste mesmo período. SKIDMORE, Thomas. Op.cit, p.137; SEVCENKO, Nicolau. Op.cit, p.63

<sup>295</sup> Regina de Souza aponta que, em 1913, no que tange à *Deutsche Schule*, uma das maiores escolas alemãs de Curitiba, o ensino do Português ocupava o terceiro lugar em número de horas-aula na grade horária. SOUZA, Regina, Op.cit, p.117.

conteúdo abordava o “perigo allemão”, tenha contribuído para um certo excesso por parte do autor.

Todavia, este mesmo autor também parecia estar atento em relação a generalizações: “Depois é preciso notar que *a colonia allemã aqui acha-se como que bipartida*, em duas facções, uma (a menor) que nos é *sympathica* e outra que se conserva inabordable, *germanica* ate a medulla.”<sup>296</sup> De tal frase, extraem-se dois aspectos relevantes para os que partilhavam das ideias desse autor. Além de considerar a vasta maioria dos imigrantes de origem germânicas de Curitiba hostis em relação ao restante da população, o autor ainda reitera um discurso que marcava polaridades ao evocar o pronome “nós”, para fazer referência aos “brasileiros”, não pertencentes a tal “colônia”, em oposição ao “outro”, ao imigrante de origem alemã. Novamente, o conceito de “fronteiras étnicas”, de Frederik Barth, pode indicar alguns esclarecimentos: na percepção do autor de tal matéria (entre outros que compartilhavam de suas ideias), “outro”, o germânico “ate a medula”, o qual realmente incomodava, parecia ser aquele que evitava ao máximo a socialização com o restante da sociedade, restringindo-a somente ao necessário, para sua subsistência. Ou seja, eram aqueles que liam os jornais em alemão e frequentavam ambientes como, escolas, associações e igrejas, onde elementos da cultura e da tradição germânica eram privilegiados. O autor da matéria, na condição de exógeno ao grupo percebe a “colônia allemã” como “outros”, porém não a vê como homogênea, separando entre uma minoria simpática e uma maioria inassimilável. No entanto, ambos os grupos fazem parte dos que não “nos” representa. Trata-se, portanto, de uma análise da sociedade que identifica e impõem balizas, recursos que esse mesmo autor utilizou novamente nos trechos que aparecem abaixo.

No artigo posterior de “Cory Tybano”, questões relacionadas à língua e ao ensino em português foram enfaticamente abordadas. Criticava-se a preferência dos “allemães” e seus descendentes em frequentarem escolas étnicas:

As escolas allemãs de Coritiba tem centenas e centenas de alumnos; no Gymnasio Paranaense, que é curso superior esses alumnos são avis *rara*. Quando o sr. Affonso Penna, em excursão pelos Estados da União, esteve em Joinville, ouviu a allegação de que predomina o idioma allemão por falta de escolas brasileiras. E aqui porque os allemãesinhos só frequentam escolas allemães? Será pelo mesmo motivo? Mas não: nesta capital e zona suburbana existem 31 estabelecimentos publicos de ensino, a fora os numerosos collegios particulares. O que nos falta é a obrigatoriedade do ensino do vernaculo.<sup>297</sup>

---

<sup>296</sup> *Diário da Tarde*, 12 de novembro de 1906. p.1

<sup>297</sup> *Diário da Tarde*, 14 de novembro de 1906. p.1. (grifo no original)

Ainda ao apontar o caso das escolas alemãs o autor se refere à postura do império alemão frente aos educadores que faziam seu trabalho no exterior, e menciona a turbulenta passagem do Padre Auling pela cidade, o qual já havia voltado para a Alemanha cerca de três anos antes:

si o perigo allemão é uma utopia, si a Allemanha só se empenha no expansionismo commercial, e não territorial, porque subvenciona as escolas allemães no Brazil? Um desses religiosos, que se destacára, o seviciador de creanças, Auling, foi agraciado com a “águia vermelha”, “por serviços relevantes prestados a Allemanha no Brazil.”<sup>298</sup>

E, para encerrar a matéria nesse dia, o autor afirmou que, para alguns “allemães”, – inclusive os que escreviam no *Der Beobachter*, – sem a presença dos mesmos em território nacional, seríamos ainda um país atrasado; e conclui: “não resta duvida que *lhe* devemos bastante; muito mais, porem, elles *nos* devem.”<sup>299</sup>

Nessa ocasião, o jornal concorrente, *A República*, saiu em defesa da “colônia allemã”. Foram publicados artigos intitulados “De Monoculo”, também assinados por um anônimo, o “Conde do Rheno”, o qual, contrariando seu opositor, “Cory Tybano”, afirmou, entre outras coisas, que o “perigo alemão” não passava de uma utopia, embora também reconhecesse: “não contestamos *que haja alguns na colônia allemã que não sympathizem connosco*.”<sup>300</sup> Mesmo contestando o famigerado “perigo alemão”, esse autor, assim como o “Cory Tybano”, não concebe a “colônia” como homogênea: **alguns** da “colônia allemã” não eram simpáticos “connosco”.

E as trocas de farpas entre os dois jornais seguiam. “Cory Tybano” continuou a discussão com o “Conde do Rheno”, mas, agora, em artigos intitulados “Pro-Pátria”. E já na primeira publicação reitera sua opinião sobre a postura dos germânicos em relação à sociedade majoritária: “a aversão é a regra, a sympathia a excepção.”<sup>301</sup> E o artigo continua: “não queremos o allemão nato renegando a sua loura patria; (...) queremos apenas que elle comprehenda a sua posição de *hospede* que deve gentilezas ao dono da casa, o qual o recebeu amavelmente.”<sup>302</sup>

Embora o “perigo alemão” despertasse debates acirrados e polêmicos, tanto a nível nacional, como internacional, por vezes, a imprensa também tratava sua disseminação de

---

<sup>298</sup> *Diário da Tarde*, 14 de novembro de 1906. p.1

<sup>299</sup> *Diário da Tarde*, 14 de novembro de 1906. p.1. (grifo meu)

<sup>300</sup> *A República*, 16 de novembro de 1906. p.2 (grifo meu)

<sup>301</sup> *Diário da Tarde*, 15 de novembro de 1906. p.1

<sup>302</sup> *Diário da Tarde*, 15 de novembro de 1906. p.1 (sem grifo no original)

forma irônica. Além da charge anteriormente apresentada, outras publicações jocosas chamam a atenção. É o caso, por exemplo, de uma matéria do *Diário da Tarde* publicada quatro dias antes do primeiro dos polêmicos artigos de “Cory Tybano”:

O perigo allemão existe de facto. Também só não o vê quem é cego. Elle se manifesta entre nós pela escandalosa preponderancia do bier, do chopp, dos sandwiches, dos pinheirinhos, dos ausflungs (sic) [piquenique], e etc. A isto tudo juntamos uma observação, que fizemos domingo no Coliseo: o perigo allemão manifesta-se ainda na conquista, muito pacifica e elegante, que as senhoritas allemães estão fazendo dos rapazes brasileiros. Parte notavel de nossa mocidade inclina-se fortemente para o lado das graciosas damas louras e claras, de origem germanica..<sup>303</sup>

Também no mesmo ano, na seção “Guirlandas”, do *Diário da Tarde*, alguém que se identificou como “R.P”, ironizou a respeito das supostas intenções nebulosas da “tão odiada colonia” de Curitiba.<sup>304</sup> Referiu-se ainda a alguns dos ícones do progresso de imigrantes dessa origem, como a cervejaria *Leitner*, e a usina de luz elétrica, pertencente à família Hauer. Com outras palavras, mencionou alguns dos ricos imigrantes (vencedores) ligados às atividades comerciais para satirizar a falta de integração dos “allemães” com a sociedade majoritária. Na opinião deste anônimo, sob a égide do “perigo alemão” crescia um ódio a pessoas que, a seu ver, eram apenas “inoffencivos filhos da Allemanha.” E conclui, reafirmando seu entusiasmo com a imigração germânica: “Que esse perigo avassale todo o vasto territorio paranaense, porque assim veremos outros pontos por elle favorecidos como tem sido a nossa pitoresca Curityba.”<sup>305</sup>

Outro exemplo da despreocupação com os boatos expansionistas dos países imperialistas apareceu na matéria “Problemas Descuidados – Unidade da Raça”, no dia 16 dezembro de 1909. Para o autor, “Antes de mais nada, que fique preestabelecido que julgamos uma tolice o alarma de um possível perigo allemão, italiano, turco, chim ou japonez em nosso paiz, como fantasiam muitos, com certeza imbuídos da leitura de romances sobre conquistas.”<sup>306</sup> Mas se não havia perigo externo, havia sim problemas em deixar os imigrantes isolados, a mercê de suas vontades. Para este autor, era por meio da mistura das raças que o país conseguiria alcançar estabilidade nacional.

Em decorrência de um período marcado pela impregnação das teorias raciais, da nacionalização e do imperialismo o que pode ser constatado são contradições nos discursos

---

<sup>303</sup> *Diário da Tarde*, 6 de novembro de 1906. p.2

<sup>304</sup> *Diário da Tarde*, 6 de junho de 1906. p.1

<sup>305</sup> *Diário da Tarde*, 6 de junho de 1906. p.1

<sup>306</sup> *Diário da Tarde*, 16 de dezembro de 1909. p.1

que, ora valorizavam o imigrante “alemão”, ora alertava para os perigos que os mesmo poderiam causar em território brasileiro. Para Sérgio Costa, a partir dos saberes científicos que “pregavam” a hierarquização das raças nos séculos XIX e XX, formaram-se no Brasil duas correntes: a primeira seguia os preceitos de Raimundo Nina Rodrigues, o qual acreditava que as raças inferiores eram impedidas biologicamente de alcançarem os grupos superiores. Segundo Costa, o médico e antropólogo, Nina Rodrigues, “(...) não acreditava que a imigração de europeus, acompanhada do sucessivo mestiçamento poderia ser a solução para o problema racial brasileiro”.<sup>307</sup> Já a segunda corrente baseava-se nas ideias de Sílvio Romero, que “(...) chega mesmo a propor um conjunto de medidas para forçar o convívio dos imigrantes alemães e seus descendentes com os demais brasileiros, de sorte a desencorajar os quistos étnicos, apressar o branqueamento e ainda afastar qualquer aventura separatista”.<sup>308</sup> Os simpatizantes da causa de Sílvio Romero viam o imigrante ariano como o portador do progresso almejado para o desenvolvimento do país. Entretanto, era, principalmente, por meio da miscigenação das raças que alcançaríamos paulatinamente o progresso, desfrutando, assim, das características entendidas na época como inerentes aos imigrantes “mais evoluídos”.

Segundo Marion Magalhães, Sílvio Romero foi um dos principais divulgadores do “perigo alemão” no Brasil. Em um dos textos do literato, “O alleanismo no sul do Brasil”, publicado em 1906, ao discorrer a respeito dos problemas nacionais na época, Romero previa que, caso o sistema de imigração continuasse a se concentrar no sul, no futuro, o Brasil seria desmembrado.<sup>309</sup> Para Romero, graças à doutrina *Monroe*, até aquele momento, o país fora salvo do imperialismo alemão; entretanto, fazia parte da estratégia adotada pela Alemanha, disseminar o germanismo (*Deutschtum*) pelo sul do Brasil, a fim de formar o território do “Brasil Germânico”, também conhecido como “Alemanha Antártica”. Por fim, Romero sugeriu uma série de medidas que poderiam amenizar a expansão alemã no sul, como forçar o ensino da língua portuguesa, proibir o uso da língua alemã em atos públicos, não vender extensas áreas a sindicatos alemães e evitar ao máximo a concentração de grandes núcleos alemães.<sup>310</sup>

Por meio da imprensa local, foi possível constatar que as ideias de Romero circulavam pelo meio letrado e, por vezes, não agradavam. Um ano após o lançamento do livro de

---

<sup>307</sup> COSTA, Sérgio. Imigração no Brasil e na Alemanha: contextos, conceitos, convergências. In: TIEMANN, Joachim et alii. *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Martius-Staden, 2006. pp. 141-164. p.144.

<sup>308</sup> *id. ibid.* p.145

<sup>309</sup> ROMERO, Sílvio. *Realidades e ilusões no Brasil*. Parlamentarismo e Presidencialismo e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979. p.230

<sup>310</sup> *id. ibid.* p.258

Romero, o *Diário da Tarde* publicou uma nota anunciando que havia recebido um exemplar da obra “O Sr. Silvio Romero e o Allemanismo no Sul do Brazil”, de autoria do curitibano, Alcides Munhoz.<sup>311</sup> Este criticou Silvio Romero, classificando sua obra como um intolerável lusitanismo; afirmou que o elemento nacional, puramente latino, havia sido formado por quatro séculos de lutas e não corria o risco de ser subtraído pelos “alemães” que, no seu entendimento eram, “symbolico nos sentimentos, mystico na religião, sem expressão e graça na arte plástica, sem o gênio poético capaz de formar epopeias nacionaes!”<sup>312</sup> Como outros cééticos dos perigos expansionistas dos alemães, Munhoz defendia que a conquista pretendida pelo país de Guilherme II era por mercadorias. E amenizou a questão do “perigo alemão”, afirmando que, ao menos no Paraná, as escolas germânicas já ensinavam a língua nacional; mencionou o apoio dado pelas associações germânicas ao Paraná, quando uma parte do território do estado foi anexado a Santa Catarina<sup>313</sup> e ainda destacou que os filhos dos imigrantes germânicos já sentiam a intensidade dos latinos, pois, “ (...) adopta as nossas modas, freqüenta os nossos clubs, dança em nossos bailes, e os rapazes... deixam-se levar de amor tambem pela nossas mimosas patricias.”<sup>314</sup>

Em 1910, Alcides Munhoz publicou novamente. O livro “A teutophobia do senhor Sylvio Romero”, mais uma vez tinha como objetivo contrapor certas ideias elaboradas pelo sergipano. Esta obra também repercutiu na imprensa, pois, em abril de 1911 o *Diário da Tarde* publicou um artigo extraído do jornal paulista *Diário Popular*, o qual se referia a obra de Munhoz como um folhetim que “prova que o Brazil, principalmente aquelles tres Estados, devem grande parte do seu progresso aos allemães, que aqui vieram não só fixar residência, mas adoptar uma nova pátria...”<sup>315</sup>

O livro, “A teutophobia do senhor Sylvio Romero”, traz uma dedicatória na terceira página: “Aos estrangeiros e descendentes de todas as raças que têm cooperado para o engrandecimento do Paraná.”<sup>316</sup> Segundo o autor, a republicação do “O allemanismo no sul do Brasil” de Silvio Romero no livro “Provocações e Debates” o motivou a escrever esta resposta. Nesta, reitera a opinião de que o “perigo alemão” não passava de uma fantasia. No que se referia ao Paraná, Munhoz discorreu com excessivo entusiasmo: “Não há aqui allemães

---

<sup>311</sup> *Diário da Tarde*, 2 de julho de 1907. p.2

<sup>312</sup> MUNHOZ, Alcides. *O Sr. Sylvio Romério e o allemanismo no Sul do Brasil: o Paraná*. Curitiba: Oficinas de Artes Graphicas de Adolpho Guimarães, 1907.p.10

<sup>313</sup> Fato tratado também no tópico 1.2.

<sup>314</sup> MUNHOZ, Alcides. Op.cit, p. 20

<sup>315</sup> *Diário da Tarde*, 18 de abril de 1909. p.1

<sup>316</sup> MUNHOZ, Alcides. *A Teutophobia do Senhor Sylvio Romero*. Curitiba: Typ. Da Livraria Economica, 1910. p.3

que luctem com as dificuldades da vida, nem que se ocupem em serviços de baixa esfera, como os portugueses no Rio de Janeiro e os italianos em S. Paulo. O Paraná deve-lhes muito, ou melhor, deve-lhes quase todo o seu progresso.”<sup>317</sup> São palavras como as de Alcides Munhoz que constituíam os discursos hegemônicos do período. Pretende-se aqui a oposição entre os “bons” imigrantes, que trabalham para o progresso do país, e os desqualificados aqueles executores de “serviços de baixa esfera”. Nota-se um caráter extremado em ambos os discursos: se, por um lado, Silvio Romero despejava por todo o país o temor da separação do sul do país pelos “perigosos” imigrantes “alemães”, por outro, Alcides Munhoz, direcionava todos os “progressos” locais, que faziam parte do processo capitalista em expansão, quase que, exclusivamente, aos imigrantes desta origem.

Pouco tempo depois do início da guerra do Contestado, Silvio Romero foi novamente destaque na imprensa curitibana. Em dezembro de 1912, o *Diário da Tarde* comentou a respeito de artigos de Romero publicados no periódico do Rio de Janeiro *A Epoca*. Nestes, o autor propunha, como solução para os conflitos de terra envolvendo Paraná e Santa Catarina, uma fusão entre os dois estados. Tal solução não foi bem aceita pelo *Diário da Tarde*; entretanto, o jornal publicou a carta que recebeu de Romero. Em meio a acalorados elogios ao jornal da capital, – para Romero, este era o “mais ativo, independente, enérgico e popular de todos os jornaes do Paraná...”<sup>318</sup>, – o crítico literário solicitou que seus artigos fossem publicados nesta folha. O jornal agradeceu a carta do “notavel brasileiro”, mas declarou que, discordando do conteúdo dos artigos de Romero, não os publicaria.

Embora não tenha publicado os artigos que Silvio Romero havia solicitado, no dia seguinte, na seção “Telegrammas” do *Diário da Tarde*, um texto deste autor apareceu. Neste, Romero se refere à existência da chamada “Allemanha Antartica”, concentrada principalmente em alguns estados de Santa Catarina, onde os “alemães” estariam dominando a imprensa, câmaras municipais e escolas; além disso, segundo o autor, os “alemães” costumavam caçar índios e classificar os brasileiros de “negros”; então conclui: “são, talvez, muitos brasileiros, mas dentro delles está o allemanismo irreductivel. Tudo com os estrangeiros, mas sem perdermos em nossa casa o primeiro lugar e o direito de exclusivamente nella mandar.”<sup>319</sup> Adepto das teorias eugenistas, talvez, para Romero, ser chamado de “negro” parecia ser tão “grave” quanto caçar índios.

---

<sup>317</sup> *id. ibid.* p. 29

<sup>318</sup> *Diário da Tarde*, 25 de dezembro de 1912. p.1

<sup>319</sup> *Diário da Tarde*, 26 de dezembro de 1912. p.2



Por meio da imprensa do Rio de Janeiro (Gazeta de Notícias), o paranaense Raul Darcanchy respondeu a Silvio Romero, dizendo que a hipótese de fusão entre os dois estados até seria aceitável, caso Santa Catarina não estivesse dominada por germânicos, o que em consequência, acabaria gerando a desnacionalização de ambos os estados. Também mencionou a respeito da “Allemanha Antarctica”, alertando que seus agentes dominavam uma expressiva área de Santa Catarina. Raul Darcanchy afirmou, ainda, que já durante muito tempo se manifestava na imprensa, – às vezes utilizando o pseudônimo Carlos Danc,<sup>320</sup> – advertindo sobre as expansões do imperialismo alemão em território nacional. “Dessa exposição resulta que a razão de maior pela qual os paranaenses repeliam a pretendida jurisdição está no pavor que lhe infunde o domínio teutônico.”<sup>321</sup>

Uma expressiva parcela dos discursos elaborados sobre o “perigo alemão” era proveniente da concepção de uma suposta superioridade germânica. Ora, para os adeptos dessa teoria, os alemães radicados no Brasil tinham a tendência de manter laços estritamente ligados a sua pátria, o que poderia significar, entre outras coisas, em um afastamento das questões nacionais.

De modo geral, na imprensa curitibana encontramos as mesmas preocupações e anseios que caracterizaram os primeiros anos do Brasil pós-abolição em todo âmbito nacional. Entre as principais inquietações em voga neste período estavam àquelas relacionadas à construção do biótipo ideal de uma nação. Em parte, pode ser decorrente daí a constatação de discursos imprecisos relacionados aos imigrantes alemães: ora enaltecimento, ora ironia, ora perseguição.

No entanto, é importante situar o “perigo alemão” em seu contexto. Segundo Nicolau Sevcenko, durante a Primeira República, havia

um temor obsessivo extremamente difundido e sensível em todo tipo de escritor, de que o Brasil viesse a sofrer uma invasão das potências expansionistas, perdendo a sua autonomia ou parte de seu território. Espantados com o ritmo delirante com que as grandes potências procediam à retalhação do globo terrestre, com os quistos de imigrantes inassimiláveis que se formavam e cresciam em seu território, e com o próprio vazio demográfico de amplos espaços do país que assumiam a feição de uma terra de ninguém, disponível a qualquer conquista, políticos, jornalistas, cronistas e escritores assumiam uma postura de alarme e defesa, dando o melhor de si para aliviar a nação dessa aflição que em parte *eles mesmos geraram*.<sup>322</sup>

---

<sup>320</sup> Um texto de Carlos D’arc foi aqui publicado quando tratei do incidente com o *Panther*. (p.77)

<sup>321</sup> *Diário da Tarde*, 27 de dezembro de 1912. p.2

<sup>322</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op.cit, p.84

Tratava-se do receio nacional do “perigo alemão”, do “perigo amarelo”, do “perigo americano” e do “perigo polaco”<sup>323</sup>. Neste sentido, é possível que a ameaça vinda do “perigo alemão”, ao menos teoricamente, não fosse mais alarmante do que qualquer outra oriunda das grandes potências.<sup>324</sup> No entanto, tal condição não excluía prováveis impactos destes boatos no cotidiano dos imigrantes. Ou seja, embora tais ameaças fossem, em parte, construções dos próprios escritores, em alguns momentos de crise mais intensas elas podem ter sido um elemento a mais na complexidade do contexto. Exemplo de tal constatação pode ser notado nos anos que perpassaram a Primeira Guerra Mundial em Curitiba, período em que tanto o “perigo alemão” quanto as práticas ditas excessivamente “germânicas” da “colônia alemã” foram colocadas em xeque. Porém, outros elementos relacionados a certas aspirações germânicas ajudariam ainda mais a complexificar a situação, e o último tópico deste capítulo propõe uma discussão acerca dos mesmos.

### 2.3 Nacionalismos extremos: discursos acerca do pangermanismo em Curitiba e no Império Alemão

É bem provável que a disseminação de ideias e boatos relacionados ao “perigo alemão” fossem, também, em parte provenientes do conhecimento de certas aspirações de ideólogos e entusiastas da expansão do domínio do império germânico. Assim como outras nações, a Alemanha fortaleceu elementos que culminaram com uma forte política nacionalista. Segundo Hobsbawm, o nacionalismo de certos Estados-nação, deste período, constituiu-se essencialmente como de direita e estigmatizava os demais grupos ou movimentos que não compartilhavam de seus ideais, como traidores e indesejados.<sup>325</sup> Na Alemanha destacaram-se as atuações do movimento pangermanista, o qual emergiu de

---

<sup>323</sup> Na matéria, “Existe um perigo polaco?”, o *Diário da Tarde* discorreu sobre o tema. *Diário da Tarde*, 26 de outubro de 1911. p.1; em 1906 constatei a matéria o “Perigo Amarelo” relacionada ao Japão (*A República*, 10 de novembro de 1906); e, em 1907, o *Diário da Tarde* publicou o texto “O perigo Feminino”: “Emquanto nós vivemos receosos do ‘perigo alemão’, e do ‘perigo americano’, e os europeus estremecem diante da perspectiva de uma luta causada pelo que chamam de ‘perigo amarelo’, os habitantes de Toppesfield, pequena aldeia situada no condado de Essex, na Inglaterra, tremem de horror e espanto diante de um perigo mil vezes pior do que todos esses que existem apenas na imaginação nossa e dos europeus: o ‘perigo feminino’.” De acordo com a notícia, o local aludido passava por um forte momento de desequilíbrio, e a preocupação era a de que os homens desaparecessem, tornando a cidade um ambiente exclusivo de mulheres. *Diário da Tarde*, 15 de março de 1907. p.2

<sup>324</sup> Ainda a título de exemplo, foi constatado na Revista “A Escola” o seguinte texto de autoria de Olavio Bilac: “Vivemos a tremer de medo diante dos perigos com que, de quando em quando nos assustam os jornalistas: o perigo alemão, o perigo americano, etc. Esses perigos não existem; mas, em compensação, existe em que é maior do que os outros, porque a todos encerra e resume: o perigo do analfabetismo.” *REVISTA A Escola*, Curitiba, Maio de 1906. Ano I, nº.4. p.65

<sup>325</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.204

inspirações oriundas tanto do romantismo alemão, como dos projetos imperialistas de expansão comercial e territorial; destacava-se, ainda, por um forte apelo para um nacionalismo apoiado nas concepções raciais. Hobsbawm ainda nos adverte que, neste período, “a língua e a ‘raça’ eram facilmente confundidas como no caso dos ‘arianos’(...)”. Além disso, há uma evidente analogia entre a insistência dos racistas na pureza racial e nos horrores da miscigenação, (...).”<sup>326</sup> No Brasil, como em outros locais onde a imigração alemã era expressiva, o movimento pangermanista atuou por meio da difusão de seus ideais pela imprensa, periódicos e almanaques, e por associações ligadas a algumas instituições.

Segundo Magalhães, os meios de comunicação de massa foram responsáveis por um estreitamento das relações entre os imigrantes de origem germânica, que se encontravam nas “colonias” do exterior, com sua pátria distante. Além disso, propiciavam aos imigrantes dispersos pelos mais variados territórios o reconhecimento de seus pares, incutindo-lhes uma ideia de coesão social.<sup>327</sup>

Nota-se, portanto, a importância visceral da imprensa, assim como outras publicações, em língua alemã, enquanto meio de difusão das ideias pangermanistas. A partir de tal constatação, uma série de questionamentos podem ser colocados, – o que será feito no decorrer deste item –; entre eles: é possível pensar a respeito da recepção dos ideais pangermanistas na imprensa em língua portuguesa? Embora muito se fale da propagação de tais ideais nos periódicos alemães, menos se vê a respeito de uma possível repercussão no meio letrado “brasileiro”, exceto em períodos mais conflituosos, como nos anos da Primeira Guerra Mundial.<sup>328</sup> Neste sentido, verticalizando a problemática, em âmbito regional, além da propagação já apontada a respeito do “perigo alemão”, também foram constatadas notícias e matérias, em Curitiba, que tratavam do pangermanismo e suas extensões, muito embora tais notícias não tenham circulado com tanta regularidade. Esse assunto é o tema dos próximos parágrafos.

No ano de 1906, o *Diário da Tarde* publicou um texto intitulado “O Pan-Germanismo” cuja autoria era de alguém que assinou com o pseudônimo de Irajá. O autor inicia alertando o leitor que uma parcela da propaganda contra o pangermanismo era, em parte, decorrente de interesses econômicos adversos e também de antigos ódios propagados e sustentados pelas potências concorrentes. Entretanto, afirmou que os alardes sobre o expansionismo germânico não eram de todo infundados, e uma prova concreta, para ele, era a

---

<sup>326</sup> HOBBSAWM, Eric. 1990. Op.cit. p.132

<sup>327</sup> MAGALHÃES, Marionilde. 1998, op. cit, p.14-15

<sup>328</sup> Esse período será abordado no terceiro capítulo da dissertação.

existência de um partido na Alemanha, “que arvora o lábaro da conquista e prega abertamente a germanização dos Estados meridionais do Brasil.”<sup>329</sup> Embora reconhecesse a política de dominação pretendida pelo estado germânico, Irajá discordava dos que acreditavam no chamado “perigo alemão”, ou seja, na hipótese da invasão territorial alemã no sul do Brasil. O argumento deste autor, como de tantos outros, era que, uma operação beligerante seria altamente custosa à nação do *Kaiser*. Se as ferramentas de dominação dos alemães não eram, e provavelmente nem seriam, as armas, o autor sugeria que a “fórmula” da propagação da germanização era outra: era através da política lenta, porém eficaz do Germanismo (*Deutschtum*). Por meio deste, o comércio, a indústria e as escolas alemãs seriam fortalecidas. E acrescentou:

é preciso que os tedescos immigrados transmittam aos filhos as mesmas idéas allemãs: cantem nas suas festas o hymno: - Allemanha, Allemanha sobre tudo no mundo. A desnacionalização da prole seria um desastre para o pan-germanismo. O problema requer meditação; e seria imperdoável si nos deixássemos, nas suaves ondulações da indolência, surprehender pela germanização. (...) Pois, nós brasileiros precisamos cuidar, não impedindo a vinda de braços e capitães, necessários ambos ao evoluir do paiz, mas de imitar a Norte America, opondo a germanização, os mesmos methodos tendentes a assimilação.<sup>330</sup>

Quanto à menção ao simbólico trecho do hino da Alemanha, “Allemanha sobre tudo no mundo”, cabe acrescentar que foi justamente neste contexto do acirramento do nacionalismo, no final do século XIX, que o mesmo foi incorporado ao hino nacional da Alemanha.<sup>331</sup> Mas a matéria acima (assim como as relacionadas ao “perigo alemão”) também traz indícios de questões concernentes a uma parcela da opinião pública curitibana; anunciava-se a necessidade de nacionalização do país, preocupação que já começava a se consolidar publicamente. O ensino que não se ancorava nos moldes brasileiros, por vezes, era questionado, e o modelo de colonização norte-americano era indicado como exemplo a ser seguido pelas autoridades brasileiras. Entretanto, ao mencionar o ensino praticado nas escolas alemãs, o autor do texto, ciente ou não, também estava denunciando os meios de ação das instituições pangermanistas. De acordo com Magalhães, as sociedades, como a Liga das Escolas Alemãs (*Allgemeiner Deutscher Schulverein*), associada à Liga pela Germanidade no Exterior (*Verein für das Deutschtum*), deram subsídios para a construção de escolas além de financiarem periódicos e igrejas. Para esta autora, tanto nas escolas como nos periódicos, o

<sup>329</sup> *Diário da Tarde*, 10 de abril de 1906. p.2

<sup>330</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1906. p.2

<sup>331</sup> HOBBSAWM, Eric. 1998. Op.cit. p.204

que se difundia eram teorias e ideias de superioridade racial, endogamia e desenvolvimento econômico da Alemanha.<sup>332</sup>

Em uma pesquisa inicial no jornal alemão católico de Curitiba, *Der Kompass*, foi constatado em um artigo publicado no dia 22 de maio de 1909, intitulado “A associação para o germanismo no exterior”,<sup>333</sup> que a Liga das Escolas Alemãs (*Allgemeiner Deutscher Schulverein*) havia se comunicado com os responsáveis pelo jornal, por meio de uma correspondência. Segundo o “*Kompass*”, graças a esta carta, foi possível saber a respeito da “elevada e importante tarefa que a instituição estava se colocando.”<sup>334</sup> E segue afirmando que, para os quase 30 milhões de alemães no exterior tal instituição visava incentivar à preservação da língua, costumes e cultura alemã, estreitando os vínculos com a pátria mãe; no entanto, também foi mencionado que esta associação tinha a preocupação em não prejudicar a, então, atual nacionalidade desses alemães no exterior. Ainda segundo o jornal, os interesses de tal instituição eram dirigidos, sobretudo, para as escolas alemãs do exterior, oferecendo assistência em locais mais necessitados, por meio, por exemplo, de doações de material escolar. Na mesma publicação, o *Der Kompass* afirmou que também em Curitiba e outras cidades do estado mantinham-se diversos e valiosos materiais para as escolas alemãs. E segue:

Merece ser especialmente salientado o fato de que nenhum país, em nenhuma das regiões do nosso globo preferidas pelos alemães, onde esta incansável associação ainda não tenha iniciado abençoadas relações, para divulgar de forma dedicada o sistema escolar alemão. (...). Por isso não é de se surpreender com o fato de que a mesma [a associação] já gastou mais de três milhões de marcos para dar apoio às escolas alemãs no exterior. A associação no momento conta com quase 40.000 membros, organizados em 314 associações nacionais e grupos locais. À primeira vista esses números podem parecer altos, mas dado o número extremamente elevado de escolas alemãs no exterior que precisam de apoio, eles [os números] só podem ser considerados como modestos. Ela [a associação] também apoia a contratação de clérigos (de todas as confissões), educadores, médicos e enfermeiras etc, por parte dos companheiros de tribo [alemães] que vivem fora do território do Reich. (...) Já em razão desta atividade benéfica, a ágil associação merecidamente deveria contar com a participação de todos os alemães fora do território nacional. Uma sociedade que apóia e promove os nossos interesses de forma tão diversa, tão preocupada, pode, em resposta esperar o nosso apoio. Se os alemães, em território nacional e fora do mesmo, cooperarem de forma unida, podem e serão alcançados objetivos bem

---

<sup>332</sup> MAGALHÃES, Marion. 1998. op. cit, p. 42

<sup>333</sup> *Der Kompass*, 22 de maio de 1909. p.1. “*Der Verein für das Deutschtum im Auslande*”. (tradução livre). Em anexo encontra-se a matéria.

<sup>334</sup> *Der Kompass*, 22 de maio de 1909. p.1 “*Der genannte Verein, bekannt als ‘Allgemeiner Deutscher Schulverein’ (Sitz in Berlin) hat uns mit einer Zuschrift erfreut, aus der wir ersehen, welche hohe und wichtige Aufgabe dieser Verein sich gestellt hat.*” (tradução livre)

maiores. Tendo em vista a grande importância cultural desse trabalho, nós recomendamos aos alemães no exterior, que receberem este ensaio, que o leiam com muito cuidado, e caso seja possível, se filiem a referida associação. Declarações de filiação serão aceitas não só na sede da Associação (em Berlim); também os consulados mediarão as mesmas com prazer. *E, finalmente, também a redação deste jornal se oferece para aceitar eventuais declarações de filiação, e fornecer maiores informações.*<sup>335</sup>

O conteúdo desta matéria parece corroborar com o que Magalhães afirmou sobre as associações de inspiração pangermânica: instituições eram financiadas, bem como havia uma evidente propaganda pela união e coesão entre os alemães espalhados pelo globo. A própria construção linguística do texto, elaborada a partir do uso de termos como, “alemães no exterior”, “companheiros de tribos” e “nossos interesses”, evocam e propagam um sentimento de pertença e unicidade do povo germânico.

Hannah Arendt, ao tratar do movimento pangermanista, identificou a ideia de “consciência tribal ampliada”. Para a autora, a propagação acerca da noção de “tribo”, tinha como objetivo “(...) unir todos os povos de origem étnica semelhante, independentemente da história ou do lugar em que residissem.”<sup>336</sup> No caso da publicação no *Der Kompass*, clamava-se por uma identificação com sua origem, e em nome dela, convocava-se para atuar, mesmo no Brasil, para o bem do povo alemão; ainda para Arendt o nacionalismo tribal, “(...) é introvertido, concentrado na própria alma do indivíduo, que é tida como a encarnação intrínseca de qualidades nacionais.”<sup>337</sup>

Da mesma forma, salta aos olhos, os números apresentados em tal texto: segundo o jornal, eram aproximadamente 40 mil membros divididos entre 314 associações que compunham a Liga das Escolas Alemãs; há também uma ênfase na capacidade de ação da instituição, trabalhando “para divulgar de forma dedicada o sistema escolar alemão” por todos os locais onde os seus compatriotas se encontrassem. No entanto, a meu ver, também é emblemática a afirmação de que Liga das Escolas Alemãs preocupava-se em não prejudicar a nacionalidade adquirida por estes alemães do exterior. Tal afirmação pode indicar uma postura mais moderada desta associação em relação à outra instituição, a Liga Pangermânica (que será tratada a seguir), contudo, não se descarta a hipótese de que o próprio *Der Kompass* pode ter evitado, em suas páginas, publicações mais radicais oriundas desta associação. Como já constatado ao longo deste trabalho, as relações deste jornal com parte da sociedade curitibana nem sempre foram cordiais.

---

<sup>335</sup> *Der Kompass*, 22 de maio de 1909. p.1. (grifo meu). Tradução livre.

<sup>336</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.255.

<sup>337</sup> *id. ibid.* p.258.

De qualquer forma, para os interesses aqui apresentados, tal matéria ainda é de essencial importância, pois, de certa forma, comprova a influência direta em Curitiba de ao menos uma das instituições, a Liga das Escolas Alemãs, de orientação pangermânica que, entre outras coisas, promoveram a germanidade pelo exterior, mesmo não sendo possível mensurar aqui a adesão a esta associação em Curitiba. Neste sentido, o jornal *Der Kompass*, além de promover a referida instituição, aconselhando os “alemães” no Brasil (lembrando que nessa época o jornal já circulava por mais de cinco estados brasileiros) a filiarem-se a mesma, ainda servia como uma espécie de filial da Liga das Escolas Alemãs, constatado que, os interessados poderiam recorrer à redação do jornal para se cadastrarem ou obterem maiores informações a respeito da associação.

Ainda no que se refere ao ensino e a conservação da língua alemã no sul do Brasil – um dos suportes das ideias pangermânicas – e a sua repercussão na imprensa nacional, no dia 4 de julho de 1910, na matéria “O germanismo no sul do Brasil”, assinada por alguém que se identificou como Elzio, o *Diário da Tarde*, afirmou que o consulado alemão havia solicitado ao governo brasileiro a isenção de direitos para os livros didáticos destinados as escolas de orientação alemã dos três estados do sul.

Na opinião de Elzio, “felizmente o governo denegou a solicitação impetrada, curando assim de grave interesse nacional, pois a verdade é que o germanismo nos Estados sulenses constitue problema, que não se pode desprezar nem negar.” Ainda parece bastante emblemática a menção que tal autor faz a respeito do que denominou como o “famigerado perigo alemão”. Segundo o mesmo, este funcionava como uma espécie de

espantinho de certos espiritos impressionaveis, que percebem conquistas territoriaes até a mão armada. Vemos no germanismo renitente obstaculo, aqui no sul, erguido á unidade ethnica do povo brasileiro; forte impecilho ao fusonamento de factores dispaes, que vão formando nossa nacionalidade; uma raça que se quer isolar dentro da muralha chinesa de sua lingua, de sua indole de seus costumes e caracteres. (...) os filhos de allemães nascidos no Brazil só frequentam escolas allemãs. É o que se dá no Paraná, em S. Catharina, no Rio Grande do Sul. (...) Sr. Presidente da Republica: as escolas do sul do Brazil não precisam de livros allemães; precisam de muitos, muitos livros brasileiros.<sup>338</sup>

Tanto para Irajá (anteriormente citado), cuja publicação data de 1906, quanto para Elzio, que escreveu em meados de 1910, era como se o alarde provocado pelas notícias relacionadas ao “perigo alemão” escamoteasse os “reais” problemas oriundos da expansão do

---

<sup>338</sup> *Diário da Tarde*, 4 de julho de 1910. p.2

germanismo pelo sul do Brasil e decorrente, em grande parte, da falta de disposição das autoridades brasileiras em nacionalizar esses “filhos de alemães”.

Além de, Magalhães, outra autora que discorreu a respeito da influência do pangermanismo em locais de colonização alemã foi Giralda Seyferth. No que tange às instituições que promoveram à difusão das ideias de cunho nacionalista alemã, ambas as autoras atribuem a Liga Pangermânica (*Alldeutscher Verband*) um especial destaque.

Tal instituição, cuja fundação data de 1891,<sup>339</sup> defendia entre seus principais objetivos os seguintes pontos: “Divulgação e propagação dos planos expansionistas da germanidade; União integral da germanidade em todo o mundo e Campanha em favor da germanidade no exterior.”<sup>340</sup> Em linhas gerais, esta instituição defendia o conceito de *Auslandsdeutsche*, o qual reconhecia a condição étnica como ponto fulcral e determinante para todos os indivíduos de ascendência germânica espalhados pelos continentes. Para Seyferth, entre as associações alemãs nacionalistas, a Liga Pangermânica foi a que mais se esforçou em disseminar o ideal do germanismo no Brasil meridional.<sup>341</sup> A autora também afirmou que esta associação buscou estabelecer vínculos políticos com o império germânico; entretanto, não obteve grande sucesso.<sup>342</sup>

Por meio de um documento, cuja autoria remete a diretoria da Liga Pangermânica, elaborado em 1916 e enviado as autoridades alemãs, podemos ter uma noção mais apurada das políticas e ideais defendidos por tal instituição.<sup>343</sup> Seu título é: “Relatório da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada”.<sup>344</sup> Optei por não transcrevê-lo na íntegra; foram privilegiados trechos que, a meu ver, indicam questões referentes à atmosfera que ia ganhando forma no período que precedeu

---

<sup>339</sup> SEYFERTH, Giralda. *A Liga Pangermânica e o perigo alemão no Brasil: Análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis*. História: Questões & Debates, Curitiba, 10 (18-19): 113-155. 1989 p.137

<sup>340</sup> MAGALHÃES, Marionilde. 1998. op.cit, p. 105. *Apud* Lexikon, 1983, p. 19

<sup>341</sup> SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (org.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003. p.139

<sup>342</sup> SEYFERTH, Giralda. 2003. Op.cit. p.47. Para Mercedes Gassen Kothe, apesar de não ser uma instituição governamental, a Liga Pangermânica atuou, em partes, com o aval do governo alemão, muito embora seus ideias políticos fossem, em linhas gerais, mais agressivos do que a postura do oficial deste governo. KOTHE, Mercedes Gassen. *Organizações Ligadas à Emigração Alemã para o Brasil*. Textos Hist. 1 Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. Retornaremos a questão sobre esses possíveis vínculos políticos da Liga com o governo alemão, 1993. pp.53-109, Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/5724/4730>

<sup>343</sup> Este relatório foi localizado no Arquivo Estatal de Bremen na Alemanha. Digitalizei o registro impresso e, em anexo (Anexo 7, p.239-246) segue o documento na íntegra. A tradução do texto contou com a valiosa ajuda de Rainer Fabry.

<sup>344</sup> “Relatório da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada.” (“ALLDEUTSCHER VERBAND, HAUPTLEITUNG BETREFFE SCHLUSS DER REICHSGRENZEN GEGEN UNERWÜNSCHTE EINWANDERUNG”). 1916. Arquivo Estatal de Bremen na Alemanha.



a Primeira Guerra Mundial, questões essas que tempos depois ganhariam mais fôlego, triunfando no período do regime do nacional-socialismo na Alemanha. De acordo com a Liga Pangermânica:

A existência e a prosperidade de um povo depende em grande medida da qualidade de sua composição, bem como das mudanças de composição que as camadas sociais sofrem. Todos os processos, que possam gerar mudanças na composição do corpo do povo podem ter consequência, requer daí por parte das pessoas encarregadas com a gestão do destino do povo, reconhecer tais processos em tempo e compreender suas variadas consequências. E nesse sentido precisa-se considerar já um processo, que ocorre através dessa guerra, cuja consequência já se pode certamente esperar após o fechamento de um contrato pela paz mundial. A guerra tem colocado grande parte dos povos da terra em uma situação de expressivo movimento nunca visto. A guerra tem consequência para todos na terra, mas na Europa, continuará com consequências que mudarão o estado das nações derrotadas (...). Antes de tudo, razões políticas, econômicas e outros motivos vão fazer com que grandes grupos de pessoas troquem seu país de residência anterior por um novo. O círculo dos atingidos por esse movimento provavelmente será grande e durará muito tempo. Com essas mudanças o império alemão não pode ficar tranqüilo, mas depois do que já foi observado, poderá ser suscetível de alterações em medida considerada. Localizado no coração da Europa, tem sido para a maioria dos povos da Europa mais acessível. Essa atração natural só aumentará depois da guerra, quando o império alemão – quem duvidaria – será o vencedor da guerra; (...).<sup>345</sup>

É de se presumir que a preocupação com o “corpo do povo”, ou seja, com a população pertencente ao império, provavelmente, se desse em decorrência da crença na superioridade e, consequentemente, na inferioridade de outras raças. Trata-se de atentar para a preservação do “corpo do povo”; ao evocar tal expressão, sugere-se que a população formava uma unidade funcional, um organismo que, para funcionar corretamente, precisava manter saudável os elementos que o compunham, daí a necessidade de impor barreiras aos indesejados.

Sob a certeza da paz mundial que se aproximava, tendo como resultado a vitória da Alemanha, – no momento em que o documento fora elaborado o conflito mundial encontrava-se no segundo ano –, os integrantes da Liga Pangermânica demonstravam apreensão quanto ao futuro da Europa, e mais especificamente, quanto ao império alemão.

Para nosso país se direcionarão finalmente muitos olhares, de antigos, mas também novos ódios daqueles que terão que fugir de seus países anteriores, (...), principalmente os diferentes tipos de estrangeiros, procurando um novo país hospedeiro vão tentar fluir para o território do império alemão. Essa grande e misturada afluente quando entrar irá naturalmente causar certas mudanças na

---

<sup>345</sup> “Relatório da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada.” 1916. Arquivo Estatal de Bremen.

composição hierárquica corporal do povo alemão. (...) O ganho esperado será o retorno de numerosos alemães, pois, é pra se esperar que o ódio contra tudo o que é alemão ficará insuportável em muitos lugares. Esta observação, no entanto, leva imediatamente ao conhecimento do risco inicial do movimento de migração: se não houver preparação apropriada teremos que deixar a tribo [irmãos de sangue] do lado de fora porque rapidamente o fluxo de estrangeiros encherá todo o nosso espaço livre.<sup>346</sup>

Novamente aqui percebe-se o uso do termo “tribo”,<sup>347</sup> o qual, como já constatado, simbolizava a união dos povos germânicos. Outro efeito esperado com o final da guerra era a volta dos alemães que se encontravam no exterior. Em decorrência da certeza da vitória, a instituição já presumia que as pessoas de origem alemã que habitavam os países que seriam “derrotados”, certamente, não teriam mais condições de lá permanecer. Contudo, o entusiasmo com a volta destes poderia ser afetado pela chegada de outros povos derrotados que invadiriam a Alemanha. Além de provocarem o “inchaço” do império alemão, tais sujeitos ainda comprometeriam a estrutura do biótipo do “corpo alemão”. A Liga Pangermânica então aconselhava os governantes a se prepararem, pois, os rumos com o final da guerra não eram de todo positivos para a nação que se acreditava vitoriosa:

O fluxo de estrangeiros é esperado principalmente de países com menor grau de desenvolvimento. (...). As ameaças se dão em quase todas as esferas da vida, a moral, cultural, econômica, higiênica, etc., e podem, se o fluxo chegar a uma certa força (e ele pode ser muito forte), se tornar um perigo ameaçador em termos da degeneração da unidade nacional do corpo do povo, (...). A única solução que possa nos servir é uma lei sobre a imigração que se baseie nos melhores achados em todas as inúmeras áreas em questão, tais como, a higiene racial científica, higiene individual, cultural, econômica, etc, adaptando-se a, todos os requisitos especiais do corpo do povo alemão e assim garantiríamos o desenvolvimento saudável de seu caráter.<sup>348</sup>

Thomas Skidmore, ao discorrer a respeito do racismo no século XIX, destacou que após a vitória da Prússia na Guerra Franco-Prussiana, o culto ao arianismo tornou-se uma espécie de dogma. Para o autor, “Pormenorizados ensaios históricos corroboravam a teoria: os arianos (anglo-saxões) haviam alcançado o nível supremo de civilização e, portanto, estavam destinados, pela natureza e pela história, a ganhar o crescente controle do mundo.”<sup>349</sup> Importava aos idealizadores da Liga, entre outros, que as “boas” características do povo

---

<sup>346</sup> *Idem.*

<sup>347</sup> Anteriormente foi constatado (p.45) o uso do termo “tribo” na publicação da matéria “A associação para o germanismo no exterior” do “*Der Kompass*”.

<sup>348</sup> “Relatório da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada.” 1916. Arquivo Estatal de Bremen.

<sup>349</sup> SKIDMORE, T. E. Op.cit. p. 94

ariano não fossem degeneradas pela chegada destes imigrantes indesejáveis. Em vista disso, almejava-se o aprimoramento eugênico do povo, por meio de medidas políticas que aprimorassem “a higiene racial científica, higiene individual, cultural, econômica, etc,”.

A associação, então, apresentou algumas sugestões para garantir a qualidade do “corpo do povo alemão”, e manter as fronteiras fechadas aos considerados indesejados; na primeira medida propôs que:

A naturalização de estrangeiros deverá ser proibida por um período de três anos a partir do término do estado de guerra, ou até a entrada em vigor de uma lei de imigração, se esta for aprovada até o final de 3 anos. Excluem-se [de tal lei] os não-cidadãos de ascendência alemã. Também excluídos: suecos, noruegueses, dinamarqueses, cidadãos holandeses, caso tenham descendência sueca, norueguesa, dinamarquesa, e holandesa. Estes também podem ter permissão para ficar mais de 3 meses (...).<sup>350</sup>

Para evitar a permanência dos “indesejados”, a Liga Pangermânica estava propondo aos governantes alemães imposições a certos sujeitos que desejassem obter a nacionalidade do país. No entanto, tal condição não afetaria os indivíduos considerados aptos para o benefício da composição do chamado “corpo do povo”, eram eles alemães que não possuíam cidadania, suecos, noruegueses, dinamarqueses, e holandeses – o que claramente indica que a estes cabia uma posição mais elevada dentro da escala hierárquica dos povos. A inserção dos alemães que estavam fora do país na lista dos imigrantes desejados é um indício do princípio do *Auslandsdeutsche* (que já fora aqui abordado): independente do local no globo onde os indivíduos de ascendência germânica estivessem radicados, sua volta ao *Reich* era aceita pela Liga Pangermânica; afinal a condicional étnica estava acima de qualquer outro quesito.

Já em outra medida, a associação recomendava:

Para as próximas negociações de paz e tratados comerciais levar em consideração que a lei do Império Alemão de manter afastados os imigrantes indesejados seja respeitada. Atenciosamente, a direção da Liga Pangermânica.<sup>351</sup>

O documento então encerra com um pedido:

---

<sup>350</sup> “Relatório da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada.” 1916. Arquivo Estatal de Bremen.

<sup>351</sup> Idem.

(...) vamos pedir com a maior brevidade possível para iniciar as medidas que levarão a alcançar o objetivo da pureza do território do Reich da imigração não desejada.<sup>352</sup>

Condizente com a atmosfera de grande parte dos países ditos “civilizados”, a Liga Pangermânica atuava disseminando, entre outras coisas, que o progresso da nação era, em grande parte, resultado da sua formação étnica. Portanto, às autoridades cabia a elaboração de medidas de prevenção: era preciso identificar e, de certa forma, estimular a vinda e a permanência no território do *Reich* de indivíduos com pré-requisitos ao aprimoramento do “corpo do povo alemão”; ao mesmo tempo, para manter a pureza do território e da raça, era primordial barrar os indesejados. Hobsbawm, ao discorrer a respeito do uso de “raça” como conceito essencial das ciências sociais do século XIX, – incluindo aqui o darwinismo social – afirmou que o mesmo auxiliou e fomentou o “(...) racismo com aquilo que parecia ser um conjunto de razões ‘científicas’ para afastar ou mesmo, como aconteceu de fato, expulsar e assassinar estranhos.”<sup>353</sup> Parece bastante evidente o desejo da Liga Pangermânica de afastar estes que degradariam o “povo alemão”, pessoas que, no entendimento da Liga, eram menos desenvolvidos e inferiores tanto culturalmente como economicamente. É possível que, para a associação, tais pessoas fossem uma espécie de parasitas que poderiam contaminar o *Reich*.

Parece bastante explícito no documento elaborado pela Liga Pangermânica o apelo à unidade da nação. Neste sentido, a análise de Norbert Elias pode auxiliar no entendimento de alguns elementos:

Um *ethos* nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação, não apenas em relação a determinadas pessoas ou a uma única pessoa numa posição de mando, mas também em relação a uma coletividade soberana que o próprio indivíduo forma com milhares ou milhões de outros indivíduos...<sup>354</sup>

Ao evocar possíveis problemas relacionados à vinda dos indesejados, a associação parece querer alertar aos governantes de sua responsabilidade enquanto condutor das políticas de Estado. No entanto, o sentimento de responsabilidade pela nação também parece ser compartilhado pela própria Liga Pangermânica. Ora, do ponto de vista deste nacionalismo, ancorado nos preceitos das teorias científicas da época, os “malefícios” decorrentes da

---

<sup>352</sup> “Relatório da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada.” 1916. Ainda no documento há a informação de que uma cópia do mesmo havia sido dirigida ao Chanceler do império alemão. (“*Eine gleichlautende Eingabe haben wir an den Herrn Reichskanzler gerichtet*”).

<sup>353</sup> HOBBSAWM, Eric. Op.cit. 1990. p.131

<sup>354</sup> ELIAS, Norbert. 1997. Op.cit, p.143

chegada daqueles que poderiam empobrecer o “corpo do povo” seriam sentidos pelo grupo, identificados pela síntese “nós”. Da mesma forma, como já constatado, discursos com esses matizes trazem imbricados a exclusão de outros, os que não eram compreendidos como parte do “nós”.

Mas essa não era a primeira vez que a Liga Pangermânica enviava às autoridades alemãs suas sugestões. Em 1895 esta associação enviou ao Parlamento Imperial um projeto de lei referente à “Aquisição e perda da cidadania alemã”, a qual, após algumas alterações, acabou sendo promulgada em 1913.<sup>355</sup>

De acordo com Giralda Seyferth, quanto à difusão das ideias da Liga Pangermânica no Brasil, o período de maior disseminação teria ocorrido entre 1893 e o final da Primeira Guerra Mundial, auxiliado tanto pela criação de diretórios desta instituição em alguns locais de colonização alemã (Seyferth cita apenas Blumenau como exemplo), assim como, pela adesão de alguns periódicos em língua alemã que publicavam conteúdos referentes à mesma. Contudo, ainda segundo a autora, o radicalismo do discurso propagado pela instituição acabou afastando grande parte dos alemães e seus descendentes que se encontravam no Brasil, muito embora o mesmo tenha agradado uma parte dos representantes da elite dos indivíduos de origem germânica. Para a autora, “A categoria étnica proposta pela *Alldeutsche Verband* coloca a condição étnica acima da cidadania, anulando esta.”<sup>356</sup>

Também para Jorge Luiz da Cunha, no que pese todo esforço despendido pelo programa de política externa alemã, o movimento pangermanista, incluindo a Liga Pangermânica, não obteve um expressivo número de adeptos entre os imigrantes e seus descendentes no sul do Brasil. Concordando com Seyferth, para este autor, as causas do fracasso se deram, sobretudo, devido ao radicalismo de tais políticas que poderia restringir as práticas destes sujeitos enquanto cidadãos brasileiros; nas palavras de Cunha, os indivíduos de ascendência germânica no Brasil, “não aspiravam nada além da manutenção de laços culturais e comerciais com a Alemanha.”<sup>357</sup> Ou seja, tanto para Seyferth quanto para Cunha, os imigrantes de origem germânica e seus descendentes presentes, sobretudo, no sul do país,

---

<sup>355</sup> KOTHE, Mercedes. Op.cit, p. 94. Embora a autora não tenha especificado qual a lei foi promulgada em 1913, é possível que a mesma seja a Lei Delbrück, publicada em 22 de julho 1913. Tal lei previa que era possível a um cidadão alemão manter sua nacionalidade de origem mesmo que se naturalizasse em outro país. Nas palavras de Seyferth, era “uma aspiração do *Deutschum* concretizada pela legislação do *II Reich*.”

<sup>356</sup> SEYFERTH, Giralda. 2003, Op.cit, p.47

<sup>357</sup> CUNHA, Jorge Luiz da. A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais. In: *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação*. CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (orgs.). Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. pp.17-58. p.44

conscientes do projeto de caráter “megalomaniaco” da Liga Pangermânica, em sua maioria, rejeitaram-na, tendo em vista a necessidade e/ou vontade de manter a cidadania brasileira.

Neste sentido, aproximando esta problemática para Curitiba, parece bastante emblemática a postura de Anton Schneider, redator do *Der Beobachter*. No final de 1905, em meio ao tumultuoso caso do incidente do navio de guerra *Panther* em Itajaí, o *Diário da Tarde* traduziu e publicou um artigo extraído do *Der Beobachter*. Schneider criticou e condenou as ações dos marinheiros alemães na cidade catarinense:

Alli o mesmo doutor [médico da tripulação do *Panther*] comprou cartões-postaes – com vista da escola allemã – e quando declaram-lhe que na mesma aula ensinava-se o portuguez, elle bruscamente recusou o respectivo cartão illustrado. Parece-nos que aquelle dr. recebeu a sua educação no ‘Alldeustcher Verband’.<sup>358</sup>

A referência, sem maiores explicações, a respeito da Liga Pangermânica (*Alldeutscher Verband*) por Anton Schneider pode sugerir que a mesma não fosse novidade para o público a quem este jornal se destinava. Embora o momento em questão, – o incidente em Itajaí – tivesse despertado por todo território nacional, acalorados debates, parece emblemática a menção a tal instituição. Ora, para Schneider a recusa do médico alemão, ao saber que na escola alemã se ensinava o português, parecia uma atitude típica de quem havia sido educado nos moldes da Liga Pangermânica. Ou seja, mais do que uma aversão ao português propriamente dito, o problema parecia ser o de não se ensinar exclusivamente em língua alemã. Se não há como generalizar partindo somente de uma publicação, ao menos aqui, é evidente a crítica feita por Anton Schneider a esta instituição. Crítica esta que atingiu, no mínimo, o público leitor do *Der Beobachter* e, nesse caso em específico, do *Diário da Tarde*.

Ainda no âmbito regional, e ainda sobre uma provável recusa da Liga Pangermânica e do pangermanismo como um todo, em março de 1903 o *Diário da Tarde* publicou uma nota afirmando que, “A sociedade colonial Hansentica Schorlach, de Berlim, combate a propaganda pangermanica no estrangeiro, declarando-a inteiramente prejudicial aos interesses allemães, principalmente no Brazil.”<sup>359</sup> Ora, as sociedades de colonização dependiam, em grande parte, dos movimentos migratórios transoceânicos; neste sentido, é possível que o medo da repercussão do radicalismo proposto pelas ideias pangermânicas – como a união incondicional dos “allemães” no exterior – alcançasse níveis nacionais, o que certamente, desencadearia respostas por parte da sociedade brasileira.

<sup>358</sup> *Diário da Tarde*, 15 de dezembro de 1905. p.2

<sup>359</sup> *Diário da Tarde*, 11 de março de 1903. p.1. Não foram encontradas mais informação concerte a tal sociedade.

\*\*\*

É bem possível que, tanto a propagação das ideias referentes ao “perigo alemão” quanto às relacionadas ao movimento pangermânico, durante as duas primeiras décadas da República, tenham, de alguma forma, refletido nas relações cotidianas de certos sujeitos. Neste sentido, em alguns dos casos conflituosos abordados anteriormente (tópico 2.1), foi possível constatar que, embora os motivos das discórdias fossem variados, em alguns momentos, caía-se na questão do suposto excesso de “germanismo” de alguns imigrantes “alemães”.

A título de exemplo, o conflito, envolvendo a sapataria de Hatschbach e os operários grevistas, parece significativo: quando os ânimos se acirraram, o dono da sapataria foi acusado de promover o “germanismo” em terras curitibanas, prejudicando assim os brasileiros.

Conflitos, como alguns dos abordados neste capítulo, ecoam e deixam marcas na sociedade. E quando se está diante de momentos em que situações ou episódios proporcionam uma forte agitação e contestação, em que paradigmas são colocados em xeque, muitas destas marcas entram novamente na ordem do dia, despertando velhos fantasmas, gerando polêmicas e confrontos. A meu ver, a Primeira Guerra Mundial pode ser considerada um período como este, e as implicações dos densos e tensos anos do primeiro conflito mundial serão abordadas no próximo capítulo.

### 3 “OU BRASILEIRO OU ALLEMÃO”: CURITIBA EM TEMPOS DE GUERRA

Nos dois primeiros capítulos deste trabalho foi possível constatar como distintos elementos conflituosos fizeram parte do cotidiano de pessoas e/ou instituições de origem germânica na cidade de Curitiba durante o final do século XIX e início do XX. Nota-se, portanto, que embora um discurso idealizante insistisse em apresentar a capital do Paraná como um local “ordeiro”, “morigerado”, os conflitos étnicos, de classe, ou ainda provenientes de outras origens, não passaram sem deixar marcas.

Se por um lado este mesmo discurso escamoteava conflitos, por outro, contribuía para a disseminação das teorias racialistas hegemônicas, as quais dotavam de superioridades, moral e racial, os indivíduos brancos oriundos dos países que caminhavam de braços dados com o progresso e com a “civilização”. Mas a crença na civilização humana sofreria fortes abalos no início do século XX; uma guerra, a Grande Guerra, culminaria com o fim da *Belle Époque* e daria início ao questionamento em torno de paradigmas até então, quase, “inabaláveis”, os quais não ficaram restritos ao cenário europeu. No início de agosto de 1914, o jornal *A República* publicou, na seção “Telegrammas”, a seguinte notícia oriunda da capital federal: “Hoje a situação é simplesmente apavorante. Pequenas rusgas, rivalidades de raça, rivalidades commerciaes, se vêm accumulando e parece, prestes a explodir...”<sup>360</sup> Tratava-se do início do conflito mundial cuja duração se estenderia até novembro de 1918 e marcaria o fim do período de relativa paz entre as potências mundiais. Embora a considerável distância geográfica, o Brasil, e mais especificamente, Curitiba sentiu no seu cotidiano as consequências da Primeira Guerra Mundial.

Tratava-se de um tempo em que o nacionalismo, e suas variantes, encontravam-se na ordem do dia. O momento inspirava indagações e sugeria mudanças: “urge que iniciemos a nacionalização do paiz para que, as vezes, não nos julguemos, tristemente, extranhos dentro da nossa propria Patria. O momento é oportuno.”<sup>361</sup>

Este terceiro, e último capítulo, abordará os mais complexos elementos que emergiram durante o período em que a guerra se estendeu, de 1914 a 1918. Com maior fôlego, enfocaremos o movimento de contestação aos alemães e seus descendentes que se formou na cidade, principalmente nos anos finais do conflito. É importante ressaltar que a hipótese aqui sustentada, consiste em apontar que tais elementos conflituosos não eram fatores inéditos na

---

<sup>360</sup> *A República*, 1 de agosto de 1914. p.3

<sup>361</sup> *Commercio do Paraná*, 26 de abril de 1917. p.2



sociedade, ou seja, eram fatores que, de certa forma, já estavam presentes no âmago da sociedade, no entanto, permaneciam, na grande maioria das vezes, de forma velada ou quando apresentadas eram pouco discutidas. Com outras palavras, o desenrolar da guerra foi um momento propício para que elementos já presentes no cotidiano (muitos dos quais foram apontados nos capítulos precedentes) viessem potencialmente à tona, despertando os ânimos, fomentando acirrados debates, gerando discórdia e conflitos.

### 3.1 “bárbaros”, “boches”, “atrevidos”

“Audacioso por indole, perigoso nos seus manejos, o teuto é um elemento em quem se não pode, em absoluto, depositar confiança. Para elle, a nossa generosidade significa fraqueza, a nossa hospitalidade covardia.”<sup>362</sup>

A descrição do caráter do “teuto” na frase acima pouco se assemelhava com o que, normalmente, era disseminado em discursos hegemônicos que tratavam da presença de imigrantes europeus, brancos, em solo paranaense. Como já exposto nos capítulos anteriores, no plano do discurso, tais pessoas eram consideradas os braços da “morigeração” e da “civilização”, e com a sua presença “naturalmente” Curitiba encontrava-se no caminho certo para o progresso.

No entanto, embora um discurso enaltecedor predominasse na grande imprensa, não era a primeira vez que o “teuto”, “audacioso por indole, perigoso nos seus manejos”, aquele “elemento em quem se não pode, em absoluto, depositar confiança”, aparecia nas páginas dos jornais. Já fora constatado que, no final do século XIX e na primeira década do século XX, em momentos de difusão do “perigo alemão” ou quando os boatos acerca das supostas intenções de “germanizar” o sul do Brasil eram disseminados, colocava-se, em pauta alguns fatos relacionados à presença dos imigrantes germânicos na cidade; apontava-se, por exemplo, os possíveis problemas decorrentes da preservação da língua e dos costumes, condutas que, mormente, eram identificadas como típicas destes imigrantes e seus descendentes. Embora, no âmbito regional, tal discussão eventualmente acontecesse, ela não ocorria de forma muito contundente, ou seja, não tinha uma duração longa e um debate mais aprofundado, e por vezes até era tratada ironicamente.<sup>363</sup>

Situação significativamente antagônica aconteceu, aproximadamente, a partir de abril de 1917. Deste período até, aproximadamente, o final de 1918, discussões acerca de um

---

<sup>362</sup> *Diário da Tarde*, 27 de novembro de 1917. Coluna do meu canto. p.1

<sup>363</sup> O caso da charge, apresentada na página 109 é aqui sintomático.

suposto duvidoso caráter do “alemão” tornam-se, de certa maneira, endêmicas na imprensa curitibana. E longe de se restringir as páginas dos jornais, tal situação se alastrou, e o clima de desconfiança tomou conta da cidade. Analisar alguns dos principais motivos que ajudaram a fomentar a atmosfera de desconfiança ao sujeito “alemão” na sociedade curitibana deste período é o objetivo deste tópico. Nos dois últimos tópicos da dissertação abordarei os graves conflitos decorrentes deste momento (de guerra) de contestação à presença de imigrantes alemães e seus descendentes na cidade, articulando-os com as idiossincrasias constatadas num período anterior a este, analisadas nos dois capítulos iniciais desta pesquisa.

O tempo aqui tratado apresenta peculiaridades expressivas: tratava-se de tortuosos anos de guerra, da Grande Guerra.<sup>364</sup> Desde a eclosão do conflito, em agosto de 1914, temas como patriotismo, nacionalismo, militarização e alfabetização, ganharam as páginas dos jornais nacionais. Autores como Angela de Castro Gomes, Márcia Naxara, Lúcia Lippi Oliveira e Thomas Skidmore, discorreram acerca de alguns aspectos concernentes a este período no âmbito nacional, o que me deu mais respaldo para tratar do tema.

A guerra despertou discussões acaloradas, trouxe à tona velhos elementos até então não tão problemáticos e colocou em xeque algumas ideias antes menos questionadas. Tamanha mobilização não foi por acaso, para Angela de Castro Gomes:

(...) a Primeira Guerra Mundial produz um profundo impacto sobre os valores políticos acreditados no Ocidente e, como não poderia deixar de ser, sobre uma visão da História, de progresso e de civilização fundada em modelos universais e ‘otimistas’, oriundos ou não de teorias científicas.<sup>365</sup>

A posição adotada pelo Brasil diante do conflito foi a de neutralidade até abril de 1917. Se no campo da diplomacia procurava-se com mais rigor manter a neutralidade, na imprensa das duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, prevalecia a preferência pelos países aliados, sobretudo pela França.<sup>366</sup> Exemplo significativo é a fundação, em março em 1915, da Liga Brasileira pelos Aliados. Entre seus idealizadores encontravam-se nomes como Rui Barbosa (o escolhido para assumir a presidência da entidade), Graça Aranha, Olavo Bilac, José Veríssimo e Manoel Bonfim.<sup>367</sup> Em contrapartida,

---

<sup>364</sup> Até 1939 este era o termo designado para o conflito.

<sup>365</sup> GOMES, A. de C., *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009. p.66

<sup>366</sup> Lucia Lippi e Francisco Luiz Teixeira Vinhosa ao discorrerem a respeito da posição da imprensa e de intelectuais no período de neutralidade do Brasil na guerra, afirmaram que, grande parte destes nutriam claras simpatias a causa dos aliados e principalmente a França.; OLIVEIRA, L. L. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

<sup>367</sup> Não é meu objetivo estender aqui esta discussão, mas é importante ainda ressaltar que a Liga Brasileira pelos Aliados tinha como objetivo defender, por meio de publicações e manifestações, a causa dos países aliados.

neste meio, os defensores da causa alemã eram reduzidos. Em nível nacional, segundo Francisco Vinhosa, o deputado Dunshee de Abranches foi o grande defensor da Alemanha no conflito.<sup>368</sup>

Os autores e políticos supracitados embora de influência nacional, faziam parte, em sua maioria, do círculo intelectual da capital nacional e de São Paulo, neste sentido, é importante, ainda que de forma sucinta, discorrer sobre a posição da imprensa em outras cidades no período em que o Brasil manteve-se neutro na guerra. No que se refere aos impactos da guerra no âmbito nacional, encontramos poucos estudos mais aprofundados. Exceções são os trabalhos de Adhemar da Silva Jr. e a tese de Stefan Chamorro Bonow, ambos trataram das consequências do conflito na cidade de Porto Alegre.<sup>369</sup>

Especificamente, no que tange a imprensa porto alegreense, Bonow afirmou que “Por certo, os alemães eram criticados, mas assim também eram os russos, os franceses, os austríacos e os ingleses.”<sup>370</sup> O autor também assinalou que diferente do que ocorreu na capital federal, a imprensa daquela cidade portou-se de modo mais discreto em relação as suas preferências nacionais nos primeiros anos da Primeira Guerra.

Em Curitiba as discussões envolvendo os países beligerantes também eram temas constantes nas páginas dos jornais. Certamente, o impacto do conflito mundial na população local foi experimentado de diferentes formas. No que tange a situação econômica, a guerra trouxe agravantes, sobretudo, com o desabastecimento de produtos básicos no mercado interno. Não foram poucas as notícias nos jornais que denunciavam as más condições daquele momento, principalmente para as classes mais pobres. Não por acaso, no período dessa crise, o Brasil vivenciou aquela que fora considerada a sua primeira Greve Geral em 1917.<sup>371</sup> Ou seja, de fato, as consequências da guerra foram sentidas por grande parte população de Curitiba, no entanto, de modos distintos. Uma matéria, bastante irônica, na revista *O Miko*<sup>372</sup> parece elucidar esta problemática:

A conflagração européia continua fornecendo o prato do dia ao nosso povo. Povo, aqui, precisamente, pouco se lhe dá de conflagração, bastando para entretel-o essa

---

Ainda no que se refere ao assunto ver: VINHOSA, F. L. T. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*: a diplomacia brasileira e as grandes potências. Rio de Janeiro: IHGB, 1990.

<sup>368</sup> VINHOSA, op. cit. p.32

<sup>369</sup> SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. O Povo X der Pöbel. In. *Os alemães no sul do Brasil*. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (orgs.). Canoas: Ed. ULBRA, 1994. BONOW, Stefan Chamorro. *A desconfiança sobre os indivíduos de origem germânica em Porto Alegre durante a Primeira Guerra Mundial*: cidadãos leais ou retovados? Tese; PUCRS, 2011.

<sup>370</sup> BONOW, op.cit. p.97

<sup>371</sup> Sobre esta greve em Curitiba ver: RIBEIRO, op.cit;

<sup>372</sup> Revista *O Miko* circulou em Curitiba no ano de 1914.

assombrosa carestia que assola a nossa bella capital. Os que discutem a conflagração pertencem á classe dos ‘enfants gatés’ da fortuna; são os que ‘fazem a rua Quinze’, os ‘clubmen’, os elegantes. São os que pensam com Ruy Barbosa, que ‘a pátria é um accidente e a humanidade é tudo’, os cosmopolitas; esses, sim: discutem calorosamente a guerra, trazem cartas geographicas na algibeira, conhecem palmo a palmo os territórios conflagrados, descobrem planos etc, etc.<sup>373</sup>

Ainda no início do conflito, segundo o *Diário da Tarde*, a “colônia allemã” de Curitiba estava reclamando de uma suposta inclinação da imprensa local pela França; tal queixa, para o jornal era infundada, no entanto, o mesmo afirmou que:

Em relação a alguns jornaes de outras terras, essa queixa tem razão de ser, embora não seja extranhável que a imprensa do Brasil tenha decidido pendor pela nação franceza, que além de gloria da raça latina, é o pharol da nossa intellectualidade. Mas quanto a imprensa do Paraná a absoluta injustiça por parte da colônia allemã. (...) Os telegrammas que publicamos são os mesmos que publica toda a imprensa brasileira. Inventá-os esta? Não: recebe-os de Paris e de Londres. E porque não os recebe de Berlim, Vienna ou, ao menos, de Roma? Porque o telegrapho transoceanico está em poder dos inglezes...<sup>374</sup>

Ou seja, justificava-se uma “aparente” preferência pela França pela falta de fontes transmissoras de informações provenientes da Alemanha. Embora de fato, a preferência pela França fosse, de certa forma, nacionalmente contagiante, neste período da neutralidade brasileira no conflito, ainda era possível encontrar uma série de textos que além de procurar tirar da Alemanha a culpa exclusiva pela eclosão da guerra, ainda defendia o valor indelével e imprescindível da “colônia allemã” para o progresso local. A título de exemplo, entre setembro de 1914 e outubro de 1916, apenas no *Diário da Tarde*, foram constatados, ao menos, 17 textos cujo conteúdo aproximava-se deste.<sup>375</sup>

O espirito latino ficou bem apprehensivo, no começo desta luta, visto como os exercitos do Kaiser marcharam revoltos e triumphalmente, mostrando a superioridade, inconteste, da sua raça; dahi os telegrammas, forjados em Pariz e em Londres e que desprestigiam, em todo o terreno, a nobre e a culta Germania. (...) Por isso, cumpre-nos, então, prestando homenagens á verdade e, bem assim, á laboriosa colonia que faz o progresso desta terra, mostrar as origens políticas, historicas, sociaes e economicas da grande guerra, negando a responsabilidade da Allemanha e frisando, sobretudo, que a humanidade e a civilização têm necessidade indeclinavel da sua vida. É o que faremos.<sup>376</sup>

---

<sup>373</sup> Revista O Miko, 5 de setembro de 1914. p.13.

<sup>374</sup> *Diário da Tarde*, 17 de agosto de 1914. p.2

<sup>375</sup> Destaco aqui uma série de seis textos intitulados “Pela Alemanha”, publicados entre 12 e 24 de fevereiro de 1915, todos de autoria de Dicesar Plaisant.

<sup>376</sup> *Diário da Tarde*, 12 de fevereiro de 1915. p.3

Para Stefan Bonow, em Porto Alegre (mesmo com o grande número de alemães e seus descendentes naquela capital) o período que abarcou agosto de 1914 a abril de 1917 foi, relativamente, calmo na cidade.<sup>377</sup> De certa forma, é possível apontar o mesmo diagnóstico para Curitiba. De fato, foi a partir de abril de 1917 que a situação no país iria sofrer significativas mudanças: no dia 7 deste mês, os jornais de Curitiba anunciavam, por meio da chegada de mais um telegrama vindo do Rio de Janeiro, a perda de um navio da frota brasileira; era o “Paraná” que fora atingido, no dia 5 de abril, por submarinos alemães quando navegava próximo a costa francesa, deixando três brasileiros mortos. Após o incidente, que, praticamente, coincidiu com a declaração de guerra (6 de abril de 1917) dos Estados Unidos à Alemanha, aumentaram os rumores de que o Brasil também se uniria aos países beligerantes, entrando na guerra ao lado dos Aliados. No entanto, a única medida tomada pelo governo brasileiro foi o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, acordado no dia 11 de abril. Já, no final de outubro, no dia 26, depois de perder outro navio (Macau) para as frotas do *Kaiser*, o governo brasileiro declarou guerra ao Império Alemão.

Os dois anos finais da guerra também foram marcados por um recrudescimento do discurso nacionalista. Para a autora Lúcia Lippi Oliveira, tal período, “trouxe a questão nacional à ordem do dia, transformando o significado anterior do nacionalismo.”<sup>378</sup> Esta transformação não se fez sem que uma série de indagações emergissem na conjuntura. No rol dos questionamentos que o tempo de guerra propiciava, surgiram debates em torno do tema raça. Nas palavras de Oliveira “(...) o novo nacionalismo, que defendia a consciência de uma identidade nova, rompeu com a herança européia, pelo menos na vertente que pressupunha o determinismo racista.”<sup>379</sup> Corroborando com esta concepção, nota-se que os jornais locais passaram, a cada vez mais, a disseminar textos que colocavam em xeque certos paradigmas dominantes.

Cabe lembrar que entre os fatores que estimularam a vinda de milhares imigrantes europeus brancos para o Brasil, estava uma concepção acreditada como científica do caráter hierárquico das raças (a raça branca seria biologicamente superior às demais). Ao longo do período do pós-abolição, essa visão não ficou imune às críticas no cenário nacional, no

---

<sup>377</sup> BONOW, op.cit. p.143

<sup>378</sup> OLIVEIRA, op.cit. p.145

<sup>379</sup> OLIVEIRA, op.cit. p.145.

entanto, aqueles que a defendiam encontravam maior aceitação, principalmente entre os intelectuais e homens da ciência.<sup>380</sup>

Com a guerra batendo cada vez mais à porta, ou seja, a partir do fim da neutralidade do Brasil no conflito, assim como a ideia de “raça”, concomitantemente, o “elemento nacional” passou por um processo de ressignificação, fator que também atingiu aqueles que foram considerados como os “de fora”.

Encontramos, por exemplo, vestígios de tal situação na seguinte publicação: em março de 1918, o *Diário da Tarde* publicou um texto de Raul Gomes, intitulado “Os homens de cor e a civilização brasileira”<sup>381</sup>, no qual trata da obra de negros bastante conhecidos na época, como José do Patrocínio, André Rebouças, Luiz Gama e Cruz e Sousa, ainda condenou o período da escravidão no país e assinalou as características que acreditava marcar o escravo no Brasil: “de um intimo bom, paciente no infortunio, docil na convivencia, submisso no trato com outrem”<sup>382</sup>. Encerrou concluindo que, “pelo que se vê o negro não foi empeço mas força propulsora do nosso progresso; factor e não impedimento da nossa evolução; causa e não embaraço ás nossas conquistas economicas e sociaes.”<sup>383</sup>

Embora tenha condenado os anos de escravidão de modo geral (fato nada incomum desde a Proclamação da República<sup>384</sup>), e atribuído um fator valorativo ao negro, para o autor, o escravo “comum” ainda estava na condição de “coisificado”, obediente, manso, ou seja, mesmo sendo um período de valorização do “nacional”, é importante ressaltar os limites de tal discurso.

No entanto, isto não exclui que, em tempos como estes, o monopólio dos “verdadeiros braços” condutores do progresso nacional fora questionado. Ora, se nos discursos da imprensa, hegemonicamente, eram os brancos que apareciam como os detentores “natos” do progresso, mote que, inclusive, era afirmado quando do estímulo a vinda de imigrantes para o país, neste momento os “nacionaes” também dividam estes méritos históricos.

Outro indício da propagação do discurso que valorizava o “nacional” é decorrente da profusão de textos de autores que apresentavam outras perspectivas em relação ao caráter do “povo brasileiro”. Para Thomas Skidmore, no âmbito nacional, “a influência das ideias de

---

<sup>380</sup> Sobre o tema ver: NAXARA, M. R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.; SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>381</sup> *Diário da Tarde*, 6 de março de 1918.

<sup>382</sup> *Idem*.

<sup>383</sup> *Idem*.

<sup>384</sup> Já nos primeiros anos do período republicano, tanto o antigo regime monárquico quanto a escravidão passaram a ser caracterizados como símbolos de um atraso para a civilização. Ainda sobre o tema ver: CHALHOUB, S. op.cit. 1986.

Manuel Bonfim e Alberto Torres – figuras isoladas na era anterior – tornou-se claramente maior.<sup>385</sup>; como anteriormente apontado, ambos os autores citados por Skidmore, do seu modo, refutavam as teorias racialistas. Quanto ao primeiro, não localizamos ocorrências mais significativa, já, trechos da obra de Alberto Torres, foram bastante citados na imprensa local quando o assunto era nacionalismo e identidade nacional. A título de exemplo, destaco um trecho de um longo texto, cujo tema era o livro de Alberto Torres, “A Organização Nacional”, publicado no dia 11 de abril de 1917, no *Commercio do Paraná*:

Como homens de trabalho e de coração, os portugueses não são excedidos por nenhum outro povo. Os índios, que foram os senhores desta terra, podendo chamar-se os Adãos feitos de sua argila, deram-nos já typos superiores de cultura; devemos ao negro tudo quanto, entre nós, existe, lembrando o esforço do braço humano. Mais de uma figura eminente da nossa historia tinha sangue africano.<sup>386</sup>

O discurso das “três raças” formadoras do Brasil, muitas vezes desqualificada a nível local,<sup>387</sup> parecia agora como coerente neste novo tempo. É interessante notar como até o discurso do caráter regionalista do Estado, o que se orgulhava do “cosmopolitismo” (europeu) paranaense, atenuou-se em meio à conjuntura. De forma geral, a busca por uma identidade nacional inseriu no debate atores antes pouco ou nada mencionados como “formadores” do progresso regional. Estava em jogo à busca pelos “brasileiros autênticos”, preocupação expressa também pelo colunista do *Diário da Tarde*, Gastão Faria:

Sempre alimentamos o antipatriotico habito de não darmos valor aquillo que é nosso, de origem brasileira. Aquella mania de descredito estava identificada connosco de uma maneira verdadeiramente irritante. Bastava que o producto industrial, ou artistico, por exemplo, fosse essencialmente brasileiro, para que a elle nós emprestassemos a qualidade de inferioridade. É o que não acontece hoje. Presentemente a fibra civica do povo se elevou de uma forma prodigiosa. Tudo que é nosso é bello, é bonito e é bom. (...) É mais uma das vantagens que a guerra nos trouxe.<sup>388</sup>

---

<sup>385</sup> SKIDMORE, op.cit. p.211.

<sup>386</sup> *Commercio do Paraná*, 11 de abril de 1917. p.2

<sup>387</sup> Como visto anteriormente no texto de Pamphilo de Assumpção publicado no *Diário da Tarde*. (p.32-33)

<sup>388</sup> *Diário da Tarde*, 15 de dezembro de 1917. Coluna “Do meu Canto”. A coluna de Gastão Faria, (quase sempre na primeira página do *Diário da Tarde*), passou a ser publicada a partir de dia 8 de maio de 1917 e até o final de outubro de 1918 encontrei, quase que diariamente, seus textos estampados no jornal. O cotidiano da cidade era um dos principais temas que o mesmo abordava, o que me levou a priorizar seus textos na análise. É importante ainda mencionar que Gastão Faria fez parte da primeira turma de bacharéis formados pela Universidade do Paraná em 1917. Embora sua participação no jornal fosse mais ativa entre 1917 e 1918, Luiz Carlos Ribeiro citou dois texto de Faria, um em 1913 e o outro em 1920, ambos tratavam de problemas que afetam as classes populares. RIBEIRO, op.cit. p.57 e 59.

Embora o tom extremamente ufanista da opinião de Gastão e, outros que assim se posicionaram neste período, contrariando toda uma literatura anterior e posterior, aqui uma considerável parte dos intelectuais do Paraná não pareciam reivindicar para o estado, e para si, a condição de exceção frente a outros, ou seja, aqui não se tratava de um “Brasil diferente”.<sup>389</sup>

Como bem assinalou Angela de Castro Gomes:

Processos de construção de identidades, sobretudo de grupos nacionais, costumam desencadear, particularmente em momentos identificados como de grande transformação pelos próprios contemporâneos (e não apenas pelos analistas *ex post*), um investimento especial e bem cuidado na construção de um passado comum, pois o tema da continuidade passa a ganhar sentidos novos e urgentes.<sup>390</sup>

De fato, em diversos momentos encontrei esse sentimento de mudança que parecia se solidificar naquele período. “O momento é oportuno. Um frisson de entusiasmo, de amor e de esperança eleva-se de todos os Estados brasileiros. Aproveitemos neste momento tão propício ao levantamento da Nação.”<sup>391</sup>

Se por um lado foi constatada a tentativa de um processo de valorização dos “nacionais”, por outro, entre outras coisas, devido às peripécias da guerra, situação inversamente proporcional ocorreu com os imigrantes de origem germânica e seus descendentes em Curitiba. Desencadeou-se daí conflitos e discussões, dos mais variados matizes (e que serão abordadas ao longo deste capítulo), que alteraram radicalmente o cotidiano destas pessoas. A imprensa, embora não única, foi uma das principais divulgadoras e fomentadoras de debates acerca de uma miríade de elementos relacionadas à presença germânica na cidade.

No que se refere ao fator das raças, se a chamada “nacional” passava por um momento de valorização, a “ariana” sofria o processo contrário. A suposta noção de uma superioridade da raça dos germânicos, frente às demais, não apenas foi fortemente questionada como se chegou a afirmar que o imperialismo alemão era um dos responsáveis por disseminar tal ideia. É o que se vê nestas publicações de abril de 1917 do *Commercio da Paraná*:

---

<sup>389</sup> Refiro-me aqui a obra de Wilson Martins. Ainda neste sentido, corroboro com o que assinalou Márcio de Oliveira: “Escritores e membros da elite intelectual paranaense começaram a produzir, a partir da última década do século XIX, discursos, textos literários, e estudos históricos sobre o grande tema da identidade social e cultural do estado. Esta produção sobre a identidade se caracteriza por um grande número de imagens, alusões e metáforas cuja preocupação era fixar o ‘tipo paranaense’ tendo por fundamento étnico a figura ‘branca’ do imigrante de origem européia.” OLIVEIRA, Márcio de. Por uma sociologia do Brasil Meridional. In: *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná*. SZWAKO, José Eduardo Léon, OLIVEIRA, Márcio de. (Orgs.) Curitiba: Ed. UFPR, 2009. p. 17-30

<sup>390</sup> GOMES, op.cit. p.86-87

<sup>391</sup> *Commercio do Paraná*, 26 de abril de 1917. p.2



De facto, ao serviço da política imperialista do Kaiser se encontram os mais eminentes philosophos e políticos, os mais insignes literatos e jornalistas, que em constante trabalho procuram justificar-a rasgadamente aos olhos pasmos do Universo. Assim, com esse intento, sahiram a campo plêiades brilhantes de pensadores e de sábios afim de demonstrar scientificamente a desigualdade da raça e concluir favoravelmente pela superioridade da raça teutônica sobre todas as raças que povoam o mundo. (...) illustres cientistas allemães espalharam por sobre o orbe inteiro, livros e folhetos em que ressumam a doentia obsessão de provar a superioridade da sua raça e, como consequencia, o direito de submeterem os povos e nacionalidades inferiores.<sup>392</sup>

Demonstrada á evidencia que a supremacia da loura raça teutonica é apenas uma lenda architectada pela falsa sciencia da Allemanha, nem por isso pertinazes e frios germanos, deixaram de ensinar e apregôar a doutrina scientifica que lhes facilitava ou melhor, justificava a politica expansionista do kaiser.<sup>393</sup>

Enquanto as teorias racialistas eram discutidas, e várias vezes negadas, tentava-se evidenciar o “verdadeiro” mal que o germanismo causava na cidade. Diversos textos foram publicados para tratar de provar o quanto, tanto a germanização, como o “perigo alemão”, longe de serem meras especulações, materializavam-se, cada vez mais, inclusive nas ações cotidianas daqueles que as propagavam, ou seja, os imigrantes alemães e seus descendentes.

Os jornais então alertavam: “sendo assim, está claro que é mister vigial-os, tanto mais quanto ha no fundo de todo coração allemão, um acariciado sonho pela conquista do Brasil do sul, a sua Allemanha Antartica, conforme os seus mappas.”<sup>394</sup> Tratava-se de um período em que vigiar e inspecionar os alemães era entendido como uma tarefa cívica, pois o inimigo não era somente aquele que encontrava-se na Europa, o inimigo, aquele que desejava e propagava o “perigo allemão”, era o “allemão” comum que percorria as ruas de Curitiba; que frequentava os cinemas, os cafés e os teatros; que era o patrão ou o operário da fábrica; que assistia os cultos na Igreja Luterana e as missas na Igreja Católica alemã; que promovia piqueniques, festas e bailes nas associações (quase todas exclusivas a pessoas de origem alemã); que participava da política institucional, (somente em 1917 havia três deputados de origem alemã na cidade: Alfredo Heisler, Bertholdo Hauer e Nicolau Maeder); e, finalmente, era também aquele “allemão” que interava-se dos assuntos concernentes a “colonia allemã” da cidade por meio dos jornais publicados em língua alemã, no estilo gótico, que circulavam

---

<sup>392</sup> *Commercio do Paraná*, 25 de abril de 1917. p.2

<sup>393</sup> *Commercio do Paraná*, 26 de abril de 1917. p.2

<sup>394</sup> *Commercio do Paraná*, 26 de abril de 1917. p.2

com regularidade na cidade. Ou seja, neste ambiente, via de regra, qualquer “alemão” poderia ser suspeito de conspirar contra a pátria brasileira.<sup>395</sup>

Se a imprensa local pode ser apontada como um dos principais meios de propagação do que então era entendido como a iminência do “perigo alemão”, é bem possível que tal preocupação não estivesse restrita a ela. Em uma carta do presidente Venceslau Brás enviada a Affonso Camargo, então presidente do Estado do Paraná, no dia 27 de outubro de 1917, um dia depois que o Brasil declarou guerra à Alemanha, encontrei um indício da gravidade que o momento anunciava: “Estejam todas as atenções alertas aos manejos da espionagem, que tem todas as formas e emudeçam todas as bocas quando se tratar do interesse nacional.”<sup>396</sup> No mesmo documento, Affonso Alves de Camargo afirmou que um dos principais motivos para o apoio à guerra era em decorrência da, “garantia da nossa própria existência como Nação, pois está plenamente demonstrado que quer entrássemos ou não na guerra, seríamos uma das primeiras vítimas do imperialismo alemão,...”<sup>397</sup>.

Nesta atmosfera em que a desconfiança se generalizava, paulatinamente, no discurso da imprensa a palavra “alemão” ganhava outros sinônimos: “bárbaro”, “teutão” e “boche” (ou ainda o “panbochista”). O primeiro termo referenciava-se a ideia do alemão não “civilizado”, ou seja, evocava o embate entre a “civilização” *versus* “barbárie”. Na imprensa local tal concepção ganhou força depois de abril de 1917. Era a ideia de que os países aliados batalhavam a serviço da civilização contra a “barbaria germanica”<sup>398</sup>. Ao referir-se aos campos de batalha na Europa, Gastão Faria afirmou que era um local “onde os povos civilizados procuram esmagar uma nação que, por ser demais barbara, não pode continuar a afrontar a civilização do século XX”<sup>399</sup>.

O segundo termo, “teutão”, era uma forma de ridicularizar o “teuto”, remetendo a ideias como a de truculência e grosseria. Quanto ao terceiro termo, no dia 26 de novembro de 1917 *A República*, partindo de algumas referências em francês, traz algumas explicações para a palavra “boche”.<sup>400</sup> O jornal dá entender que o significado de “boche” se aproximava de

---

<sup>395</sup> Ao abordar o contexto da Segunda Guerra Mundial, Rafael Athaides apontou que situação análoga ocorreu com os alemães em Curitiba naquela época, com a diferença que neste período os alemães eram todos identificados como possíveis “quinta coluna”. ATHAIDES, Rafael. *O partido Nazista no Paraná 1933-1942*. Maringá: Eduem, 2011. p.174

<sup>396</sup> Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado pelo dr. Affonso Alves de Camargo. 1918. p.6

<sup>397</sup> Idem, p.7

<sup>398</sup> *Commercio do Paraná*, 15 de abril de 1917. p.2

<sup>399</sup> *Diário da Tarde*, 27 de junho de 1917. p.1

<sup>400</sup> Ao referir-se a tal termo, Bonow afirmou que além de “boches”, na imprensa de Porto Alegre, outras expressões pejorativas eram usadas como “retovados” e “prussianos”. BONOW, op.cit. p.341.

algo como, um ser “autômato”, ou seja, alguém predisposto a seguir normas sem questionar, ou, ainda, “burro”, “turrão”, incapaz de pensar por si próprio, conduzido pelo *Kaiser*.<sup>401</sup>

Entre maio de 1917 e novembro de 1918 foram localizados, aproximadamente, 50 ocorrências do uso da palavra “boche”, em diferentes seções, somente nos três maiores jornais em circulação na época em Curitiba. Exemplifico a seguir com dois textos, o primeiro extraído da seção policial e o segundo da seção que comentava os *meetings*<sup>402</sup> que aconteceram na cidade por conta do envolvimento mais direto do Brasil na guerra.

No dia 25 de janeiro de 1918 o *Diário da Tarde* informou que Oscar da Silva Leite procurou a Repartição Central de Polícia para queixar-se “contra um alemão, seu visinho, que faltou com o devido respeito á sua esposa, insultando-a. O atrevido **boche** foi intimado a se explicar na policia, onde receberá o necessario correctivo.”<sup>403</sup> Aqui fica bastante evidente como a imprensa atribuía significados análogos para “boche” e “alemão”. No entanto, ainda sim, essencialmente, reclamações como estas não eram novidades na imprensa, afinal tais conflitos cotidianos eram, de certa forma, corriqueiros na sociedade. O fator diferencial aqui é a carga negativa que se traduz no uso do termo pejorativo. Não é mais apenas um “alemão” acusado de um delito ou agressão, mas sim um “boche”. A mudança de termo sinaliza e reitera uma outra: aquela que fez a identidade alemã passar da valorização à desqualificação.

E no dia 4 de novembro de 1917, comentando uma manifestação, o mesmo jornal afirmou que poucas vezes em Curitiba “(...) viu-se tão brilhante ardor patriotico como durante as manifestações patrioticas de hontem. Nem o rigor de uma chuva **boche** conseguiu diminuir ou empanar o brilho do grande comicio.”<sup>404</sup> Embora não se tratasse de algo diretamente relacionado a alemães (no caso, era apenas um fenômeno climático), na tentativa de expressar aos seus leitores o quão grandioso era aquele momento patriótico, o autor (desconhecido) tratou de encaixar “boche” no seu texto. Com outras palavras, a “chuva boche”, ou seja, a chuva ruim, pesada, estraga-prazeres, mesmo significativa, foi incapaz ferir os brios da população, que prosseguiu com sua manifestação.

---

<sup>401</sup> Gérard Vicent, ao tratar das motivações que levaram franceses a seguir no sangrento e impiedoso campo de batalha durante a guerra, fez a seguinte afirmação: “O sentimento de solidariedade transcende os recortes sociais. O alemão é o ‘boche’, o assassino do ‘meu’ irmão, e o espírito de vingança prevalece sobre o cansaço e o medo. Por último, todos os combatentes são movidos por uma ética do nacionalismo exacerbada pela perda da Alsácia e da Lorena. O ‘boche’ é o inimigo atávico, o predador de nossas duas províncias, o invasor.” VICENT, Gerard. Guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário. In: *História da vida privada: Da Primeira Guerra a nossos dias*. PROST, Antoine; VICENT, Gerald (orgs). São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 208.

<sup>402</sup> Tais *meetings* serão retomados e aprofundados nos próximos tópicos deste capítulo.

<sup>403</sup> *Diário da Tarde*, 25 de janeiro de 1918. p. 2 (grifo meu)

<sup>404</sup> *Diário da Tarde*, 4 de novembro de 1917. p.2 (grifo meu)

Também foi localizado o uso do termo “boche” na *Revista do Povo*. Exemplificarei com apenas um texto, cujas características parecem lembrar uma crônica, intitulado, “Maldita seja a guerra!” de alguém que assinou como “Pike-Pake”:

Esta declaração de guerra com a Allemanha  
Foi causa para mim de uma surpresa estranha.  
É que eu andava a entreter erótico namoro  
Com um teuta gentil, peixão roliço e louro...  
Tudo marchava bem. Todas as noites nós  
Colhíamos a flor do idylho, á noite, a sós...  
Mas quando o Wenscelau – maldita seja a guerra  
Em guerra declarou a nossa amada terra,  
Ella, sem que lhe desse o mínimo desgosto,  
De modo atroz bateu-me a janella no rosto!  
Não mais lhe vi o olhar macio como o velludo...  
Como se eu fosse acaso o culpado de tudo!  
Era motivo então pra acabar o namoro?  
Aquillo pareceu-me um grande desaforo!  
E eu, zás! Como tivesse original lembrança  
Da typa me vinguei... Mas que estúrdia vingança!  
Há dias, um domingo, - a tarde estava bella, -  
Passei-lhe pela rua e vendo-a na janella:  
- ‘O *boche*, perguntei com voz fina e mortíça,  
Que preferes? Um chope ou naco de linguiça?’

Soube hontem que casou com um allemão padeiro  
Que amassa o pão com os pés... para andar mais ligeiro...  
Quanto a mim, consolado,  
Vou vivendo feliz, e mais do que vingado.<sup>405</sup>

A vingança por ter sido deixado por sua amante “teuta”, logo após a declaração de guerra à Alemanha, passava por chamá-la de “boche”, além disso, o “vingado” Pike-Pake, ainda sintetizou alguns elementos do imaginário pejorativo em torno do “allemão”, o apreciador exímio do “chope” e da “linguiça”. Interessante ainda notar que embora a personagem “teuta” se relacionasse com um “nacional”, depois da eclosão do conflito a mesma casou-se com um “allemão padeiro”.

A significativa emergência de termos estigmatizados neste período é apenas umas das dezenas de indicativos da complexidade do contexto. Ainda no que tange tal problemática, no período que procedeu ao mês de abril de 1917, cada vez mais, as mesmas ferramentas homogeneizantes e generalizantes utilizadas no discurso que procurava fomentar a identidade nacional, eram requeridas para tratar também da identidade do “allemão” ou do “teuto-brasileiro”. Ou seja, se havia um discurso que procurava amalgamar brasileiros de diferentes e

---

<sup>405</sup> *Revista do Povo*, 29 de dezembro de 1917. nº13

cores e classes em prol do fortalecimento da identidade nacional, havia também um discurso que denunciava o caráter duvidoso e perigoso do “alemão”, tanto aquele que estava na Europa, como aquele que habitava Curitiba. Se antes do recrudescimento da guerra os chamados membros da “colônia alemã”<sup>406</sup> eram, muitas vezes, identificados como os “imigrantes ideais”, durante o conflito, passaram a ser vistos como “boches” e “bárbaros”.

Novamente aqui as palavras de Angela de Castro Gomes parecem apropriadas:

(...) são momentos de crise, de eventos traumáticos ou dramáticos, que produzem alteração de referenciais há muito consolidados numa sociedade, estimulando e até forçando releituras identitárias. Por conseguinte, eles sempre mobilizam dimensões simbólicas e práticas, envolvendo a imposição e a adesão de um grupo a ideais, valores, crenças, etc., que são ‘inventados’ e divulgados, materializando-os em instituições, rituais, festas, símbolos, etc.<sup>407</sup>

Tratava-se, substancialmente, do mesmo processo: a tentativa de valorizar o nacional vinha acompanhada da desconfiança no imigrante ou seu descendente, e devido ao contexto, em especial o “alemão”. Tal situação configura-se como uma das faces deste nacionalismo do período em questão.

Um vasto conjunto de elementos foram favoráveis para que uma atmosfera de hostilidade aos “alemães” se concretizasse naquele momento. No entanto, aqui insistirei na propagação das expressões pejorativas que ganharam força naquele período. Neste sentido, algumas das ferramentas teóricas fundamentadas por Norbert Elias podem ser úteis para pensar no contexto aqui tratado.<sup>408</sup> Possivelmente, palavras como “boche” e “barbaro”, para centrar apenas nestes dois exemplos, constituíam parte de um vocabulário peculiar de um período em que se objetivava estabelecer marcações, e deixar explícitos aqueles que poderiam trazer problemas ao país, os mesmos que desde abril de 1917, e com mais força depois de outubro do mesmo ano, eram os opositores do Brasil na Grande Guerra.

Este processo de demarcação das diferenças se aproxima do que Norbert Elias e John Scotson denominaram como “sociodinâmica da estigmatização”. Para os autores este processo se define como a capacidade de inserção de signos que possam macular um “grupo”.<sup>409</sup> Analisando o contexto da fictícia cidade de Winston Parva, os autores notaram que uma das

---

<sup>406</sup> Lembrando aqui que, de certa forma, tal termo também era restrito a pessoas que encaixavam-se no ideal construído pelas elites.

<sup>407</sup> Gomes, op.cit. p.86

<sup>408</sup> ELIAS, N. A individualização no processo social. In. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.; ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>409</sup> O “grupo” aqui vem entre aspas, pois é preciso lembrar que ambos os lados, “nacionais” e “alemães”, eram uma construção inerente aquele momento.

situações que se configuravam como parte da “sociodinâmica da estigmatização”, era perceber como, em tal processo, as “minorais”<sup>410</sup> tornavam-se acentuadamente visíveis, por meio de generalizações que serviam como instrumentos de estigmatização para o “grupo” então em vantagem. Além disso, a construção e preservação de memórias seletivas era outro fator que integrava um componente forte ao tratar de estigmas.<sup>411</sup>

No que se refere à preservação de memórias seletivas, compreendo que esta pressupõe a capacidade de um “grupo” de manter vivo/aceso determinados aspectos concernentes a outro “grupo”, e que tais aspectos são retomados de forma generalizante quando é de interesse marcar o “grupo” que, por alguma situação, encontra-se em desvantagem. Especificamente no caso das pessoas de origem germânica em Curitiba, algo neste sentido ocorreu com a retomada, no momento da guerra, da discussão sobre certas práticas e características compreendidas, ao longo dos anos, como inerentes à “colônia alemã” da cidade. Era o momento de colocar em pauta fatos como: a restrição as associações de imigrantes alemães e seus descendentes, o germanismo e o “perigo alemão”. Como estes dois últimos já foram comentados algumas páginas atrás, passemos para a discussão em torno das associações.

Não só a imprensa, mas também as pessoas envolvidas nas manifestações de ruas, naquele momento, denunciavam o caráter restritivo dessas associações o que, embora não fosse novidade, parecia inadmissível para o momento. Destaco um trecho de um texto publicado, com um tom de denuncia, pelo *Commercio do Paraná*:

(...) os teutos, principalmente, desprezam o nosso convivo, retrahem-se e vão formar isoladamente os seus blocos, as suas associações de onde em regra excluem os brasileiros, ou si os admittem restringem-lhes os direitos, como acontece no club 'Verein Thalia'...<sup>412</sup>

Neste sentido, o advogado Napoleão Lopes, presença constante nas manifestações contra a Alemanha que ocorreram na cidade durante o ano de 1917, ao discursar na Praça Tiradentes também mostrou seu descontentamento em relação à sociedade *Thalia*. Segundo o jornal, o advogado teria dito que tal associação “não está de accordo com as normas do nosso povo, que não vê com bons olhos aquella aggremação, onde o socio tem obrigação restricta de saber fallar a lingua allemã”.<sup>413</sup>

---

<sup>410</sup> Entendo minorias aqui unicamente no sentido numérico, e não político.

<sup>411</sup> Há ainda outras ferramentas de estigmatização como a fofoca e boatos tratados pelos autores e que serão novamente retomados no próximo tópico.

<sup>412</sup> *Commercio do Paraná*, 26 de abril de 1917. p.2.

<sup>413</sup> *Commercio do Paraná*, 19 de abril de 1917. p.2.

No meu entender, ao longo dos anos, em Curitiba, polêmicas envolvendo assuntos como este marcaram de alguma forma a experiência cotidiana da sociedade, no entanto, no período da proclamação da República até a Primeira Guerra Mundial os espaços (de tempo e físico) que proporcionavam estas discussões eram, em sua grande maioria, restritos, isto porque o ambiente não era, de modo geral, considerado especificamente hostil ao sujeito de origem “alemã”. Já, durante a guerra, e especialmente nos últimos dois anos do conflito, criou-se uma atmosfera propícia para retomar e, de certa forma, cobrar dos “alemães” estas posturas e práticas consideradas excludentes e perigosas.

Tratava-se também de um período em que havia um anseio por definições, e para uma parcela da sociedade não estava claro, de que lado estavam os filhos dos “alemães”, os quais muitas vezes se autodenominavam como “teuto-brasileiros”. Sob tal circunstância, cobrava-se de algumas pessoas cujo laço afetivo com a Alemanha parecia bastante perceptível um posicionamento diante da guerra e, por vezes, diante de sua identidade. Neste sentido, é bastante sintomática a discussão enunciada pelo jornal *Commercio do Paraná* a respeito da expressão “teuto-brasileiro”:

(...) inexplicavel anomalia ethica que se admittiu com o uso da expressão dubia de cidadão 'teuto-brasileiros'. A constituição da Republica não conhece essa casta de productos hybridos. Perante a lei, no Brasil, só há duas ordens de individuos: nacionaes e estrangeiros. Alem do mais, é facto verificado em psychologia o immenso prestigio que os nomes, os qualificativos, as denominações, emfim, exercem no mundo das ideias. Da mesma forma que, uma simples placa, estatua ou outro qualquer monumento, tem o dom magico de perpetuar, pela suggestão continua do symbolo visivel, uma memoria benemerita ou um acontecimento grandioso, tambem a nomenclatura, o rotulo, o titulo, escripto ou falado em lingua estranha trazem o cunho da nacionalidade invocada, perturbando lenta mas fatalmente a unidade espiritual do paiz em que esse abuso é tolerado. A denominação de teuto-brasileiros aos descendentes de allemães não se justifica nem perante a lei, nem em face do sentimento civico que deve ser definido e unico. Com a permanencia de semelhante situação moral, fica o chamado teuto-brasileiro com duas 'meias patrias' e consequentemente, com duas portas abertas para a defecção, para a traição. Sim, porque, uma dessas patrias tem de ser sacrificada em proveito da outra. (...) Assim, a expressão teuto-brasileiro sobe ser amphibia é a todo ponto perigosa naquilo que diz respeito a integridade do character nacional. Chegamos ao instante de definir posições: ou brasileiro ou allemão. Pão pão, queijo queijo.<sup>414</sup>

O jornal, ignorando as particularidades, partia do pressuposto de que o “teuto-brasileiro” carregava uma identidade que era reivindicada com a mesma carga emotiva e política por todos os que descendiam de uma origem germânica na cidade, ou seja, aqui a

---

<sup>414</sup> *Commercio do Paraná*, 18 de abril de 1917. p.2

imprensa se apropriou e generalizou o termo “teuto-brasileiro”. Explicitava-se, ainda, com um tom de denúncia, outro elemento concernente a dinâmica do momento, a saber: a ilegitimidade de reivindicar para si o ser “teuto-brasileiro”. Para o jornal (não há autoria no texto) além de inconstitucional, essa identidade era prejudicial aos interesses do país, na medida em que deixava em aberto à verdadeira “pátria” a quem estas pessoas pertenciam.

Entre os resultados desta atmosfera de cobranças e incertezas, destaco aqui, a procura por comprovações públicas de pertencimento nacional. Dezenas de pessoas procuraram a imprensa pra tornar manifesto seu posicionamento quanto a sua origem. Foi o caso, por exemplo, de Frederico Schimdt que, após contar que embora fosse filho de alemão, tinha nascido em Santa Catarina e afirmou ainda: “faço esta declaração para esclarecimento, afim de provar a minha nacionalidade e legitimação brasileira.”<sup>415</sup> E de Alfredo Schmaiz, que após ter se envolvido em um briga na Rua XV por conta de um insulto que recebeu, procurou o *Diário da Tarde* para afirmar “que não é boche; é cidadão suíço matriculado. (...) Como é um commerciante e tem necessidade de resalvar seu nome e interesses, pediu-nos affirmar que não é allemão.”<sup>416</sup>

A busca pelo distanciamento e negação da identidade alemã é mais um indício do clima de hostilidade do momento. Se por um lado, o medo de ser confundido com um alemão impulsionou as declarações públicas na imprensa, por outro, tal gesto não passou despercebido pelo advogado e colunista do *Diário da Tarde*; assinalou Gastão Faria:

Ao tempo em que a Allemanha não nos tinha ainda imposta a guerra, o Paraná estava abarrotado de allemães. Todo o individuo que tinha o nome mais ou menos arrevesado, oscillando entre turco e grego, era allemão. O seu entusiasmo pelo kaiser, seu idolo e seu pae espirital, era tamanho que todos aquelles individuos manifestavam publicamente o seu orgulho por serem allemães. (...) Hoje já não se dá o mesmo. Os allemães e mesmo grande numero de teutos brasileiros, anteriormente ebrios de entusiasmo pela Allemanha, da qual diziam ser subditos, estão agora renegando a sua patria. *Ninguém mais quer ser allemão*. Todos os patifes, publicamente, se vangloriam em chamar para si a qualidade de cidadãos holandezes, suíços, dinamarquezes, etc.<sup>417</sup>

Nestes tempos de guerra a mudança de discurso em relação aos “allemães”, veio acompanhada de uma onda de desconfiança, não por menos, os mais variados boatos fantasiosos, ou não, se alastraram pela cidade, causando um verdadeiro frenesi em parte da população. Tais boatos serão tema para o próximo tópico.

---

<sup>415</sup> *A República*, 3 de novembro de 1917. p.3

<sup>416</sup> *Diário da Tarde*, 26 de novembro de 1917. p.3

<sup>417</sup> *Diário da Tarde*, 29 de novembro de 1917. p.1 (sem grifo no original)



### 3.2 “Quem não é por nós, é nosso inimigo”

Passados cem anos, para um observador atual, é relativamente tranquilo constatar como o ano de 1917, principalmente com a entrada dos Estados Unidos no conflito, foi decisivo para que o fim da Grande Guerra começasse a se delinear. No entanto, tal percepção não era compartilhada pelos contemporâneos à época; ou seja, a guerra que ocorria na Europa era uma disputa equilibrada com vitórias e derrotas conquistadas por ambos os lados. Em poucas palavras, em 1917 e até um certo momento de 1918 (a guerra terminou apenas em novembro deste ano) não estava claro quem venceria. Decorre daí uma questão que provavelmente emergiu no contexto curitibano na época: e se o Império Alemão vencesse a Grande Guerra?

“A victoria da Allemanha ou a nossa inercia teriam para nós as mesmas consecuencias: seriamos vencidos e submettidos.”<sup>418</sup> Tal frase, que previa um futuro sombrio ao Brasil caso os aliados perdessem a guerra, foi extraída do prefácio que Graça Aranha fez para a edição brasileira do livro *O Plano Pangermanista desmascarado: a temível cilada berlineza da ‘partida nulla’*, de autoria do francês André Cheradame.<sup>419</sup>

No entanto, encontrei esta mesma frase de Cheradame, assim como a íntegra do prefácio, no jornal curitibano *A República*.<sup>420</sup> A meu ver, há uma importância significativa na publicação desse texto na imprensa local, e ele nos auxilia na compreensão do imaginário que se formava sobre os “alemães” no período. Vale, portanto, antes de entrarmos afundo no objetivo principal deste tópico, uma pequena digressão para se ter uma ideia do conteúdo deste prefácio.

O texto de Graça Aranha aborda aspectos históricos da Alemanha e, na sua lógica, vai mostrando como a “raça alemã” foi constituindo, ao longo dos anos, uma predisposição para a invasão e dominação de territórios e povos. Para Graça Aranha, o “alemão” é um “povo de rapina” ou ainda “povo-invasão”.<sup>421</sup> Ao discorrer sobre o “perigo alemão” no Brasil, o autor condenou as lideranças e governos nacionais por não acreditarem que os imigrantes e seus descendentes que habitavam o sul do Brasil pudessem ser um perigo real à nação. Escreve

---

<sup>418</sup> ARANHA, Graça. Brasil e pangermanismo. In. *O Plano Pangermanista desmascarado: a temível cilada berlineza da ‘partida nulla’*. CHÉRADAME, André. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1917. p. XXX.

<sup>419</sup> Marionilde Magalhães e Thomas Skidmore discorreram a respeito da obra de Graça Aranha, Canaã, romance que aborda problemáticas concernentes a primeira década do século XX, como racialização, identidade nacional, branqueamento, miscigenação e imigração. MAGALHÃES, op.cit; SKIDMORE, op.cit.

<sup>420</sup> Em seis edições: 21 e 24 de setembro; e 1, 9, 10 e 11 de outubro de 1917.

<sup>421</sup> ARANHA, Graça. op.cit. p. X

ainda sobre a importância do rompimento das relações com a Alemanha e os bons frutos que o patriotismo nacional causava neste ano de 1917 no Brasil.

Além do prefácio de Aranha, o jornal ainda publicou um mapa extraído do livro “*Gross Deutschland*” de autoria de R. Tannenberg que mostrava uma previsão do futuro do Império Alemão e como seria a América do Sul em 1950. O mapa aponta que os territórios da metade para baixo do continente americano seriam dos alemães:



FIGURA 6 – Mappa da America do Sul em 1950<sup>422</sup>

A publicação tanto do prefácio de Graça Aranha, como do mapa acima pelo jornal *A República*, além de diversos outros textos, cujo conteúdo assemelhava-se a este, deve ter incrementado o debate e o imaginário acerca da presença germânica na cidade.

<sup>422</sup> Essa imagem foi retirada do livro, pois, a qualidade da imagem no jornal é inferior, embora seja igualmente discernível. No jornal *A República*, o mapa foi publicado no dia 9 de outubro de 1917, p.2. CHERADAME, p.XXXIII

Volto, então, a questão que deu início a este tópico. E se a Alemanha vencesse? Considerando que tal hipótese não estava descartada do imaginário curitibano, nestes dois anos finais do conflito, este tópico se propõe a discorrer sobre outros elementos que constituíam uma atmosfera de hostilidade, cada vez mais evidente, em relação aos “alemães” na cidade. Trata-se, aqui, de apresentar ao leitor que, além dos rótulos estigmatizantes, com expressões pejorativas como, “boches” e “bárbaros”, também foram constatados, nesta atmosfera conflituosa à “alemães”, a emergência de **boatos**, dos mais variados tipos, que circularam pela cidade. Diante de uma expressiva quantidade desses rumores, optei por focar com mais fôlego aqueles que mais chamaram a atenção devido à recorrência, a repercussão e a dimensão conflituosa que tomaram.<sup>423</sup>

Como já abordado no tópico anterior, entre o início da guerra, em agosto de 1914 até abril de 1917, os “alemães” ainda gozavam de uma relativa tranquilidade e sua situação não se encontrava muito diferente do que era anteriormente, como indicam os registros da imprensa. Foi com a quebra de neutralidade no conflito que o contexto tornou-se, realmente, desfavorável aos “alemães” da cidade, e um indício disso foi a intensa circulação de boatos que surgiram a partir deste momento.

A emergência de boatos, dentro e fora da imprensa, foi um dos elementos que possibilitou a percepção do “outro”, o “alemão”, como o “inimigo”. Decorre daí uma coesão circunstancial de grupos plurais (dentro e fora da imprensa), que, embora distintos, com desejos e intenções diversas, apresentavam em comum naquele momento uma espécie de anseio em afirmar o “alemão” da cidade como o oponente, o intruso, o suspeito, enfim, o “boche” e o “barbaro”. Sendo assim, a meu ver, se os boatos se alastraram pela cidade, e ganharam significativo impacto naquele momento, isto ocorreu por conta de uma série de acontecimentos confluentes que acabaram sendo interpretados como ações levadas a cabo por “alemães” que conspiravam contra o Brasil. Esses acontecimentos foram espetacularizados pela grande imprensa, ganhando assim maior repercussão.

Grande parte dos boatos que ganharam notória expressão estavam relacionados a possíveis ações de espionagens de “subditos alemães” em território nacional e, foram estes os que mais ganharam repercussão. De uma hora para outra, Curitiba se viu repleta de espões que tramavam os mais ardilosos e obscuros planos contra o Brasil em nome do *Kaiser*.

---

<sup>423</sup> A meu ver, foi de grande valia e inspiração para a análise dos boatos neste contexto, a teorização proposta por Norbert Elias e John Scotson a respeito da função da “fofoca” no contexto de Winston Parva.

Entre tais boatos, um dos primeiros e um dos que mais ganhou destaque na imprensa foi a aparição de misteriosos aeroplanos sobrevoando a capital.<sup>424</sup> No dia 20 de abril a imprensa lançou a dúvida: “Aeroplanos em Coritiba? D’onde virão?”<sup>425</sup> As primeiras informações indicavam que um aeroplano teria passado, “em grande velocidade, em direcção ao poente”<sup>426</sup>, próximo a Avenida Vicente Machado, às 4 horas de madrugada. Já no dia seguinte, o mesmo jornal, informou que a polícia estava verificando o caso do “aparelho que nos veio por em alarme”<sup>427</sup>, e sugere um vínculo entre o aeroplano e os “allemães”:

Nós sabemos quanto o povo allemão é ousado, e disse elle deu provas nessa grande guerra da Europa. E os seus compatriotas que habitam o sul do Brazil não desmentem o genio perseverante e audacioso do allemão europeu, e d’elles temos a temer. Ambicionam este pedacinho de terra; (...) Devemos, pois, nos prevenir. Olhos vivos, olhos vivos!<sup>428</sup>

Passados alguns dias, se alguns ainda duvidavam da presença dos aeroplanos, o *Diário da Tarde*, advertia, “o facto é que estamos sendo vigiados e bem vigiados”<sup>429</sup>; “Nenhuma duvida pode haver de que passou por cima desta capital um aeroplano em cuja procura anda a nossa policia e o pessoal da ‘Tribuna’ [outro jornal que circulava na época].”<sup>430</sup> Ainda nessa edição o jornal afirmou que uma família e um sargento teriam visto o “aeroplano mysterioso evoluir sobre Coritiba”<sup>431</sup>.

Com o alvoroço dos aeroplanos já bastante divulgado pela imprensa, é provável que a população já comentasse e se envolvesse com o fato. No entanto, no meio de tantas informações desencontradas, havia quem não estivesse contente com o vai e vem dos boatos. O *Diário da Tarde* publicou uma carta enviada por um dos seus leitores, cujo nome não foi indicado, que mostrava tal descontentamento: “Em torno de qualquer facto armam um escandalo – abrem columnas, affirmam hoje e desdizem amanhã, com uma desfaçatez admiravel! Haja vista o caso do aeroplano.”<sup>432</sup>

---

<sup>424</sup> Ao discorrer sobre os boatos que circularam em Santos neste mesmo período, Haroldo Camargo também comentou rapidamente a respeito da presença de aeroplanos misteriosos nas proximidades de Santos. CAMARGO, op.cit. s.p.

<sup>425</sup> *Diário da Tarde*, 20 de abril de 1917. p.3.

<sup>426</sup> *Idem*.

<sup>427</sup> *Diário da Tarde*, 21 de abril de 1917. p.1.

<sup>428</sup> *Diário da Tarde*, 21 de abril de 1917. p.1.

<sup>429</sup> *Diário da Tarde*, 24 de abril de 1917. p.1

<sup>430</sup> *Idem*

<sup>431</sup> *Idem*

<sup>432</sup> *Diário da Tarde*, 25 de abril de 1917. p.3

A crítica do leitor não parece ter surtido algum efeito. No dia seguinte, o aeroplano não só estava novamente nas páginas do *Diário da Tarde*, como anunciava-se que tinha sido visto nas cidades litorâneas de Paranaguá e Morretes.<sup>433</sup>

Dez dias depois da primeira publicação da imprensa sobre o “aeroplano misterioso”, as notícias sobre o caso cresciam. No dia 30 de abril circulou a informação de que o aeroplano havia voado próximo ao paiol de pólvora<sup>434</sup>, “alarmando os moradores daquellas redondezas.”<sup>435</sup> O *Diário da Tarde* indicou nesta matéria que havia mandado seus repórteres investigar o caso; perguntando aos moradores o que haviam presenciado, os repórteres assim relataram:

Severino, que é um caboclo já velho, nos affirmou nada ter visto. Apenas ouvia fallar por ali, que um aeroplano evoluia sobre o paiol e que o 'bicho' - segundo elle nos disse - é de propriedade de um filho do saudoso Roberto Hauer, residente no Portão! (...). Fomos, em seguida, á casa de d. Maria das Neves Menezes, moradora tambem nas proximidades do paiol, tendo ella nos declarado ter visto uma luz forte, fazendo curvas a noite de sabbado, mais ou menos ás 10 horas da noite. Mas aquella senhora disse que não pode affirmar que fosse o aeroplano, pois podia ser um balão. (...). Já nos iamos retirar quando encontramos um senhor, morador á rua Lamenha Lins, tambem muito proximo ao paiol da polvora. Declarou-nos elle que sabbado ninguem vio o aeroplano, porem, que há uns 4 dias atraz seu sogro sr. Joaquim Andrade, porteiro do Gymnasio, o distingio perfeitamente, alta noite, com duas luzes, ouvindo, tambem o ruido do motor. Que o mesmo seu sogro mostrou o aeroplano á sua esposa que, como elle, perfeitamente o distingio.<sup>436</sup>

Apenas dois dias depois, no dia 2 de maio, um inquérito policial teria concluído que: “ficou apurado que não passou aeroplano algum sobe Coritiba e que o que diversas pessoas têm visto não passa de uma 'pandorga' com lanternas.”<sup>437</sup> Mesmo com a conclusão do inquérito, o caso ainda ganhou outras reviravoltas. Nos dias 4, 5 e 7 de maio o *Diário da Tarde* publicou mais versões sobre o aparecimento de um aeroplano nos arrabaldes de Curitiba.<sup>438</sup> A história que foi contada ao jornal, no dia 4 de maio, incluía além do aeroplano, uma suposta aparição uma dupla de alemães que andavam de “motocycle” a explorar o campo paranaense. Uma das últimas notícias referentes ao aeroplano misterioso é do dia 21 de maio,

---

<sup>433</sup> *Diário da Tarde*, 26 de abril de 1917. p.1

<sup>434</sup> Embora o jornal não tenha especificado onde localizava-se tal paiol, é bem provável que o mesmo seja o atual Teatro Paiol, localizado na Praça Professor Guido Viaro s/nº, no bairro Prado Velho em Curitiba.

<sup>435</sup> *Diário da Tarde*, 30 de abril de 1917. p.3

<sup>436</sup> *Diário da Tarde*, 30 de abril de 1917. p.3

<sup>437</sup> *Diário da Tarde*, 2 de maio de 1917. p.1

<sup>438</sup> *Diário da Tarde*, 4 de maio de 1917. p. 1; *Diário da Tarde*, 5 de maio de 1917. p. 3. *Diário da Tarde*, 7 de maio de 1917. p. 3

a qual estampava a informação de que o “pirata do ar” fora visto em Ponta Grossa.<sup>439</sup> Os rumores em torno do aeroplano parecem não terem se encerrado com uma conclusão definitiva. A opinião pública oscilava: ora era dado como certo que Curitiba estava sendo espionada, ora tudo não passava de boatos fantasiosos. De qualquer forma o caso não se encerraria aqui e notícias sobre um outro aeroplano entraria na ordem do dia.

A presença do terrível “aparelho” parece, de alguma forma, ter contribuído para o aparato de segurança do próprio estado. É bem provável que não seja mera coincidência que, no dia 10 de maio de 1917, em meio ao calor dos boatos dos aeroplanos misteriosos, surgiu na imprensa à notícia de que oficiais inferiores da milícia estadual estavam se mobilizando para “adquirir um aeroplano para a sua corporação.”<sup>440</sup> Tal mobilização contava com a ajuda financeira de autoridades locais e sujeitos que tinham condições de contribuir, como o advogado Napoleão Lopes, que doou 5\$<sup>441</sup> e o dono do Theatro Hauer, Ludovico Carlos Egg (descendente de alemães), que despendeu a quantia de 10\$<sup>442</sup>. Foram constatadas notícias como esta: “Continua a subscrição popular para a aquisição de um aeroplano para o Regimento de Segurança”<sup>443</sup>. Listas com nomes e quantias arrecadadas por diferentes cidades eram publicadas na imprensa: Curitiba<sup>444</sup>, Campo Largo<sup>445</sup>, São Matheus<sup>446</sup> e Ponta Grossa<sup>447</sup>.

Passados oito meses foi anunciada a chegada do aeroplano da Força Militar do Estado. Em comemoração ao fato, os jornais informavam que estava sendo preparada uma festa no teatro Guaira, que contaria com a presença de Leôncio Correia, além da apresentação da Marselhesa e da “scena dramatica ‘Patria!’, terminando por um quadro final de evocação aos heroes do Paraguay, com apothose e alvorada nos campos da guerra”<sup>448</sup>. Até que, finalmente, no dia 6 de fevereiro de 1918 foi anunciada a seguinte matéria: “O Paraná nos ares - O primeiro voo do aeroplano da Força Militar do Estado”<sup>449</sup>.

Embora não tenha sido comprovada nenhuma ligação do aeroplano com algum “alemão” da cidade, é bastante significativo o fato de o mesmo ter sido associado a eles. Logo que tais boatos ganharam certa notoriedade foi cogitado que tratava-se de ações de espionagem daqueles que tinham certos interesses nas terras do sul do Brasil. Era uma

---

<sup>439</sup> *Diário da Tarde*, 21 de maio de 1917. p.1

<sup>440</sup> *Diário da Tarde*, 10 de maio de 1917. p.2.

<sup>441</sup> *Diário da Tarde*, 4 de junho de 1917. p.1.

<sup>442</sup> *Diário da Tarde*, 4 de junho de 1917. p.1.

<sup>443</sup> *Diário da Tarde*, 9 de junho de 1917. p.1.

<sup>444</sup> *Diário da Tarde*, 4 de junho de 1917. p.1.

<sup>445</sup> *Diário da Tarde*, 27 de julho de 1917. p.1.

<sup>446</sup> *Diário da Tarde*, 12 de setembro de 1917. p.2.

<sup>447</sup> *Diário da Tarde*, 22 de novembro de 1917. p.1

<sup>448</sup> *Diário da Tarde*, 7 de janeiro de 1918. p.1

<sup>449</sup> *Diário da Tarde*, 6 de fevereiro de 1918. p.1.

espionagem que vinha de cima, que tinha a astúcia de observar o terreno “inimigo” e os próprios “inimigos” a partir de um ângulo privilegiado, dificultando a ações de quem deveriam cuidar da segurança interna. A mobilização das pessoas para comprar um aeroplano para o estado talvez tenha sido motivada pelo desejo de segurança, lembrando que, mesmo com o inquérito da polícia mostrando que o tal aeroplano não existia, continuaram os boatos sobre o “pirata do ar”.

Outro fato agravante na história em torno do aeroplano era um certo receio de um objeto pouco comum no cotidiano das pessoas naquela época, daí o estranhamento e a perplexidade com um “aparelho” que “evoluiu” pela cidade na calada da noite, “em grande velocidade”, próximo até de um paiol de pólvora, assustando os moradores com “uma luz forte e o “ruído do motor”. Os termos designados para tratar do aeroplano, nos relatos publicados pela imprensa, expressam essa assertiva: “pirata do ar”, “aeroplano misterioso”, “aparelho” e “bicho”. O próprio caráter espetacular da chegada do aeroplano da força militar do estado parece corroborar essa afirmativa.

O vai e vem da história publicada na imprensa ajudava a criar uma atmosfera de insegurança. Mas, poucos dias antes dos rumores em torno do “pirata do ar”, emergiram boatos acerca de uma possível espionagem arquitetada por “alemães” com ajuda de outro importante meio tecnológico da época. É sobre este boato que os próximos parágrafos serão tratados.

No dia 18 de abril de 1917, o *Diário da Tarde* informou na notícia “A ira popular”<sup>450</sup> que, na noite anterior, “um grupo de brasileiros, na sua indignação contra as selvagerias alemãs, pretendia empastellar o jornal alemão ‘Der Kompass’ e incendiar o seu edifício.”<sup>451</sup> O fato não foi consumado devido a presença de 25 praças de cavalaria que impediram o grupo de agir. Segundo o jornal, a motivação para o ato derivava de um boato que corria pela cidade de que os redatores do *Der Kompass*, entre eles um oficial reformado da marinha austríaca, estavam “conspirando miseravelmente contra nossa segurança interna.”<sup>452</sup>, pois, haviam informações de que “na redacção do órgão alemão está montada uma estação radio-telegraphica.”<sup>453</sup>

O que também chama a atenção nesse caso foi o posicionamento do jornal diante do boato: “a policia deve tomar energicas providencias nesse sentido, afim de apurar si ha

---

<sup>450</sup> *Diário da Tarde*, 18 de abril de 1917. p.2

<sup>451</sup> *Idem*

<sup>452</sup> *Idem*

<sup>453</sup> *Idem*

veracidade na denuncia e, em caso positivo, entregar ás mãos do povo para que delle recebam o merecido castigo, os miseraveis que trahem a patria que lhes deu posição e nome!”<sup>454</sup>

No entanto, nesta mesma edição encontrei a notícia de que uma força tarefa havia sido montada para averiguar os boatos; o chefe de polícia, Lindolpho Pessoa, acompanhado de jornalistas, inclusive o diretor do *Diário da Tarde*, Ernesto de Oliveira, fez uma busca na redação do jornal alemão e na Igreja dos franciscanos (vale lembrar que os padres franciscanos além de terem a gestão do jornal *Der Kompass*, ainda administravam a igreja católica alemã e colégio católico alemão para meninos, *Deutschenknaben Schule*). De acordo com o *Diário da Tarde*, ainda acompanhou aquela “empreitada” Ladislau Wazilewski cuja tarefa foi traduzir para o português as últimas edições do *Der Kompass* com o intuito de averiguar se, no jornal alemão, havia algum ataque ou ofensa ao Brasil.

Sendo negativo o resultado as autoridades policiaes e jornalistas, acompanhados dos redactores do jornal allemão e dos franciscanos, percorreram as dependencias do grande predio, examinando minunciosamente todos os recantos da casa. A hora 15 ainda as autoridades percorriam o enorme predio, sendo que até aquella hora nada havia sido encontrado, que pudesse denunciar a existencia de uma estação radio-telegraphica.<sup>455</sup>

Era o espectro da espionagem que se materializava das mais diferentes formas naquele período. Embora o boato tenha sido verificado e desmentido pelas autoridades policiais, os rumores em torno do *Der Kompass*, ou melhor, da igreja católica alemã de Curitiba em geral, ganhou uma demasiada proporção, como veremos logo à frente.

Para completar o registro da onda de boatos que correu em um só dia (18), foi ainda constatada a matéria intitulada, “O germanismo no Paraná. Algumas verdades ditas numa entrevista.”<sup>456</sup>, a qual trazia excertos de uma entrevista concedida por Ivo Moraes (oriundo do sul do Brasil) a um jornalista do Rio de Janeiro. O entrevistado acusava grande parte da “colônia allemã” de Curitiba de promover o germanismo na cidade, e apontava como os “allemães” agiam para isso. Inicia afirmando que os três deputados de origem germânica, Bertholdo Hauer, Alfredo Heisler e Nicolau Maeder, “agem habilmente a favor das ideas de açambarcamento, alimentadas pelo Kaiser, de quem são representantes, chegando ao ponto de ter sob sua direcção uma caixa secreta em beneficio dos trabalhos da expansão alemã.”<sup>457</sup>

---

<sup>454</sup> *Idem*

<sup>455</sup> *Diário da Tarde*, 18 de abril de 1917. p.3

<sup>456</sup> *Diário da Tarde*, 18 de abril de 1917. P.1

<sup>457</sup> *Idem*



Ivo Moraes também discorreu sobre associações dos imigrantes alemães e seus descendentes de Curitiba:

Ha ali sociedades allemãs que constituem um sério perigo. Por exemplo: a Sociedade de Atiradores Allemães "Schutz Verein", com perto de 2000 socios e dispondo de uma linha de tiro; Sociedade Gymnastica (Turn Verein), com 800 socios; Sociedade dos Operarios Allemães, com 2100 socios; Saengerbund com 800 socios; Thalia com 460 socios; Underweiss com 300 socios, além de outras associações de menor importância. Em algumas dessas sociedades é absolutamente proibido falar a lingua portugueza. (...) A "Schutz Verein" tem organização militar. Aos domingos reúnem-se os seus membros, com banda de musica e a bandeira allemã a frente, e marcham formados, afim de fazer exercicio de tiro ao alvo.<sup>458</sup>

Ainda para o entrevistado, com raras exceções, “os allemães de Coritiba vivem afastados dos brasileiros, que dizem não prestar para nada.”<sup>459</sup> Também expressou sua opinião acerca dos jornais em alemão que circulavam pela cidade, afirmando que, embora “adversarios sob o ponto de vista religioso”<sup>460</sup>, tanto o *Der Kompass* quanto o *Der Beobachter* recebiam subvenção do governo alemão trabalhando com “o mesmo objetivo: a propaganda do imperialismo allemão.”<sup>461</sup> Além disso, acrescentou que na redação do jornal católico alemão, *Der Kompass*, trabalhava um oficial reformado da marinha alemã (na notícia anterior, o jornal afirmou que o tal oficial reformado era da marinha austríaca).

Para concluir, Ivo Moraes, afirmou que “As filhas de Carlos Quentel, importante commerciante allemão, de Coritiba, não se dão com as moças brasileiras, o que é um costume entre os allemães, e dizem desejar ver a Allemanha aponderar-se do sul do Brazil para cuspir no rosto dos brasileiros.”<sup>462</sup>

A entrevista de Ivo Moraes repercutiu e já no dia seguinte o *Diário da Tarde* abriu espaço para que Nicolau Maeder, um dos deputados citados, se pronunciasse. Segundo o jornal, por meio de uma carta, o deputado declarou que era “brazileiro, e descendente de paes suissos e não allemães.”<sup>463</sup> Como já anteriormente mencionado, parecia uma estratégia tentar se afastar de tudo o que remetesse a identidade “allemã”.

No *Commercio do Paraná*, saiu em defesa da Sociedade dos Atiradores Alemães, Luiz Wolf, o presidente da associação. Segundo Wolf, tal sociedade contava com apenas “cento e

---

<sup>458</sup> *Diário da Tarde*, 18 de abril de 1917. p.1

<sup>459</sup> *Idem*

<sup>460</sup> *Idem*

<sup>461</sup> *Idem*

<sup>462</sup> *Idem*

<sup>463</sup> *Diário da Tarde*, 19 de abril de 1917. p.2

poucos socios, entre os quaes tem somente quatro ou cinco subditos allemães, sendo os demais socios brasileiros naturalizados e natos”<sup>464</sup>; afirmou também, que atirar era um divertimento esportivo e, que nesta sociedade não havia práticas e treinamentos militares.

Quem também tratou de rebater Ivo Moraes foi Arthur Narciso Schneider, filho de Anton Schneider, proprietário do *Der Beobachter*. Segundo o jornal, Arthur Schneider, “protestava contra aquella inverdade bem como qualquer conceito que se lhe faça, pondo em duvida a sua lealdade de brasileiro, a sua crença a de republicano e a sua fé na victoria do ideal socialista...”<sup>465</sup> Por fim, também teria afirmado que seu jornal sempre esteve ao lado do Brasil, e em especial do Paraná.

Também no *Diário da Tarde* o proprietário do *Der Beobachter* se defendeu das acusações de Ivo Moraes. Em uma carta enviada à redação do jornal, Anton Schneider reiterou o que seu filho já havia dito no *Commercio do Paraná*, afirmando que: “desde 28 annos [quando de sua origem, em 1889] o ‘Der Beobachter’ combate pelo ideal socialista e republicano e não podia assim receber dinheiro do Kaiser para propaganda do imperialismo.”<sup>466</sup>

Se, no caso do deputado Nicolau Maeder, o argumento utilizado na réplica à acusação de Ivo Moraes, vai ao encontro do que identifiquei como estratégia de afastamento de uma identidade “allemã”, o caso da família Schneider talvez seja outro. Como procurei sustentar ao longo de todo este trabalho, uma identidade étnica “teuto-brasileira”, ou “allemã” não é entendida aqui como algo igual e presente na vida de todo indivíduo que carregava uma ancestralidade germânica. Nem tão pouco como algo que teria perpassado todo o processo histórico dos mesmos, influenciando em suas decisões e ações.<sup>467</sup> Portanto, suas práticas e modo de vida não eram orquestradas em torno de um sentimento maior de pertença a uma identidade étnica. De forma mais direta, em minha opinião, diversas pessoas tinham sonhos, objetivos e interesses que não se limitavam, ou que não estavam necessariamente intrínsecos a uma afirmação ao pertencimento étnico. No caso em questão, é possível que para o redator do jornal *Der Beobachter*, e seu filho, outras ideias e concepções fossem mais importantes. O envolvimento de Anton Schneider com uma corrente socialista de Curitiba, aliás citada pelo próprio em sua defesa, pode ser aqui um indício desta assertiva.<sup>468</sup> Ainda sobre Schneider e

---

<sup>464</sup> *Commercio do Paraná*, 20 de abril de 1917. p. 2

<sup>465</sup> *Commercio do Paraná*, 19 de abril de 1917. p.3

<sup>466</sup> *Diário da Tarde*, 21 de abril de 1917. p.1

<sup>467</sup> Uma discussão mais aprofundada a este respeito foi realizada na introdução deste trabalho.

<sup>468</sup> Pouco se sabe a respeito da ligação de Schneider com os socialistas e anarquistas do início do século em Curitiba. No entanto restam alguns indícios. Em sua pesquisa, Ribeiro constatou que em 1908, Schneider foi um dos candidatos escolhido pelo Partido Operário para concorrer nas eleições daquele ano. RIBEIRO. op.cit. p.232

seu jornal, é importante ressaltar que, até onde consegui verificar, muito diferente (como veremos a seguir) do que aconteceu com o jornal católico alemão (*Der Kompass*), não houve, neste momento tenso de guerra, atos de violências nem outros boatos relacionados a sua conduta e sua história na cidade.

Não quero com isso dizer que para o redator do *Der Beobachter* o período da guerra foi de tranquilidade; penso que, por conta da complexidade do contexto, todos os alemães, e até suíços e austríacos, e seus descendentes sentiram as hostilidades que pairavam sobre o ar. Contudo, se é real que todos estes sujeitos sentiram o peso da situação, também é real que sentiram em proporções distintas. Retornarei a este ponto no decorrer da dissertação.

Voltando ao caso da entrevista, mesmo cedendo espaço para que alguns dos nomes citados na fala de Ivo Moraes se manifestassem, não há como saber se as outras pessoas e sociedades mencionadas realmente não se manifestaram ou se a imprensa não abriu espaço para que as mesmas se defendessem das acusações de Ivo Moraes.

De todo modo, outras palavras se fazem ainda necessárias a respeito de dois pontos da entrevista. O primeiro refere-se ao *Der Kompass*. Como visto anteriormente, no mesmo dia em que a imprensa publicou as impressões de Ivo Moraes, os boatos sobre a estação “radio-telegraphica” se alastraram. É importante aqui ressaltar como os “ataques” ao jornal católico alemão ganhavam adeptos e força de vários lados, o que, provavelmente, tenha auxiliado na atmosfera de tensão formada contra este jornal. É bem possível que o ápice de tal tensão tenha ocorrido com a tentativa de manifestantes de incendiar a sede da redação deste jornal, como será visto no próximo tópico.

O outro comentário diz respeito à opinião de Ivo Moraes contra as associações de imigrantes alemães e seus descendentes de Curitiba. Como veremos adiante, no decorrer do ano de 1917, tal fato voltará à ordem do dia, tanto na imprensa quanto nos *meetings* populares, e para algumas associações o desfecho deste clima de adversidade será duramente sentido. Por meio de uma aprofundada pesquisa empírica, foi possível constatar que estas mesmas associações, citadas na entrevista, já haviam sido por diversas vezes mencionadas na imprensa local por conta de seu caráter hermético; inclusive, em alguns momentos, os jornais da cidade relataram casos conflituosos envolvendo estes locais. Logo, não era novidade na imprensa, e na sociedade como um todo, o fato destas associações serem restritas; no entanto, a meu ver em nenhum outro momento anterior (desde 1890) a este de guerra este fato causou

---

Também na página 84 vimos que Anton Schneider foi um dos organizadores do primeiro *meeting* anticlerical de Curitiba. Também foi constatado que nas comemorações do 1º de Maio de 1906, Anton Schneider, ao lado de Mauricio Frankfort (na página 92 mostrei o desentendimento de Frankfort com os donos da fábrica Hatschbach, por ocasião da greve ocorrida em 1906) e Carlos Torti, presidente da Federação Operária do Paraná em 1906.

tanta polêmica. Em outras palavras, como nos casos mostrados nos capítulos anteriores, o fato de restringirem o acesso a não associados, por vezes, incomodava e causava conflitos na cidade. No entanto, tornou-se parte das especificidade deste momento final da Primeira Guerra Mundial a grande proporção que este “problema” tomou. Ou seja, na imprensa e nas ruas (com os *meetings*, por exemplo, que serão abordados no próximo tópico) colocava-se em pauta o caráter dessas sociedades. Tratava-se de identificar, reprimir e até depredar (como veremos), ou seja, agir contra o que neste contexto parecia inaceitável. Durante os anos de 1917 e 1918 parecia inconcebível, nesta atmosfera hostil apoiada num forte discurso nacionalista, que “estrangeiros” simplesmente ditassem regras que poderiam ser prejudiciais aos interesses “brasileiros”.

Ainda é importante, aqui, refletir a respeito do envolvimento da imprensa com a publicação das dezenas de boatos. Em minha opinião, sob certo aspecto, as mirabolantes histórias em torno de certos rumores, a quase novela diante dos fatos dos aeroplanos, por exemplo, envolvia os leitores numa trama que, no decorrer dos eventos relacionados à guerra, aproximaram, cada vez mais, e de formas distintas, o conflito no cotidiano das pessoas. Nesse caso, é necessário considerar as intenções mercadológicas da imprensa, ou seja, é bem provável toda que essa atmosfera de especulações tenha rendido aos proprietários considerável venda de jornais. No entanto, a meu ver, o lucro financeiro não pode ser a única explicação para a disseminação dos boatos pela imprensa.

Embora a imprensa apresentasse diversas versões, por vezes meramente especulativas, a respeito destas histórias de espionagem, é possível que o medo, de fato, fosse real para algumas pessoas, inclusive para pessoas da imprensa. Neste ponto, talvez a própria ideia por vezes defendida do caráter hermético de parte da “colônia alemã” de Curitiba alimentasse os temores do que a mesma seria capaz.

Diante dos boatos, o *Diário da Tarde* foi enfático ao defender que, caso as suspeitas de espionagem se confirmassem, os “traidores” deveriam ser entregues “às mãos do povo para que delle recebam o merecido castigo”. Já o *Commercio do Paraná*, tratou de discorrer de modo mais aprofundado sobre o que acreditava ser parte dos males da presença germânica na cidade:

É preciso, é necessario, que restrinjamos a liberdade quasi absoluta e perigosa do estrangeiro dentro de nossa patria, impedindo de vez que no desenvolvimento dessa liberdade, os nossos costumes a nossa lingua, e quiçá, a nossa nacionalidade sejam suplantados dentro das nossas fronteiras. *O governo que aproveite o ensejo que se lhe apresenta de tomar enérgicas providencias*

*neste sentido, acabando com a immoralidade dessa germanisação do sul do Brasil. Que se fechem as escollas allemãs, consentindo somente no ensino particular da lingua allemã, que se dissolvam as sociedades allemãs, onde é vedada a entrada de brasileiros, onde se conspira contra a patria brasileira, onde se levantam os alicerces da Germania Antarctica. E não é sem fundamentos que assim accusamos os subditos do Kaiser. Os factos demonstram que o falado perigo allemão não é tão irrisorio como o querem certos nacionalistas descurados. A nossa policia tem o dever de syndicar e apurar a veracidade e improcedencia dos boatos que no momento correm e que são alarmantes.*<sup>469</sup>

Como já exposto no tópico anterior, o momento parecia se mostrar promissor para que velhos fantasmas viessem à tona: “germanisação do sul do Brasil”, “perigo allemão” e “Germania Antarctica”. As suspeitas de outrora (temas dos tópicos 2.2 e 2.3) mostravam-se aqui como verdades indiscutíveis.

Em 24 de abril do mesmo ano, um discurso análogo a este foi constatado também no *Diário da Tarde*; no entanto, o texto ainda chama a atenção por tocar num assunto que predominou nesse período de crise, a saber: a presença e o perigo da igreja católica alemã que atuava na cidade.

Quando, neste momento, tratamos com todas as nossas forças de repelir uma offensa da Allemanha; quando aproveitamos da oportunidade para de vez desfazermos a ameaça do perigo allemão no sul do Brazil, supposição que se tornou facto evidente e incontestavel pela maneira de agir dubia, sinão aggressiva, dos chamados 'teuto-brazileiros', um facto de maior monta, de alta importancia, que exige as mais promptas providencias, chega ao nosso conhecimento. É a maneira mais efficaz da propaganda pro-Allemanha; é o meio seguro da germanisação dos povos que procuram plagas; é a garantia mais forte do exito da ambição dos pangermanistas; (...) O elemento germanico que opera no sul do Brazil com ideas de dominio, não se manifesta somente pelas escolas mantidas pelo 'Kaiser', verdadeiros templos de culto á Allemanha; pela imprensa allemã; pelas industrias e pelo commercio sob habeis auspicios officiaes. Conseguiu agora um meio de mais seguro exito - a propaganda pelo pulpito, em mistura com as predicas religiosas. E para tal fim negociaram as ordens religiosas allemas dos Franciscanos e da Divina Providencia, o arrendamento de todas as parochias religiosas, que são agora providas por padres e frades allemães, sendo d'ellas affastados os de outras nacionalidades. (...) uma propaganda intensa pelas cousas allemãs se faz entre os polonezes, russos e austriacos de que se compõem a grande maioria de nossas colonias. E ao envez de se nacionalisar essa gente, de os approximar dos nossos usos e costumes, de se lhes dar sentimentos brazileiros, de jogar-lhes na alma uma scentelha de amor pela terra que os acolheu, faz-se d'elles um povo estrangeiro dentro de nossa patria, devotado as causas da Germania! (...) Urge retrogradar nesse caminho. Que os pastores de nossas parochias sejam brazileiros.

<sup>470</sup>

---

<sup>469</sup> *Commercio do Paraná*, 18 de abril de 1917. p. 2 (sem grifo no original)

<sup>470</sup> *Diário da Tarde*, 24 de abril de 1917. p.1

No seu início, o excerto acima abordou as vantagens que o momento proporcionava: era possível contestar abertamente o modo de vida que os “teuto-brazileiros” levavam e com isso refletir sobre o problema “real” do perigo alemão. No entanto, o jornal nos leva a crer que o “inimigo” se mostrava ainda mais metuculoso do que até então se imaginava. Na sua interpretação estava claro (talvez já algum tempo) que escolas, a imprensa, a indústria e o comércio de origem alemã trabalhavam todos em prol do germanismo. O grande nó que se mostrava cada vez mais visível naquele momento era identificado nas ações da igreja católica alemã de Curitiba. Não era apenas o *Der Kompass* e seus redatores os motivos para preocupação; o problema se mostrava ainda mais iminente com as minuciosas atuações de toda a igreja católica alemã da cidade. Acusados de promoverem a germanização, inclusive entre “polonezes, russos e austríacos”, tais religiosos cumpriam o desejo dos “pangermanistas”, se servindo da religião para promover a “propaganda Pro-Allemanha”.

Em Curitiba, o conflito com a igreja católica alemã se intensificou ao longo dos dois anos finais da Primeira Guerra Mundial, e entre um texto e outro publicado pela imprensa local, alguns se destacam por explicitarem certas peculiaridades concernentes aquela atmosfera dos tempos de guerra, atmosfera essa que se agravaria depois de 26 de outubro de 1917, data da declaração de guerra do Brasil à Alemanha. Antes de prosseguirmos com os boatos e notícias envolvendo, sobretudo, a igreja católica alemã da cidade é importante pontuar as mudanças que ocorreram em Curitiba por conta do Estado de Guerra em que o país se encontrava.

Se a proliferação de boatos fomentou para esse ambiente de desconfiança em relação aos “alemães” na cidade, após a declaração de guerra do Brasil à Alemanha, a situação se tornaria ainda mais tensa, pois, neste período, foi decretado que o caso dos “alemães” era uma questão de segurança nacional. Os jornais davam o tom: “Desconfiar de todos e ter a maior vigilância é que cumpre fazer não somente as autoridades, mas a todos os brasileiros.”<sup>471</sup>

Quanto às autoridades, passados cinco dias da declaração do Estado de Guerra, o chefe de polícia do Estado, Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, determinou: “como medida de segurança pública e acauteladora da defesa nacional, o Registro dos súbditos alemães,”

---

<sup>471</sup> *Diário da Tarde*, 30 de novembro de 1917, p.1

(...).<sup>472</sup> Além do registro, ainda foram estabelecidos um conjunto de artigos, entre os quais destaco os seguintes:

Art.1. - Em todas as delegações de policia do Estado será aberto, numerado e rubricado um livro segundo o modelo n.1, destinado ao registro dos subditos allemães residentes nos respectivos districtos policiaes. Paragrapho unico - O registro comprehenderá somente os homens e senhoras de maior idade que vivam as expensas proprias.

Art.2 - As pessoas a que se refere o artigo anterior comparecerão á delegacia do districto em que estiverem residindo e apresentando-se ao respectivo delegado farão as seguintes declarações: seus nomes e pronomes, bem como os dos seus paes, lugar e data do seu nascimento, o lugar do seu ultimo domicilio, profissão, nome, idade, nacionalidade da sua esposa e filhos.

Art.3 - De cada pessoa que comparecer ás delegacias districtaes para o fim do registro a que se refere o art.1º, tirar-se-hão as respectivas impressões digitaes em triplicata, sendo remetidas com todas as declarações extrahidas do Livro de Registros e Inspectoria de Investigações.

Art.4- A delegacia fornecerá a todo o allemão que se registrar na forma dos artigos anteriores um documento de accordo com o modelo n.2.º. Paragrapho unico - Todo o subdito allemão que não apresentar o citado documento a autoridade de policial que lhe os solicitar, será convidado a comparecer ao districto para dar explicações. (....).

Art.6- Todo allemão que se mudar de um districto para outro, fará a respectiva comunicação a autoridade do districto que deixar e a do districto que for residir e iguaes communicações farão entre si as autoridades policiaes. (...)

Art. 9º Nenhum súbdito allemão deixará este Estado sem se apresentar, nesta Capital, á Repartição Central de Policia, e nos Districtos do interior do Estado, á Delegacia respectiva e receber salvo-conducto, (...)

Art.10- Os proprietários de hotéis, casas de pensão, hospedarias e outras quaesquer habitações collectivas, serão obrigados a mandar, diariamente, á Delegacia do Districto, os nomes dos respectivos hospedes e suas procedências, para que se possa exercer a completa fiscalisação do registro estabelecido nas presentes instrucções.

Art.11- A Policia Maritima, de accordo com a lei em vigor, impedirá nos Portos de Paranaguá e Antonina o desembarque de todo o individuo que, pelos seus antecedentes policiaes, for considerado perigoso á ordem publica ou não provar que tem profissão licita ou meios de viver neste Estado á custa própria.

Art. 12- As Sociedades allemãs ficarão impedidas de funcionar até segunda resolução.

Art. 13- Não será permittida nenhuma reunião de súbditos allemães.

Art. 14- O commercio de armas fica sujeito as seguintes regras, além das contidas no direito em vigor:

- a) a nenhum allemão será dada licença para commerciar em armas; b) nenhum commerciante poderá vender armas a súbdito allemão, sem que este exhiba permissão dada pela policia.

Art.16- As buscas e apprehensões domiciliaries serão feitas de accordo com as leis vigentes.<sup>473</sup>

---

<sup>472</sup> RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Eneas Marques dos Santos, secretario do interior, justiça e instrucção publica, pelo Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, chefe de policia do estado. Em 31 de Dezembro de 1917. p.23

<sup>473</sup> *Idem.* p.23-24

Ainda segundo este mesmo documento, até 31 de dezembro de 1917, data em que foi expedido, haviam sido registrados em todo Estado 1144 “allemães”, entre os quais 549 em Curitiba.<sup>474</sup> A imprensa, por vezes, também publicava estes registros. Com a matéria “Quanto boche”<sup>475</sup>, o *Diário da Tarde* publicou que, no dia 8 de novembro, “Entre os registrados hoje figuram 14 frades da igreja do Bom Jesus que antes haviam declarado serem hollandezes e agora foram se registrar como teutões tirando assim a mascara.”<sup>476</sup> Mas também, por meio da imprensa, é possível perceber como alguns resistiam a estas medidas. Foi o caso de Martha Weigt, proprietária de um açougue, que, segundo o jornal, “foi intimada, como allemã que é, a se registrar na Policia e não obedeceu á intimação faltando ainda com o devido respeito ás autoridades do 1º districto”<sup>477</sup>; por resistir e insultar os oficiais a “atrevida boche”, “foi metida no xadrez devido a sua petulancia.”<sup>478</sup>

Outro dado importante concerte ao “Salvo-Conducto” referia-se a justificativa de tal medida: “No intuito de exercer maior vigilancia e impedir a espionagem e os planos insidiosos que os inimigos de nossa Patria e dos nossos Alliados costumam por em pratica...”<sup>479</sup> Se não há efetivamente como saber com precisão até que ponto tais medidas de segurança foram realmente colocadas em prática, por meio da imprensa há indícios que elas, em algum grau, de fato, ocorreram. Foi o caso, por exemplo, de Henrique Edentreven (sic) impedido pela polícia de viajar. Com a notícia “Onde ia o boche?”<sup>480</sup>, o jornal informou que “o embarque do boche foi obstado, visto não ter elle exhibido salvo conducto fornecido pela policia, como é exigido.”<sup>481</sup>

Por fim, a última informação do documento, expedido pelo chefe de policia, que merece destaque diz respeito à censura à imprensa. Segundo o chefe de polícia, tal medida implantada pelo governo federal, estava sendo devidamente cumprida pela polícia estadual. No entanto, conforme o mesmo, “(...) a maioria da imprensa do Paraná, compreendendo o alto alcance patriótico da medida adoptada, muito tem facilitado á missão da Policia, não

---

<sup>474</sup> *Idem*, p.24

<sup>475</sup> *Diário da Tarde*, 8 de novembro de 1917. p.1

<sup>476</sup> *Idem*

<sup>477</sup> *Diário da Tarde*, 24 de novembro de 1917. p.3

<sup>478</sup> *Idem*

<sup>479</sup> RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Eneas Marques dos Santos, secretario do interior, justiça e instrucção publica, pelo Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, chefe de policia do estado. Em 31 de Dezembro de 1917. p.24

<sup>480</sup> *Diário da Tarde*, 7 de novembro de 1917. p.1

<sup>481</sup> *Idem*



publicando artigos ou notícias merecedoras de censura.”<sup>482</sup> Além de todas essas medidas, ficou ainda estabelecido, depois do estado de guerra declarado, o fechamento de escolas e jornais em língua alemã.

Grande parte das medidas de segurança, inclusive as referentes à censura à imprensa,<sup>483</sup> foram publicadas, na íntegra, nos jornais o que certamente, deu maior visibilidade as mesmas.<sup>484</sup>

No âmbito nacional, no dia 16 de novembro de 1917, o presidente da República sancionou a Lei nº1193 que decretava o estado de sítio em algumas partes do território nacional, por conta do estado de guerra com a Alemanha.<sup>485</sup> Assim como as medidas de segurança do Estado, o decreto do estado de sítio também foi publicado no *Diário da Tarde* no dia 21 de novembro de 1917. Constituída por 14 artigos, a lei de exceção tratava, sobretudo, de questões ligadas às relações comerciais e econômicas. Como, por exemplo, o Artigo 2º que decretava:

Fica o poder Executivo autorizado a declarar sem efeito, durante o período da guerra, os contractos e operações celebrados com súbditos inimigos, individualmente ou em sociedade, para fornecimento e obras publicas de qualquer natureza, e bem assim todos os que, a juízo do governo, forem considerados lesivos aos interesses nacionaes.<sup>486</sup>

No entanto, chama ainda a atenção, a letra k) do Artigo 3º: “internação em campos de concentração ou em lugares não destinados às prisões communs dos súbditos inimigos que se mostrarem inconvenientes ou suspeitos á causa do Brasil.”<sup>487</sup> No jornal *A República* foi constatado mais informações concernentes ao destino dos prisioneiros: “A Ilha Grande, na Bahia Guanabára, foi o ponto escolhido para o campo de concentração dos marinheiros que tripulavam os navios allemães e outros súbditos da mesma nacionalidade que sejam considerados prisioneiros de guerra.”<sup>488</sup> Na notícia, “Um ‘boche’ preso,”<sup>489</sup> do *Diário da Tarde* pode-se ver que Ilha Grande era o local para onde os presos em Curitiba eram encaminhados:

---

<sup>482</sup> RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Eneas Marques dos Santos, secretario do interior, justiça e instrução publica, pelo Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, chefe de policia do estado. Em 31 de Dezembro de 1917. p.26

<sup>483</sup> Somente no dia 1 de dezembro de 1917, o *Diário da Tarde*, informava que naquele dia os trabalhos de censura haviam começado na cidade. *Diário da Tarde*, 1 de novembro de 1917. p. 3

<sup>484</sup> *Diário da Tarde*, 1 de novembro de 1917.; *A República*, 1 de novembro de 1917.p.2

<sup>485</sup> *DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ*, p.1

<sup>486</sup> *DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ*, p.1

<sup>487</sup> *DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ*, p.2

<sup>488</sup> *A República*, 30 de outubro de 1917. p.2

<sup>489</sup> *Diário da Tarde*, 10 de novembro de 1917. p.3

Por agentes da policia foi hoje capturado na Confeitaria Kroenner, onde trabalhava como confeitoiro, o boche Frederico Guilherme Meding, marinheiro do vapor ex-allemao 'Assumption', e que por occasiao da ruptura de relacoes com o Allemanha fugio do Para, onde se achava ancorado o seu vapor, para esta capital. O teuto fica detido ate que seja mandando para a Ilha Grande.<sup>490</sup>

Outra medida oficial significativa, estabelecida durante o estado de sitio, relacionava-se a presenca de alemaes e seus descendentes em cargos publicos. De acordo com o *Diário da Tarde*, no dia 7 de novembro de 1917, o chefe de policia, “expedio uma circular determinando que as autoridades policiaes do Estado, de nacionalidade ou origem allema, passem o exercicio de seus cargos aos seus substitutos, ate ulterior deliberacao.”<sup>491</sup> Segundo o jornal, foi o que ocorreu com Firmino Kremer, entao subdelegado de Bocaiuva, que “Em obediencia a uma ordem do sr. chefe de policia, (...) comunicou ter passado o exercicio de sua cargo ao substituto local sr. Gustavo Alves Pires.”<sup>492</sup>

Com as medidas de seguranca – estaduais e nacionais – implantadas, o tom das denuncias na imprensa tornaram-se ainda mais rigidos. O chamado “boche” era agora, mais do nunca, explicitamente opositor da nação. A estrategia vinda do “alto”, do Estado, procurava mapear e controlar os “allemaes” das cidades. O processo de identificacao dos mesmos permitia ainda às autoridades que uma teia maior de informacoes fosse tecida, ja que, por meio dos registros, era possivel saber onde moravam e qual profissao exerciam. Além disso, é possivel que os elaboradores de tais registros tambem tivessem interesse em saber a quantidade de “subditos do kaiser” que estavam entre “nos”; afinal, era prudente saber a gravidade do perigo que essas pessoas poderiam representar.

Na interpretacao dos governantes e autoridades, no limite, todos os que deveriam registrar-se eram considerados “suspeitos”. Daí a vigilancia e o controle ostensivo: a exigencia não só de se registrar, mas tambem de não poder deixar o estado sem pedir permissao (“salvo-conduto”), e ser obrigado a andar pela cidade munido de um documento que comprovasse que o individuo ja havia se registrado, correndo o risco de, caso ser pego sem o mesmo, ser “convidado a comparecer ao districto para dar explicacoes” (conforme o Artigo 4).

Chama tambem a atencao que parte do procedimento exigia a retirada das impressoes digitais dos “allemaes” registrados (Artigo 3). Ao tratar do aparato de seguranca utilizado pelo Estado, Clóvis Gruner afirmou que a pratica do registro das impressoes digitais passou a

---

<sup>490</sup> *Idem.*

<sup>491</sup> *Diário da Tarde*, 7 de novembro de 1917. p.1

<sup>492</sup> *Diário da Tarde*, 24 de novembro de 1917. p.3

fazer parte do procedimento adotado para identificação de presos em 1908 em Curitiba.<sup>493</sup> Guardada as devidas proporções, a aproximação do tratamento – presos comuns e “alemães” registrados – é, em minha opinião, outro indício da preocupação das autoridades com as suspeitas e possibilidades de espionagem e outros atos “perigosos” a segurança nacional, não só daquele momento, outubro de 1917, mas também com algo que poderia vir a ser, caso o final de guerra fosse outro, pois como já mencionado, no final de 1917 a situação do conflito internacional não estava decidida.

Entre o emaranhado de boatos que se propagavam naquele momento, algumas denúncias de fato se confirmaram. Foi o caso, por exemplo, da apreensão de armamentos. No dia 6 de novembro, o *Diário da Tarde* informou que depois de diversas denúncias recebidas a respeito da suspeita de que os sócios da Sociedade dos Operários Alemães guardavam armamentos no subterrâneo da sua sede, o chefe de polícia “designou o inspetor de agentes para proceder a uma rigorosa busca no alludido local”<sup>494</sup>. Segundo o jornal foram localizadas e apreendidas duas carabinas, as quais, de acordo com o relato do presidente da sociedade, foram emprestadas “afim de se utilizar d'ellas quando foi da representação de um drama de guerra por um grupo de amadores.”<sup>495</sup> O título escolhido pelo jornal para relatar esta notícia, “Cuidado Com Elles!”, também é sintomático de um período de tensão e desconfiança.

Armamento nas mãos dos “alemães” parecia algo extremamente perigoso para o momento. Além da medida oficial que, como vimos, proibia a venda de armas ao “súbdito alemão”, e das apreensões realizadas pela polícia como foi o caso do guarda civil n.61, que segundo o jornal entregou ao delegado auxiliar, “2 espingardas de caça, 3 retratos do Kaiser, um retrato do coronel João Gualberto, 2 medalhas com o retrato do Kaiser e 2 livros apprehendidos em casa de um alemão á rua Lamenha Lins.”<sup>496</sup>, a imprensa também relatou que, no deposito onde ficavam guardados tais armamentos, encontrava-se “uma espingarda que o povo retirou hontem da casa de um teuto, á rua Saldanha Marinho.”<sup>497</sup>

Ao utilizar a palavra “povo” para designar as pessoas que entraram, provavelmente sem permissão, na casa do “teuto” o jornal parece reforçar a ideia de que a vigilância e as medidas de repressão aos “alemães” era uma tarefa não apenas do estado e das autoridades, mas do cidadão comum e também da própria imprensa. Não por menos, as medidas oficiais eram constantemente elogiadas nos jornais: “todo o rigorismo contra os 'boches' é pouco. E

---

<sup>493</sup> GRUNER, op.cit. p.180.

<sup>494</sup> *Diário da Tarde*, 6 de novembro de 1917. p.3

<sup>495</sup> *Idem*

<sup>496</sup> *Diário da Tarde*, 3 de dezembro de 1917. p.3

<sup>497</sup> *Diário da Tarde*, 30 de outubro de 1917. p.3

tel-os sob incançavel e ininterrupta vigilancia, para que não venham a nos fazer uma das suas torpes perfidias.”<sup>498</sup>

O imigrante suíço Paulo Groetzner, proprietário da Fábrica Lucinda, também foi acusado de tramar contra o Brasil.<sup>499</sup> O mesmo publicou uma nota no *Diário da Tarde* acusando o outro jornal da cidade, *Paraná*, de promover uma campanha difamatória a seu respeito ao informar aos seus leitores que Groetzner era “alemão” e que “na Fabrica de Biscoutos Lucinda se faz exercicios de tiro ao alvo, se prohiibe os empregados de tomar parte manifestações patrióticas...”<sup>500</sup>. O proprietário negou todas essas informações e disse que sua fábrica estava aberta para ocasionais buscas. Em sua defesa, Groetzner afirmou ainda que era “brazileiro nato e de coração”, provavelmente, na tentativa de afastar-se de qualquer possível proximidade como uma identidade germânica. No entanto, há de se considerar que, para o empresário, ter o nome citado como um dos possíveis “alemães” perigosos da cidade, poderia ocasionar sérias consequências econômicas, daí também a motivação para se defender dos boatos que corriam a seu respeito e de sua fábrica.

Após a declaração de guerra, a situação envolvendo a igreja católica de Curitiba também tornou-se ainda mais conflituosa, e os padres alemães franciscanos foram considerados, por muitos, os verdadeiros inimigos em potencial.

Como anteriormente constatado, em abril de 1917, quando informações sobre a possível existência de uma estação radiotelegráfica no convento dos padres franciscanos espalhou-se pela cidade, a polícia fez uma busca no local, afim de, averiguar as informações. Naquele momento nada foi encontrado, mas as especulações em torno dos padres não cessaram, e, pelo contrário, depois de outubro de 1917 se intensificaram.

Ao noticiar mais uma busca no convento, o jornal *A República* informou aos seus leitores que, dessa vez, havia sido localizado, “vasto material de propaganda da Alemanha contra o Mundo, sob a forma de medalhas, retratinhos, bróches (não leiam ‘bóches’...) etc. etc.”<sup>501</sup>. Aproveitando-se da aproximação fonética, o autor (não identificado) não desperdiçou a oportunidade de reforçar a “identidade boche”, então em voga naquele momento. Encontrar medalhas, “retratinhos” e broches parecia uma evidente prova da conspiração alemã em terras curitibanas. Chama atenção ainda a conclusão do texto: “O frade alemão não é um

---

<sup>498</sup> *Diário da Tarde*, 7 de novembro de 1917. p.1

<sup>499</sup> Sobre o cotidiano dos trabalhadores, principalmente trabalhadoras, desta e outras fábricas de Curitiba ver BOSCHILIA, Roseli. *Entre fitas, bolachas e caixas e de fósforos*. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Curitiba: Artes e textos, 2010.

<sup>500</sup> *Diário da Tarde*, 26 de novembro de 1917. p.3

<sup>501</sup> *A República*, 30 de outubro de 1917. p.1

representante da religião pregada á humanidade pelos divinos lábios de Jesus. É um insidioso emissário do demônio alemão, é o olho do kaiser espiando os povos incautos.”<sup>502</sup>

No dia primeiro de novembro de 1917, numa carta assinada por “P.A.”, que seria endereçada a Dom João Braga, Bispo Diocesano, publicada pelo jornal *Commercio do Paraná*, foi localizado novamente o descontentamento com esta igreja e, principalmente, com os padres da ordem dos franciscanos: “A ordem franciscana, sobretudo, não admite outra nacionalidade em seu seio, e ella se implantou com poderosos elementos por todo o Brasil...”<sup>503</sup>. A carta também cita o caso do padre alemão condecorado pelo governo imperial alemão, por conta do “zelo desenvolvido no seio das novas populações do Sul do Brasil na conservação e desenvolvimento do sentimento germânico”!<sup>504</sup>; contudo, afirmou que, em 1903, o premiado foi o frei Syriaco Kulhmann (que de fato morou em Curitiba no início do século XX) e não Franz Auling. Não foram localizadas informações sobre a condecoração de Kulhmann, portanto, não há como ter certeza se o autor da carta confundiu as informações ou se ambos os padres receberam o prêmio do governo alemão.

Além dessa informação outro fato salta aos olhos nesta carta. Denuncia P.A. que:

os franciscanos, neste capital, se apoderaram de uma propriedade que fora doada á irmandade do Senhor Bom Jesus dos Perdões, uma irmandade de mulatos e pretos (como elles dizem). O próprio Santo foi relegado num altar inferior e occulto nas sacristias interna do templo e a irmandade extinta!<sup>505</sup>

Não foram encontradas outras informações concernentes ao fato, portanto, não há como afirmar se tal apropriação ocorreu ou não. Como procurei apontar no tópico 3.1, a meu ver, notícias como esta reforçavam a busca por uma identidade nacional, a qual passava por uma valorização dos sujeitos considerados “nacioanes” em detrimento daqueles vistos como os de “fora”. Ora, na carta, os argumentos que o autor utilizou antes de discorrer sobre o caso da apoderação do santo, enfatizavam o caráter excludente (“não admite outra nacionalidade em seu seio”) e “imperialista” (o reconhecimento do governo alemão ao padre que promoveu a “conservação e desenvolvimento do sentimento germânico”) da ordem franciscana em Curitiba. Utilizar o caso do santo alimentava ainda mais o “problema” que a presença daqueles religiosos representava naquele momento.

As tentativas de desqualificar a presença germânica na cidade encontraram nos padres franciscanos um farto campo para os seus argumentos. As notícias e boatos sobre estes padres

---

<sup>502</sup> *Idem*

<sup>503</sup> *Commercio do Paraná*, 1 de novembro de 1917. p.2

<sup>504</sup> *Idem*

<sup>505</sup> *Idem*

eram vistas com frequência, principalmente nos meses de abril, outubro e novembro de 1917, nos três maiores jornais em circulação na época na capital paranaense.

Os ataques seguiam: no vespertino *Diário da Tarde*, Lourenço de Souza fez a seguinte acusação:

Há nesta cidade um famigerado convento da ordem ou horda franciscana, viveiro e covil de muitas dezenas de frades allemães *perigosissimos á segurança de nossa Patria*, o que foi há poucos dias, e anteriormente constatado pelo povo coritibano. As reuniões desses suditos e espiões allemãe devem ser prohibidas sem perda de tempo, e esses sacerdotes devem ser levados para o campo de concentração.<sup>506</sup>

O temor aos padres “perigosissimos á segurança de nossa Patria”, baseava-se, na ideia de que os mesmos pretendiam germanizar não apenas os fiéis que assistiam as suas missas, mas também os alunos que frequentavam as duas escolas (uma para brasileiros e outra para alemães e seus descendentes) católicas dirigidas pelos padres franciscanos, bem como os leitores do jornal *Der Kompass*, que também contava com membros do clero na sua redação.

É importante ressaltar tais pontos, porque, é possível que, as pessoas que tentavam repreender os padres franciscanos tivessem o conhecimento do seu largo círculo de representatividade na cidade. “Coritiba está avassalada pelo clero allemão, que mantem igrejas, conventos e escolas na cidade e em seus arredores.”<sup>507</sup> Ou seja, os objetos encontrados nas dependências do convento, os broches, retratos e medalhas, representavam um perigo por serem considerados, por uma grande parte da opinião da época, indícios claros das “más” intenções dos padres franciscanos.

Para alguns, ainda faltava firmeza nas ações das autoridades em relação aos franciscanos. Mesmo depois de, pelo menos, duas buscas – frustradas – para averiguações no convento dos mesmos, a imprensa ainda publicava textos como este: “Tem sido grande a grita levantada em torno do privilegio concedido aos frades franciscanos da praça da Republica os quaes, apesar de serem subditos allemães, se reúnem livremente, secretamente sem que até agora tenham sido encommodados.”<sup>508</sup> Nem a medida implantada pelo chefe de polícia para vigiá-los de perto, determinando que guardas residissem junto dos franciscanos no convento, parecia suficiente, pois, para alguns, “não é bastante aquella vigilancia exercida sobe os

---

<sup>506</sup> *Diário da Tarde*, 6 de novembro de 1917. p.1 (grifo meu)

<sup>507</sup> *Idem*

<sup>508</sup> *Diário da Tarde*, 5 de novembro de 1917. p.1

religiosos allemães. Por muito activos que sejam os agentes policiaes, não estão elles livres de serem burlados pelos matreiros frades.”<sup>509</sup>

O alarde criado, neste mesmo mês de novembro de 1917, deve ter estimulado ações dentro da ordem eclesiástica. No jornal, circulou em 21 deste mês, a notícia de que: “o Sr. Don João Braga, bispo desta diocese, está agindo no sentido de retirar os padres allemães que dirigem as varias parochias do Estado.”<sup>510</sup>

E, seis dias depois, mais uma notícia a respeito de buscas dentro do convento dos padres franciscanos. Como nas averiguações anteriores, “as autoridades policiaes se retiraram, certas de que as denuncias recebidas não tinham razão de ser.”<sup>511</sup> Por meio de um discurso tragicômico, o *Diário da Tarde* descreveu como foi a busca no local:

Foram percorridos todos os compartimentos, cellas e mesmo os porões, onde se dizia haver subterraneos, nada sendo encontrado que confirmasse as denuncias. Percorridas que foram as dependencias do convento e minunciosamente examinadas, foi escalado um dos agentes que fazem serviço de vigia ali para subir á torre da egreja, afim de se certificar da existencia da estação radiotelegraphica [o que já havia ocorrido em abril daquele mesmo ano]. O agente lá se foi pelas altas escadarias e momentos após regressou dando conta de sua missão. Nada de anormal encontrára. O sr. Antonio Francisco, porem, com o seu faro de policial activo, quiz ele mesmo examinar a torre. Muitos duvidaram que o capitão conseguisse, com seu enorme peso, alcançar aquellas culminancias, mas, firmando-se nos fracos degraos das escadas foi elle com toda a sua gordura invejavel galgando as alturas. Nada havia mesmo lá por cima, pos d'ahi a momentos o capitão Antonio Francisco regressou sem um riso de victoria nos labios. As denuncias todas eram infundadas.<sup>512</sup>

Neste dia, foi ainda constatado que, dos 41 padres lá encontrados, apenas 26 eram mesmo alemães, e que todos, “segundo apurou a policia, fallam o portuguez, alguns correctamente e outros mal e mal.”<sup>513</sup>

No dia seguinte, a imprensa destacou que uma força de polícia deveria ficar próxima ao convento, “afim de que seja observada a conduta dos frades teutos no actual momento que atravessa o Brazil.”<sup>514</sup>, ou seja, não bastou todos os resultados negativos nas buscas ao local, a vigilância e o controle deveriam permanecer.

Por fim, por meio da imprensa, foi possível constatar que o caso com os franciscanos ganhou uma dimensão nacional. O jornal *A República* publicou, no início de dezembro de

---

<sup>509</sup> *Idem*

<sup>510</sup> *Diário da Tarde*, 21 de novembro de 1917. p.3

<sup>511</sup> *Diário da Tarde*, 27 de novembro de 1917. p.2

<sup>512</sup> *Idem*

<sup>513</sup> *Idem*

<sup>514</sup> *Diário da Tarde*, 28 de novembro de 1917. p.3

1917, uma matéria contendo uma rápida entrevista concedida pelo chefe de polícia do estado, Lindolpho Pessoa, ao jornal *Gazeta*, de São Paulo. A matéria no jornal paulista inicia comentando a repercussão sobre os casos de Curitiba:

Quer quando da ruptura de relações, quer nos primeiros dias da declaração de guerra entre o Brasil e a Alemanha, correram, alarmando profundamente a opinião publica daqui e da capital da Republica, boatos de toda a espécie acerca de factos gravíssimos ocorridos em Curytiba, dentre elles sobrepujando, pela importância que assumia, num momento em que todo e qualquer movimento que não visasse o bem da Patria causava as mais sérias apprehensões no espírito publico, a descoberta de armas, munições, estação radiographica, planos militares, enfim, um verdadeiro arsenal de guerra, no convento de franciscanos na capital do Paraná. A principio, esses boatos tomaram vulto, acrescentando uns que houvera até tiroteio entre a policia e os frades; mas aos poucos, foram sendo desmentidos, ante a evidencia dos factos, (...) <sup>515</sup>

De modo geral, o chefe de polícia contou na entrevista que promoveu várias buscas no convento, todas em vão, e que ainda colocou policiais para vigiarem os padres de perto. Eram respostas que procuravam amenizar a situação, mostrar a imprensa e a população de São Paulo que em Curitiba a situação parecia dentro do controle, não representando um problema para a nação.

E não foram poucos os textos que denunciavam as ações das igrejas, sobretudo a católica, na cidade. É o que também se vê, nesta matéria no dia 7 de maio de 1917: “Ora, é sabido que a mais grave responsabilidade na germanização dos Estados cabe exclusivamente ao clero allemão e aos pastores allemães, que a exercitam na escola e na igreja.” <sup>516</sup> Tal texto também chama a atenção por expor alguns acontecimentos que, embora ocorridos há alguns anos, parecem ter ficado marcados, de alguma forma, na memória social: “Sabemos, mesmo, que frades e padres allemães foram condecorados pelo imperador da Alemanha pelos serviços prestados em manter e desenvolver o sentimento allemão nas colonias do sul do Brazil.” Como já apontado, em Curitiba o polêmico padre Franz Auling, (conhecido pela imprensa local por usar da força física com seus alunos), em 1903, quando retornou à Alemanha, foi condecorado com a Ordem da Águia Vermelha pelo governo imperial alemão, em reconhecimento ao trabalho prestado com imigrantes alemães e seus descendentes. <sup>517</sup>

---

<sup>515</sup> *A República*, 6 de dezembro de 1917. p.1

<sup>516</sup> *Diário da Tarde*, 7 de maio de 1917. p.1

<sup>517</sup> No segundo capítulo foi apresentado, com mais ênfase, os embates com a igreja católica alemã de Curitiba, e foi visto que em ocasiões distintas, tanto a presença do *Der Kompass* quanto do padre Auling eram apontados como problemáticas na cidade. Cabe ainda recordar que o padre Auling serviu de inspiração para uma das primeiras charges publicadas pelo *Diário da Tarde*. Também já exemplifiquei, com um texto de 1906, publicado no *Diário da Tarde* que lembrava o fato do Padre Auling ter ganhado o prêmio do Império Alemão.



Como já apontado, a meu ver, os embates com a igreja católica alemã de Curitiba, partindo, sobretudo, do expressivo grupo anticlerical da cidade, apontavam, incessantemente, a problemática presença tanto do jornal *Der Kompass* quanto do padre Auling.<sup>518</sup>

Um dos objetivos desta dissertação era tentar compreender porque um jornal católico alemão, *Der Kompass*, foi o local que mais sofreu represálias durante a Primeira Guerra Mundial. Por conta da aprofundada pesquisa empírica realizada (iniciada na imprensa no ano de 1890), auxiliada pela literatura local, ficou bastante evidente, que os choques com os representantes católicos alemães da cidade não começaram no período em que o Brasil se envolveu mais diretamente na Primeira Guerra. Pelo contrário, como procurei mostrar ao longo de toda dissertação, esta foi uma tensão que encontrou voz, na imprensa local, desde o início da Primeira República. E embora os jornais assumidamente anticlericais, como *A Vanguarda* e o *Ramo da Acácia*, fossem os declarados opositores da igreja católica, foi constatado que também na grande imprensa, principalmente no *Diário da Tarde*, uma vertente anticlerical se fez presente. Como, por exemplo, com a presença do anticlerical Euclídes Bandeira na direção do *Diário da Tarde* (de 1902 a 1912), a qual talvez tenha sido decisiva para a difusão de tais ideias.

É possível que a publicação de discursos jornalísticos que evocavam, neste momento de tensão, aspectos conflituosos concernentes ao passado da igreja católica alemã em Curitiba, tenha ajudado a despertar ainda mais a ira daqueles que se sentiam, por diversos motivos, tocados pela situação. Mas, é possível ainda que, para uma determinada parte da população, o discurso anticlerical tenha permanecido, ao longo dos anos, como seu principal meio de luta neste campo de batalha, cujo objetivo principal era a sociedade laica. Para estes, os quais incluo uma parte da imprensa local, o momento era oportuno para enrijecer as críticas a mesma igreja. Neste sentido, uma parcela da imprensa “aproveitou” o momento para relembrar ou contar a seus leitores como setores da igreja católica alemã já vinham ao longo dos anos “incomodando”. O fato é que a discórdia não se restringiu ao plano do discurso, como veremos no próximo tópico.

Por fim, a respeito deste fato, seria um equívoco afirmar que os embates com tal igreja, e, sobretudo, com um dos baluartes de sua presença em terras curitibanas, *Der*

---

<sup>518</sup> Fora os casos mostrados no capítulo 2, cabe aqui, ainda que brevemente, mostrar mais um exemplo de como o embate em torno dos católicos alemães apareciam na imprensa local. No ano de 1905, o jornal anticlerical *A Vanguarda*, publicou um texto de Seraphim França, que em tom sarcástico, fazia a seguinte definição do padre Auling: “grandioso padre Auling, piedosíssimo sacerdote, que esbofeteava crianças, ora distinguido com medalhas pelo rei da Alemanha, por ter difundido o idioma alemão no Paraná.” (*A Vanguarda*, 19 de fevereiro de 1905. p.4) Ainda segundo o autor, “assim como ele [Auling], espíões que se occultam na escuridade de um habito, (...), são os reverendíssimos freis que dirigem o *Der Kompass*.”

*Kompass*, iniciaram-se no momento em que a Primeira Guerra Mundial eclodiu. Ora, não foram poucos os opositores que o jornal católico alemão formou ao longo dos anos (desde o final do século XIX intensificando-se no início do século XX), entre os quais, destacavam-se Dario Vellozo (e a revista que o mesmo dirigiu, *Ramo da Acácia*), os estudantes do Ginásio Paranaense e o chargista Mário de Barros, que já em uma charge, publicada no *Olho da Rua*, em 1909 representou um dos padres do *Der Kompass* como um burro, conforme apontado no tópico 2.1. Ao comparar os discursos contra estes religiosos “alemães”, que surgiram nos jornais neste momento de guerra, aos discursos anticlericais anteriores mais presentes numa imprensa alternativa, mas também em parte da grande imprensa, principalmente no *Diário da Tarde*, parece-me bastante evidente a proximidade entre os mesmos. Neste caso, não se tratava somente de combater os “alemães”, mas sim de combater “alemães” católicos.

Autores como Carlos Balhana e Tatiana Marchette (ambos já citados ao longo dos capítulos) ao discorrerem sobre o movimento anticlerical em Curitiba apontaram a conflituosa relação deste grupo com os clérigos estrangeiros. A meu ver, tal crítica estava também presente neste período de guerra, período este em que houve uma abertura para contestações diversas a respeito do funcionamento de certas instituições presentes na sociedade curitibana.

No que tange às situações conflituosas com a igreja católica, situação análoga ocorreu em Santos. Segundo Haroldo Camargo, nesta cidade também emergiram denúncias sobre possíveis atos de espionagem de padres. Para o autor:

No campo dos conflitos internos, regional e local e, sobretudo nacional, ao contrário do que se poderia acreditar, as confissões protestantes em relação aos alemães, exceção eventualmente feita às regiões étnico-culturais e confessionais homogêneas, têm importância residual ou secundária, se em paralelo com os incidentes ocorridos com a Igreja Católica, melhor dizendo, com o clero e a hierarquia eclesiástica.<sup>519</sup>

Em Curitiba, no que se refere aos protestantes, de fato, a quantidade de “problemas” comparando-os aos católicos, é extremamente desproporcional. Certamente, os que professam essa religião também sentiram as hostilidades do momento; afinal todas as medidas de segurança estabelecidas quando o Brasil declarou guerra à Alemanha também os atingiram. No entanto, pelo menos no que tange à imprensa, pouco foi encontrado que possa ser considerado de caráter mais grave.

Embora Haroldo Camargo tenha afirmado que a situação conflituosa com a igreja católica alemã tenha se estendido a nível nacional, se compararmos Porto Alegre à Curitiba e

---

<sup>519</sup> CAMARGO, op.cit. s.p.

Santos, neste momento de guerra, encontramos uma situação díspar. Naquela capital, segundo Stefan Bonow, o arcebispo – de origem germânica – responsável pela igreja católica na região, desde 1912, D. João Becker, recomendava aos sacerdotes que evitassem pregações em língua alemã e, no período da guerra, engajou-se na campanha nacionalista.<sup>520</sup> Tanto Bonow, quanto Adhemar Lourenço ao discorrerem sobre as situações conflituosas em Porto Alegre, durante os anos de 1914 a 1918, não mencionaram casos de violência ou hostilidade em relação a membros ou instituições pertencentes à igreja católica local. Já, quanto às protestantes, Bonow afirmou que duas igrejas foram alvos de represálias no dia 16 de abril de 1917.<sup>521</sup>

Também é possível ser sintomático de uma sociedade que encontrava-se em estado de alerta a proliferação de notícias tachativas, publicadas até de modo displicente. O caso da “santa quebrada” parece se encaixar nesse tipo de notícia: no mês de abril de 1917, após mais uma noite de manifestações pelas ruas da cidade, foi notado que uma imagem de Nossa Senhora de Lurdes que ficava dentro de uma gruta, “nas proximidades do convento Cajuru”<sup>522</sup>, estava quebrada. Sem ter certeza de como o fato havia ocorrido, um dos jornais da capital publicou o “diz que me diz”: “moradores das redondezas desconfiaram que tivessem sido alguns alemães, julgando que só estes sejam capazes de cometer tal vandalismo.”<sup>523</sup>

Pouco a pouco, os estereótipos construídos que outrora aproximavam o “alemão” ao perfil do imigrante “ideal”, eram negados, questionados ou ressignificados. Até o recorrente rótulo do “alemão trabalhador” ganhou outra conotação nesse contexto. Gastão Faria afirmou, em uma das suas colunas, que os “alemães” da cidade estavam manobrando para burlar as leis do estado de sítio que lhes foram impostas. E fez o seguinte comentário: “Ninguém desconhece do quanto é capaz a argúcia alemã. (...) Não perde elle tempo. Enquanto nós dormimos, o alemão trabalha.”<sup>524</sup> O “alemão” trabalhava, neste contexto, não mais para trazer o “progresso” para o Paraná, mas sim para conspirar e enganar a nação.

Rotular o “outro” fazia (faz) parte da sócio-dinâmica da estigmatização. No caso de Curitiba, no momento da guerra, foi possível perceber que, no que se refere aos “alemães”, houve, paulatinamente, um deslocamento da situação da sua condição de “civilizados” para “bárbaros”. No entanto, tal situação não foi exclusiva do “alemão” que se encontrava em Curitiba.

---

<sup>520</sup> BONOW, op.cit. p.130

<sup>521</sup> BONOW, op.cit. p.261

<sup>522</sup> *Diário da Tarde*, 30 de abril de 1917. p.3

<sup>523</sup> *Idem*

<sup>524</sup> *Diário da Tarde*, 21 de junho de 1918. Coluna “Do meu Canto”, p.1

Neste tempo em que a guerra entrou de fato no cotidiano nacional, ou seja, depois de abril de 1917, a Alemanha como um todo foi retratada, pela imprensa nacional e internacional, como uma nação de “bárbaros”. É o que se vê, por exemplo, na publicação abaixo:

Effectivamente, a Allemanha é tida e havida, em virtude da sua educação primitiva, como barbara (...). Não tendo a menor noção de sentimentos humanitarios, a Germania sanguinaria, delirando deante da devastação, destroe templos, cidades indefezas, sacrifica mulheres e creanças, violenta donzellas. Mas tudo isso se justifica. A Allemanha é barbara. Não da ouvidos ao juizo que o mundo della faz.<sup>525</sup>

Clóvis Gruner, embora tratando de um tema diferente, – a construção do aparato de segurança do estado em Curitiba durante a Primeira República –, bem lembrou que:

As imagens do bárbaro e da barbárie são recorrentes na cultura Ocidental desde pelo menos os romanos. Sabemos sua definição: bárbaro é aquele que está à margem do mundo civilizado, uma ameaça frequente contra a qual é preciso estar sempre pronto a acionar nossas defesas. (...) Essa representação, no entanto, encobre o caráter dialético dessa relação tensa e conflituosa. Porque as fronteiras entre uma e outra, estabelecidas sempre a partir dos que estão dentro – ou seja, pelos que se julgam *civilizados* – são muito mais simbólicas do que geográficas.<sup>526</sup>

No caso de Curitiba, nota-se que o processo que Gruner denominou como “dialética *civilização e barbárie*”<sup>527</sup> também se faz presente. Se, antes da guerra os discursos hegemônicos predominantemente identificavam os “alemães” como “bons imigrantes”, com a eclosão da mesma, sobretudo nos anos de 1917 e 1918, os mesmos passaram a ser os “barbaros”. Tal processo previa aqui uma inversão de estereótipos: de “civilizado”, ou ainda, “morigerado” para o “boche” ou “barbaro”; pois, só estes últimos, e não os “civilizados” seriam capazes de atos como quebrar uma santa, sondar o Brasil com aeroplanos e “motocycles”, infiltrar espiões em conventos, esconder armas em porões, enfim de conspirar e agir contra os “nacionaes” em prol do germanismo.

Em tempos de guerra, a “Allemanha” e os “alemães”, espalhados pelos continentes, foram considerados não apenas seres bárbaros, mas também sujeitos ávidos por conquistas territoriais e dominação de outros povos. Destacou-se, nesse sentido, a ideia de um certo *ethos* militar do caráter do “alemão”. A respeito disto, Stefan Bonow afirmou que:

<sup>525</sup> *Diário da Tarde*, 1 de novembro de 1917. p.1

<sup>526</sup> GRUNER, op.cit. p.121, 122.

<sup>527</sup> GRUNER, op.cit. p. 122.

(...) os valores alemães estavam padecendo de tamanha carga negativa, que puderam dar origem a um conceito que expressava isto, a partir do sentido transmitido pelo uso da expressão ‘prussianizado’, que identificava autoritarismo e militarismo ao seu tempo.<sup>528</sup>

Em Curitiba a ideia de que, na guerra, a luta era contra os “prussianos” também foi disseminada. No dia 31 de maio de 1917, por exemplo, foi publicado no *Diário da Tarde* uma discussão sobre a necessidade do estímulo a militarização no Brasil, pois, havia um certo rumor de que tropas brasileiras seriam enviadas para a guerra, “prestar apoio militar aos inimigos do prussianismo.”<sup>529</sup>; no dia 19 de dezembro no mesmo jornal encontramos a notícia da “partida de uma turma de filhos da heroica Polônia, que se vão alistar nas fileiras do exercito polonez que combate o despotismo prussiano...”<sup>530</sup>; logo depois da declaração de guerra, num discurso pronunciado na Praça Tiradentes, o estudante Samuel Cesar “fez uma saudação aos povos que combatem o prussianismo”<sup>531</sup>. Por fim, com a derrota da Alemanha, o *Diário da Tarde* faz o seguinte balanço do período:

A horrenda carnificina provocada pelo militarismo prussiano e que alcançou todas as partes do mundo teve em fim o seu termo esperado, com a derrota completa dos responsaveis por essa enorme catastrophe. (...) Esses quatro annos de guerra ficarão registrados na historia da vida dos povos como a do maior flagello humano da maior barbaria que os seculos tem assistido.<sup>532</sup>

Contudo, embora potencializado, o *ethos* militar alemão não era um delírio formado durante os anos de guerra pelos países aliados. Ao tratar do período que sucede a unificação da Alemanha (1871), Norbert Elias assinalou que tal sociedade presenciou em seu seio o fortalecimento de uma aristocracia formada com um forte *ethos* guerreiro, militarizado, recrudescido no período em que Guilherme II governou o império. Para o autor, com o fortalecimento do Estado, “(...) o código humanista-moralista-civilizador foi correspondentemente convertido num contracódigo, com fortes tendências anti-humanistas, antimorais e anticivilizadoras.”<sup>533</sup>

É possível que o *ethos* militar característico do “prussiano” também tenha sido identificado nos “alemães” que habitavam Curitiba. Pois, muitas das supostas ações em que os “súbditos do kaiser” estavam, aparentemente envolvidos, decorriam de práticas como

---

<sup>528</sup> BONOW, op.cit. p.221.

<sup>529</sup> *Diário da Tarde*, 31 de maio de 1917. p.1

<sup>530</sup> *Diário da Tarde*, 17 de dezembro de 1917. p.1

<sup>531</sup> *Diário da Tarde*, 29 de outubro de 1917. p.1

<sup>532</sup> *Diário da Tarde*, 12 de novembro de 1918. p.1

<sup>533</sup> ELIAS, 1997, op.cit. p.189

planos de espionagem e armazenamento de armas, ou seja, típicas ações militarizadas, que em estado de guerra, ganhavam uma conotação ainda mais dramática.

No entanto, um dos fatores mais interessantes deste período é que grande parte do alarde foi construído a partir da disseminação de meros **boatos** fantasiosos. Ou seja, mesmo com a confirmação de que não parecia haver grandes perigos concretos rondando a cidade, permanecia uma atmosfera de medo e desconfiança. Segundo Stefan Bonow, “Grande responsabilidade pela manutenção dessa desconfiança pode ser atribuída à imprensa.”<sup>534</sup> A meu ver, no entanto, há de se considerar também, que o Estado, com suas medidas de prevenção, controle e punição (disseminadas pela imprensa), contribuiu igualmente para a atmosfera de tensão na cidade. Com as ações impostas pelo Estado aos “alemães”, desconfiar, vigiar e denunciar os inimigos ganhou um aspecto de legitimidade.

Se é verdade que a imprensa teve um papel fundamental como articuladora e transmissora de ideias, notícias e boatos, e se o Estado fomentou para a legitimação do “inimigo”, pois no limite, para o mesmo, todos os “alemães”, “homens e senhoras de maior idade que vivam as expensas próprias”, eram considerados suspeitos, também é verdade que os sujeitos “comuns” também tiveram participação ativa naquele momento. Ou seja, as discussões, e as conversas sobre a guerra e os “alemães” se faziam, igualmente, nas ruas, nas esquinas, nos *meetings*, nas praças, nos cafés e nos bares da cidade. Discutia-se sobre a possível existência de espões e inimigos conspirando contra o Brasil; especulava-se do porquê das associações germânicas não permitirem que sócios que não dominassem o alemão fizesse parte deste limitado “grupo”; mas, também estava em pauta a existência do jornal católico alemão *Der Kompass*, por muitos, talvez um velho conhecido pelas polêmicas em que se envolveu desde sua criação, em 1902, desde que tinha como um dos seus principais articuladores o famigerado Padre Auling. É possível que antes da guerra tais assuntos já fossem tema de rodas de bar, jantares familiares, festas de igreja, e outros locais de socialização, porém, o grande diferencial deste momento (1917-1918) foi a repercussão dos mesmos nos espaços públicos. Ou seja, as pautas daquele momento ultrapassaram o domínio da imprensa; daí que, a meu ver, torna-se limitado atribuir aos jornais a maior responsabilidade pelos ocorridos, conflituosos ou não, do momento.

Para concluir este tópico, ressalto que a forte frase publicada na imprensa (e que dá título a este tópico) “Quem não é por **nós**, é nosso **inimigo**”<sup>535</sup>, revela, mas apenas

---

<sup>534</sup> BONOW, op.cit. p.20

<sup>535</sup> *Diário da Tarde*, 7 de novembro de 1917. p.3 (sem grifo no original)

parcialmente, a complexidade deste momento. A identidade em torno de um “nós” (mencionada em tal frase), ou seja, sustentada a partir de sentimento de unidade, nacionalista, embora muito evocada por parte da imprensa, naquele momento, não foi assimilada e defendida por todos com a mesma intensidade. O mesmo vale para o outro sujeito da frase; o “inimigo”, não era compreendido de forma igual por todos, e alguns locais, como o “*Der Kompass*” e as associações de imigrantes alemães e seus descendentes, por algumas razões já discutidas neste tópico, sofreram mais a ação violenta de manifestantes. Ambos, “nós” (“nacionais”) e “inimigos” (“alemães”), eram generalizações formadas para servir a propósitos distintos. Isto se torna mais claro quando “ouvimos” outras vozes ecoando naquele contexto; pensando nelas é que o terceiro e último tópico deste trabalho foi delineado.

### 3.3 “queimando a effigie do Demonio allemão”

Um autor desconhecido deixa um recado na imprensa:

Como sabemos, é quasi certa a partida de tropas brasileiras para a Europa e, por ocasião, já está entendido, far-se-ão por aqui [Curitiba] uma ou mais noites de ‘S. Bartholomeu’. E seria irrisorio que assim não fosse! Pois, como se poderia comprehender que legiões de jovens ardentes, esperançosos e civicos, partissem, deixando em casa inimigos installados commodamente, galhofando de nós em rodas de patricios, animadas de chop? Sou um dos alistados ultimamente e fatalmente serei sorteado, e, podeis crer, meu caro sr. redactor, que, antes de partir, conjunctamente com meus camaradas, procurarei não deixar impunes, em nossa terra natal, aquelles que, dentre a raça inimiga, (e sabemos quaes são) ousaram ridicularisar e enxovalhar as nossas qualidades de Nação Nova, Liberal, Grande e Hospitaleira.<sup>536</sup>

Recado escrito em meados de junho de 1918, o autor do texto, talvez convicto ou esperançoso em combater na Europa, indicava que antes de partir e lutar com os inimigos no outro lado do oceano era preciso combater os inimigos internos. Este anônimo, porém, não foi o único a pensar assim.

Depois de uma madrugada tumultuada marcada por sons dos “Apitos, cacetadas, taponas...”<sup>537</sup>, a imprensa anunciava a chegada de mais um ano em Curitiba. Era 1917, e as agitações iniciais pareciam uma espécie de prenúncio do que viria a ser este movimentado momento. Os três primeiros anos da Primeira Guerra Mundial não passaram em branco para

---

<sup>536</sup> *Diário da Tarde*, 25 de junho de 1918. p.1

<sup>537</sup> *Diário da Tarde*, 2 de janeiro de 1917. p.2

uma boa parte da população que sentiu e envolveu-se de diversas formas com o conflito.<sup>538</sup> No entanto, o cenário que se formou após abril de 1917 pode ser considerado ainda mais agitado, complexo, e, sobretudo, conflituoso.

Em 11 de abril de 1917, em Curitiba, Anselmo Anacleto de Souza, “meio alcoolizado”<sup>539</sup> foi preso após ser acusado de tentar agredir alguns “alemães”. Entre seus alvos encontrava-se um guarda com “cara de teuto”<sup>540</sup>; segundo o jornal, Anacleto, “gritou, esbravejou e disse que com alemão não ia preso.”<sup>541</sup> A princípio tal notícia talvez não fosse surpreendente, afinal pequenos conflitos como esse não eram raros na cidade; no entanto, os comentários acerca do caso, publicados pelos dois jornais, *Diário da Tarde* e o *Commercio do Paraná*, indicam que algo diferente pairava no ar. O primeiro jornal intitulou a matéria da prisão do homem como: “Um patriota fervoroso”<sup>542</sup>, já, o *Commercio do Paraná* afirmou que “Pelo facto de ser patriota em excesso”<sup>543</sup>, Anselmo Anacleto de Souza fora preso, e encerra com uma curiosa afirmação: “Pobre Anacleto, nem patriota pode ser!”<sup>544</sup> Embora haja nesta última frase um certo tom jocoso, o discurso de ambos os jornais apoiou-se num tema que, como fora constatado no tópico 3.1, a partir deste mês (abril) e ano (1917), tornou-se cada vez mais comum na imprensa local, até, pelo menos, novembro de 1918: o discurso de um nacionalismo exacerbado que vinha acompanhado da desqualificação do “alemão”. E, ao mesmo tempo, pelas posições assumidas, os dois jornais pareciam, neste momento, transigentes com a atitude de Anacleto, não condenando o ato de violência por ele cometido.

Poucos dias antes do episódio com Anacleto, o Brasil decretou corte de relações diplomáticas com a Alemanha. Na Capital Federal era “grande a agitação popular”<sup>545</sup> decorrente das últimas notícias que aproximavam cada vez mais a guerra do Brasil; agitação que não se restringiu ao Rio de Janeiro. Cidades como Porto Alegre<sup>546</sup>, Santos<sup>547</sup> e Curitiba também sentiram a empolgação do momento acompanhada, por vezes, da emergência de pequenos e grandes conflitos. O caso Anacleto é, aqui, sintomático. De acordo com o *Diário da Tarde*, a motivação que o levou a agir violentamente naquela ocasião foi decorrente da

---

<sup>538</sup> Parte da “colônia alemã” de Curitiba mobilizava-se para angariar fundos à Cruz Vermelha Alemã. Em suas edições, o jornal *Der Kompass* registrou parte desta mobilização. É o que se vê na notícia do dia 5 de dezembro de 1914: “Para a Cruz Vermelha Alemã, Austríaca” (*Für das Rote Kreuz des deutschen und österreichisch...*). *Der Kompass*, 5 de dezembro de 1914. p.2

<sup>539</sup> *Commercio do Paraná*, 12 de abril de 1917. p.3

<sup>540</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.3

<sup>541</sup> *Idem*

<sup>542</sup> *Idem*

<sup>543</sup> *Commercio do Paraná*, 12 de abril de 1917. p.3

<sup>544</sup> *Idem*

<sup>545</sup> *Diário da Tarde*, 10 de abril de 1917. p.3

<sup>546</sup> SILVA JUNIOR, op.cit.; BONOW, op.cit.

<sup>547</sup> CAMARGO, op.cit.



seguinte situação: “como bom brasileiro que é, sentio-se mais patriota do que nunca, ao ler a nota oficial da ruptura das relações do Brazil e Allemanha e sahio pela rua 15 áfora a dar morras a Alemanha.”<sup>548</sup>

Para os jornais da época o ato de Anselmo Anacleto de Souza foi espontâneo, ou seja, quando tomou conhecimento que o Brasil cortou relações diplomáticas com a Alemanha, o mesmo saiu pelas ruas da cidade, “meio alcoolizado”, com intuito de bater em “alemães” entoando em alto e bom som: “morras a Alemanha.” Tal constatação levanta um questionamento: afinal, será que o corte de relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha era mesmo a causa da revolta de Anacleto? Antes de nos atermos a esta questão, veremos primeiramente como o caso de Anselmo Anacleto de Souza, bem como o recado do anônimo com o qual iniciei este tópico, não foram eventos isolados.

Na segunda-feira, dia 9 de abril de 1917, ou seja, dois dias depois de anunciada a perda do navio “Paraná” e dois dias antes do Brasil cortar relações diplomáticas com Império alemão, ocorreu o primeiro *meeting* em Curitiba para protestar contra o torpedeamento do navio brasileiro. Segundo os jornais, os organizadores do evento eram estudantes que faziam parte da “classe academica do Paraná”<sup>549</sup>. O *meeting* ocorreu na Praça Tiradentes e, Porthes Velloso, Alvaro da Cruz Marques, Rufino Maciel e Lourenço de Souza, discursaram para a população que lá se encontrava. Após ouvir as falas a “massa popular dirigio-se ás redacções dos jornaes, lavrando seu vehemente protesto.”<sup>550</sup> Segundo o *Commercio do Paraná*, ainda nesse dia, a “turba” (termo utilizado pelo jornal<sup>551</sup>), acompanhada de um delegado e guardas civis, ao passar pelo consulado alemão o vaiou, no entanto, nada mais grave ocorreu.

No dia seguinte outro *meeting* foi convocado. O local e o motivo do encontro eram os mesmos, na Praça Tiradentes, para protestar contra os “alemães”, mas desta vez, o *Commercio do Paraná* afirmou que além dos estudantes, o “povo” estava na organização do evento.<sup>552</sup> Pra falar à multidão que, segundo o *Diário da Tarde*, chegou ao número de 800

---

<sup>548</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.3

<sup>549</sup> *Diário da Tarde*, 10 de abril de 1917. p.2

<sup>550</sup> *Idem*

<sup>551</sup> *Idem*

<sup>552</sup> A Praça Tiradentes já havia sido palco para diversas outras manifestações ao longo dos anos. Apenas para exemplificar, quando alguns *meetings* foram promovidos para protestar contra a longa questão de disputa de terras com Santa Catarina, era neste local que os encontros aconteciam, na página 30 há um exemplo; para mais informações ver: *A República*, 3 de agosto de 1904 p.1 e *A Notícia*, 5 de fevereiro de 1906. p.2). E ainda, durante a greve de julho 1917 o jornal *A República* fez o seguinte comentário a respeito da famigerada Praça: “A nossa bella e antiga Praça Tiradentes, que representa para Curytiba o mesmo papel que o Largo de S. Francisco para os cariocas, isto é o local preferido para comícios e meetings, desde cedo apresentava um movimento desusado, pois para Ella começaram a accorrer os operários em greve.” (*A República*, 20 de julho de 1917. p.2). João José Reis atenta para a importância destes locais enquanto “centros políticos”, aqui, a Praça Tiradentes também foi

pessoas, “subio a um banco o academico de direito Admaro Lustoza Munhoz”<sup>553</sup>. Para os jornais, o momento célebre deste *meeting* ocorreu quando “debaixo de aclamações delirantes, chegou á praça Tiradentes um grupo de moças empunhando os pavilhões do Brazil, França e Itália.”<sup>554</sup> Após ouvir os oradores, a multidão seguiu para as sedes das redações dos maiores jornais em circulação na época, onde ouviram discursos pronunciados por um dos representantes de cada jornal; tal ato se repetiu nos consulados dos países aliados. Outro local “visitado” pelos manifestantes foi o palacete do presidente do estado, Affonso Camargo, que na época localizava-se na Praça Osório. Deste, a multidão ouviu que era preciso manter a calma naquele delicado momento e ainda afirmou que “não deveríamos desmentir as nossas tradições de povo hospitaleiro e bom e que devíamos esperar com calma as medidas que fossem tomadas pelo chefe da nação.”<sup>555</sup>

Esta suposta tradição “de povo hospitaleiro e bom”, evocada pelo presidente do estado, foi logo contrariada momentos depois deste discurso. Segundo o *Commercio do Paraná*, “alguns manifestantes exaltados, que durante todo o trajecto não admittiam que cidadão algum allemão, se conservasse de chapéo na cabeça á passagem dos pavilhões avançaram sobre o sr. Frederico Tod...”<sup>556</sup>, de acordo com este mesmo jornal, Tod, que era de origem escocesa, não havia tirado o chapéu para a passagem dos manifestantes, e seria espancado se não fosse a ação da polícia, que o ajudou a escapar da multidão. Para aqueles manifestantes, tirar o chapéu parecia simbolizar um ato de reverência à manifestação, ao que parece, a reação violenta contra Frederico Tod, derivou da interpretação de que, negando-se a tirar o chapéu, Tod desrespeitava a causa dos manifestantes. Logo depois foram registrados mais “bofetões, bengaladas, chapéus rasgados e pisados”<sup>557</sup>.

Relata ainda o *Commercio do Paraná* que,

quando a manifestação era feita *somente* por umas quinhentas pessoas, foram registradas scenas pouco ponderadas: na redacção do ‘Der Kompass’, próximo á igreja dos franciscanos os manifestantes praticaram depredações, apedrejando o edificio, cujas janellas vieram quase todas abaixo.<sup>558</sup>

---

entendida enquanto tal. REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.13

<sup>553</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.1

<sup>554</sup> *Idem*

<sup>555</sup> *Idem*

<sup>556</sup> *Commercio do Paraná*, 11 de abril de 1917. p3

<sup>557</sup> *Idem*

<sup>558</sup> *Idem*

Muito embora os boatos, relacionados ao *Der Kompass* e os franciscanos, tenham ganhando vulto na cidade apenas em 18 de abril de 1917, depois da publicação da entrevista de Ivo Moraes e dos boatos sobre a possível estação “radio-telegraphica”, nota-se aqui que a sede da redação do jornal alemão já havia sofrido ações de quem percebeu que o momento era propício para expressar suas contestações. Por meio da análise das fontes midiáticas foi constatado, portanto, que excetuando as reações com quem se recusava a saudar o *meeting* tirando o chapéu, as ações no *Der Kompass* constituíram o primeiro ato de violência ocorrido durante as manifestações de rua em 1917. E a pergunta que cabe, aqui, é: afinal, porque a redação do *Der Kompass*? Nos tópicos anteriores sugeri hipóteses a este problema, mas, de qualquer forma, mais adiante voltarei a tal questão. De imediato, é possível afirmar que um dos fatores que dificulta uma compreensão mais precisa do fato é a ausência de documentos que permitam a identificação dos envolvidos; excetuando alguns momentos, em sua maioria, nem a imprensa nem os documentos oficiais do Estado mencionam nomes ou grupos que promoveram estas intervenções mais violentas.

No mesmo dia, após a depredação do *Der Kompass*, os manifestantes partiram para o Theatro Hauer, para a Escola Allemã, e para a Sociedade Teuto, no entanto, segundo os jornalistas, com o policiamento reforçado esses locais sofreram menos a ação dos manifestantes, tendo apenas algumas janelas quebradas. Em torno das 22 horas a manifestação se dissolveu.

Além dos locais apontados pelos jornais, propriedades foram danificadas, pois, na redação do *Diário da Tarde*, compareceu Alberto Kosop, que pedia ajuda a polícia depois que sua casa fora apedrejada; além dele “muitos outros subditos allemães pediram providencias á policia.”<sup>559</sup> O *Commercio do Paraná*, também publicou o pedido de garantias de propriedades solicitadas por “negociantes allemães” que desejavam seus “estabelecimentos garantidos pela polícia contra a sanha da *turba-multa*.”<sup>560</sup> Anton Schneider, diretor e proprietário do outro jornal alemão da cidade, *Der Beobachter*, agradeceu ao chefe de polícia por este ter mandado tropas da cavalaria para segurança de seu estabelecimento, “por ocasião das manifestações populares”<sup>561</sup>. A violência no *Der Kompass* talvez tenha levado a Anton Schneider a se prevenir contra possíveis ações futuras; no entanto, não encontrei nenhum indício que as mesmas tenham ocorrido. Muito diferente do que se deu com o jornal católico alemão. Como

---

<sup>559</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.3

<sup>560</sup> *Commercio do Paraná*, 12 de abril de 1917. p.3 (sem grifo no original)

<sup>561</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.3

veremos em seguida, o pedido dos “alemães” do policiamento nas suas propriedades não impediu necessariamente ações mais violentas por parte dos manifestantes.

O *Diário da Tarde* saiu em defesa da “colônia allemã”, afirmando que a mesma não era culpada pelos “actos de deshumanidade cometidos pelo seu paiz e mesmo muito delles já adoptaram esta patria que é nossa como sua patria.”<sup>562</sup>

Como represália a tumultuada noite anterior, no dia seguinte, o policiamento foi reforçado com 60 praças da cavalaria “afim de evitar que o povo se exceda, como hontem aconteceu”<sup>563</sup>. Segundo a imprensa cerca de 2 mil pessoas acompanharam este dia de manifestação, esta que seguiu basicamente o mesmo ritual das anteriores: discursos na Praça Tiradentes, visita a sede dos principais jornais e aos consulados dos países aliados, da parada na casa do presidente do Estado para ouvir outros discursos, no caminho, casas de alemães e/ou descendentes eram vaiadas, além dos gritos de “morra a Allemanha”. Grande parte dos oradores dos discursos eram estudantes ou pessoas ligadas à imprensa; no entanto, os jornais afirmaram que, neste dia, em frente ao consulado francês falou para a multidão, “um homem do povo, simples, mas sincero na manifestação do seu ardor patriótico.”<sup>564</sup>

A partir do dia 12 de abril, as manifestações que, a princípio estavam sendo orquestradas, sobretudo, por estudantes, passaram a ganhar novos adeptos. Foi marcado para domingo, dia 15, o “Grande Comicio Patriotico”,<sup>565</sup> cujos destaques seriam a presença de Hugo Simas e Dario Velloso, além da presença das “senhoritas coritibanas”, que segundo o jornal, “adheriram ao grande comício dos estudantes.”<sup>566</sup> No entanto, antes deste, outros *meetings* ocorreram. No dia 13 de abril de 1917, nas páginas dos três maiores jornais em circulação naquele período, encontravam-se, com destaque, notícias da movimentação do dia anterior. O *Diário da Tarde* alertava já no começo da reportagem que neste *meeting* realizado, na Praça Tiradentes, “A hora 19 grande era a agglomeração, sem que, entretanto, se notassem entre ella pessoas de maior de conceito.”<sup>567</sup>; já, o *Commercio do Paraná* falava sobre a presença de “indivíduos pouco escrupulosos”<sup>568</sup> entre os manifestantes.

No desenrolar do *meeting* de 13 de abril, subiu a um banco da praça para discursar, Domingos Petrelli que, logo após sua fala, convocou as pessoas para uma “manifestação

---

<sup>562</sup> *Idem*

<sup>563</sup> *Diário da Tarde*, 11 de abril de 1917. p.2

<sup>564</sup> *A República*, 12 de abril de 1917. p.1

<sup>565</sup> *A República*, 12 de abril de 1917. p.2

<sup>566</sup> *Idem*

<sup>567</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1

<sup>568</sup> *Commercio do Paraná*, 13 de abril de 1917. p.3

hostil ao sapateiro Elias”<sup>569</sup>, já que circulavam boatos que o sapateiro havia demitido alguns dos trabalhadores brasileiros de sua oficina. No entanto, no dia anterior, Alberto C. Elias já havia procurado a imprensa pra negar tais boatos. E ao *Diário da Tarde*, afirmou ainda que “embora alemão de nascimento”<sup>570</sup>, era um brasileiro naturalizado. As palavras de Elias parecem ter sido ignoradas, pois no dia seguinte, uma multidão encontrava-se em frente a sua casa, também local de sua oficina; lá um dos funcionários brasileiro e a esposa do sapateiro Elias (o próprio não apareceu) tentaram esclarecer a situação à multidão, mas esta respondeu com uma “ruidosa vaia”<sup>571</sup>. Quando a polícia chegou ao local, segundo o *Diário da Tarde*, depois de uma malfadada tentativa de acalmar o ânimo dos manifestantes, o delegado mandou a cavalaria policial dissolver a multidão.<sup>572</sup> Ao que os jornais indicam, a multidão foi dispersada por apenas alguns instantes, pois, depois da “visita” à Alberto C. Elias, os manifestantes estavam reunidos novamente na Praça Tiradentes, onde foram “visitar” Edgard Stellfeld, proprietário da farmácia “Allemã”, localizada naquela mesma praça.

Lá, segundo o *Diário da Tarde*, o “coronel” (como foi chamado pela imprensa) Stellfeld “temendo um desacato, fez um discurso patriótico.”<sup>573</sup> Ainda no relato do jornal, tal discurso bastou para que a população deixasse intacta tanto a farmácia quanto o seu proprietário. Embora, Stellfeld fosse alguém com grande visibilidade na época, o fato de não ter sofrido maiores represálias pode ser em decorrência de outros fatores que vão além das suas convincentes palavras (explicação apontada pelo jornal); ou seja, embora sabidamente um descendente de alemão, para os manifestantes talvez Edgard Stellfeld não fosse alguém “merecedor” da revolta da população naquele momento.

Parte da imprensa acusava os causadores dos tumultos de “elementos perniciosos que se agregam aos manifestantes...”<sup>574</sup>, e exigiam que a polícia agisse detendo alguns dos manifestantes já conhecidos como “perturbadores da ordem”. Não obstante o jornal não tenha identificado quem eram esses “elementos perniciosos”, concluiu que: “certos estamos que não partem essas desordens de gente de senso. E por isso, para que a todos não caiba a

---

<sup>569</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1

<sup>570</sup> *Diário da Tarde*, 12 de abril de 1917. p.1

<sup>571</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1

<sup>572</sup> Após esta manifestação em frente à casa de Alberto Elias, os operários da sua oficina procuraram o *Diário da Tarde* para que o jornal publicasse uma nota na qual reafirmavam que a notícia da demissão de brasileiros era falsa. A nota foi assinada por 30 operários. *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917.

<sup>573</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1

<sup>574</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1

responsabilidade de taes factos, é que é mister a acção da policia, *prendendo os cabecilhas de motins.*”<sup>575</sup>

Certamente, os *meetings* realizados na Praça Tiradentes, com a presença de oradores com discursos inflamados, com os gritos de ordem “morra a Allemanha” e “morra os allemães”, com as vaias, com as “visitas” a estabelecimentos e, sobretudo, com os apedrejamentos, amedrontaram as pessoas que tinha alguma relação com a Alemanha. Não foi sem motivo que diversas pessoas procuraram a imprensa e a polícia solicitando que seus estabelecimentos fossem protegidos.

No entanto, é bem possível que estes dias de presença maciça de manifestantes, de diversos matizes, ocupando e discursando nos espaços públicos, tenham gerado temores também naqueles preocupados com a “ordem pública”. Talvez não por acaso, em poucos dias de manifestações, os jornais já se esforçavam em tentar mostrar aos seus leitores que o melhor caminho para os jovens deveria ser a militarização e não as ruas, ou seja, era preciso preparar-se para a guerra, procurar os quartéis para alistar-se, cessar com os ataques aos “allemães” daqui e estar pronto para atacar os alemães no “real” campo de batalha que assolava a Europa.<sup>576</sup> Em uma de suas matérias o *Diário da Tarde*, clamava para que: “esqueçamos por instantes o football; deixemos os protestos emphaticos e improductivos das ruas, (...) e cerrando fileiras, recebamos dos devotados instructores (...), a precisa instrucção militar, de que tanto temos descurado.”<sup>577</sup>

Se, de fato, os anos iniciais da Primeira Guerra Mundial despertaram no Brasil discussões acerca da importância do patriotismo, depois de abril de 1917 esse discurso tornou-se endêmico na imprensa. No dia 12 de abril, um dos textos publicados pelo *Diário da Tarde*, discorria acerca da iminência da guerra para os brasileiros, e já conclamava: “urge que se esvaeçam ódios pessoaes, que tombem de vez as intrigas minúsculas e que firmes e resolutos, cada um saiba cumprir com seu dever, levando apenas um ideal – a Patria!”<sup>578</sup> Eram discursos como este que procuravam fortalecer uma identidade nacional e o sentimento patriótico. Tal ideal incidiria, inclusive, em alguns dos *meetings* deste momento.

Como exposto anteriormente, no dia 15 de abril estava marcado o “Grande Comicio Patriotico”, e diferente das manifestações anteriores, esta contou com uma organização e articulação de grupos diversos. A imprensa noticiou a programação do *meeting*, informando que o mesmo começaria na Praça Tiradentes, onde discursaria o estudante Ademaro Munhoz

<sup>575</sup> *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1(grifo meu)

<sup>576</sup> Este é o tema da matéria “Armemo-nos! Preparemo-nos!” do *Diário da Tarde*, 13 de abril de 1917. p.1

<sup>577</sup> *Diário da Tarde*, 14 de abril de 1917. p.1

<sup>578</sup> *Diário da Tarde*, 12 de abril de 1917. p.1

e cantariam o hino nacional (a letra do hino foi publicada no *Commercio do Paraná* no dia 14 de abril de 1917), depois seguiriam até a Praça Osório para hastear as bandeiras dos países aliados no obelisco, e ouvir as palavras do Presidente do Estado, por fim, seguiriam até a Praça Municipal, para prestar uma homenagem ao Barão do Rio Branco, cuja estátua localizava-se (e está lá até hoje) em tal praça. Os organizadores também pediram à população que habitava a Rua XV de Novembro, Avenida Luiz Xavier, Praça Tiradentes, Praça Osório e Praça Municipal, que hasteasse bandeiras nas suas janelas.

A *República* publicou o boletim que o comitê organizador do “Grande Comicio Patriotico” estava distribuindo pela cidade:

*Brasileiros! A barbaria germânica feriu-nos em pleno coração e veio despertar-nos do sonho pacifista em que nos embalavamos, crentes na inviolabilidade dos nossos direitos. Protestando contra o acto dos piratas submarinos a comissão abaixo convida-vos para uma grande manifestação cívica, de desagravo aos brios nacionaes offendidos, amanhã às 16 horas na praça Tiradentes. Espera no entanto que os brasileiros se recordem que jamais um crime maculou a bandeira nacional e se abstenham de manifestações de desagravo aos germânicos. Para provar amor á Patria não é mister esquecer os sentimentos mais nobres da alma humana, e descer ás demonstrações brutaes. Conservando a calma e a serenidade provamos aos germanicos que não descereamos jamais até o grau de selvageria a que baixaram os piratas. E seremos mais dignos, mais nobres e mais patriotas na severidade do nosso desprezo do que na arruaça das demonstrações anarchicas! Brasileiros! A commissão espera que não falteis e confia que saberes ser nobres guardando a ordem e o respeito que são apanágios da nossa civilisação. Viva o Brasil! Viva os defensores da Civilisação!*<sup>579</sup>

De imediato, constata-se que as manifestações violentas dos dias anteriores, e as que ainda poderiam ocorrer, foram motivos suficiente para que a organização deste *meeting* procurasse destinar mais da metade do conteúdo do boletim à orientação de como se comportar na manifestação. Ao mesmo tempo, é importante atentar para o uso de certos termos que serão cada vez mais empregados no vocabulário da imprensa ao tratar deste tema. Atos violentos eram relacionados à anarquia, selvageria e barbárie, não condizentes com a “civilização”.

No “Grande Comicio Patriotico” estariam presentes as sociedades femininas, esportivas, literárias, clubes recreativos, as escolas e os cônsules dos países aliados.<sup>580</sup> Mas o *meeting* também contaria com a presença dos operários. Manoel de Paulo procurou o *Diário da Tarde* para informar à população que “os operários se unirão com as outras classes sociaes,

---

<sup>579</sup> *A República*, 14 de abril de 1917. p.1(grifo no original)

<sup>580</sup> *Commercio do Paraná*, 14 de abril de 1917. p.2

para manifestarem sua solidariedade com o resto da nação pelo atentado injustificável que acaba de soffrer do governo allemão”.<sup>581</sup> O operário também aproveitou para declarar que “seus companheiros de classe” não foram responsáveis por nenhum dos atos mais violentos que ocorreram na cidade nos últimos dias.

No dia da grande manifestação, num domingo, dia 15 de abril de 1917, a população, de fato, invadiu em peso as ruas: tanto *A República* como a *Revista do Povo* falaram de 20 mil pessoas, já, o *Diário da Tarde* e o *Commercio do Paraná* informaram que eram, aproximadamente, 10 mil. Mesmo com a discrepância entre os números apontados, em uma cidade cuja população beirava aos 80 mil habitantes, esses números são bastante consideráveis.

A Grande Imprensa se esforçou em mostrar esse *meeting* como um verdadeiro marco na história da pátria. As cenas descritas nas páginas dos jornais beiravam a ufanía:

O povo delirava commovedoramente! (...) Impossível descrever-se toda a sumptuosidade da manifestação de hontem. Não se pode. Por mais que o nosso entusiasmo de moço queira dizer uma palavra, o delírio que ia n’alma do povo, isso nos é impossível, porque não se pode descrever a que elevado grão de entusiasmo chegou o patriotismo do povo. (...) Das sacadas, repletas de exmas. Famílias e com o pavilhão auri-verde hasteado, partiam gritos de entusiasmo. As senhoras, accendendo mais o patriotismo e o delirio do povo, vibrando o Brazil choravam! E as lagrimas de alegria que a mulher paranaense vertia, representava n’uma significação eloquente, o agradecimento da Patria aos seus filhos que no momento preciso irão por ella também ao campo da lucta, em defesa de sua honra! Oh! Que comoção a todos causava: que entusiasmo indscriptível ao ver que as senhoras choravam! Oh! Lagrimas significativas! (...) Á hora 21, cerca de 100 rapazes de nossa melhor sociedade percorreram, também, as ruas entoando o hymno nacional, e, na praça Osorio, ajoelhados defronte ás bandeiras aliadas cantaram.<sup>582</sup>

As bandeiras eram hasteadas, os hymnos nacionaes se faziam ouvir e a multidão delirava ante a imponencia daquelle espectaculo sumptuoso. O entusiasmo chegou ao auge quando foi içado o pavilhão patricio, que tremulante e alivio, lá ficou cercado pelas bandeiras das nações que defendem a civilisação vilipendiada pela barbaria teutonica. (...) E a mocidade seguia seu trajecto, entoando: Mas da justiça erguendo-se a clava forte! Veras que o filho não foge á lucta. Não teme quem te adora a própria morte. (...) Impressionou-nos bem o gesto patriotico da distincta senhorita Maria da Luz Seiler, que, ao largar o pavilhão nacional, por ella conduzido durante todo o trajecto do prestito, beijou o symbolo querido da Patria, fazendo-nos crer esse acto, que a mulher brasileira será o anjo tutelar que nos acompanhará nos momentos difficeis porque tenhamos de atrevessar. Impressionante e bello!<sup>583</sup>

---

<sup>581</sup> *Diário da Tarde*, 14 de abril de 1917. p.3

<sup>582</sup> *Diário da Tarde*, 16 de abril de 1917. p.1

<sup>583</sup> *Commercio do Paraná*, 17 de abril de 1917. p.3



Segundo a imprensa, a manifestação ocorreu conforme fora prevista, e poucos incidentes foram registrados. Talvez para não abalar o espírito ufanista que tentava transmitir, tais incidentes não foram detalhados. Os jornais trataram esse *meeting* como um genuíno momento de união entre a população. A heterogeneidade entre os manifestantes foi vista como um indicativo de que algo maior estava sendo construído:

A cooparticipação de todas as classes sociaes, a espontaneidade com que pessoas altamente collocadas, quer no mundo official, quer nas espheras mais elevadas de nossa sociedade saíram por essas ruas, de braço dado, com operarios humildes e soldados do exercito, a cantar o hymno nacional, imprimiram valiosissimo relevo a esta pagina inolvidavel de nossa existencia historica.<sup>584</sup>

Afirmou-se que até as divergências políticas tinham sido deixadas de lado em prol da nação. Nas palavras do *Commercio do Paraná*, “não ha mais governistas nem opposicionistas: ha brasileiros.”<sup>585</sup>

O relato da imprensa nos mostra os operários, os homens do governo, italianos, poloneses, as mulheres das associações, as crianças, todos juntos, de braços dados, percorrendo as ruas da cidade cantando o hino nacional e entoando “morras a Allemanha”. Todos ouviram os discursos do estudante Ademaro Munhoz e Rubens Assunção; dos jornalistas Prates, Alves de Faria, Samuel Cesar, Sá Barreto, Hugo Simas (que neste período era o diretor do *Commercio do Paraná*), além do professor Duilio Calderari e Emiliano Pernetta (também poeta); cantaram o hino da Itália quando os membros da sociedade Dante Alighieri chegaram à praça; entoaram o hino do Brasil, pelo menos três vezes só nesse *meeting*; ouviram o Presidente do Estado, Affonso Camargo, dizer “que o povo comparecesse aos quartéis e ás linhas de tiro afim de receber instrucção e ficar conhecedor do manejo das armas para estar em condições de attender, ao primeiro momento ao appello da Patria”<sup>586</sup>.

Um registro imagético do ato nos ajuda a ter uma percepção mais apurada do evento na cidade.<sup>587</sup>

---

<sup>584</sup> *Idem*

<sup>585</sup> *Idem*

<sup>586</sup> *Diário da Tarde*, 16 de abril de 1917. p.1

<sup>587</sup> REVISTA DO POVO, 15 de maio de 1917. Nº8



FIGURA 7 – Manifestação popular. REVISTA DO POVO

Embora a má resolução da imagem não nos permita uma análise mais aprofundada, alguns elementos são perceptíveis. De início, nota-se que de acordo com os “bons modos” das manifestações, os homens, em sua maioria, carregavam seus chapéus nas mãos. Além do gesto simbólico representando o respeito pela passagem da manifestação, certamente, a opção de ficar sem chapéu na cabeça também veio em decorrência da repressão àqueles que não tiveram a mesma postura (como ocorreu com Frederico Tod). Também pode-se destacar que o pedido de enfeitar as casas com bandeiras, feito pela comissão organizadora deste *meeting*, foi atendido.

O “Grande Comicio Patriótico”, tão divulgado e comentado, foi noticiado pela imprensa como um verdadeiro espetáculo. Os discursos, as bandeiras, o grande cartaz, o choro das mulheres, os rapazes de joelho entoando o hino, eram vistos como sinais de que o patriotismo, a identidade nacional, estava se disseminando, conquistando mentes e corações a ponto de, segundo tal interpretação, tornarem obsoletas as diferenças de classe e de posicionamento político das pessoas. Uma parte da organização envolvida neste *meeting*

fundou, no Cassino Coritibano, em dia 17 de abril, o “Comitê Pró-Patria”, o qual contaria com a participação de nomes bastante conhecidos do período, como Generoso Borges (então diretor do *Diário da Tarde*), Hugo Simas (diretor do *Commercio do Paraná*), Julio Pernetta (poeta, escritor e irmão de Emiliano Pernetta) e Romario Martins (diretor do jornal *A República*), além daqueles que já vinham se destacando nos *meetings*: Santa Rita e Ademaro Munhoz, Samuel Cesar, entre outros.

Os jornais transmitiam a real possibilidade do envolvimento direto do Brasil na guerra, ou seja, em pouco tempo, o exército brasileiro poderia ser convocado a partir para os campos de batalha, para lutar aos lados dos aliados em defesa da “civilização”, daí a ênfase nos discursos que promoviam a militarização da população. Mas, a necessidade de preparar homens para a guerra não foi o único discurso que recrudesceu na imprensa; como já visto, o trato com pessoas de origem alemã, paulatinamente, foi sofrendo alterações.

O recrudesimento de discurso em relação ao “alemão” também passou a ser sentido nas manifestações. Poucos dias após a ocorrência do “Grande Comicio Patriotico”, o *Commercio do Paraná* informava que no “placard” da Livraria Mundial estava anunciado um novo *meeting* para o dia 18 de abril, quarta-feira, cujo principal destaque seria a presença do advogado criminal Napoleão Lopes (segundo *A República*,<sup>588</sup> este *meeting* foi convocado pelo advogado).

Novamente a concentração ocorreu na Praça Tiradentes com o propósito de protestar contra os atos da Alemanha na guerra, mas, dessa vez, também, “contra o Kaiserismo”<sup>589</sup>. Por meio dos registros feitos pela imprensa, é perceptível que o discurso de Napoleão Lopes destoou do que até então se havia ouvido nas ruas durante as manifestações. De acordo com o *Diário da Tarde*, aproximadamente 2 mil pessoas viram quando o advogado, ao subir no coreto, proferiu duras palavras sobre as sociedades alemãs de Curitiba, afirmando que estas “quando por uma condescendencia, admitem em seu seio um socio brasileiro, suprimem-lhe todos os direitos, humilhando-nos dentro de nossa própria terra.”<sup>590</sup> O *Commercio do Paraná*, destacou da fala de Napoleão Lopes, o descontentamento do mesmo em relação a sociedade Thalia a qual, “não está de accordo com as normas do nosso povo, que não vê com bons olhos aquella aggremação, onde o socio tem obrigação restricta de saber fallar a lingua allemã”.<sup>591</sup>

Nota-se, aqui, que o discurso deixou de ser impessoal; se antes os discursos dos principais oradores dos *meetings* pautavam-se, sobretudo, nos fatos ocorridos na Europa, e na

---

<sup>588</sup> *A República*, 19 de abril de 1917. p.1

<sup>589</sup> *Diário da Tarde*, 19 de abril de 1917. p.1

<sup>590</sup> *Idem*

<sup>591</sup> *Commercio do Paraná*, 19 de abril de 1917. p.2

necessidade de uma preparação para a guerra, nesta manifestação, as associações dos imigrantes “alemães”, entraram em pauta e foram citadas como símbolos do problema da “germanização” na cidade.

Como constatado nos dois capítulos anteriores, em Curitiba, não era novidade o caráter fechado destas associações germânicas, muitas delas fundadas ainda durante o século XIX. A grande novidade aqui era a exteriorização do descontentamento com tal situação. É bem possível que, antes da guerra, já houvesse comentários e discussões a este respeito e, talvez para alguns, isto já soasse há muito tempo como algo ofensivo. Afinal, muitos poderiam se perguntar por que em tais locais não se admitiam sócios que não dominassem a língua alemã. Mas, se esse descontentamento já existia, me parece que a imprensa local abria pouco espaço em suas publicações para que o tema fosse discutido. Já durante o ano 1917, nota-se, tanto na entrevista de Ivo Moraes como no discurso de Napoleão Lopes, a intervenção da imprensa no fato. Afinal, certamente, entre uma miríade de elementos que surgiram naquele momento, a situação concernente as associações germânicas mereceram destaque.

As críticas feitas por Napoleão Lopes foram ainda dirigidas a Guarda Nacional do Paraná, que segundo ele, alocava “alemães” nos postos mais altos deixando os brasileiros nos cargos inferiores, e ao acordo assinado em 1916 entre Paraná e Santa Catarina, que colocou um fim, não favorável ao Paraná, na questão do Contestado. Para o advogado era necessário voltar atrás nesse acordo com estado vizinho, local onde o “elemento germanico” predominava.

Como nos *meetings* anteriores, após os discursos, os manifestantes percorreram as principais ruas da cidade, e chegaram às sedes das redações dos jornais. Segundo o *Diário da Tarde*, “ovacionando-o, com delírio, a grande massa popular acompanhou o sr. Napoleão Lopes...”<sup>592</sup>, que discursou (o conteúdo do discurso foi o mesmo que proferiu na Praça Tiradentes) novamente em frente as redações dos jornais *Tribuna* e *Diário da Tarde* e na sede do recém criado “Comitê Pró-Pátria”, localizado no Cassino Coritibano. Da sacada deste local, falou, em nome do comitê, Luciano Rocha Junior que, de acordo com o jornal, após breves palavras, convidou o povo a entrar na sede, convite que foi mal recebido por uma parcela dos participantes do *meeting*, que teriam afirmado que “o lugar das reuniões do povo é na praça publica”<sup>593</sup>. Na rua, novamente Napoleão Lopes discursou, e quando terminou uma parte dos manifestantes dispersou-se enquanto a outra parte foi até a Sociedade Teuto-

---

<sup>592</sup> *Diário da Tarde*, 19 de abril de 1917. p.1

<sup>593</sup> *Idem*

Brasileira, onde se iniciou um apedrejamento, interrompido pela ação da polícia; tal fato foi o de maior gravidade durante essa manifestação, segundo os jornais.

O suposto legado ufanista do ato anterior, em pouco tempo, já apresentava suas fragilidades. A frase dirigida ao representante do “Comitê Pró-Pátria”, “o lugar das reuniões do povo é na praça pública”, indicava uma crítica a uma certa tentativa de “institucionalização” do movimento. Com outras palavras, para aqueles que concordavam com tal frase, tratava-se de um movimento cujas contestações deveriam ser tratadas em locais de acesso público, e não em uma sala fechada presidida por um comitê. Os que se negaram (entre eles, talvez o próprio Napoleão Lopes, a principal figura do *meeting* em questão) a discutir as questões nacionais e regionais sob a tutela dos membros do Comitê Pró-Pátria, estavam se recusando a restringir o movimento, tirando-o das ruas e praças. Tal ato talvez tenha desagradado alguns dos membros do Comitê que, como já constatado, eram pessoas bastante conhecidas naquele cenário. Nota-se, portanto, que o desejo propagado de unir os brasileiros em torno de um ideal maior, deixando de lado divergências, despontou como um devaneio. A mesma imprensa que, em suas colunas, insistia no discurso do “Brasil unido” (longe de se esvaecer, tal discurso permaneceu e se fortaleceu com o desenrolar da guerra), nos proporciona meios suficientes para constatar que os imbróglios da realidade cotidiana distanciavam tal desejo unificador. O *meeting* que sucedeu a este corrobora ainda mais com esta afirmativa.

Poucos dias passados, algumas pessoas novamente se mobilizavam, distribuindo convites pela cidade,<sup>594</sup> chamando a população para um novo ato; contudo, dessa vez o motivo da reunião era protestar contra o jornal polonês da cidade, o *Gazeta Polska*, que teria insultado Rui Barbosa. Outra possível motivação do *meeting* foi divulgada pelas páginas do *Diário da Tarde*.<sup>595</sup> De acordo com este jornal, que, aliás, foi o único dos órgãos da grande imprensa a cobrir com mais destaque este *meeting*, havia um boato que corria pelas ruas de que o padre Stanislaw Trzebiatowski, o redator do jornal, na realidade se chamava Thadeu Mehl, e era alemão.

Ainda segundo o *Diário da Tarde*, na falta dos oradores comumente designados para discursar, subiu a um banco o “popular” Paulo Silva, que convidou a multidão a se dirigir a redação do jornal *Gazeta Polska*, então localizada na Rua Aquidaban.<sup>596</sup> Lá chegando, a multidão encontrou alguns policiais da força de cavalaria comandados pelo tenente Vallejo, e

---

<sup>594</sup> *Diário da Tarde*, 25 de abril de 1917. p.1

<sup>595</sup> *Idem*

<sup>596</sup> Atual Rua Emiliano Perneta.

mesmo com tal presença, “logo de chegada a multidão apedrejou a 'Gazeta', inutilizando todas as vidraças, sendo a policia impotente para contel-a.”<sup>597</sup> Além de quebrar as janelas, foi cogitado retirar a placa do jornal, ação que seria feita pelo menor Manoel Bittencourt. Ao tentar consumir o ato, o menor teve voz de prisão decretada pelos policiais que lá se encontravam; segundo o jornal, foi neste momento que a situação saiu do controle e a polícia entrou em conflito com os manifestantes:

O povo revoltou-se e, aos gritos de 'não pode', avançou contra os guardas para livrarem o prisioneiro. Ahi, então, um lamentavel conflictio se verificou. Os mantenedores da ordem, vendo-se ameaçados pelo povo, reagiram, de 'cassetete' em punho, vibrando golpes em quem podiam alcançar. O povo, por sua vez, armado de cacetes, bengalas, etc. não se conformou com a aggressão... Nessa ocasião recebeu tremendo golpe de cassetete, na cabeça, o sr. Antonio Amatuzzi, (...) o guarda civil que o ferira evadia-se perseguido pelo clamor publico as vozes de 'lyncha'! Quando grande numero de populares perseguia o guarda, na Avenida coronel Luiz Xavier, uma força de cavallaria carregou contra o povo, dispersando-o. Nessa ocasião foram ouvidos diversos 'Morras a policia'!<sup>598</sup>

Reunidos novamente, diversas pessoas dirigiram-se a casa do chefe de polícia, Lindolpho Pessoa; lá chegando, em “altos brados” exigiram que o mesmo soltasse o menor Manoel Bittencourt e que prendesse o tenente Vallejo; o chefe de polícia, que afirmava estar doente, garantiu que tomaria providências e saiu em seu carro em direção a sede da *Gazeta Polska*. Chegando ao local, a pedido de populares e de Adolpho Piepowsli, que segundo o jornal, representava a maioria da “colônia polaca”, Lindolpho Pessoa mandou que o ato, anteriormente interrompido, fosse consumado, e a placa da *Gazeta Polska* foi retirada, “entre ovações do povo.”<sup>599</sup> Na mesma noite, a sociedade “Teuto Brasileira”, que no *meeting* anterior já havia sofrido danos, foi novamente apedrejada e, desta vez, “a policia não pôde conter a ira popular”<sup>600</sup>; em seguida, manifestantes foram até uma “padaria alemã” que localizava-se na Rua Visconde de Guarapuava afim de apedrejá-la, mas os policiais que lá estavam reprimiram a multidão.

Na mesma edição, mas em outra seção, o *Diário da Tarde* afirmou, ainda, que a Sociedade dos Operários Alemães também havia sofrido apedrejamento durante este *meeting* e condenou com veemência os atos de violência praticados pelos manifestantes. Sobre a ação violenta da polícia, afirmou o jornal que a mesma apenas cumpria seu dever de tentar proteger

---

<sup>597</sup> *Diário da Tarde*, 25 de abril de 1917. p.1

<sup>598</sup> *Idem*

<sup>599</sup> *Idem*

<sup>600</sup> *Idem*

a propriedade privada, e ainda justificou que “os excessos de hontem, commettidos pela policia foram o resultado logico dos reprovaveis excessos do povo.”<sup>601</sup> Encerrou a matéria pedindo que a população agisse com mais cautela.

Sobre os *meetings*, em suma, entre o dia 10 de abril a 5 de maio de 1917 foram registrados 11 manifestações em Curitiba. Os alvos dos ataques publicados na imprensa: as sedes das redações dos jornais, *Der Kompass* e *Gazeta Polska*, Theatro Hauer, Escola Allemã, Sociedade Teuto Brasileira, Sociedade dos Operários Alemães, casas comerciais e residências.

O delegado auxiliar, Bernardo Moreira Garcez, escreveu no relatório anual destinado ao Presidente do Estado, que:

Não obstante o esforço empregado por V. Ex.<sup>a</sup> e pelos seus auxiliares não poudé a policia, com a devida presteza, evitar que fosse pela multidão empestallada a typographia do jornal allemão ‘Der Kompass’, o apedrejamento e invasão do edifício da Escola Allemã, cujo mobiliário ficou damnificado, as depredações contra as casas particulares allemães e as suas sociedades, sendo que em todas essas emergências se fez sentir a acção das autoridades, impedindo que fossem maiores as expansões de tão mal comprehendido patriotismo.<sup>602</sup>

A versão do delegado a respeito dos locais que sofreram a ação dos manifestantes coincide com o que a imprensa relatou. Em nenhum dos jornais consultados, nem no Relatório anual do Chefe Policia, encontrei algum tipo de questionamento acerca do porque destes locais, e não outros. Falava-se de um “mal comprehendido patriotismo”, ou ainda, tachavam aqueles que cometiam tais atos como “indivíduos pouco escrupulosos”, “elementos perniciosos” ou “perturbadores da ordem”. Voltarei a este ponto, essencial para os fins desta pesquisa, no final do capítulo. Antes, porém, é necessário abordar outros elementos que compuseram o ambiente conflituoso dos anos finais da Primeira Guerra Mundial, e como se desenrolaram os *meetings* depois que o Brasil declarou guerra à Alemanha.

Para uma boa parcela da população “allemã” que habitava a cidade, o ambiente, a partir de abril de 1917, com a proliferação dos boatos, a emergência de expressões pejorativas, as manifestações de rua, o ataque a estabelecimentos, residências e instituições e o recrudescimento dos discursos da imprensa, certamente, tornou-se adverso, ofensivo e até perigoso. Neste mesmo período, em Porto Alegre, em sua análise, Stefan Bonow afirmou que:

---

<sup>601</sup> *Diário da Tarde*, 25 de abril de 1917. p.1

<sup>602</sup> RELATORIO apresentado ao Chefe de Policia, Exmo. Sr. Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, Chefe de Policia, pelo, Dr. Bernardo Moreira Garcez, Delegado Auxiliar. 1917. p.31

Observado o comportamento deles [alemães] ao passar dos anos, durante a guerra, viu-se uma diminuição constante no número de prisões entre os alemães, enquanto cresciam as de outras nacionalidades. Tratava-se de uma demonstração de cautela ante a crescente antipatia por eles despertada, o que despertou temor neles.<sup>603</sup>

Para esta pesquisa não foi realizado um levantamento das prisões ocorridas durante os anos da guerra, bem como os anos que a precederam. No entanto, por meio da imprensa, foi possível perceber que mesmo com uma atmosfera adversa, alguns “alemães” arriscavam-se a expressar suas opiniões em relação à guerra.

Foi o caso ocorrido em abril de 1917 com os “alemães” Henrique Kramer e Henrique Stembock, que, de acordo com *Diário da Tarde*, “davam tiros para o ar, armados de carabina, dando 'morras' ao Brasil e vivas a Allemanha.”<sup>604</sup> O jornal ainda informou que os “patifes”<sup>605</sup> foram presos e registrados no gabinete de identificação.

Em casos como este, ocorrido ainda em abril de 1917, ou seja, antes da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, nota-se ainda uma certa ponderação na situação. Embora a gravidade de serem pegos dando “tiros para o ar” e gritando palavras de ordem pouco amigáveis ao Brasil a consequência parece ter sido “somente” a prisão. Depois do final de outubro de 1917 as notícias nos jornais parecem nos dar indícios de que o ambiente estava ainda mais hostil. Tudo se passava como se as consequências do Estado de Guerra fornecessem maior respaldo e legitimação para a violência contra os “alemães” da cidade. É o que se vê no caso a seguir: um “atrevidaço boche”<sup>606</sup> após um *meeting* resolveu levantar “Viva a Allemanha”<sup>607</sup>. Algumas pessoas que presenciaram a situação, “indignadas com o facto castigaram merecidamente o atrevido teuto, entregando-o após á dous guardas civis...”<sup>608</sup>

Não foram poucos os casos de conflitos envolvendo “nacionaes” e “alemães” neste período. Os motivos nem sempre eram explicitados pela imprensa; no entanto, principalmente após outubro de 1917, nota-se uma complacência em relação a violência, por parte do discurso jornalístico. É o que se vê, por exemplo, no caso de Alfredo Schimalz<sup>609</sup> que, segundo o jornal, após provocar um moço que encontrava-se com amigos na rua 15 de

---

<sup>603</sup> BONOW, op.cit. p.352

<sup>604</sup> *Diário da Tarde*, 16 de abril de 1917. P.3

<sup>605</sup> *Idem*

<sup>606</sup> *Diário da Tarde*, 16 de novembro de 1917. P.1

<sup>607</sup> *Idem*

<sup>608</sup> *Idem*. (grifo meu)

<sup>609</sup> É provável que a grafia correta seja “Schmalz”.



Novembro, o “atrevidado boche”<sup>610</sup>, levou uma “formidável surra, foi conduzido á repartição central de policia, onde ainda procurou insultar as autoridades brasileiras. Para rematar o caso o tal boche foi mettido no xadrez, onde está vendo o resultado de sua ousadia.”<sup>611</sup>

Nos casos acima apresentados também é possível perceber uma certa reação dos “alemães” diante daquele contexto tortuoso; afinal, muitos não se calaram diante de tamanha adversidade. Neste sentido, é ainda sintomático o caso do “alemão Rodolpho André Damm [que] veio á rua 15 de Novembro, onde praticou uma necessidade physiologica na porta da redacção do Diario da Tarde”<sup>612</sup> e em seguida escarrou na porta da redacção do jornal A República.<sup>613</sup> Um guarda civil o prendeu. Ou ainda o caso de Frederico Rummert, “que abertamente se declarou inimigo do Brasil.”<sup>614</sup>

Outros ainda não hesitavam em expressar seus desejos em relação ao legado que a guerra poderia proporcionar. Como foi o caso de Ferdinando Rades que, segundo informou o jornal, disse “que quando o Brazil for tomado pela Allemanha, os brasileiros hão de se avir com elle...”<sup>615</sup>. A polícia solicitou a presença do “audacioso e imprudente allemão para lhe dar uma lição.”<sup>616</sup>

Outros eventos corriqueiros do cotidiano também foram afetados. Afirmou o *Diário da Tarde* que “toda a vez que seis subditos do Kaiser, se reúnem e esgotam seis duzias de 'bier' [cerveja], lá vai Deutschland über alles [Alemanha acima de tudo]...”<sup>617</sup> Segundo o jornal, encontravam-se na comemoração de um casamento, na rua Ratcliff, os “subditos”, Ricardo Langer, Willy Kremer, Guilherme Lustig, Carlos Ceiler, Alberto Briesmeyer, Emilio Wendel, Emilio Strobel, Fritz Rummart e Augusto Max Lexan quando foram surpreendidos por policiais, que:

extranharam a existencia de um quartel general allemão em Coritiba, e mandaram cessar os epicos poemas dos ardorosos boches. Nada lhes arrefeceu o entusiasmo: 'Goth unter uns, und bier auch... [Deus entre nós, e cerveja também]' e mais força deram aos pulmões. Rouxinões da Allemanha, que tanto cantam, não os perderam os guardas e os engaiolaram no posto Central da Policia.<sup>618</sup>

---

<sup>610</sup> *Diário da Tarde*, 24 de novembro de 1917. P.3

<sup>611</sup> *Idem*

<sup>612</sup> *A República*, 30 de outubro de 1918. p.2

<sup>613</sup> *Idem*

<sup>614</sup> *Diário da Tarde*, 30 de outubro de 1918. p.2

<sup>615</sup> *Diário da Tarde*, 26 de outubro de 1918. p.3

<sup>616</sup> *Idem*

<sup>617</sup> *Diário da Tarde*, 29 de outubro de 1918. p.2

<sup>618</sup> *Idem*

Após a declaração de guerra, soma-se a intensidade e gravidade dos conflitos do cotidiano, a violência mais explícita nos *meetings*. O estado de guerra legitimou de vez o discurso de quem defendia a ideia da presença interna do “inimigo”. “Queremos com isso dizer que o inimigo a combater, não se encontra exclusivamente fóra das nossas fronteiras. Aqui mesmo bem perto de nós, quer sob a batina (...), quer sob o rotulo dos teutos”.<sup>619</sup>

No dia 27 de outubro de 1917, organizava-se a manifestação em Curitiba em apoio à entrada do Brasil na guerra. Na imprensa, um chamado para o ato clamava para que a população participasse da manifestação, inclusive levando bandeiras das nações aliadas, contra os “assassinos frios de mulheres e creanças”.<sup>620</sup>

No domingo de 28 de outubro de 1917, uma grande agitação tomava o espaço público. Na Rua 15 de Novembro, as pessoas se concentravam em frente às redações dos jornais em busca de informações referentes à guerra. A Praça Tiradentes foi novamente palco para uma grande manifestação. Oradores fizeram discursos inflamados com duras palavras sobre a Alemanha, hinos foram entoados, e de lá partiram numa marcha pela cidade. Segundo a imprensa, a noite, quando o *meeting* já havia sido dispersado, algumas pessoas reuniram-se novamente em grupos e saíram em passeata pelas principais ruas da cidade, “cantando o hymno nacional e a marselheza. (...) Morras ao Kaiser e á Allemanha eram erguidos seguidamente por vozes possantes, as vezes, outras vozes roucas, já, pelo esforço de tanto gritar.”<sup>621</sup>

Segundo o *Diário da Tarde*, da “turba” surgiu uma voz incitando a multidão “a visitar as sociedades allemãs e de lá trazer os retratos do Kaiser que existissem afim de incineral-os nas vias publicas.”<sup>622</sup> Sem “vacilar”, um grupo dirigiu-se a *Verein Thalia*, em seguida a Sociedade de Ginástica Teuto Brasileira, “onde apesar da opposição de alguns sócios que se achavam a porta do edificio, a turba não vacilou e invadiu...”<sup>623</sup>, depois seguiram para a Sociedade dos Operários Alemães e, por fim, ao Theatro Hauer, onde, de acordo com o *Commercio do Paraná*, apesar de Ludovico Carlos Egg, proprietário do estabelecimento, declarar para a multidão “que era brasileiro e que isso provava hasteando a bandeira nacional”<sup>624</sup>, o povo exigiu que fosse retirado uma placa escrita em alemão; enquanto isso, outro grupo dirigiu-se a Escola Allemã e a Sociedade *Sängerbund*. Desses locais foram

---

<sup>619</sup> *Commercio do Paraná*, 28 de outubro de 1917. p.2

<sup>620</sup> *Commercio do Paraná*, 28 de outubro de 1917. p.1

<sup>621</sup> *Diário da Tarde*, 29 de outubro de 1917. p. 1

<sup>622</sup> *Idem*

<sup>623</sup> *Commercio do Paraná*, 30 de outubro de 1917. p.1

<sup>624</sup> *Commercio do Paraná*, 30 de outubro de 1917. p.1

retirados retratos do *Kaiser*, bandeiras da Alemanha, “emblemas boches”<sup>625</sup> e até o sino da Escola Allemã, “destroços que foram carregados debaixo de morras á Allemanha.”<sup>626</sup> Na Rua 15 de Novembro, em frente ao Grand Café, foi feita uma “colossal” fogueira com estes objetos, “debaixo de uma algazarra medonha de morras á Allemanha e ao Kaiser.”<sup>627</sup> Mais afastado do centro, um grupo foi até a sede da Sociedade dos Atiradores Alemães, “reduzindo a cacos os innumerous objectos que encontraram.”<sup>628</sup>

Segundo a reportagem do jornal *A República*, perto da meia noite, um grupo “enorme, maior ainda que o precedente, tomou a direcção do edificio do *famigerado* organ allemão que é o ‘Der Kompass’, cujas installações atacaram e deixaram em condições de não poderem servir tão cedo á propaganda allemã em nosso meio”<sup>629</sup>. A redacção do jornal foi “empastelada” e em seguida incendiada, mas, graças à ação rápida dos bombeiros o fogo não se alastrou.<sup>630</sup> O *Commercio do Paraná* apresentou outra versão ao fato, afirmando que alguns padres ainda arriscaram uma reação, “armados de “carabinas ‘Winchester’, tentaram fazer fogo contra a multidão que os desarmou com toda a calma e delicadeza.”<sup>631</sup> Não há como saber se tal reação dos padres de fato ocorreu ou se não passou de mais um boato. O fato é que, como afirmado anteriormente, a polícia já havia realizado buscas no convento dos franciscanos, e em novembro, pouco depois deste ocorrido, foi constatado que nada havia de suspeito no aludido local.

Como visto logo acima, na reportagem do final de outubro de 1917, do jornal *A República*, ao *Der Kompass* coube o epíteto de “famigerado”. Se por um lado, as dezenas de boatos que circularam por todo o ano, e a depredação sofrida em abril, ajudaram para que o jornal alemão ganhasse notoriedade, por outro, a trajetória polêmica do mesmo (apontada nos dois capítulos iniciais desta dissertação), desde sua fundação em Curitiba, provavelmente, também contribuiu para o *Der Kompass* fosse considerado famoso na capital.

O jornal *A República* ainda relatou que, no dia seguinte ao ataque ao *Kompass*, o fotografo Weiss, “naturalmente incumbido pelos directores do germanismo em nosso meio, esteve tirando photographias da typographia do ‘Der Kompass’, hontem atacada pelo

---

<sup>625</sup> *A República*, 29 de outubro de 1917. p.2

<sup>626</sup> *Idem*

<sup>627</sup> *Idem*

<sup>628</sup> *Commercio do Paraná*, 30 de outubro de 1917. p.1

<sup>629</sup> *A República*, 29 de outubro de 1917. p.2

<sup>630</sup> Em anexo (Anexo 3,4,5,6. pgs.235-238) encontram-se fotos que registraram o estado da redacção após a ação dos manifestantes.

<sup>631</sup> *Commercio do Paraná*, 30 de outubro de 1917. p.1

povo.”<sup>632</sup> Sobre a ação do fotografo o jornal indaga-se: “Que pretenderão os ‘boches’ com isso?”<sup>633</sup>

Por fim, sobre a repercussão dos atos da noite do dia 28 de outubro, parece ainda bastante emblemático os comentários sobre o balanço dos acontecimentos tecidos pelos jornais, *Diário da Tarde*, *A República* e o *Commercio do Paraná*. Embora este dia tenha sido o mais violento em relação aos “alemães” da cidade, desde o início da guerra, o primeiro jornal concluiu que: “Felizmente, não foi registrado nenhum facto que desabonasse a boa educação do nosso povo, *não se tendo verificado excessos lamentaveis*.”<sup>634</sup> O *Commercio do Paraná*, afirmou que “A multidão, que quase se perdia de vista, empunhando pavilhões nacionaes, *numa calma irreprehensivel* e sobretudo *mantendo uma certa ordem* que impedio a policia de mandar dissolver...”<sup>635</sup>.

Comparando os comentários acima, aos elaborados em abril de 1917, quando dos primeiros *meetings*, fica evidente como houve uma brusca mudança no discurso da grande imprensa em relação à violência praticada pelos manifestantes. Aqui, atos como quebra-quebra, invasão, depredamentos e até o incêndio do *Der Kompass*, são vistos como legítimos do momento. Curiosamente, mesmo com esta postura da imprensa, não foram mais registrados ações mais significativas contra os “alemães” durante os *meetings*, mas isto talvez também seja em consequências da medida tomada pelo Chefe de Polícia que, determinou, três dias após essa manifestação violenta, “não consentir na continuação de reuniões e comícios populares á noite. (...) ao mesmo tempo, pede não commeterem nenhum attentado contra as pessoas e propriedades dos subditos allemães...”<sup>636</sup>.

Como apontado algumas páginas atrás, alguns “alemães” reagiram diante de todo esse cenário turbulento. O caso envolvendo o deputado Alfredo Heisler também é aqui sintomático. Dois dias depois do quebra-quebra no *Der Kompass*, o aludido deputado foi até a redação do jornal *A República* e discutiu com o conhecido redator chefe daquele jornal, Romário Martins. Trechos do diálogo entre os dois foram publicados na imprensa:

Romário Martins: “Dizem que foi o sr. quem mandou tirar photographias de depredações feitas pelo povo na typographia do Der Kompass. É também mentira?”

Alfredo Heisler: “Não mandei tirar. Aconselhei que tirassem photographias desse facto.”

---

<sup>632</sup> *A República*, 29 de outubro de 1917. p.2

<sup>633</sup> *Idem*

<sup>634</sup> *Diário da Tarde*, 29 de outubro de 1917. p. 1(grifo meu)

<sup>635</sup> *Commercio do Paraná*, 30 de outubro de 1917. p.1 (grifo meu)

<sup>636</sup> *A República*, 1 de novembro de 1917. p.2

Romário Martins: “Com que fim?”

Alfredo Heisler: “Para o effeito de uma reclamação que será feita.” Gritou o senhor Heisler.<sup>637</sup>

Após esta discussão, algumas pessoas que se encontravam próximas ao local, pois estavam lendo os boletins informativos fixados nas paredes da redação, entraram no local, “aos vivas ao Brazil e morras á Allemanha e aos espiões. O sr. Alfredo Heisler foi, então, enxotado pelo povo.”<sup>638</sup> No dia seguinte, outros jornais da capital declararam seu repúdio ao ato de Heisler; para o *Diário da Tarde*, tratava-se de uma “attitude de allematismo desenfreado.”<sup>639</sup> Também comentando e condenando a atitude de Heisler, o *Commercio do Paraná*, afirmou que o mesmo, “por mal dos nossos peccados é deputado estadual,”<sup>640</sup>.

Mesmo com a proibição dos *meetings* noturnos, estes continuaram a ocorrer; no entanto, os motivos alegados para as manifestações mudaram. Em 3 de novembro de 1917, “A mocidade academica do Paraná, indignada e revoltada contra o que na 'Revista da Semana' do Rio em seu numero ultimo, disse um escriptor portuguez a respeito do povo brasileiro, levou a effeito, hontem á tarde o enterro daquella revista.”<sup>641</sup> Três dias depois, houve um *meeting* em comemoração ao aniversário de Rui Barbosa.<sup>642</sup> Não houve mais ataques em conjunto aos estabelecimentos e casas de “allemães”, mas os pequenos conflitos no cotidiano permaneceram, e em muitos casos foi constatado que as consequências da guerra serviram como argumentos para os mais variados tipos de discórdia.

Ao discorrer sobre a formação do trabalho livre nos moldes de uma sociedade burguesa no Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, Chalhoub chama a atenção para os conflitos decorrentes das rivalidades nacionais e raciais na disputa pela inserção no campo de trabalho.<sup>643</sup> Certamente tais rivalidades também perpassaram e constituíram parte da experiência de vida dos sujeitos de diversas origens que habitavam Curitiba durante este mesmo período. No entanto, neste momento concernente aos anos finais da guerra, é possível perceber que estes conflitos, comuns no campo do cotidiano de cidades que passavam por processos de urbanização e modernização, ganharam um elemento a mais nas disputas envolvendo interesses próprios.

---

<sup>637</sup> *A República*, 30 de outubro de 1917. p.2

<sup>638</sup> *A República*, 30 de outubro de 1917. p.2

<sup>639</sup> *Diário da Tarde*, 30 de outubro de 1917. p.2

<sup>640</sup> *Commercio do Paraná*, 31 de outubro de 1917. p.2

<sup>641</sup> *Diário da Tarde*, 3 de novembro de 1917. p.2

<sup>642</sup> *Diário da Tarde*, 6 de novembro de 1917. p.2

<sup>643</sup> CHALHOUB, Op.cit.

Para exemplificar, vejamos o caso de Anna Natocka. No dia 7 de novembro de 1917, o jornal informava que Anna, funcionária da Padaria Estrela, então localizada na Rua Comendador Araújo, foi despedida daquele estabelecimento sem receber o montante de 85\$ que tinha por direito por seu serviço prestado. Segundo o jornal, Anna Natocka “foi pedir providencias á policia, dizendo que a dona da padaria que é 'boche' declarou que não pagaria a referida importancia porque a queixosa é russa.”<sup>644</sup>

Não há como saber a veracidade no caso de Anna Natocka e a dona da padaria; no entanto, há de se considerar que a utilização do termo “boche” para argumentar seu ponto vista talvez seja em decorrência de uma escolha de quem estava ciente da situação em sua volta. É possível que para dar mais sustentação e legitimidade para o seu próprio discurso, Anna tenha usado a expressão, então em voga, que estigmatizava os “allemães”, que os inculcia toda uma carga negativa. Logo, não era uma “russa” que reclamava (por direitos) da proprietária “allemã”, era uma “russa” que se defendia e reagia contra as artimanhas de uma “boche”. Naquele momento, a carga simbólica da expressão, certamente, era um peso considerável nos conflitos em ebulição, inclusive no campo das relações de trabalho.

Outro caso relacionado à questão do mundo do trabalho e que merece menção envolveu os trabalhadores da estrada de ferro. No dia 28 de outubro de 1917 o jornal *Commercio do Paraná* lança a questão:

Os inimigos são muitos. Na Estrada de Ferro, com a mascara de teutos estão aboletados, altamente collocados, perigosos inimigos da patria. Elles, são capazes de tudo, inclusive de jurar por todos os santos da corte celeste que são tão bons brasileiros como aquelles que mais o forem... São perigosos porque sabem se insinuar e são perfeitos conhecedores da arte de dissimular. Com que habilidade elles procuram representar a comedia, onde apparece um coração albergando, na mesma proporção o amor por duas patrias ?!<sup>645</sup>

A acusação na matéria recai sobre os funcionários “teutos” da “Estrada de Ferro” e o fato dos “inimigos” estarem “altamente collocados” dentro da empresa aparece como um agravante a mais na situação. E, assim como em outras situações já mostradas, novamente aqui o jornal coloca em xeque a suposta defesa do “amor por duas patrias” alegada por alguns “allemães”. Neste texto esse duplo amor soa como um sinal de cinismo e dissimulação dos “perigosos inimigos da patria”.

---

<sup>644</sup> *Diário da Tarde*, 7 de novembro de 1917. p.3.

<sup>645</sup> *Commercio do Paraná*, 28 de outubro de 1917. p.2

Passados poucos dias desta primeira publicação, foi a vez do *Diário da Tarde* de abrir espaço em suas páginas para expor o que possivelmente estava ocorrendo na Estrada de Ferro. Tratava-se de um texto elaborado em defesa dos trabalhadores deste local, os “opprimidos e desgraçados”, cujos chefes, “cáfila de plutocratas malvados e tyrannos”<sup>646</sup> os exploravam, iludiam e enganavam. Para Lins de Vasconcellos, autor do texto, o grande mal residia na “predominância dos ‘boches’”<sup>647</sup> nos cargos mais altos da Estrada de Ferro, pois, “elles são ricos, vivem á farta, e embora sabendo que é o braço operário que lhes proporciona conforto e felicidade, não trepidam em lançar a angustia, a nudez, o frio e a fome nos lares pobres e humildes de nossos concidadãos.”<sup>648</sup>

Em defesa da causa dos operários, o autor do texto os identifica como “nossos irmãos”<sup>649</sup>, “concidadãos”, ou seja, aponta a responsabilidade pela condição daqueles trabalhadores como uma causa nacional. Afinal, eram os chefes “tyrannos”, os “boches”, os causadores das injustiças sofridas pelos “opprimidos”. Com as palavras do autor: “É necessário de uma vez por todas que demonstremos que a alma nacional está unida e que uma offensa atirada a um, ‘é uma ameaça a todos’.”<sup>650</sup>

Se, por um lado, não é possível afirmar as reais condições dos trabalhadores da Estrada de ferro, por outro, pode-se constatar que, naquele momento, sua luta ganhava um reforço a mais; interpretando o fato, nota-se que o exercício de alteridade sugerido pelo autor do texto não é sobre a condição chefe/operário (comum em textos que denunciavam as lutas dos trabalhadores), mas sim, sobre a condição de chefe “boche”/ operário “nacional”: “é justo, portanto, que corramos em auxilio dos que não podem levantar a voz para dar um brado de revolta ou exprimir um queixume, exigindo que a Estrada de Ferro elimine do seu seio todos os germanos e germanophilos que lá existem...”<sup>651</sup>. Assim como no caso de Anna, guardada as devidas proporções, neste contexto, tratava-se de identificar na “causa” o elemento a mais, o “boche”.

O mais interessante neste caso dos “trabalhadores da Estrada de Ferro” é que, foi possível constatar que, as reclamações parecem ter surtido algum tipo de efeito, pois no dia seguinte o *Diário da Tarde* publicou a seguinte notícia:

---

<sup>646</sup> *Diário da Tarde*, 5 de novembro de 1917. p.1

<sup>647</sup> *Diário da Tarde*, 5 de novembro de 1917. p.1

<sup>648</sup> *Idem*

<sup>649</sup> *Idem*

<sup>650</sup> *Idem*

<sup>651</sup> *Idem*

Fernando Roderjan é um boche atrevido que até hontem foi empregado, por demasiada tolerancia, aos escriptorios da estrada de ferro S. Paulo Rio Grande. Agora, após o Brazil declarar guerra á Allemanha, o insolente allemão, em palestra, procurou deprimir a nossa Grande Patria, vomitando uma serie nojenta de insultos, que logo tiveram repulsa por parte dos cidadãos dignos e patriotas que ouviram as suas injurias ao Brazil. Em vista do procedimento de Roderjan, os funcionarios da Estrada de Ferro enviaram um abaixo assignado ao sr. Edgar Paternot, chefe da contabilidade, pedindo a demissão immediata do atrevido boche, a bem da moralidade daquela repartição. Deferindo o pedido e seus dignos e briosos subordinados, o sr. Paternot lavrou a demissão do boche, que teve a petulancia e a ousadia de offender esta terra onde veio achar a hospitalidade, que não soube corresponder.<sup>652</sup>

De acordo com que afirmou o jornal, o argumento utilizado pelos trabalhadores que fizeram o abaixo-assinado era uma ofensa que Fernando Roderjan teria feito contra o Brasil; porém, especulando sobre o caso, é possível que motivos outros, como aqueles apontados por Lins do Vasconcellos no texto do dia anterior, tenham motivado a elaboração do documento e, conseqüentemente, a demissão do funcionário “boche”. Ou seja, é possível que Roderjan, de fato, tenha pronunciado palavras ofensivas aos brios nacionais, mas é também imaginável que o mesmo não fosse um chefe bem quisto entre os trabalhadores, e aquele momento tenha se tornado oportuno pra reivindicar sua saída.

No dia seguinte à demissão de Fernando Roderjan, o *Diário da Tarde* publicou como foi recebida pelos operários da Estrada de Ferro tal notícia:

Os funcionarios da Estrada de Ferro promoveram hontem uma grande manifestação aos srs. Edgard Paternot, chefe da contabilidade, e Mario Bonard, chefe do Almoxerifado, por terem expulso do serviço o atrevido ‘boche’ Fernando Roderjan, que, como noticiamos hontem, insultou a nossa Patria.<sup>653</sup>

Relatou o jornalista que, às 18 horas, acompanhados de uma banda de música e carregando bandeiras dos países aliados “que se batem contra os “hunos do século XX”<sup>654</sup>, os operários, acompanhados da “massa popular”, marcharam até as casas dos funcionários que haviam demitido Fernando Roderjan, a fim de agradecer o ato dos mesmo de “reppelir com altivez os insultos atirados ao Brazil, demittindo o atrevidaço allemão.”<sup>655</sup> Cantaram o hino nacional, a Marselhesa e a Canção do Soldado. Um dos funcionários homenageados, Edgar Paternot, teria dito que “o seu acto de antehontem fora um começo da campanha saneadora

---

<sup>652</sup> *Diário da Tarde*, 6 de novembro de 1917. p.2

<sup>653</sup> *Diário da Tarde*, 7 de novembro de 1917. p.1

<sup>654</sup> *Idem*

<sup>655</sup> *Idem*



que será feita na Estrada de Ferro contra os inimigos do Brazil, essa Terra Boa e Hospitaleira a qual elle ama como sua Patria,”<sup>656</sup>

Neste mesmo dia outro texto de Lins de Vasconcellos foi publicado no *Diário da Tarde* e, novamente, o conteúdo versava sobre as más condições dos trabalhadores da Estrada de Ferro sob comando dos “boches”:

Basta de perseguições sórdidas e infames. É urgente que o mais alto funcionario da E. de Ferro, no Paraná, cumpra o seu dever de lealdade e honra para com os operarios. É necessario que proponha já e já a demissão dos ‘boches’ prepotentes que têm feito derramar tantas lagrimas e accumular tanto fel e tanto ódio.<sup>657</sup>

E desta vez o autor chega a apontar um dos “problemas” da Estrada de Ferro: “Que faça voar do emprego em primeiro logar o ‘boche’ E. Kruger, esse façanhudo papão que foi forçado a sair de Ponta Grossa por causa de um operario brasileiro a quem insultou...”<sup>658</sup>.

Não foram localizadas mais informações sobre os ocorridos na Estrada de Ferro, mas o que foi averiguado até aqui são indícios de como a guerra afetou e interferiu nas relações cotidianas. No entanto, como venho sustentando em relação a alguns fatos, também no que se refere aos casos envolvendo o mundo do trabalho, é bem possível que o envolvimento do Brasil na guerra contra a Alemanha tenha provocado uma espécie de efeito catalisador. Ou seja, é provável que os diversos conflitos envolvendo patrões/chefes e empregados fossem muito anteriores a 1917, no entanto, a declaração de guerra à Alemanha proporcionou espaços para que contestações fossem explicitadas. Talvez, aqui, para além de uma questão de patriotismo e antigermanismo, a situação se constituísse como casos de conflitos de classes.

Mas, se é provável que as experiências conflituosas, envolvendo o dia-a-dia dos operários e chefes, eram resultados de um longo processo em que interesses antagônicos estavam em jogo, também é verdade que existiram certas peculiaridades desencadeadas pela declaração de guerra do Brasil à Alemanha, como a desqualificação explícita dos “alemães. É possível que o caso da demissão dos chefes “boches” seja um indicativo de como as “pessoas comuns”, no caso os operários, apropriaram-se das vantagens do momento para reivindicar melhorias na sua condição. Claro que o fato da imprensa publicar textos denunciando a situação de tais trabalhadores foi um elemento importante; no entanto, segundo a própria

---

<sup>656</sup> *Idem*

<sup>657</sup> *Idem*

<sup>658</sup> *Idem*

imprensa, foram os operários que organizaram o abaixo-assinado solicitando a demissão do chefe Fernando Roderjan.

Por fim, para encerrar esta discussão sobre os conflitos cotidianos deste tempo de guerra, discorrerei sobre uma briga de botequim envolvendo quatro “alemães” e dois brasileiros, um deles de ascendência polonesa, cujas especificidades fornecem uma gama de elementos essenciais para uma melhor compreensão da conjuntura em questão.

Em 26 de novembro de 1917, na coluna policial do *Diário da Tarde*, foi publicada a seguinte notícia:

Hontem á tarde, quando voltavam de um passeio feito a um arrabalde esta capital, os srs. Antonio de Oliveira Sentone e Joaquim Cerepinski, este de origem polaca, foram ao passar pelas proximidades do cemiterio municipal, aggredidos por um grupo de 'boches' embriagados, chefiados por um patife alcunhado 'Rato Branco', vermelhudo allemão, que reside á rua marechal deodoro, nº202. Sem motivo algum os atrevidos allemães avançaram contra aquelles cidadãos, sahindo ferido o ultimo d'elles que recebeu uma cacetada. Communicado o corrido á policia, foram destacados diversos agentes afim de effectuar a prisão de 'Rato Branco', que não foi encontrado por ter se evadido. A policia, porem, anda a sua procura, afim de lhe dar a merecida lição. Patifes.<sup>659</sup>

Tal notícia não se diferencia tanto das outras mostradas neste trabalho, quando foram tratados conflitos no cotidiano; no entanto, neste caso, o fato não ficou apenas registrado nas páginas dos jornais. Esta briga foi motivo para a abertura de um processo, e por meio da análise do documento do mesmo é possível ter uma noção mais apurada não apenas do caso em questão, como também do próprio contexto, cujos aspectos conflituosos perpassavam os mais diferentes ambientes envolvendo pessoas de variados estratos sociais.

De acordo com o promotor que tratou do caso, no final de novembro de 1917, aproximadamente às 20 horas, na região então denominada de Alto do Cemitério, em Curitiba, Hans Moellendorf, casado, 32 anos, natural da Alemanha, vendedor ambulante, sabendo ler e escrever, agrediu Gregorio Serpinski, pois este, ao passar por Hans e outros três indivíduos que falavam alemão entre si, “provocou” o grupo dizendo: “agora é proibido fallar o allemão”.<sup>660</sup> Na versão do promotor, isto “tanto bastou para o réo [Hans Moellendorf] agredir a Gregorio produzindo os ferimentos descriptos no auto de exame.” Assim, Hans Moellendorf foi enquadrado no artigo 303 (Ofender fisicamente alguém, produzindo-lhe dor

---

<sup>659</sup> *Diário da Tarde*, 26 de novembro de 1917. p.3

<sup>660</sup> Processo crime, registro número 1541, ano 1918. O processo se encontra na biblioteca do Museu do Tribunal de Justiça em Curitiba. (fonte manuscrita). Devido à extensão do documento (42 folhas), optei por selecionar os trechos mais significativos para o objetivo aqui apresentado.

ou alguma lesão no corpo, embora sem derramamento de sangue) do Código Penal de 1890 que previa a pena de três meses a um ano de cadeia caso fosse considerado culpado.<sup>661</sup>

Em sua defesa, Hans Moellendorf afirmou que se encontrava próximo a casa de negócio (botequim) de Albino Born com seus amigos Guilherme Wunsch, Max Mosler e Otto Ebenau, quando aparecerem Antonio de Oliveira Sentone e Gregorio Serpinski. Este disse a Hans que era proibido falar alemão e em seguida deu a entender que puxaria uma arma o que fez com que Guilherme Wunsch reagisse “garganteando” Gregorio; nessa ocasião Max Mosler também “deu alguns tapas” em Gregorio, e ele, Hans Moellendorf, “deu uns tapas” em Antonio de Oliveira Sentone.

Analisando essas duas versões do caso já é possível perceber certas informações desencontradas. Hans alegou, e continuou alegando até o final do processo, que não agrediu Gregorio embora tenha dado “uns tapas” em Antonio. Já, na versão apresentada pelo promotor, Hans era o único responsável pelas agressões em Gregorio Serpinski.

Foram registrados ainda autos perguntas feitos a Max Mosler, Guilherme Wunsch e Gregorio Serpinski. O primeiro, 39 anos de idade, casado, natural da Alemanha, açougueiro, disse que sabia ler e escrever, e contou uma versão semelhante à de Hans Moellendorf. Disse que agiram por legítima defesa, incluiu o “detalhe” de que todos os envolvidos no caso estavam “um tanto alcolizados” e que a frase pronunciada por Serpinski foi entendida como uma “provocação”. Em sequência, foi interrogado Guilherme Wunsch, cuja versão chama a atenção por conter certas peculiaridades. Wunsch era casado, tinha 46 anos, era açougueiro como Max Mosler, e natural da Alemanha. Também alegou que agiu em legítima defesa, e que, tanto Antonio de Olivera Sentone como Gregorio Serpinski provocaram os amigos dizendo “que era proibido falar o allemao ‘língua de porco’”. A vítima da agressão, Gregorio Serpinski, 26 anos de idade, casado, fundidor, natural do Paraná, ao responder o inquérito afirmou que passeava em companhia de seu amigo Antonio de Oliveira e ao passar em frente à casa de negócio de Albino Born viu que quatro sujeitos estavam conversando em alemão e falou a um conhecido que falar alemão era proibido. Foi então, “(...) agredido e espancado pelo individuo Hans Moellendorf, vulgo Rato Branco, o qual em estado de embriaguez se achava no dito negocio. Que não conhece nem sabe, quem sejam os companheiros de seu aggressor.”

Entre as testemunhas do processo, foram chamados dois envolvidos diretamente no caso, Antonio de Oliveira Sentone, Otto Ebenau. De suas versões, é interessante acrescentar

---

<sup>661</sup> Código Penal disponível no site: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

que Sentone afirmou que por brincadeira disseram: “é proibido falar o alemão”; e o depoimento de Otto Ebenau não difere muito da versão de seus amigos, afirmando inclusive que ouviu Gregorio e Antonio chamarem o alemão de “língua de porco”. Adolpho Hey, também chamado para testemunhar, acrescenta em seu depoimento que ouviu o “polaco” Gregorio Serpinski e outros chamarem os alemães, Hans Moellendorf, Guilherme Wunsch, Max e Mosler e Otto Ebenau, de “boches”.

Por fim, Hans Moellendorf foi condenado a sete meses e quinze dias de prisão, mas livrou-se da cadeia mediante pagamento de fiança. De forma sucinta, estes foram os fatos que, de forma geral, mais se destacaram na análise do processo. Ao pesquisador, mais interessante do que se questionar acerca do que “realmente” aconteceu, importa refletir e discorrer sobre outros fatores que compõem e complexificam o documento. Portanto, retomarei alguns pontos que suscitam maiores ponderações.

Embora constasse entre as medidas oficiais estabelecidas pelo chefe de polícia local, logo após o decreto de estado de guerra, um artigo que não permitia “nenhuma reunião de súbditos alemães” não parece que este caso fosse enquadrado enquanto tal, pois caso fosse, é bem provável que o promotor utilizasse esse argumento contra Hans Moellendorf. Aliás em nenhum momento no processo tal artigo foi utilizado para incriminar os quatro amigos.

A comparação entre a versão dada pela imprensa com a dos autos do processo é bastante reveladora. O noticiário do *Diário da Tarde* sugere um ato de agressão, “sem motivo algum” em que os dois “cidadãos” paranaenses foram alvos de um “grupo de ‘boches’ embriagados”, cujo líder era “um patife alcunhado ‘Rato Branco’, vermelhudo alemão,”. Tratando-se do caráter imediatista da imprensa, é compreensível que a notícia tenha sido publicada sem que maiores informações sobre o caso fossem averiguadas. Mas, se por um lado, a maneira como a notícia foi publicada no jornal é mais um indício do papel da imprensa na formação da hostilidade em relação aos “alemães” da cidade, por outro, o caso apresentado no processo, indica que, de fato, as pessoas “comuns” também colocavam-se na posição de policiar os “alemães”, de impedir, ou ao menos tentar impedir, que o idioma do “inimigo” ainda fosse ouvido pelas ruas. Afinal, como anteriormente visto, por vezes, a imprensa chamava a população local a responsabilidade de prestar atenção nos atos dos “alemães” que habitavam a cidade; atitude esta, reforçada pelas próprias ações do Estado que acabavam sugerindo que todo “alemão” era suspeito.

Além disso, igualmente significativo foi o fato da palavra “boche” ter sido mencionada em um dos depoimentos. A meu ver, este é outro indício forte de que os termos

pejorativos daquele momento não ficaram restritos apenas as páginas dos jornais e, de fato, também circularam pelas ruas e foram usados nas mais variadas situações cujo fim era desqualificar os “alemães”; além de “boche” a hostilidade também se manifestou aqui na frase que teria sido dita por um dos paranaenses, insinuando que alemão era “língua de porco”.

Se para o promotor o fato de Serpinski ter pronunciado as palavras, “agora é proibido fallar o allemão”, “tanto bastou para o réo [Hans Moellendorf] aggreir” o mesmo, quando nos debruçamos no contexto que envolveu o caso percebemos que, tal frase era apenas mais uma pequena faísca dentro daquele ambiente incendiário.

É possível que a língua alemã tenha sido ainda o estopim para diversas outras brigas e conflitos não registrados pelas páginas da imprensa e pelos órgãos oficiais do Estado. De qualquer forma, os jornais registravam matérias, notícias e notas que pareciam ter sido publicadas com o objetivo de deixar claro o perigo que representava falar o idioma do “inimigo” em público:

(...) depois que nos apercebemos da prepotencia insolente e bandida do prussianismo, quem é o brasileiro de civismo que se não sente molestado em ouvindo fallar allemão? Entretanto, essa lingua inimiga e, como tal, antipathica, continua sendo fallada abertamente em todos os logares publicos. (...) Terá isso talvez que acabar por meios violentos, uma vez que o nosso governo não delibere agir no sentido de prohibil-a.<sup>662</sup>

\*\*\*

No dia seguinte a manifestação mais violenta ocorrida neste tempo de guerra, A *República*, publicou o texto “Symbolo Nefando!”<sup>663</sup>, cujo conteúdo, embora extenso, é bastante significativo:

O acto do povo, retirando dos reductos teutônicos o retrato do Kaiser e rasgando-o e queimando-o na praça publica, como fez hontem, não foi mais do que a representação figurada desse empenho de toda a humanidade contemporânea, pela extincção de um grande culpado! Não foi um acto de vandalismo. *Toda a historia do mundo está cheia desses ódios incontidos e justos, que explodem nos momentos das suas grandes crises politicas*; e nós atravessamos um desses grandiosos instantes em que as manifestações populares representam e definem um desforço legitimo e um ódio santo, contra o infelicitador do mundo! Porque, então, o povo brasileiro, affrontado em seus brios, na sua honra, na sua soberania e na vida e bens da Nação, pela sanha sanguinária desse hediondo malvado, - havia de tolerar que a sua effigie

---

<sup>662</sup> *Diário da Tarde*, 25 de junho de 1918. p.1

<sup>663</sup> *A República*, 29 de outubro de 1917. p.1

continuasse em altares, adorada como um Deus, em meio de nossa própria sociedade e por núcleos de indivíduos que se formos vencidos, nos expelirão de nossa Patria?! (...) *Se não houvesse, pois, em nosso paiz, como hontem ficou patentemente demonstrado – o ódio e o nojo pelo Kaiser, seria preciso crear esse ódio e estimular esse nojo na consciência brasileira*, porque são os factores moraes os determinantes da sorte dos povos e os que os conduzem aos seus destinos. (...) Ninguém adora Satanaz, senão os malvados! Ninguém adora Judas senão os traidores! E se queremos para a nossa Patria a constante afirmação da sua soberania, é mister que não se permita em seu seio a invocação insultuosa dessa personalidade nefanda que é, em toda a parte, symbolo de escravidão, de deshonra e de morte! O povo, queimando a effigie do Demonio allemão, quis significar duas coisas: - que está com a liberdade e contra a oppressão e francamente disposto a affirmar a consciência da soberania brasileira dentro da sociedade que constituiu através do intenso brilho da historia nacional. (...) e dentro da mais nítida compreensão dos seus deveres com a Patria, significou também, diante das traições, da hypocrisia e da insidia teutônica, que não permitirá mais a lenta absorpção dos seus factores moraes feita pelo *germanismo infiltrado na communhão da sociedade que historicamente constituiu* e que nós – os negros, os devassos, os ladrões, os selvagens – como nos classificam, não reverenciamos os symbolos do cannibalismo kaiseriano antes os odiamos com todas as forças de uma paixão indomável, por tudo quanto há de monstruoso e infame na significação desses symbolos!...

<sup>664</sup>

As palavras deste autor talvez nos forneçam indícios para uma análise mais aprofundada daquele momento. É necessário que se considere que foram escritas no calor do momento e, talvez, com a intenção de legitimar os atos mais violentos ocorridos durante a manifestação do dia anterior. De qualquer forma, pensando o mesmo texto no contexto que o envolve, temos elementos significativos não apenas da conjuntura em questão como da própria hipótese inicial desta pesquisa.

No início do trabalho o seguinte questionamento foi sugerido: constatado os momentos de eclosão de violência e hostilidade contra “allemães”, promovidos por parte da imprensa e de populares, haveria outras razões para esse desfecho que vão além dos sentimentos patrióticos daquele momento? Ou seja, tratava-se de um momento marcado por ações movidas apenas pelo sentimento de ódio à Alemanha decorrentes da guerra, ou havia outros elementos conflituosos imbricados ao próprio processo de sociabilidade experimentado ao longo dos anos por estes agentes sociais?

Para o autor do texto parece que havia, sim, outros motivos que vão além destes provocados pela guerra. Tratava-se, por exemplo, do problema do “germanismo infiltrado” que, historicamente foi constituído; das “traições, da hypocrisia e da insidia teutônica”. Para o autor do texto as ações dos manifestantes não poderiam ser consideradas como “um acto de

---

<sup>664</sup> *Idem.* (grifo meu)

vandalismo”, afinal, nada mais eram do que “do que a representação figurada desse empenho de toda a humanidade contemporânea, pela extinção de um grande culpado”. A Alemanha é entendida como um verdadeiro mal a ser combatido, era esta a nação que desejava dominar e oprimir seus inimigos, entre eles o Brasil. Decorre daí que a invasão e depredação nos “reductos teutônicos” eram ações legítimas resultantes “*desses ódios incontidos e justos, que explodem nos momentos das suas grandes crises políticas*”. Por fim, na interpretação do autor, “o ódio e o nojo” contra o *Kaiser* já estavam presentes na sociedade quando da convulsão ocasionada pelo desenrolar da guerra.

Logo, mesmo com todo o clima de desconfiança e hostilidade da época seria um erro afirmar que a violência se espalhou pela cidade de forma generalizada e, de modo igual, a todos aqueles que tinham alguma proximidade com a “identidade alemã”. Exemplificando, como já mencionado, não foi localizado nenhuma notícia que fornecesse algum indício de que o outro jornal alemão que circulava pela cidade, o *Der Beobachter*, tenha sofrido algum dano nestes momentos de tensão. Outro exemplo, neste sentido, pode ser apontado com a situação envolvendo a antiga “Pharmacia Allemã”, de propriedade de Edgar Stellfeld. Segundo o *Diário da Tarde*, no dia 16 de abril de 1917, um grupo de estudantes compareceu a farmácia e lá pediu ao seu proprietário que alterasse o nome do estabelecimento. O pedido foi atendido e a “Pharmacia Allemã” passou a se chamar “Pharmacia Stellfeld”.<sup>665</sup> E como já visto, poucos dias antes, o mesmo Stellfeld fez um discurso patriótico para alguns manifestantes que “visitaram-no” durante um *meeting*. Na interpretação do jornal, as palavras do mesmo bastaram para que a população deixasse intacta tanto a farmácia quanto o seu proprietário. Nada mais foi encontrado a respeito do local; no entanto, uma interpretação que considere que o fato da mudança de nome da farmácia, assim como o discurso de Stellfeld, tenha bastado para que o local nada tenha sofrido talvez caia na armadilha de uma interpretação reducionista. A meu ver, havia outros motivos para que algumas pessoas e estabelecimentos sofressem, ou sofressem mais, a ação dos revoltosos.

Ora, se é um equívoco imaginar que a violência se generalizou, talvez também seja um erro pensar nesses manifestantes, que invadiram, depredaram, e atearam fogo, como uma multidão de desgarrados errantes. Parece que tal ideia aproximava-se da opinião do deputado Alfredo Heisler (o mesmo que discutiu com Romário Martins na redação do jornal *A República*, como vimos anteriormente) que, em 1929, fez a seguinte afirmação sobre os manifestantes envolvidos em certos episódios conflituosos de 1917:

---

<sup>665</sup> *Diário da Tarde*, 16 de abril de 1917. p.1

(...) irresponsáveis, cujo instinto destruidor viu nessa modelar instituição [Escola Alemã] posto atraente para saciar a bestialidade que se lhe gerará no espírito e que declaravam patriotismo, como se destruir uma perfeita organização escolar, fora demonstração de amor a Pátria.<sup>666</sup>

Rafael Athaides, ao discorrer sobre as manifestações mais violentas contra os germânicos e seus descendentes, ocorridas em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial, fez a seguinte afirmação: “não cremos em ‘espontaneidade’ nesse movimento de quebra-quebra. Cada participante tem sua trajetória que se molda e é moldada em meio à turba.”<sup>667</sup> A meu ver, o mesmo vale para os conflitos relacionados a Primeira Guerra, ou seja, estou de acordo com o autor no que se refere a não “espontaneidade” no movimento de quebra-quebra que ocorreu na cidade durante este período. Porém, antes de aprofundar nesta ideia, é preciso apontar algumas das explicações formuladas por autores cujas pesquisas abordaram ou apenas esbarraram no tema.

Sidnei Munhoz, cuja tese de doutorado explorou a presença das multidões no ambiente paulista da Primeira República, apontou brevemente as manifestações populares decorrentes da perda do navio “Paraná” em São Paulo.<sup>668</sup> Diferente do que ocorreu em cidades como Santos, Porto Alegre e Curitiba, naquela capital, de acordo com o autor, os conflitos envolvendo pessoas e instituições de origem germânica foram pouco significativos. De qualquer forma, o autor atribui à imprensa um importante papel para a contribuição de um “clima guerra”, e, conseqüentemente, os conflitos daí ocasionados.

Por sua vez, Stefan Bonow também conferiu à imprensa um papel crucial para a proliferação da violência contra os sujeitos de origem alemã. No entanto, em outro momento, este mesmo autor também afirmou que: “Por mais que elas [desconfianças] tenham se intensificado em função do lamentável naufrágio [navio Paraná], o rancor direcionado aos alemães e seus descendentes **pode ser** relacionado a fatores que vinham se acumulando com o passar do tempo.”<sup>669</sup> Até por não ser o objetivo no seu trabalho, o autor não aprofundou quais fatores poderiam ser esses; apenas destacou, neste sentido, a difusão do “perigo alemão” pela imprensa e por intelectuais desde o final do século XIX. Ainda segundo Bonow,

---

<sup>666</sup> HEISLER, op.cit., p. 76.

<sup>667</sup> ATHAIDES, op.cit., p.199

<sup>668</sup> MUNHOZ, Sidnei José. Cidade ao avesso: desordem e progresso em São Paulo, no limiar do século XX. Tese. (Doutorado em História). USP, 1997.

<sup>669</sup> BONOW, op.cit. p.251 (grifo meu)



“sabidamente, na maioria das vezes, a opinião brasileira sobre os povos germânicos e sobre a Alemanha foi, historicamente, construída de maneira negativa.”<sup>670</sup>

A meu ver, embora a difusão do “perigo alemão”, de fato, possa ser considerado um elemento agravante no que tange à condição dos “alemães” e seus descendentes no Brasil, ele, o “perigo alemão”, não pode ser usado para legitimar a ideia de que os povos germânicos e a Alemanha foram historicamente “perseguidos” pela opinião brasileira. Ora, ao menos no que se refere aos discursos hegemônicos, com exceções de períodos mais turbulentos (como a própria Primeira Guerra), na grande maioria das vezes, o imigrante de origem germânica não sofria com uma espécie de desconfiança permanente, diferente disso, por diversas vezes, sua presença na cidade era bastante saudada, afinal eram eles os “brancos, civilizados, morigerados.”

No entanto, se âmbito dos discursos hegemônicos ou idealizantes, o imigrante “branco” gozava de um certo *status*, na esfera do cotidiano as relações de sociabilidade constituíam um universo muito mais complexo, permeado por contradições e conflitos que extrapolavam qualquer “verdade” teórica sustentada com avais científicos. Daí que a imprensa, enquanto fonte, torna-se um espaço privilegiado, pois, ela mesma caracteriza-se como um campo de batalha onde os discursos hegemônicos disputavam espaço com as notícias e matérias que indicavam a existência das contradições e conflitos cotidianos.

Ainda no que tange a ação dos manifestantes, a meu ver, o “perigo alemão” pode ser sim considerado um dos fatores que agravaram a atmosfera de desconfiança formada durante os dois anos finais da Primeira Guerra Mundial, mas ele está longe de ser o único motivo. Tão ou até mais importante para a formação de um clima de hostilidade neste momento de guerra, era decorrente das próprias peculiaridades daquela sociedade. Com outras palavras, para entender melhor porque os manifestantes agiram e como agiram, priorizando alguns alvos (*Der Kompass* e associações), foi essencial voltar o olhar para o próprio processo de sociabilidade constituído ao longo dos anos em Curitiba.<sup>671</sup> Ou seja, atentar para os confrontos das relações cotidianas. Sendo assim, não é possível apenas atribuir à existência de uma ideia de “perigo alemão” a culpa pelas ações dos manifestantes mais exaltados. Neste sentido, insisto aqui na possibilidade (já mencionada no tópico 3.2) de que, no que tange ao *Der Kompass* e as associações germânicas da cidade, já havia um certo descontentamento, formado ao longo dos anos, ocasionado pelas próprias peculiaridades destes locais.

---

<sup>670</sup> BONOW, op.cit. p.82

<sup>671</sup> É importante ressaltar que, neste sentido, não estou referindo-me as casas comerciais e residências que também sofreram a ação da multidão, justamente por falta de informação, pois, não encontrei, salvo algumas raras exceções, nem na imprensa nem nos relatórios oficiais do Estado quem foram estes prejudicados.

Deste modo, talvez seja possível sugerir o porquê de alguns locais terem sido compreendidos naquele momento como mais propícios a “visitações” e outros menos. Ou seja, é bem possível que por haver o reconhecimento que alguns lugares não “mereciam” sentir a fúria da multidão, enquanto outros sim, que alguns estabelecimentos ficaram intactos.

Por fim, no que diz respeito às ações da multidão, compreendo que, da mesma forma, parte dos ocorridos, naquele momento, não eram apenas meros reflexos do que a imprensa publicava, ou seja, as pessoas não eram simplesmente guiadas e manipuladas pelas matérias jornalísticas. Logo, se a imprensa teve um papel fundamental como articuladora e disseminadora de ideias e boatos, ela não foi a única responsável pela eclosão dos movimentos mais violentos.

No que se refere à violência ocorrida durante e depois dos *meetings*, Stefan Bonow afirmou que, excetuando um caso, “(...) é interessante ponderar que apenas grandes estabelecimentos foram alvo da fúria intensa popular. Visou-se com maior ira a casa *Bromberg* [empresa], a *Sociedade Germânia* e o *Deutsche Zeitung* [jornal].”<sup>672</sup> Tais locais foram apedrejados, empastelados e queimados em Porto Alegre. Em Curitiba, parece que a única tentativa de incendiar (logo contido pelos bombeiros) um prédio se deu com o *Der Kompass*, embora as associações e colégios também tenham sido bastante prejudicados com invasões e depredamentos.

Adhemar Lustosa, ao discorrer sobre as consequências da guerra também em Porto Alegre, afirmou que, “(...) a integridade física dos teutos não era um alvo – pois não há registros de morte ou ferimentos, ou ainda a ataques a residências, (...), mas os espaços na cidade que lhes eram próprios.”<sup>673</sup> Em Curitiba, como constatado, em diversos momentos foram localizados brigas que ocasionaram em ferimentos, bem como há relatos de ataques a residências, ou seja, neste sentido, a situação na capital do Paraná parece ter diferido da de Porto Alegre.

Ao mesmo tempo, não quero com isso afirmar que não havia nada de espontâneo nas ações dos indivíduos e das multidões. No início deste tópico, o Anselmo Anacleto de Souza foi apresentado ao leitor. Apenas para relembrar, logo depois de cortes de relações com a Alemanha, o mesmo saiu pelas ruas no intuito de bater em alemães, entoado em alto bom som, gritos de ordem como “morra a Allemanha”. Naquele momento fiz o seguinte questionamento: afinal, será que o corte de relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha era mesmo a causa da revolta de Anacleto?

---

<sup>672</sup> BONOW, op.cit. 355

<sup>673</sup> SILVA, Jr., op.cit. 100

Em meados de novembro de 1917, outro caso sobre Anacleto foi relatado na imprensa:

Anselmo Anacleto de Souza é um desordeiro bastante conhecido da policia e que um dia sim e outro tambem vai dar infallivelmente no xadrez. Hontem á noite o Anacleto desconfiou que os focos da illuminação publica fossem de fabricação boche, e assim resolveu retiral-os todos, guardando-os consigo. A patrulha de policia o prendeu, levando-o para o xadrez da repartição central.<sup>674</sup>

É possível que Anacleto não agisse devido a uma convicção de um sentimento antigermânico, ou seja, é possível que suas ações derivassem de razões momentâneas, como o ambiente específico nas ruas naquele momento, com o clima de desconfiança aos “alemães”, somada as suas próprias excentricidades.<sup>675</sup> Com outras palavras, muitas das situações conflituosas que se formaram no instante em que as relações com os “alemães” estavam mais acirradas, inclusive, talvez a de Anacleto, sejam, de fato, reflexos mais imediatos do contexto, ou seja, formaram-se no calor do momento.

Já no caso do *Der Kompass* e das associações “alemãs”, é bem possível que a situação destoe desta, como já discutido. No final de outubro de 1917 o jornal católico fechou suas portas só abrindo novamente em 1919. Funcionou até 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que a hostilidade contra os “alemães” da cidade novamente estavam em evidência. Quanto às associações, a grande maioria voltou a funcionar somente em 1919, exceto a Sociedade Thalia, que em 23 de janeiro de 1918 anunciou reformas no seu estatuto. O *Diário da Tarde* publicou que, por iniciativa de Jordão Mader, então diretor da sociedade, depois de uma reunião com sócios, ficou “resolvida a modificação dos estatutos com a completa nacionalização da sociedade. (...) A nova directoria será composta inteiramente de brasileiros.”<sup>676</sup>

Por fim, se as ruas se constituíram como espaços privilegiados para a eclosão de debates, manifestações e conflitos nestes tempos de guerra, o fim da conflagração não foi diferente. Em meados de novembro de 1918, mesmo com a forte epidemia de febre amarela que preocupava os curitibanos, comemorando a vitória dos aliados, uma multidão saiu as ruas

<sup>674</sup> *Diário da Tarde*, 17 de novembro de 1917. p.3

<sup>675</sup> Localizei a ficha criminal de Anselmo Anacleto de Souza e por meio da mesma foi possível constatar que Anselmo, oriundo de São Paulo, não sabia ler nem escrever e era operário. Também averiguei que, nos antecedentes criminais constava que o mesmo, entre 1911 e 1938, fora preso 48 vezes, na grande maioria dos casos, por motivo de embriaguez ou desordem. O mais curioso é que o ano de 1917 não aparece em sua ficha, e, por meio da imprensa constatei que Anselmo foi preso, ao menos, duas vezes neste ano. É possível que os casos policiais ocorridos naquele período de guerra tenham sido registrados em outras documentações, pois, também não localizei as fichas de outros presos neste período. Gabinete de Identificação e Estatística do Paraná. Promputario n.14098. Registro Criminal n.410 de Anselmo Anacleto de Souza. Acervo Aquivo Público do Paraná. Em anexo (Anexo 8, p. 247-248) encontram-se algumas páginas do documento.

<sup>676</sup> *Diário da Tarde*, 23 de janeiro de 1918. p. 2

com as bandeiras das nações vitoriosas, cantando hinos, e fazendo algazarras. Ainda em comemoração, alguns estudantes da Universidade do Paraná distribuíram convites, convocando a população para assistir “ao ‘enterro’ do ex-kaiser da Bochelândia, que partirá da Praça Tiradentes em direcção ao inferno”.<sup>677</sup>

---

<sup>677</sup> *A República*, 16 de novembro de 1918. p.2

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender melhor os turbulentos anos finais da Primeira Guerra Mundial em Curitiba delineou-se como o principal objetivo desta pesquisa. No âmbito nacional, autores como, Angela de Castro Gomes, Lucia Lippi e Thomas Skidmore, assinalaram que a Grande Guerra foi caracterizada como um período de forte recrudescimento do discurso nacionalista. A identidade brasileira passou por um processo de positivação, a “raça nacional” foi valorizada e o imigrante e seus descendentes, os “estrangeiros”, sobretudo, os de origem germânica foram desqualificados e, por vezes, hostilizados. Em Curitiba, no período que marcou os dois anos finais da guerra (1917-1918), junto com o fortalecimento do nacionalismo formou-se uma atmosfera de contestação à presença dos “alemães” da cidade.

O fim da neutralidade e, posteriormente, a declaração de guerra do Brasil à Alemanha aproximou ainda mais o conflito do cotidiano da população. Discutia-se sobre a escassez e o aumento dos preços dos produtos alimentícios; falava-se sobre a possibilidade do exército brasileiro enviar tropas para a Europa; mas, também, conjecturava-se sobre o inimigo do Brasil no conflito. E a distância que separava os brasileiros de seu adversário na guerra ficou mais curta na medida em que alguns passaram a identificar certos “inimigos”, entre eles os padres católicos “alemães” e as associações, dentro de Curitiba.

Foi neste momento em que se intensificou a estigmatização dos sujeitos de ascendência germânica com a proliferação do uso de termos pejorativos como “boche” e “barbaro”, e com as dezenas de boatos relacionados à espionagem. No entanto, tratava-se, também, de um momento em que foram colocadas em xeque à presença de certos sujeitos, como os padres “alemães” de orientação franciscana, o modo de agir de algumas instituições, como o jornal *Der Kompass* e as associações; bem como houve um forte questionamento sobre certas práticas e costumes entendidas como típicas da “colônia alemã” de Curitiba, como a preservação e manutenção da língua alemã no cotidiano. Velhos fantasmas também vieram à tona: o perigo alemão e o germanismo mostravam-se, nesse momento, ameaças potencialmente presentes.

A atmosfera era propícia para que uma parcela da população pudesse externar seus descontentamentos por meio, por exemplo, da publicação de textos na imprensa, – com uma miríade de discursos com os mais variados tons políticos e sociais –, ou ainda discursando em *meetings* nas ruas e praças da cidade. Outros grupos agiram de forma mais violenta,

invadindo, depredando e danificando prédios e casas particulares. A constatação da existência deste contexto turbulento me fez contrapor análises como: “Embora, alguns ‘súditos alemães’, como eram por vezes chamados, tenham sido acusados de tramar abertamente contra o Brasil, isso não repercutiu fortemente na sociedade local, (...)”<sup>678</sup> ; ou ainda, “o impacto do conflito mundial no cotidiano parece ter sido amortecido pelo grau de integração da comunidade [alemã] à sociedade local, (...)”<sup>679</sup>.

Conclusões como estas tendem a escamotear conflitos. Primeiramente, como se viu neste trabalho, a eclosão de uma série de *meetings* que terminaram em atos violentos, com depredações, invasões (de associações e casas residenciais) e a tentativa de incêndio do prédio onde funcionava a redação do *Der Kompass*. Também foi constatado à emergência e proliferação de termos como “boches” e “barbaros” que estigmatizavam os “alemães”, cuja repercussão, há indícios de que não tenham se restringido às páginas dos jornais (neste sentido, o processo crime analisado no tópico 3.3 é um exemplo). Quanto à repercussão desta atmosfera conflituosa, a mesma não foi apenas intensamente sentida na cidade, como também, conforme apurado, chegou, inclusive, às páginas da imprensa paulista.

No que se refere à segunda citação, assertivas como estas podem reproduzir a ideia de que existia uma “comunidade alemã” e a “sociedade local” como realidades distintas *a priori*. Ora, a ideia de integração à sociedade desconsidera que o “alemão” estava sujeito aos mesmos conflitos que assolavam a todos os indivíduos. Apesar da construção identitária pretender fazer do “alemão” um sujeito a parte, tais pessoas estavam submetidas aos mesmos conflitos de classe, políticos, culturais e sociais inerentes à cidade.

Mas, também, busquei mostrar que, no que pese à atmosfera hostil da guerra, uma grande parte dos elementos conflituosos ocorridos não foram apenas meras implicações diretas daquele momento, ou seja, não surgiram repentinamente ali nos anos de 1917 e 1918, pelo contrário, foram formados ao longo dos anos, por meio das experiências cotidianas do processo de sociabilidade de indivíduos que diferiam em sua condição étnica, de classe, enfim de visões de mundo. Assim, questiona-se aqui abordagens que interpretam momentos como os de guerra como instauradores de “uma realidade de interações sociais completamente novas...”<sup>680</sup>.

---

<sup>678</sup> OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. In: *Cadernos CERU, série 2*, v. 23, n. 2, 2012, p 175-202. p. 196.

<sup>679</sup> Idem, p. 197.

<sup>680</sup> PEREIRA, Márcio José. *Politizando o cotidiano: repressão aos alemães em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial*. Maringá, 2010. p.153

Nos três capítulos que compuseram esta dissertação foram priorizados os aspectos conflituosos e suas nuances decorrentes das contradições cotidianas do tecido social. Partiu-se, sobretudo, do universo registrado pelas páginas dos jornais curitibanos. No que tange à imprensa, a mesma foi compreendida como um espaço de batalha, ou seja, como um campo em que indivíduos disputavam ideais, ideias e diferentes visões políticas, não se reduzindo a ser a expressão de um único agente ou de uma única classe.

Foi constatado, por meio do discurso da imprensa local, quem eram e como eram classificadas as pessoas integrantes da “colônia alemã” de Curitiba. Se por um lado, notou-se que a imprensa em muito contribuiu para a disseminação das teorias racialistas hegemônicas, as quais dotavam de superioridades moral e racial os indivíduos oriundos dos países “civilizados”; por outro, a mesma imprensa também revelou a existência de sujeitos que não se encaixavam no ideal identitário designado aos membros da “colônia alemã” da cidade, bem como lançou luz sobre os tortuosos conflitos cotidianos, decorrentes dos mais variados matizes.

Ao abordar aspectos da “colônia alemã” de Curitiba sentiu-se a necessidade de problematizar o que, por vezes, era entendido como unidade, atentar para seus conflitos, contradições e contrastes. Decorre daí a necessidade de compreender a “colônia” também como um “grupo” que vivenciou, ao longo dos anos, disputas e embates internos envolvendo seus membros. Em suma, não se tratava de um coletivo coeso, homogêneo e orgânico. Em seu meio encontravam-se indivíduos que embora tivessem uma ancestralidade em comum, nem sempre compartilhavam um único modo de vida. Ou seja, diferiam e divergiam quanto à religião, classe, orientação política, etc. Neste sentido, são bastante sintomáticos, os atritos entre os dois maiores jornais em língua alemã em circulação na cidade durante as primeiras décadas do século XX, *Der Beobachter* e *Der Kompass*.

De modo geral, no campo da historiografia, há uma gama de trabalhos a respeito de temas como “perigo alemão” e pangermanismo. Em contrapartida, pouco se pesquisou a respeito da disseminação e circulação destes temas em ambientes urbanos, cuja população contava com a presença de imigrantes alemães e seus descendentes. Neste sentido, aqui, tratou-se de abordar estes temas a partir, sobretudo, da ótica da imprensa curitibana.

No que se refere ao “perigo alemão”, foi constatado que o mesmo circulava na imprensa local, como também circulavam notícias a respeito do “perigo amarelo”, “perigo polaco” e “perigo americano”. Tratava-se de um período em que as rivalidades causadas pelas políticas imperialistas das grandes potências encontravam-se na ordem do dia. Se por um

lado, conhecidos intelectuais da época, como Silvio Romero e Graça Aranha debatiam, conjecturavam e publicavam sobre os possíveis perigos decorrentes da imigração alemã no sul do país, por outro, a imprensa curitibana, não poucas vezes, durante os primeiros anos da república, tratou o assunto de forma despreocupada e até irônica. Em contrapartida, em momentos de maior tensão, como durante os anos finais da Primeira Guerra Mundial, o imaginário global em torno do “perigo alemão” era apropriado e resignificado no contexto local. Neste sentido, numa atmosfera hostil, o mesmo acabou sendo um elemento a mais entre tantos outros aspectos conflituosos concernentes ao momento.

Assim como o “perigo alemão”, as ideias em torno do pangermanismo, movimento de forte inspiração nacionalista oriundo da Alemanha, também foram divulgadas pela imprensa local. Neste sentido, foi constatado que a associação pangermânica alemã, denominada “Liga das Escolas Alemãs”, fez contato com os imigrantes alemães e seus descendentes de Curitiba, por meio do jornal alemão *Der Kompass*. No entanto, para que se tenha uma ideia mais apurada a respeito das relações entre as associações pangermanistas com os “alemães” da cidade, e seus possíveis impactos, serão ainda necessárias pesquisas mais aprofundadas nos jornais alemães locais, o *Der Kompass* e *Der Beobachter*.

Apesar de a Primeira Guerra Mundial ter sido o primeiro grande momento de contestações públicas dos mais variados matizes em relação à presença e as práticas associadas aos imigrantes e seus descendentes, em grande medida tais contestações já faziam parte de um contexto anterior. Ou seja, ao longo dos anos, em Curitiba, polêmicas e conflitos envolvendo sujeitos e instituições da “colônia alemã” marcaram a experiência cotidiana da sociedade muito antes da eclosão da guerra. Neste sentido, também, contrapõem-se aqui concepções que interpretam a Segunda Guerra Mundial como um verdadeiro marco divisor nas relações cotidianas. Neste ponto de vista, a eclosão desta guerra teria alterado “antigas relações cordiais entre a população luso-brasileira e os imigrantes diversificados que habitavam a capital paranaense.”<sup>681</sup> Ou ainda, antes da eclosão da mesma, “grupos étnicos conviviam sem maiores problemas, apesar da diversidade de línguas, hábitos e costumes”.<sup>682</sup>

Durante a guerra, e especialmente nos últimos dois anos do conflito, criou-se uma atmosfera propícia para retomar e, de certa forma, cobrar dos “alemães” posturas e práticas consideradas excludentes e perigosas. Já não era tão aceito a existências de espaços exclusivos, como as associações, ou a presença de jornais que circulavam em língua alemã.

---

<sup>681</sup> PEREIRA, Márcio José. op.cit. p.153

<sup>682</sup> BOSCHILIA, Roseli. O Cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial. In: BOLETIM Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba. V.22, n. 107, out. 1995. p.5



Neste tempo de guerra, embora a imprensa tenha desempenhado uma importante função, publicando e divulgando ideias que ajudaram a construir este ambiente hostil, procurei mostrar como o espaço público também teve um papel essencial. Ora, em momentos de crise, como os vivenciados em 1917 e 1918 em Curitiba, as ruas, enquanto locais de afirmação política, étnica e de classe, tornaram-se ainda mais potentes. Eram nesses locais que ocorriam os encontros nas praças que reuniram pessoas de estratos sociais diversos, as conversas e debates surgidos no calor do momento e as discussões em torno ao caráter exclusivista dos espaços “alemães” levantadas pelos oradores nos *meetings* “patrióticos”, ou ainda a comemoração dos trabalhadores da estrada de ferro ao conseguirem a demissão do chefe “boche”, Fernando Roderjan.

Embora muitos autores atribuam ao “perigo alemão” uma das principais causas para a desconfiança em relação ao imigrante de origem alemã e seus descendentes, procurei mostrar que os conflitos gerados com os “alemães” de Curitiba não foram apenas causados por medo de possíveis invasões do Império Alemão, mas que também foram formados por fatores inerentes ao próprio contexto em que estavam inseridos. Como, por exemplo, a polêmica passagem do padre Auling pela cidade, bem como a tortuosa relação do jornal *Der Kompass* com setores da população curitibana, ou ainda as inúmeras situações corriqueiras de tensão entre “nacionais” e “alemães”. Neste sentido, no momento da guerra, tratava-se também de um sentimento de rejeição construído ao longo dos anos, nos conflitos do cotidiano, não apenas de um antigermanismo causado por um nacionalismo despertado pela guerra.

Ao mesmo tempo, também vimos que embora a guerra tenha sido um momento extremamente hostil, a violência não foi generalizada, ou seja, alguns sujeitos e instituições de origem germânica, devido às suas próprias particularidades e conflitos ocorridos no passado, sofreram com mais intensidade as polêmicas e violências do que outros da mesma origem. Assim, mesmo em tempos de guerra, destaco que não se tratava de uma simples questão de oposição: sociedade curitibana *versus* “colônia alemã”. Fatores outros como, diferenças e divergências de classe, religiosas e políticas também compunham e tornavam o cenário ainda mais complexo, como os exemplos mostrados ao longo da dissertação atestam.

Em suma, num momento atípico de guerra foi possível observar a presença de diversos elementos que compunham o cotidiano desde, pelo menos, no início da Primeira República no Brasil. Desse modo, pode-se compreender melhor a afirmação de Thompson, segundo a qual momentos atípicos, (no caso, a guerra) iluminam os “anos [de aparente] tranquilidade”. Ou

seja, episódios como esses lançam luz sobre uma série de elementos que constituem um cotidiano marcado por desigualdades e divergências.

Por fim, no que tange ao ofício da História, como nos sugere Chalhoub,

A história serve, em última instância, para complicar a vida, ou seja, ao explorar sistematicamente o “estranhamento” inicial [inquietações do presente], o historiador cria condições para a percepção do real como construção, como “invenção” de seres humanos concretos em processo de interação e luta entre si.<sup>683</sup>

---

<sup>683</sup> CHALHOUB, op.cit. p.347

## REFERÊNCIAS

### FONTES

*RELATÓRIO* apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Eneas Marques dos Santos, secretario do interior, justiça e instrucção publica, pelo Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, chefe de policia do estado. Em 31 de Dezembro de 1917. Documentação do Arquivo Público do Paraná.

*DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ*, Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado pelo dr. Affonso Alves de Camargo. 1918. Documentação do Arquivo Público do Paraná.

RELATÓRIOS DE QUEIXA, 18 de março de 1901. Documentação do Arquivo Público do Paraná.

Gabinete de Identificação e Estatística do Paraná. Promputario n.14098. Registro Criminal n.410 de Anselmo Anacleto de Souza. Documentação do Aquivo Público do Paraná.

“RELATÓRIO da diretoria da Liga Pangermânica quanto ao fechamento de fronteiras do Império contra a imigração indesejada.” (“ALLDEUTSCHER VERBAND, HAUPTLEITUNG BETREFFE SCHLUSS DER REICHSGRENZEN GEGEN UNERWÜNSCHTE EINWANDERUNG”). 1916. Bremen. Documentação do Arquivo Estatal de Bremen - Alemanha.

PROCESSO CRIME, registro número 1541, ano 1918. (fonte manuscrita). Acervo do Tribunal de Justiça do Paraná.

PROCESSO CRIME, registro número 901, ano 1909. (fonte manuscrita). Acervo do Tribunal de Justiça do Paraná.

### Periódicos

REVISTA *A Bomba*, Curitiba, 10 de julho de 1913. n.º4. Curitiba. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

REVISTA *A Escola*, Curitiba, Maio de 1906. n.º4. Curitiba. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

REVISTA *Olho da Rua*, 19 de junho de 1909. n.º 54. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

REVISTA *O Olho da Rua*, 3 de julho de 1909. n.º 55. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

REVISTA *O Miko*, 5 de setembro de 1914. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

REVISTA *Revista do Povo*, 15 de maio de 1917. n.º8. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

REVISTA *Revista do Povo*, 29 de dezembro de 1917. n.º13. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

REVISTA *Revista do Povo*, fevereiro de 1921. n.º40. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

REVISTA *Electra*, março de 1902. p.2. Curitiba. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

JORNAL *Diário da Tarde* – 1899 a 1918. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

JORNAL *A República* – 1890 a 1918. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

JORNAL *Commercio do Paraná* – 1914 a 1918. Curitiba. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

JORNAL *Der Kompass* – 1902, 1903, 1904, 1905, 1909, 1910. Curitiba. Acervo da AMIG (Associação Pró-Memória da Imigração Germânica)

## **Livros**

CHÉRADAME, André. *O plano pangermanista desmascarado*. A temível cilada berlineza da “partida nulla”. Rio de Janeiro: Garnier, 1917.

FUGMANN, Wilhelm. *Os alemães no Paraná*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2008.

HANDWERKER-UNTERSTÜTZUNGS-VEREIN”; Gedenk und Festschrift zum 50. Jährigen Stiftungsfeste am 19., Juli ,1934.

HEISLER, Alfredo. Apontamentos históricos e sobre a imigração alemã do Estado do Paraná. (1829-1929) In. HEISLER, Alfredo. (Org.). *Os allemães nos Estados do Paraná e Santa Catarina*. Curitiba: Oliveiro, 192[9]. (Em comemoração ao 1º Centenário de sua Entrada nesses Estados Sul do Brasil: 1829-1929).

MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos*: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

MUNHOZ, Alcides. *O Sr. Sylvio Romério e o allemanismo no Sul do Brasil*: o Paraná. Curitiba: Oficinas de Artes Graphicas de Adolpho Guimarães, 1907.

MUNHOZ, Alcides. *A Teutophobia do Senhor Sylvio Romero*. Curitiba: Typ. Da Livraria Economica, 1910.

NIEMEYER, Ernesto. Os allemães no Paraná: esboço histórico. In: HEISLER, Alfredo. (Org.). *Os allemães dos estados do Paraná e Santa Catharina*. Curitiba: Olivero, 192[9]. (Em comemoração ao 1.º centenario de sua entrada nesses estados do sul do Brasil: 1829-1929).

ROMERO, Silvio. *Realidades e ilusões no Brasil*. Parlamentarismo e Presidencialismo e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.

SABÓIA, Americo da Costa. *Curitiba de minha saudade (1904-1914)*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978.

SANTOS, Nestor Vitor dos. *Terra do futuro* (impressões do Paraná) (2ª. ed.). Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, Luís Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e Modos dos migrantes e imigrantes. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de (org.) *História da vida privada no Brasil* – volume 2. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- AREDNT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARMADO, Janaína; DA SILVA, Marcos A. *República em migalhas*: historia regional e local. São Paulo; Brasília (DF): Marco Zero: CNPq, 1990.
- ARNS, João Crisóstomo. *Uma escola centenária e sua moldura histórica*. Curitiba, Linart, 1997.
- AULICH, Werner. *O Paraná e os alemães*. Estudo caracteriológico sobre os imigrantes germânicos. Curitiba, 1953.
- ATHAIDES, Rafael. *O partido Nazista no Paraná 1933-1942*. Maringá: Eduem, 2011.
- BAHLS, Aparecida. V. da S. *A busca de valores identitários*: a memória histórica paranaense. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- BALHANA, Altiva P.; MACHADO, B.P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. V.1.
- BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. *Ideias em Confronto*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 1980.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.
- BATALHA, Claudio H.M. Cultura Associativa no Rio de Janeiro. In. *Culturas de Classe*: identidade e diversidade na formação do operariado. Batalha... Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004
- BEGA, Maria Tarcisa da Silva. *Sonho e invenção do Paraná*: geração simbolista e a construção de identidade regional. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- BENVENUTTI, Alexandre. F. *As reclamações do povo na Belle Époque*: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916). 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- BIONDI, Luigi. *Classe e Nação*: trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOLETIM Informativo Casa Romário Martins. *Cores da Cidade*: Riachuelo e Generoso Marques. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 110, mar. 1996.

BONI, Maria Ignês Mancini de. *O espetáculo visto do alto*: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

BOSCHILIA, Roseli. O Cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial. In: BOLETIM Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba. V.22, n. 107, out. 1995.

BOSCHILIA, Roseli. *Entre fitas, bolachas e caixas e de fósforos*. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Curitiba: Artes e textos, 2010

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Angela. *A Fábrica de Ilusão*. O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913). Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

CAMARGO, Haroldo. L. Santos, 1917: guerra, conflitos internos e boches atrevidos. *História e-História*, v. V, p. 1-50, 2007.

CARVALHO NETO, João Baptista Penna. *Floriano Essenfelder*: a trajetória de um empresário. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COLATUSSO, Denise. E. *Imigrantes alemães na hierarquia de status da sociedade luso-brasileira (Curitiba, 1869 a 1889)*. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

COSTA, Sergio. Imigração no Brasil e na Alemanha: contextos, conceitos, convergências. In: TIEMANN, Joachim et alii. *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Martius-Staden, 2006. p. 141-164.

CUNHA, Jorge Luiz da. Historiografia recente sobre a emigração alemã para o Brasil. In: *Fronteiras*: revista de história. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História UFSC e Associação Nacional de História (ANPUH-SC) – nº 6. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. pp.7-17.

\_\_\_\_\_. A Alemanha e seus emigrantes. *A migração alemã no Rio Grande do Sul*: História, Linguagem, Educação. CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (orgs.). Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P.Thompson e Natalie Davis. In: *A nova história cultural*. Lynn Hunt (org). São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.64

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DREHER, Martin N. Identidade e relações interétnicas: pobres, mendigos e vagabundos. In: *História e Imigração*. HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RADÜNZ, Roberto. (orgs). Caxias do Sul, RG: Educs, 2011.

DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos Justos. *Imigração e Imprensa*. Porto Alegre, EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – Formação do Estado e civilização* (v. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. A individualização no processo social. In. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Os alemães: a luta pelo poder na evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

ELIAS. N.; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e Continuidades. In. *História da Vida Privada: contrastes e intimidade contemporânea*. SCHWARCZ, Lilia M. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1889-1924)*. São Paulo: Edusp, 2001.

FORTES, Alexandre. Os “outros” polacos. In. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1991.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Angela de C., *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009.

GRUNER, Clóvis. *Paixões Torpes, Ambições Sórdidas: Transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

HALL, Michael M. Entre Etnicidade e a Classe em São Paulo. In: *História do Trabalho e Histórias da Imigração: Trabalhadores Italianos e Sindicatos no Brasil (Séculos XIX e XX)*. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio. (orgs.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2010. pp.49-63

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Nações e Nacionalismos desde 1870: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In: *Um mapa da questão nacional*. BALAKRISHNAN, Gopal. (org). Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. 2.ed. Ver. e aum. São Paulo: Hucitec, Curitiba: Scientia ET Labour, 1998.

JOFFILY, José. *O Caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KAMINSKI, Rosane. Gosto Brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920). In: *Sentimentos na História: linguagens, práticas, emoções*. BREPOHL, Marion; CAPRARO, André M.; GARRAFFONI, Renata S. (orgs). Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

KARVAT, Erivan Cassiano. *A sociedade do trabalho: discursos e prática de controle sobre a mendicância e a vadiagem em Curitiba (1890-1933)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

KLUG, João. Imprensa e imigração alemã em Santa Catarina. In: *Imigração e Imprensa*. DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos Justos. Porto Alegre, EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

KOTHE, Mercedes Gassen. *Organizações Ligadas à Emigração Alemã para o Brasil*. Textos Hist. 1 Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.

LAMB, Robert Edgar. *Uma Jornada Civilizadora: Imigração, Conflito Social e Segurança Pública na Província do Paraná – 1867 a 1882*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) São Paulo: Editora Contexto, 2011.

LUZ, Regina. M. *A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense: 1890-1925*. 290 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

MACHADO, Cacilda da Silva. *De uma família de imigrante: Sociabilidades e Laços de Parentesco*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Unicamp / Fapesp, 1998.



\_\_\_\_\_. *Paraná: política e governo*. Curitiba: SEED, 2001.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.

MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lília M. (Org.) *História do Brasil Nação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MICHAELE, Faris, Antonio S. Formação étnica do Paraná. In: *História do Paraná*. Curitiba: Editora Grafipar, 1969. v.3

MUNHOZ, Sidnei José. O legado de E. P. Thompson ao estudo das multidões e dos protestos populares. In: *E. P. Thompson: política e paixão*. MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUARTE, Adriano Luiz. (orgs.). Chapecó: Argos, 2012

NADALIN, Sergio Odilon. *O Clube Concórdia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1972.

\_\_\_\_\_. Imigração e Colonização Alemã na Obra de Romário Martins. In: *Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná*. Anais do Colóquio de Estudos Regionais, comemorativo do I Centenário de Romário Martins. Curitiba: Boletim nº 21, 1974.

\_\_\_\_\_. *Imigrantes de Origem Germânica no Brasil: Ciclos Matrimoniais e Etnicidade*. 2. ed. Curitiba: Aos Quatros Ventos, 2001.

\_\_\_\_\_. Sergio Odilon. *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações*. Curitiba: SEED, 2002.

NADALIN, Sergio Odilon; FABRIS, Pamela. A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra. *Revista de História Regional*. 18(1): 7-30, 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>

NAXARA, Marcia. R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Márcio de. Por uma sociologia do Brasil Meridional. In: *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná*. SZWAKO, José Eduardo Léon, OLIVEIRA, Márcio de. (Orgs.) Curitiba: Ed. UFPR, 2009. p. 17-30

OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. In: *Cadernos CERU, série 2, v. 23, n. 2*, 2012, p 175-202.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos Vencedores: genealogia, classe e dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *O espetáculo dos maquinismos modernos – Curitiba na virada do século XIX ao XX*. São Paulo: USP, 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2002.

PEREIRA, Márcio José. *Politizando o cotidiano: repressão aos alemães em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2010.

PILOTTO, Osvaldo. *Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Edição do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. *Olho da Rua: humor visual em Curitiba (1907-1911)*. Dissertação (Mestrado em História). – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

RANZI, Serlei. M. F. *Alemães Católicos: um estudo comparativo de Famílias em Curitiba (1850-1919)*. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

REINHARDT, Juliana. *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade*. 204 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. 263f. Dissertação (Mestrado em História - USP), São Paulo, 1985.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *História da Alimentação no Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Lilia Moritz (org). *História do Brasil Nação*. Editora Objetiva, 2012. V.3

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

\_\_\_\_\_. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

\_\_\_\_\_. A Liga Pangermânica e o Perigo Alemão no Brasil: análises sobre dois discursos étnicos irredutíveis. *História: Questões & debates*. V.10, n.18/19, p.113-155, jun.-dez. 1989.

\_\_\_\_\_. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; e VASCONCELLOS, N. (org). *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 15

\_\_\_\_\_. A imigração alemã no Rio de Janeiro. In: *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. GOMES, Angela de Castro. (Org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (org.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003.

\_\_\_\_\_. Os teuto-brasileiros e a integração cívica: observações sobre a problemática convivência do deutschum com o nacionalismo brasileiro. In: TIEMANN, Joachim et alii. *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Martius-Staden, 2006. p. 117-155.

SILVA JUNIOR, Adhemar. L. O Povo X der Pöbel. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

SILVESTREIN, Marcia. *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Regina. M. S. de. *Deutsche Schule, A Escola Alemã de Curitiba: um olhar histórico (1884-1917)*. 262 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

STROBEL, Gustav. H. *Relatos de um pioneiro da imigração alemã*. Curitiba: IHGEP, 1987.

SUTIL, Marcelo. *O Espelho e a Miragem: Ecletismo, Moradia e Modernidade em Curitiba do Início do Século*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2012.

THOMPSON, Edward P. *Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa, 1 : a árvore da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. (Orgs). Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

TRINDADE, Etelvina Maria de. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. Uma escola teuto-brasileira em Curitiba: o Colégio da Divina Providência. In: FIORI, Neide Almeida (org.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003.

URLASS, Ana Paula. *A Repercussão do Pensamento Político no Paraná, Entre os Anos 1930-1945*. Monografia. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2007.

VASCO, Edimere. S. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/4037>.

VICENT, Gerard. Guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário. In: *História da vida privada: Da Primeira Guerra a nossos dias*. PROST, Antoine; VICENT, Gerald (orgs). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VINHOSA, Francisco. L. T. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: a diplomacia brasileira e as grandes potências*. Rio de Janeiro: IHGB, 1990.

VOIGT, André. *A invenção do teuto-brasileiro*. 204f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. Ponta Grossa, PR: Ed. UEPG, 2010. 10.ed.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Afinal, existiu ou não, regime escravo no Paraná? *Revista da SBPH*, Curitiba, n.13, p.25-63, 1997.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

## ANEXOS

### Anexo I



*REVISTA A Bomba, Curitiba, 10 de julho de 1913. n.º4*



## Der Kompass

### Zeitvertreib.

#### Schulze und Müller.

Müller: «Schön guten Abend, Herr Schulze! Ach, wie freue ich mich, dass ich Sie hier treffe. Nun schmeckt mir das Glas Bier noch einmal so gut. Wissen Sie, ich war 14 Tage draussen auf meiner Chacara zur Erholung. Gerade eben komme ich wieder zurück, und mein erster Gang war hierher zu meiner Stammkneipe.—Kellner, ein Bier!»

Schulze: «Das lobe ich mir, und Sie treffen es gut. Das Bier ist vorzüglich. Stossen wir an! Es lebe die alte Freundschaft!»

Müller: «Ja, ja, — ich poniere heute Abend. Aber dann müssen Sie mir auch viel Neues erzählen. Da draussen habe ich vom lieben Curityba nichts gehört.»

Schulze: «Na, eigentlich schade! Denn es geht jetzt mächtig daher. Das Neueste ist nämlich, dass eine neue Zeitung herausgekommen ist. «Der Kompass» heisst sie.»

Müller: «Eine neue Zeitung? Was soll denn das? War denn der «Beobachter» nicht mehr genug? Ich meine, der brachte doch immer so ziemlich alle Neuigkeiten, die da passierten? Und da meine ich, sollte man ihm doch das Bröd nicht verderben.»

Schulze: «Ich sehe wohl, das Ding verstehen Sie nicht recht. Es handelt sich bei der neuen Zeitung nicht um's Bröd, sondern um Principien.»

Müller: «Ja, ich gestehe gern, von Principien habe ich in der Schule drüben nichts gelernt, und auch hier in Brasilien habe ich noch nicht viel davon gehört. Aber Sie, Herr Schulze, ein mehr studierter und vielgereister Mann, erklären Sie mir das doch mal ein bisschen näher.»

Schulze: «Recht gern, Herr Müller; aber ehe ich Ihnen das erkläre, muss ich Ihnen vorlesen, was der «Beobachter» gegen die neue Zeitung schreibt. Ich habe ihn gerade vor mir liegen. Hören Sie!»

Müller: „ Bin wirklich gespannt darauf.“

Schulze: „ Aber rücken Sie etwas näher mit Ihrem Stuhle, Herr Müller, damit ich es ganz leise vorlesen kann. Denn das Ganze ist so ordinär geschrieben, dass ich nicht gern hätte, wenn die andern Gäste es hören könnten, da auch jüngere Leute darunter sind. Sie, Herr Müller, sind schon bei Jahren; darum will ich es Ihnen **ganz leise** vorlesen. Hören Sie also:

Müller: «Aber ich bitte Sie, Herr Schulze; steht das da wirklich so? Das ist ja kolossal grob. Da brauchen Sie mir keine Principien mehr zu erklären. Der Dümme sieht ja gleich, was der «Beobachter» will. Er will den «Kompass» totscreien und die Herausgeber vorläufig mal tüchtig bange machen.»

Schulze: «Bange lassen sich die nicht machen. Dafür sind sie viel zu schlau. Uebrigens.....»

Müller: «Erlauben Sie! Ich möchte zu gerne hören, was sie im «Kompass» darauf geantwortet haben. Das wird 'ne nette gegenseitige Schimpferei werden.»

Schulze: «Meinen Sie? Ich glaube nicht. Heute morgen traf ich einen Mann, der sagte so: „Ich bin Freigeist. Aber das will ich Ihnen sagen,—was der «Beobachter» da sich geleistet hat gegen den «Kompass», das ist zu gemein, selbst für ein S.....“ — ich mag das letzte Wort nicht wiederholen, Sie können sich's denken. Auf so ein Geschreibsel antwortet ein nobler Mensch nicht.»

Müller: «Ja, ja, ja, Herr Schulze, Sie haben recht, Sie haben recht, in dieser Beziehung, wenn man's so nehmen will, und auch doch in allen Teilen...»

Schulze: «Recht so — in allen Teilen. Passen Sie mal auf! Ich bin Katholik und erfülle als solcher treu meine Pflichten. Freilich laufe ich die Kommunionbank nicht um, wenn ich auch stets meine Ostern halte. Aber das sage ich Ihnen: was der «Beobachter» da sagt von dem, was das «katholische Pfaffentum produzieren» soll, das könnte ihm teuer zu stehen kommen; dafür könnte er sogar in's Loch kommen, wenn wir hier in Deutschland oder England lebten, wo, wie ich noch dieser Tage ein Beispiel las, solche Verleumdungen strenge bestraft werden. Ich kenne — wie Sie wissen, reise ich viel — also ich kenne hier in der Diocese Curityba, das heisst Paraná und S. Catharina, dreissig oder vierzig deutsche Priester, Ordensleute und Weltpriester, alles charmante Herren, von denen ich felsenfest überzeugt bin, dass auch nicht ein einziger jenes Verbrechen begangen hat, das der «Beobachter» in so boshafter Verleumdung einfach dem ganzen Priesterstande anhängen will.»

Müller: «Ich bin eigentlich hergekommen, um beim Glas Bier ein bischen zu lachen, und nun sind wir bei sehr ernsten Dingen angekommen. Aber ich sehe, über so etwas kann man nur mit heiliger Ent-rüstung reden.»

Schulze: «O, es giebt auch noch etwas zum Lachen im «Beobachter.»

Müller: «Sie meinen gewiss das mit dem ‚Wurstblättchen‘.»

Schulze: «Eben das! Der «Beobachter» ist im äusseren Format vorläufig fast noch einmal so gross, wie der «Kompass.» Darum meint er, er wäre auch viel mehr wert als dieser. Allein da fällt mir eine lustige Geschichte aus meiner Jugendzeit ein. — Es war in der Christenlehre, am Sonntag in der Kirche. Da fragte unser Pfarrer, ein strenger Herr, den **grössten** von allen meinen Mitschülern (Anton Bobar hiess er): «Welches ist die erste und vorzüglichste Kraft unserer Seele?» Anton wusste es nicht. Da richtete der Pfarrer dieselbe Frage an den **kleinsten** von allen (Fritzchen Ompa hiess er). «Das ist der Verstand», antwortete fix der kleine. Da rief der geistliche Herr noch einmal den grossen Anton auf, um ihn zu tadeln, dass er das nicht gewusst, was das kleine Fritzchen doch sofort richtig gesagt hatte. Jetzt that aber Anton seinen Mund auf (und er hatte einen, der war danach) und sagte laut: «Auf die Grösse kommt's doch nicht an; denn wenn's auf die Grösse ankäme, dann könnte der Ochs wohl einen Hasen fangen.» Alles lachte; selbst der ernste Pfarrer konnte sich das Lachen nicht verbeissen.»

Müller: «Köstlich, köstlich! Sie sind ein Allerweltsmann. Die Geschichte müssen Sie mal dem «Beobachter» erzählen. Der wird auch lachen.»

Schulze: «Meinen Sie??? — Uebrigens nächstens erzähle ich Ihnen mal wieder was zum Lachen.»

Müller: «Aber, warum denn nicht gleich, Herr Schulze? Machen Sie mich doch nicht so neugierig!»

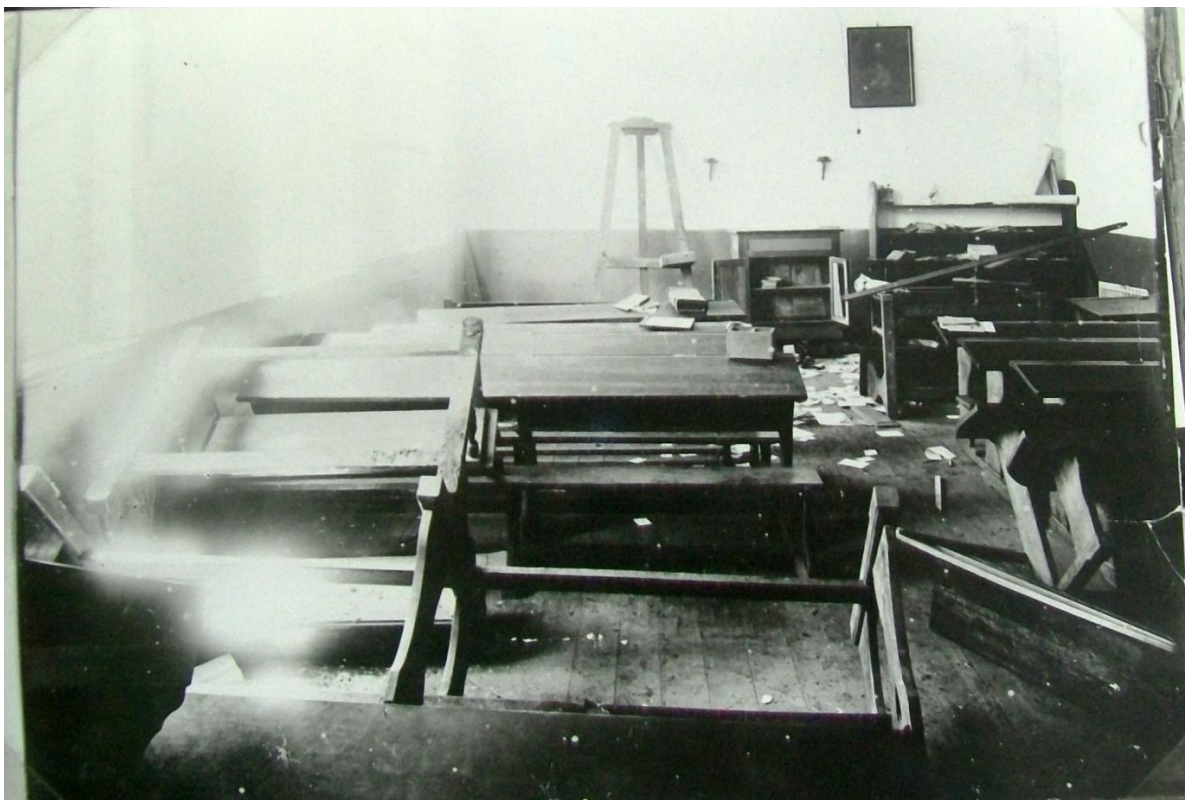
Schulze: «Ich bedaure, — aber ich habe meiner Frau versprochen, pünktlich um 7 Uhr zum Abendessen zu Hause zu sein, und ich sehe, es ist schon 7 Uhr vorbei.»

Müller: «Schade, schade; aber wenn's nicht anders sein kann — Gute Nacht denn, lieber Herr Schulze!»

Schulze: «Gute Nacht, lieber Herr Müller!»



### Anexo III



Sala de aula do colégio Bom Jesus após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917.  
Acervo Histórico do Colégio Bom Jesus.



#### Anexo IV



Exterior do prédio da redação do *Der Kompass* após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917. Acervo Histórico do Colégio Bom Jesus.

## Anexo V



Interior do prédio da redação do *Der Kompass* após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917. Acervo Histórico do Colégio Bom Jesus.



## Anexo VI



Interior do prédio da redação do *Der Kompass* após a depredação ocorrida no dia de 28 de outubro de 1917. Acervo Histórico do Colégio Bom Jesus.

## **Anexo VII**

### **Documento:**

## **Alldeutscher Verband,**

Hauptleitung,

Betr. Schluss der Reichsgrenzen gegen unerwünschte Einwanderung

An die hohen Bundesregierungen!

Der Bestand und das Gedeihen eines Volkes hängen in hohem Masse von der Art seiner Zusammensetzung, sowie von dem Wandel ab, den diese in Art und Schichtung Einzelbestandteile erfährt. Alle Vorgänge, die Veränderungen irgend welcher Art im Volkskörper zur Folge haben können, erfordern daher die besondere Aufmerksamkeit der mit der Verwaltung des Volksgeschickes betrauten Personen, die bestrebt sein müssen, derartige Vorgänge rechtzeitig zu erkennen und in ihren mannigfaltigen Folgeerscheinungen zu erfassen. In diesem Sinne muss schon heute ein Vorgang ins Auge gefasst werden, der durch diesen Krieg veranlasst ist und dessen Verstärkung nach Friedensschluss bestimmt zu erwarten steht.

Der Krieg hat einen grossen Teil der Völker, in einer Erde, vor alle europäischen Völker bis in einen Bewegungszustand von einer wohl noch nie geschauten Stärke versetzt, hat die beteiligten Völker bis in die Tiefen hinab aufgewühlt. Es ist Selbstverständlich, dass eine so heftige, weit und tiefgreifende Bewegung an sich schon gar nicht unmittelbar nach dem Kriegsschlusse mit einem Schlage zum Stillstand kommen kann, aber es liegen sogar Anlässe dazu vor, dass die gewaltigen Bewegungserscheinungen, welche während des Kampfes naturgemäss hauptsächlich in Kriegshandlungen zum Ausdruck kommen, sich sofort nach dem Krieg in zwar andere, aber gleichfalls sehr umfassende und lebhaftere Bewegungsformen umsetzen werden. Der Krieg wird, wie er auch ausgehen mag, auf der Erde, vor allem aber in Europa, weitgehende Zustandsänderungen zur Folge haben, und diese werden in gewissen Richtungen bei den unterlegenen Völkern und unter ihnen wieder bei den auf geringerer Entwicklungshöhe stehenden am tiefgreifendsten sein. Sie werden in den mannigfachsten Formen zum Ausdruck gelangen – vor allem darin, dass aus politischen,

wirtschaftlichen und anderen Gründen sehr erhebliche Scharen von Menschen den Unlüssen nehmen oder gar dem Zwange unterstellt sein werden, ihr bisheriges Wohnland gegen ein neues zu vertauschen. Der Kreis der von dieser Bewegung Ergrissenen wird aller Voraussicht nach entsprechend der Stärke und Mannigfaltigkeit ihrer Ursachen sehr gross sein, die Gesamtheit dieser Bewegungserscheinung wird sich also darstellen als eine Umwanderungsbewegung grossen Umfanges und wohl auch langer Dauer.

Von dieser Umwanderung wird das Deutsche Reich nicht nur nicht unberührt bleiben, sondern nach dem was bereits jetzt zu beobachten ist, aller Voraussicht nach sogar in besonders erheblichem Masse betroffen werden. Im Herzen Europas gelegen, war es von jeher den meisten europäischen Völkern am leichtesten zugänglich. Diese natürliche Anziehungskraft der räumlichen Lage wird nach dem Kriege zunächst allein schon dadurch gesteigert werden, dass das Deutsche Reich – wer wollte daran zweifeln – das Siegerland sein wird; von ihm wird ferner – und wohl auch nicht mit Unrecht – erwartet werden, dass in ihm der wirtschaftliche Pulschlag am schnellsten und lebhaftesten wieder einsetzt. Auf unser Vaterland werden sich endlich die Blicke vieler richten, die allem aber neuem Hass ihrer bisherigen Wirtsvölker entgehen wollen, und alles dieses zusammen genommen zwingt, vorauszusetzen, dass alsbald nach dem Kriege grosse Scharen teils Deutscher, die heim zum Muttervolke wollen, teils verschiedenartiger Fremder, die ein neues Wirtsvolk suchen, in das Gebiet des Deutschen Reiches einzuströmen bestrebt sein werden. Ein so grosser und gemischter Zustrom würde natürlich gewisse Wandlungen des Deutschen Volkskörpers in Zusammensetzung wie Schichtung verursachen. Sie lassen sich heute in Umfang und Art in allen Einzelheiten zwar noch nicht übersehen, sind jedoch jedenfalls als bedeutend und bedeutsam genug zu vermuten, um die Staatsleitung zu allen Massnahmen rechtzeitig zu veranlassen, damit jene Vorgänge unser Volk nicht unvorbereitet treffen. Dies ist um so notwendiger, also um so mehr Pflicht der Staatsleitung, als schon heute übersehen werden kann, dass die kommende Umwanderungsbewegung dem deutschen Volkskörper neben manchem Gewinn auch sehr erhebliche Gefahren zu bereiten geeignet ist.

Der Gewinn ist von der Rückwanderung zahlreicher Deutscher zu erwarten, denen der ringsum hoch aufgeflamnte Hass wider alles Deutsche vielerorts das Verbleiben an dem bisherigen Wohnsitze unerträglich machen dürfte. Über die Frage der rechten Bewertung dieses Gewinnes sei hier hinweggegangen und nur unsere Pflicht festgestellt, dieser Rückwanderung mit allen Kräften bei uns Raum zu schaffen, bezm. frei zu halten. Diese Feststellung führt aber sofort zur Erkenntnis einer ersten Gefahr der

Umwanderungsbewegung: es könnte bei Unterbleiben gehöriger regelnder Vorbereitung geschehen, dass wir Stammesgenossen draussen von unseren Toren stehen lassen müssten, weil rascher hereingeströmte Fremde schon allen freien Raum besetzt haben. Bestünde diese Gefahr ganz allein, so nötigte sie doch schon zu sehr sorgfältigen Vorbeugungsmassnahmen; an sie reihen sich aber noch weitere, nicht minder schwerwiegende.

Der Zustrom Fremder ist vorwiegend aus Ländern von geringerer Entwicklungshöhe zu erwarten, denn in ihnen müssen ja die politischen und wirtschaftlichen Ursachen der gesamten Umwanderungsbewegung am stärksten in Wirkung treten. Dort werden wiederum die wirtschaftlich und darum meist auch kulturell am niedrigsten stehenden Bevölkerungsteile in Bewegung kommen, weil sie durch die wirtschaftlichen und politischen Verschiebungen am leichtesten halt und Wurzel verlieren. Von diesen aber wird wiederum die wirtschaftlich allerschwächste, also kulturell niedrigste Schicht, von vielen Seiten her gerade an unsere Tür pochen, weil es für sie die nächste, darum mit dem geringsten Mittelaufwande erreichbare ist. Dass ein derartiger Zustrom für den Volkskörper, in der er sich ergiesst, grosse Gefahren in sich schliesst, kann wohl füglich als keines näheren Beweises bedürftig unterstellt werden. Diese Gefahren bewegen sich auf fast allen Lebensgebieten, dem sittlichen, kulturellen, wirtschaftlichen, hygienischen u. a. m., können sich, falls der Zustrom eine gewisse Stärke erreicht (und er kann sehr stark werden) zur Gefahr bedrohlicher Verkümmern der nationalen Einheit des Volkskörpers steigern, und werden ihrer Gesamtheit zu einer schwerwiegenden Folge führen, die jede Einfügung geringwertigerer Teile in ein höherwertiges Ganzes unausbleiblich nach sich zieht: Minderung des Durchschnittswertes, wie der Durchschnittsleistung des ganzen Volkskörpers nach fast allen Richtungen hin.

Angesichts dieser Gefahren erscheinen nun die z.B. Zu Gebote stehenden Abwehrmittel ganz unzureichend. Sie erschöpfen sich im wesentlichen in dem den Bundesstaaten des Reiches zustehenden Rechte, fremde Staatsangehörige jederzeit als "lästige Ausländer" ausweisen zu dürfen; so weitgehend dies Recht auf den ersten Blick erscheinen mag, so unvollkommen und ungenügend erweist es sich bei näherer Prüfung. Mangels jeglicher, auch der einfachsten Richtlinien für Fernhaltung oder Ausweisung dieser, dulgnung oder Ausnahme jener Arten von Fremden, blieb die Auswahl der sehr verschiedenartigen Einsicht und dem sehr verschiedenartigen Geschmack einer langen Reihe verschiedenartigster Ämterstellen überlassen. Das hat schon bisher oft genug zu widersprechender Handhabung der Ausweisung einerseits, der Einbürgerung andererseits geführt, müsste aber, sobald ein starker Fremdenzustrom eintritt, unausbleiblich grenzenlosen Wirrwarr und schwerste Uebelstände

hervorrufen. Dies Abwehrmittel stellt aber überhaupt eine so ursprüngliche, so unentwickelte Rechtsform dar, dass in einem hochausgebildeten Rechts und Kulturstaat längst ein Ausbau hätte vorgenommen werden müssen. Es ist doch ein unhaltbarer Zustand, die Türen des Reichshauses zunächst Jedem ohne jegliche Prüfung offen zu halten, auf die sichere Gefahr hin, nachträglich viele Gäfte mit allerlei Müheaufwand, ja vielleicht sogar unter Anwendung wirklicher Härte, wieder entfernen zu müssen. Ein solcher Zustand ist aber nicht nur wirtschaftlich und innerpolitisch gefährlich, er kann sogar äusserpolitische Gefahren bereiten. Tritt der zu erwartende starke Zustrom Fremder ein, so kann und wird er bei der jetzt herrschenden Übung alle Grenzen offen finden. Hält man, dann nachträglich nach Massnahmen zur Entfernung Unerwünschter Umschau, so bietet sich gar kein anderes Mittel dar, als Massenausweisung, und die kann dann leicht zu äusserpolitischen Reibungen führen, und zwar nicht nur mit bisherigen Gegnern, mit denen man doch nach dem Kriege, soweit möglich, in den Ruhezustand zu kommen suchen wird, sondern auch mit Freunden. Dies ist ein weiterer, durchaus nicht bedeutungsloser Grund, eine sorgsame und umfassende Vorbereitung auf die kommende Umwanderungsbewegung ohne Verzug in Angriff zu nehmen.

In welcher Art und Richtung diese Vorbereitung zu geschehen hat, ist ohne weiteres klar. Wir bedurften längst und bedürfen heute aufs dringendste eines umfassenden Reichseinwanderungsgesetzes und eines, dessen Anwendung und Handhabung ständig überwachenden und einheitlich regelnden, Reichseinwanderungsamtes. Hand in Hand hiermit muss eine dem Zwecke der Reinhaltung des Reichsgebiets von unerwünschtem, fremdem Zustrom dienende Umgestaltung unserer handels- und sonstiger internationalen Verträge mit anderen Staaten gehen. Wir haben uns in dieser Richtung von manchen Staaten, so den Vereinigten Staaten von Nordamerika und von den australischen Ländern weit überholen lassen, dürfen aber nun nicht länger säumen, den Vorsprung jener nicht nur wettzumachen, sondern unsererseits zu überholen, werden jedoch freilich mit der Feststellung dieser Notwendigkeit vor einen schweren Widerstreit der Anforderungen geführt. Wir finden nämlich nirgends, auch nicht bei jenen Staaten, ein Einwanderungsgesetz, das – sei es auch nur in seinen wesentlichen Bestandteilen – einfach übernommen werden könnte, denn die sämtlichen bestehenden Gesetze sind teils auf unsere Verhältnisse unanwendbar, teils überhaupt einseitig, lückenhaft, unausgebaut. Der Krieg, der so viele Verträge zerrissen hat, erleichtert uns die Aufgabe, indem er nach vielen Richtungen reinen Tisch gemacht und eine andere Regelung vorbereitet hat. Was uns allein dienen kann, ist ein Einwanderungsgesetz,

das auf den besten und sichersten Erkenntnissen, auf allen den zahllosen in Frage kommenden Gebieten, dem naturwissenschaftlichen, rassenhngienischen, individualhngienischen, kulturellen, wirtschaftlichen usw. Fuszend, sich allen besonderen Anforderungen des deutschen Volkskörpers aufs sorgsamste anpaszt und ihm derart wirklich gefunden Bestand und gefunde Entwicklung seiner Eigenart voll verbürgt. Es steht also nichts weniger als eine völlige Neuschöpfung auf teilweise noch sehr jungfräulichem Gebiet in Frage, und dazu eine Neuschöpfung verantwortungsreichster Art, da jeder ernstere Miszgriff in Zielrichtung und Grundwesen des Gesetzes zu schwersten Schädigungen des Volkskörpes führen kann. Diese Schädigungen können, wenn sie erst eine gewisse Zeit in Wirkung gewesen find, so unaustilbare Folgen haben, dass auch nachdrücklich vor dem Versuche eines vorläufigen Gesetzes, dass man sich später durch "Novellen" zu verbessern vorbehält, gewarnt werden muss. Die Novellen könnten leicht zu spät kommen. Es ist daher unabweislich nötig, dass zur Schaffung des gesordneten Einwanderungsgesetzes unbedingt ein mehrjähriger Zeitraum zur Verfügung gestellt werde. Es ist aber zugleich festzustellen, dass die Zeit zu schleunigsten Massnahmen drängt, weil die Umwanderungsbewegung namentlich aus dem galizischen Kriegsgebiet schon deutlich eingesetzt hat und weil ein Anwachsen unmittelbar nach Beendigung des Krieges sicher bevorsteht; dann wird das Deutsche Reich rasch von Scharen Fremder überflutet sein, ehe ein Einwanderungsgesetz sie sichten kann. Dazu kommt, dass sogleich oder einige Zeit nach Friedensschluss neue, wirtschaftspolitische Verträge mit fast allen wichtigeren Staaten – soweit sie an den Friedensverträgen nicht beteiligt find – notwendig werden; diese Verträge könnten aber ohne rechtzeitige klärung der Einwanderungsfrage allzu leicht Bestimmungen enthalten, diesich später als schwere, vielleicht unüberwindliche Hindernisse für eine durchgreifende und richtige Regelung dieser Frage erweisen.

Aus diesem Widerstreit vermag ein Weg herauszuführen, ein einziger freilich, der deshalb um so entschlossener und ungesäumter zu beschreiten sein wird: Es muss eine zwar nur vorläufige und zeitlich fest begrenzte, aber für die Behelfszeit sehr ausgedehnte Sperrmassnahme ergehen. Nur eine derartige, zeitliche Sperre vermag einerseits die nötige Zeit zur Ausarbeitung eines umfassenden Einwanderungsgesetzes und zur Vorbereitung der Friedens und Handelsverträge zu schaffen, andererseits die Ueberflutung des Deutschen Reiches mit Fremden während der Vorbereitungszeit hintanzuhalten, und endlich auch zu hindern, dass ohne vorherige Klärung der gesamten Einwanderungsfrage bei Abschluss von Verträgen nach dem Kriege nicht gehörig überlegte Bestimmungen über die gegenseitige



Behandlung der Staatsangehörigen Aufnahme finden. Was jetzt zunächst geschehen muss, ist so dringend, dass das langwierige Verfahren der Gesetzgebung für diese vorläufige Sperrmassregel nicht beschritten werden kann – hier muss das Verordnungsrecht des Bundesrats helfen, dass ihm durch das Reichsgesetz vom 4. August 1914 verliehen worden ist. Kein Zweifel, dass dies Gesetz auf den vorliegenden Fall angewandt werden kann: denn so sehr es klar ist, dass in der weiteren Zukunft die unbeschränkte Zulassung Fremder in die Reichsgrenzen ihre schlimmen Folgen hinsichtlich auf kulturellem Gebiete zeigen würde, so gewiss ist es, dass das Einströmen ungezählter Fremdlinge zunächst wirtschaftlich nach den verschiedensten Richtungen höchst nachteilig wäre. Schon wird uns aus Sachsen einwandfrei berichtet, dass dort aus Kongress-Polen und Galizien gekommene Flüchtlinge Geschäfte aufgemacht haben, die der ins Feld gerückte Reichsbürger schliessen musste – kehrt dieser glücklich zurück, so findet er die Stellung besezt, die ihn mit den Seinen ernähren sollte. Auch die Belastung der Gemeinden mit Armenlasten, die Notwendigkeit, die jetzt Zugewanderten in der schweren Zeit des Krieges und danach mitzuernähren – alles spricht für die wirtschaftliche Bedeutung der Frage und ergibt die Zuständigkeit des Bundesrats zu ihrer vorläufigen Regelung durch Verordnung.

Auf Grund der obigen Erwägungen unterbreiten die Unterzeichneten den Hohen Regierungen die Bitte:

1. beim hohen Bundesrat auf Grund der durch das Gesetz vom 4. August 1914 betr. die Ermächtigung des Bundesrats zu wirtschaftlichen Massnahmen erteilten Vollmacht den Erlass einer Verordnung des Inhalts zu beantragen:

“Die Einbürgerung fremder Staatsangehöriger wird für die Dauer des Kriegszustandes verboten. Ausgenommen sind fremde Staatsangehörige deutscher Abstammung. Diesen kann die Einbürgerung nach Massgabe der bestehenden reichs und landesgesetzlichen Bestimmungen gewährt werden. Der Nachweis der deutschen Abstammung liegt dem um Einbürgerung Nachsuchenden ob. Als Beweismittel ist auch die Bekundung an Eidesstatt durch 3 Personen unbezweifelnder deutscher Abstammung zuzulassen.

Die Niederlassung fremder Staatsangehöriger im Gebiete des Deutschen Reiches wird vom Zeitpunkte des Inkrafttretens dieser Verordnung ab für die Dauer des Kriegszustandes verboten. Als Niederlassung gilt ein Aufenthalt von insgesamt mehr als 3 Monaten innerhalb

eines Jahres im Reichsgebiete oder von mehr als 4 Wochen an dem nämlichen Orte innerhalb des Reichsgebietes. Ausgenommen sind fremde Staatsangehörige deutscher Abstammung. Diesen kann auf ihren Antrag die Erlaubnis zu längerem Aufenthalte als 3 Monaten bezm. 4 Wochen während des Kriegszustandes erteilt werden. - Ausgenommen sind auch fremde Staatsangehörige, die unter den Begriff der Wanderarbeiter fallen. Für diese bleiben die geltenden Bestimmungen in Kraft. Die gleiche Beschränkung gilt für solche Gebiete oder Gebietsteile, die von deutschen Truppen besetzt sind oder noch besetzt werden, hinsichtlich fremder Staatsangehöriger, die bisher ihren Wohnsitz daselbst nicht hatten.”

2. Weiter die Einbringung einer Gesetzesvorlage folgenden Inhalts beim Reichstag zu veranlassen:

“Die Einbürgerung fremder Staatsangehöriger wird für die Dauer von 3 Jahren, gerechnet von der Beendigung des Kriegszustandes an, bezm. bis zum Inkrafttreten eines Einwanderungsgesetzes, falls dieses vor Ablauf der 3 Jahre erlassen wird, verboten. Ausgenommen sind fremde Staatsangehörige deutscher Abstammung. Diesen kann die Einbürgerung nach Massgabe der bestehenden reichs und landesgesetzlichen Bestimmungen gewährt werden. Der Nachweis der deutschen Abstammung liegt dem um Einbürgerung Nachsuchenden ob. Als Beweismittel ist auch die Bekundung an Eidesstatt durch 3 Personen unbezweifelnder deutscher Abstammung zuzulassen.

Die Niederlassung fremder Staatsangehöriger im Gebiete des Deutschen Reiches wird für die Dauer von 3 Jahren, gerechnet von der Beendigung des Kriegszustandes an, bzw. Bis zum Inkrafttreten eines Einwanderungsgesetzes, falls dieses vor Ablauf von 3 Jahren erlassen wird, verboten. Als Niederlassung gilt ein Aufenthalt von insgesamt mehr als 3 Monaten innerhalb eines Jahres im Reichsgebiete, oder von mehr als 4 Wochen an dem nämlichen Orte innerhalb des Reichsgebietes. Ausgenommen sind fremde Staatsangehörige deutscher Abstammung. Diesen kann auf ihren Antrag die Erlaubnis zu längerem Aufenthalt als 3 Monaten bzw. 4 Wochen innerhalb eines Jahres erteilt werden. Ausgenommen sind auch fremde Staatsangehörige, die unter den Begriff der Wanderarbeiter fallen. Für diese bleiben die geltenden Bestimmungen in Kraft. Ausgenommen sind ferner schwedische, norwegische, dänische, holländische Staatsangehörige, sofern sie schwedischer, norwegischer, dänischer, holländischer Abstammung sind. Diesen kann gleichfalls auf ihren Antrag die Erlaubnis zu längerem Aufenthalte als 3 Monaten bezm. 4 Wochen erteilt werden. Der Nachweis der oben

geforderten Abkunft liegt dem um Niederlassung Nachsuchenden ob. Als Beweismittel ist mindestens eine Abstammungsbescheinigung seitens der Heimatsbehörde des Einwandernden zu fordern.”

3. Unverzüglich die Ausarbeitung eines Einwanderungsgesetzes in die Wege zu leiten und in diesem auch die Errichtung eines Reichseinwanderungsamtes vorsehen zu lassen – beides mit dem Ziele, unerwünschte Einwanderer von dem Reichsgebiete fernzuhalten.
4. Bei den bevorstehenden Friedens und Handels Vetrag Verhandlungen darauf Bedacht zu nehmen, dass das Recht des Deutschen Reiches auf Fernhaltung unerwünschter Einwanderer gewahrt werde.

Die unterzeichnete Hauptleitung des Alldeutschen Verbandes ist gewiss, dass die Hohen Regierungen die allgemeine Bedeutsamkeit der in Obigen behandelten Fragen für das Wohl und Gedeihen des deutschen Volkskörper und damit auch des Deutschen Reiches sehr hoch einschätzen werden. Sie ist aber auch fest überzeugt, dass diese Fragen nurr in der Richtung der hier unterbreiteten Vorschläge einer glücklichen Lösung entgegengeführt werden können.

Um deswillen bitten wir mit tunlichster Beschleunigung diejenigen Massnahmen veranlassen zu wollen, die zur Erreichung des Zieles der Reinhaltung des Reichsgebiets von unerwünschter Einwanderung im Sinne dieser Eingabe führen werden.

Eine gleichlautende Eingabe haben wir an den Herrn Reichskanzler gerichtet.  
Ehrerbietigst

Die Hauptleitung des Alldeutschen Verbandes.

## Anexo VIII

Registo Criminal N.º 410 - B

7-012585-1525

440:27-4-36

Photographia tirada em, 18 de Setembro de 1911

Photographia tirada em, de de 19

Photographia tirada em, de de 19

Gabinete de Identificação e Estatística do Paraná. Promputario n.14098. Registro Criminal n.410 de Anselmo Anacleto de Souza. Documentação do Arquivo Público do Paraná.

7

NOME *Antônio Augusto de Souza*  
VULGO \_\_\_\_\_

Qualificação  
Filho de *Augusto de Souza* e de *Angelica*  
*bonfina* Nacionalidade *brasileira* Nacionalidade *do*  
*Claro* Idade (declarada ou aparente) *59* anos, Nascido em \_\_\_\_\_  
de *ignora* de *1871*, Estado civil *casado*, Profissão  
*Operário* Sabe ler e escrever *não*, Instrução *maneira*

Caracteres Chromaticos etc.  
Côr *Branca* Nariz *Peto, bem abanado*  
Cabellos *esq. muito* Dentes *esq. trágado*  
Barba *branca* Fronte *mediana media*  
Bigode *branco* Palpebras *brancas*  
Olhos *branco* Orelhas *comuns*  
Bocca *aberta* Queixo *esq. fugitivo*  
Labios *vermelhos* Sobrancelhas *brancas e abertas*  
Constituição *media* Vós *media*  
Altura 1m. e *60 cm.*

Marcas, Signaes particulares, Cicatrizes e Tatuagens  
Rosto *Leica tri. obliqua no lado esquerdo da*  
*testa, a 4,5 cm. acima da sobrancelha, cir.*  
*deprimida a 1 cm. da mancha esquerda.*  
Mão direita *tem a 1.ª curva da 1.ª na face externa*  
*da 1.ª phalange do indicador, dita de 1 cm.*  
*na 2.ª phalange de mesmo lado.*  
Mão esquerda \_\_\_\_\_  
Tatuagens \_\_\_\_\_